

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Patricia Limaverde Nascimento

**Educação Eco-sistêmica e Transdisciplinar:
práticas e resultados em 26 anos do trabalho da Escola VILA**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO:CURRÍCULO

SÃO PAULO

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Patricia Limaverde Nascimento

**Educação Eco-sistêmica e Transdisciplinar:
práticas e resultados em 26 anos do trabalho da Escola VILA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em **Educação: Currículo**, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob a orientação da Profa. Dra. **Maria Cândida Moraes**.

SÃO PAULO

2008

Banca Examinadora

Dedico este trabalho às utopias
e à todas as realizações inspiradas por elas.

Agradecimentos

Agradeço, Fátima e Dário, pelo exemplo de vida e pela educação que me deram. São as principais fontes de referência para a execução deste trabalho.

Agradeço, Felipe, pelas vivências que me iniciaram no caminho da educação.

Agradeço, Artur, pela disponibilidade em ajudar e ter efetivamente contribuído para captação das imagens dos jornais que compõem este trabalho.

Agradeço, Morena, por ter oferecido um ambiente propício para que eu pudesse escrever nos dias em que estive em Fortaleza e por toda a ajuda na obtenção de dados.

Agradeço, Bárbara, por me fazer refletir e, depois, escrever, sobre os limites do corpo e a amplitude dos limites do espírito.

Agradeço, Hermes, por estar sempre disponível para estar com Uriel, quando necessário.

Agradeço, Uriel, por sempre me lembrar que temos muito a aprender e que a vida tem sempre um significado maior. É a principal inspiração para a execução deste trabalho.

Agradeço, João, e ao seu irmão, por me ensinarem que a vida não pára.

Agradeço aos professores Maria Cândida Moraes e José Armando Valente por propiciarem os momentos mais ricos de reflexão e discussão de todo o período na PUC-SP. Agradeço mais uma vez à professora Maria Cândida Moraes por todo o incentivo e aprendizado teórico, e para a vida, que me foi proporcionado.

Agradeço, Gisela, por todo o suporte e a ajuda, fundamentais para a escrita deste trabalho, nos momentos em que eu mais precisei.

Agradeço, Eveline e Ícaro, pela força que me deram. Agradeço, Geraci, por ter visto a cientista-acadêmica na menina que fui um dia. Agradeço aos demais familiares e amigos pela torcida e energia positiva!

Agradeço ao Grupo de Pesquisa ECOTRANS, especialmente às “ecotranseiras” Rosinha, Roberta e Enny, por todas as discussões teóricas e as ações práticas que já tivemos e que ainda iremos ter.

Resumo

Trata-se da análise dos resultados da prática pedagógica de 26 anos da Escola VILA, em Fortaleza, que carrega em si características do que viria a ser uma educação transdisciplinar e eco-sistêmica. A análise do trabalho da Escola VILA culmina no estabelecimento de uma Teia Curricular composta de três eixos: Cuidar do Ser, Cuidar do Meio Social e Cuidar do Meio Ambiente. As atividades diárias de artes, teatro, artesanato, música e expressão corporal, juntamente com laboratórios vivenciais em horta, farmácia viva, jardim, fauna, saúde e alimentação, reciclagem de lixo e tecnologias alternativas buscam promover um aprendizado significativo por parte de seus 380 alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental. A pretensão maior desta Escola é a formação de um ser humano mais íntegro e menos fragmentado, sendo sensível às causas sócio-ambientais e capaz de atuar em seu contexto, visando a transformação social.

Para verificar se essa pretensão se concretiza ou não e em que aspectos e graus distintos, a pesquisa se deu com 21 alunos egressos, já adultos. Os egressos foram entrevistados e deram depoimentos a respeito do que realmente aprenderam na Escola VILA e que ainda trazem consigo em seus cotidianos. Foram selecionadas as seguintes categorias para serem analisadas: convivência na diversidade humana; consciência e atitude ecológicas; o cuidado com o corpo; criatividade e expressão artística; atuação social.

Os dados obtidos foram analisados a partir da Teoria Fundamentada (Grounded Theory) sob um foco eco-sistêmico. Com o fim de facilitar o processo de análise-síntese da Teoria Fundamentada, foi utilizado o software CHIC (Classificação Hierárquica Implicativa e Coersitiva), buscando estabelecer o maior número de relações significativas entre os dados.

Palavras chave: educação transdisciplinar, pensamento eco-sistêmico, transdisciplinaridade, eco-formação.

Abstract

It is the analysis of the results of pedagogical practice of 26 years of school VILA, in Fortaleza, which carries in itself the characteristics that would be a transdisciplinary education and eco-systemic. The analysis of the work of the School VILA culminates in a Web Curricular composed of three axes: Take care of Being, the Caring Means Social and Caring Environment. The daily activities of arts, theater, crafts, music, body's expression, along with laboratories experiences in vegetable garden, medicinal herbal plantation, garden, fauna, health and nutrition, recycling of waste and alternative technologies seek to promote a significant learning from its 380 Students of Kindergarten and Elementar School. The School's main goal is the human being integral growing and less fragmented, being sensitive to social and environmental causes and able to act in its context, aiming at social transformation.

To verify if this goal is reached or not (its aspects and different degrees), the research was made with 21 former students, now adults. These former students were interviewed and gave testimonies about what actually learned in School VILA and still bring in their daily life. Were selected the following categories for consideration: coexistence in human diversity, ecological awareness and attitude and the care with the body, creativity and artistic expression; social acting.

The data were analyzed from the Grounded Theory under an eco-systemic focus. In order to facilitate the process of analysis-synthesis in Grounded Theory was used the software CHIC (Classification Hiérarchique Implicative et Cohésitive), seeking to establish the highest number of significant relationships among the data.

Keywords: transdisciplinary education, eco-systemic thought, Transdisciplinarity, eco-training.

Sumário

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS.....	12
LISTA DE FOTOS.....	13
LISTA DE FIGURAS.....	14
Introdução.....	16
i. Religar e re-criar a mim mesma: descoberta e origem do problema.....	18
i.i Buscando a ordem oculta.....	20
i.ii A disciplinarização dos corpos.....	22
i.iii A disciplinarização da expressão dos sentimentos.....	23
i.iv A disciplinarização do conhecimento e do modo de pensar.....	23
i.v A Teia de relações começa a se configurar.....	26
ii. Fragmentos e religações: o problema propriamente dito.....	29
ii.i Fazer X Pensar – uma disjunção fundamental para a perpetuação do Grande Paradigma Ocidental.....	30
O Grande Paradigma do Ocidente.....	30
Disciplina, disciplinarização e exame: instrumentos de controle.....	35
O Efeito das Dissociações.....	37
Filha da Ordem, nasce a Contradição.....	39
O problema propriamente dito: em busca do elo perdido entre teoria e prática.....	42
iii. Religar teoria e prática: objetivos da Pesquisa.....	43
iii.i Objetivo Geral.....	43
iii.ii Objetivos Específicos.....	43
iv. A teia se configura: delimitação do problema.....	44
v. Relevância científica e social da pesquisa.....	45
v.i Mar de incertezas.....	45
v.ii A galé e os trabalhadores do mar.....	45
v.iii Novos mapas e novas bússolas para rotas complexas.....	48
v.iv O Mar Quântico e a Tormenta.....	49

v.v	Novas Embarcações: a Escola Eco-sistêmica e Transdisciplinar.....	54
vi.	Reunindo fragmentos: Metodologia	58
vi.i	A Teoria Fundamentada	58
vi.ii	Teoria Fundamentada com abordagem Eco-sistêmica	61
	Maior atenção ao contexto	61
	Caráter interpretativo da realidade complexa	62
	Resgate da subjetividade e da intersubjetividade na pesquisa	62
	Realidade multidimensional	63
	Incerteza como caráter permanente de busca científica e maior atenção às emergências	63
vi.iii	Contexto da pesquisa e procedimentos	65
	Tudo são dados.....	66
	Codificação aberta.....	66
	Theoretical sampling	66
	Codificação axial	67
	Codificação seletiva.....	67
1.	Da Fragmentação: uma Escola tão Moderna quanto Arcaica	68
1.1.	Educação e sociedade modernas.....	68
1.2.	Currículo.....	71
1.3.	Didática	74
1.4.	Avaliação.....	76
2.	À Religação	77
2.1.	Os três Pilares da Transdisciplinaridade.....	77
2.1.1.	A complexidade	77
2.1.2.	A lógica do terceiro incluído	78
2.1.3.	Os diferentes tipos de realidade.....	79
2.2.	A Carta da Transdisciplinaridade e suas implicações curriculares, na didática e nos mecanismos de avaliação na Escola	80
2.2.1.	PREÂMBULO	80

2.2.2. Artigo 1: Qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma definição e de dissolvê-lo em estruturas formais, quaisquer que sejam, é incompatível com a visão transdisciplinar.	82
2.2.3. Artigo 2: O reconhecimento da existência de diferentes níveis de Realidade, regidos por lógicas diferentes, é inerente à atitude transdisciplinar. Toda tentativa de reduzir a Realidade a um único nível, regido por uma única lógica, não se situa no campo da transdisciplinaridade.	84
2.2.4. Artigo 3: A transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar; ela faz emergir do confronto das disciplinas novos dados que as articulam entre si; e ela nos oferece uma nova visão da Natureza e da Realidade. A transdisciplinaridade não busca o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa.	89
2.2.5. Artigo 4: O ponto de sustentação da transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das acepções através e além das disciplinas. Ela pressupõe uma racionalidade aberta, mediante um novo olhar sobre a relatividade das noções de ‘definição’ e de ‘objetividade’. O formalismo excessivo, a rigidez das definições e o exagero da objetividade, incluindo a exclusão do sujeito, levam ao empobrecimento.	91
2.2.6. Artigo 7: A transdisciplinaridade não constitui nem uma nova religião, nem uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências.	92
2.2.7. Artigo 8: A dignidade do ser humano é também de ordem cósmica e planetária. [...].	93
2.2.8. Artigo 11: Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Ela deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos.	95
2.2.9. Artigo 12: A elaboração de uma economia transdisciplinar está baseada no postulado de que a economia deve estar a serviço do ser humano e não o inverso.	97

2.2.10.	Artigo 14: Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da atitude e da visão transdisciplinar. [...]	99
2.2.11.	ARTIGO FINAL [...]	100
3.	Escola VILA: prática transdisciplinar e eco-sistêmica	102
3.1.	A História da VILA	102
3.2.	O cotidiano da VILA	114
3.2.1.	O lugar da arte e do corpo na VILA	115
3.2.2.	A vida na VILA	122
3.2.3.	Trabalho com projetos	125
3.2.4.	O Trabalho em grupo	149
3.2.5.	O Sistema de Avaliação	150
3.3.	O mapa conceitual das atividades da Escola VILA	151
3.4.	Coleção Cuidando do Planeta Terra©	156
3.5.	A formação de professores	156
3.6.	O aluno da VILA	157
4.	A pesquisa propriamente dita	161
4.1.	Codificação aberta	161
4.2.	Codificação Axial (utilizando o software CHIC- Classificação Hierárquica Implicativa e Coersitiva)	164
4.3.	Codificação Seletiva	170
	HIPÓTESE CONCEITUAL	171
	Referências Bibliográficas	172
	ANEXO 1 – DADOS OBTIDOS	177
	ANEXO 2 – TABELA DE ANÁLISE DOS DADOS	193
	ANEXO 3 – TABELA DE ENTRADA NO CHIC	221

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

QUADROS

Quadro 1: Sujeito X Objeto.....	32
Quadro 2: Pesquisa Interpretativa e Teoria Fundamentada nos Dados.....	59
Quadro 3: A Teoria Fundamentada de Glaser X Strauss.....	60
Quadro 4: Tabela demonstrativa: Dado 21 x Categorias	163

GRÁFICOS

Gráfico 1: CHIC 16 categorias.....	164
Gráfico 2: CHIC (Conviver na Diversidade Humana – CD*)	165
Gráfico 3: CHIC (Eixo Atuação Social – AT*)	165
Gráfico 4: CHIC (Eixo Ecologia e Sustentabilidade – ES*)	166
Gráfico 5: CHIC (Grande bloco CD* + AS* + ES* + Infl)	167
Gráfico 6: CHIC (Eixo Arte e Criatividade – AC*).....	167
Gráfico 7: CHIC (Eixo Trabalho de Corpo - Cp*)	168
Gráfico 8: CHIC (Categorias relativas à Argumentação Teórica).....	169
Gráfico 9: CHIC (Categorias relativas ao vínculo afetivo-emocional).....	169
Gráfico 10: CHIC (Categorias relativas à ação efetiva).....	170

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Alunos no curral de animais da VILA, com o “Patildo”	114
Foto 2 – Criança alimentando uma ovelha no curral de animais da VILA	114
Foto 3 – Passeata “Salve a Amazônia” em 05/06/99.....	115
Foto 4- Alunos do Ensino Fundamental 2, projetando e implementando um sistema de irrigação para a horta da Escola.	115
Foto 5 - Aula de alongamento	115
Foto 6 – Aula de flauta	116
Foto 7 – Apresentação musical de alunos (coral e violões)	117
Foto 8- Apresentação da Banda da VILA em manifestação no Parque do Cocó.....	117
Foto 9 – Crianças na Galeria de Artes da VILA	118
Foto 10 – Confecção de trabalhos de sucata	118
Foto 11 – Aula de artesanato	118
Foto 12 - Crianças da Educação Infantil meditando	119
Foto 13 - Alunos do Ensino Fundamental meditando	120
Foto 14 - Alunos do Ensino Fundamental fazendo yoga.....	120
Fotos 15 e 16 – Alunos fazendo a manutenção do Jardim e da Horta, respectivamente	123
Fotos 17 e 18 – Organização em grupos no ensino fundamental	150

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A dinâmica do Terceiro Incluído	87
Figura 2 - Primeira Galeria de Arte Infantil da Cidade, <i>Jornal Correio do Ceará</i> , 29 out. 1982.....	106
Figura 3 – Em Fortaleza, uma creche-escola de apoio às mães que trabalham. <i>Jornal O POVO</i> , 24 nov. 1981.....	107
Figura 4 – O Homem sem preconceito. <i>Jornal O POVO</i> . 27 mar. 1983.....	108
Figura 5 - O desafio da educação inclusiva. <i>Jornal O POVO</i> . 20 mar. 2007.....	109
Figura 6 – Escola-creche Vila faz um trabalho diferente e inovador. <i>Jornal Fortnews</i> . 01 nov. 1987	111
Figura 7 – A boa vida da Vila. <i>Tribuna do Ceará</i> . 23 fev. 1993.....	112
Figura 8 – Quase três décadas de dedicação ao planeta. <i>Diário do Nordeste</i> . 05 dez. 2007.....	113
Figura 9 – Aula de Corpo: crianças aprendem relaxamento, técnicas corporais simples e de automassagem. <i>Diário do Nordeste</i> . 05 dez. 1999	121
Figura 10 – Aprendendo na Escola. <i>Jornal O POVO</i> . 31/12/2006	123
Figura 11 – Creche escola mantém farmácia viva há cerca de 15 anos. <i>Jornal O POVO</i> . 04 ago. 1996.....	124
Figura 12 – Alunos da escola Vila doam brinquedos ao Iprede. <i>Jornal O POVO</i> . 14 nov. 2001	126
Figura 13 – Encontro de Arte aproxima famílias. <i>Diário do Nordeste</i> . 02 mar. 1998	127
Figura 14 – Escola Vila faz encontro de gerações. <i>Diário do Nordeste</i> . 04 mar. 2001	128
Figura 15 – Escola Vila desperta alunos para suas raízes. <i>Diário do Nordeste</i> . 07 mai. 2006	130
Figura 16 – Escola faz protesto contra “500 anos do descobrimento”. <i>Diário do Nordeste</i> . 12 abr. 2004	131
Figura 17 – Carta a FHC pedindo rapidez no processo de terra para índios. <i>Diário do Nordeste</i> . 21 abr. 1995.....	132
Figura 18 - Escola viva promove campanha pela Amazônia. <i>Diário do Nordeste</i> . 06 jun. 1999	134

Figura 19 – Carta de retorno do Gabinete Pessoal do Presidente da República referindo-se ao abaixo-assinado enviado pelos alunos da Escola VILA pela proteção à Amazônia	135
Figura 20- Carta da Ministra Marina Silva aos alunos da Escola VILA a respeito da questão da Amazônia.	136
Figura 21 – Notícia (<i>Diário do Nordeste</i> , 2 jun. 1994) sobre a arrecadação de assinaturas pelos alunos da VILA para serem enviadas ao capitão Cousteau apoiando sua campanha pelos “Cinco artigos pelo futuro das novas gerações” e a carta de agradecimento pelo apoio, assinada pelo próprio Cousteau.	137
Figura 22 - Seminário da Natureza na Escola creche Vila. <i>Tribuna do Nordeste</i> . 08 jun. 1997 e Crianças de escola lembram Hiroshima O <i>POVO</i> . 09 ago. 1995	138
Figura 23- Crianças discutem destino do planeta. <i>O POVO</i> . 02 out. 1997.....	140
Figura 24 – Crianças no debate sobre a reciclagem do plástico. <i>Diário do Nordeste</i> . 27 set. 1994	141
Figura 25 – Crianças discutem a nossa independência. <i>O POVO</i> . 07 set. 1989 ..	142
Figura 26 – Reciclagem na sala de aula. <i>O POVO</i> . 01 jun. 2003	143
Figura 27 – Escola da vida. <i>Diário do Nordeste</i> . 17 mai. 1998	144
Figura 28 – Comunidade faz protesto pela preservação da área. <i>O POVO</i> . 11 mar. 1990	145
Figura 29 – Crianças condenam políticos que só querem “aparecer”. <i>O POVO</i> . 28 set. 1998	146
Figura 30 – Saída de Collor pedida por 80 crianças de creche-escola. <i>O POVO</i> . 10 set. 1992	147
Figura 31 – BR-116: estudantes cobram manutenção. <i>O POVO</i> . 14 mar. 2003 ...	148
Figura 32 – Mapa conceitual – Teia curricular da Escola VILA	152
Figura 33 – Mapa conceitual – Teia curricular da Escola VILA – Cuidar do Ser ...	153
Figura 34 – Mapa conceitual – Teia curricular da Escola VILA – Cuidar do Meio Ambiente	154
Figura 35 – Mapa conceitual – Teia curricular da Escola VILA – Cuidar do Meio Social.....	155

Introdução

Nesse momento encontro-me diante de um computador, rodeada por livros, apontamentos, papéis.

À minha frente, uma tela branca. Sinto-me como uma artista no início da criação de uma obra: imaginando, intuindo, decidindo cores, formas e estilos. A cada decisão, elimino infinitas possibilidades. A angústia, que a tensão existente antes do início produz, é intensa e bastante mobilizadora.

Escolho palavras, trechos de livros, minhas memórias e deixo a intuição tecer essas cores ordenando-as, equilibrando-as. Sim, a intuição é quem está por trás do pensamento, da razão. Temos a idéia de que a intuição é algo ilógico e que deve ser refutado, pois age fora da consciência, num terreno sombrio, e por isso não conheceria a luz da verdade. Porém, esse é um equívoco comum, talvez pela confusão usual entre intuição e instinto, ou pelo medo de admitir o quanto os processos intuitivos influenciam o conhecimento humano. Acredito na definição de intuição que OSTROWER (1998) nos dá:

A intuição de uma pessoa integra todos os seus conhecimentos intelectuais e suas experiências emocionais, assim como seu lastro cultural. Nada disso é herdado ou transmitido geneticamente. São experiências que cada um só pode adquirir por si mesmo ao longo de seu viver. (OSTROWER, 1998, p.56)

Também posso citar DAMÁSIO (1996, p.220) quando refere-se à intuição como um mecanismo oculto que atua fora da consciência e que permite que nós tenhamos uma decisão o mais acertadamente possível. Muitos matemáticos e físicos teóricos, cientistas das chamadas “Ciências Puras”, já admitiram o quanto são guiados pela imaginação e pela intuição. Principalmente quando lidam com infinitas possibilidades de combinações de números e equações, as quais nunca poderiam, todas elas, serem testadas, implicando assim em decisões intuitivas de quais combinações seriam mais apropriadas.

Criar não é um processo restrito ao universo das artes plásticas. Todos criamos a todo momento. A capacidade de criar nos caracteriza enquanto seres humanos. Nós podemos decidir e, a cada decisão, criamos novas possibilidades, eliminando outras. Criamos e recriamos nossa vida a cada instante que nos deparamos com situações desequilibradoras. Essa é uma necessidade para chegarmos ao equilíbrio novamente. Não é à toa que Piaget compara a inteligência à criatividade. Lauro de Oliveira Lima (1980) coloca que:

Para Piaget, a inteligência é compreender (uma espécie de criatividade interna da mente face ao real) e inventar (uma espécie de criatividade de novos comportamentos para enfrentar a realidade). Como a teoria piagetiana é baseada num construtivismo (seqüencial), logo se percebe que a teoria de Piaget é a própria teoria da criatividade, pois, sem criatividade não há 'construção'. (LIMA, 1980)

Salk (1985) defende que a criatividade assenta numa “fusão da intuição e da razão” (SALK, 1985, *apud* DAMÁSIO, 1996, p.222). Szilard (1992) defendeu uma idéia idêntica ao propor que:

O cientista criador tem muito em comum com o artista e o poeta. O pensamento lógico e a capacidade analítica são atributos necessários a um cientista, mas estão longe de ser suficientes para o trabalho criativo. Aqueles palpites na ciência que conduziram a grandes avanços tecnológicos não foram logicamente derivados de conhecimento preexistente: os processos criativos em que se baseia o progresso da ciência atuam no nível subconsciente. (SZILARD, 1992, *apud* DAMÁSIO, 1996, p. 222)

i. Religar e re-criar a mim mesma: descoberta e origem do problema

Escrever sobre a minha trajetória até aqui é como pintar um auto-retrato em que nele me reconheço, mesmo partindo de cores distintas e que às vezes podem até parecer não complementares. Como linhas, cores e formas, aparentemente dissociadas, podem chegar a compor um todo único, indivisível, ordenado e equilibrado?

Submersa da busca por expressar minha trajetória que é o mesmo que buscar a mim mesma, recorro ao poder da metáfora, recurso utilizado inclusive por pesquisadores em investigações sociopoéticas.

Com efeito, além de definirem a metáfora como uma comparação implícita entre termos oriundos de registros heterogêneos, muitos lingüistas (Ricoeur, 1975) consideram-na como uma regra constitutiva da língua que indica como se pode encontrar ou criar um objeto diferente e semelhante, e, ao mesmo tempo, apresentar intuitivamente o ícone desse objeto. Portanto, a metáfora está entre o mundo do sentido (interno à linguagem) e o mundo da referência (da realidade não-lingüística). Ela é o índice de um trabalho do espírito, que elabora um conflito, uma tensão dentro da língua (entre o que a metáfora é, por ser semelhante, e o que ela não é, por ser diferente), e entre a língua e o real (pois a metáfora visa a algo que não está dado, que não está presente, ela dá vida a um produto da imaginação). (GAUTHIER, 2004, p. 131)

Portanto, utilizando-me do poder que a metáfora confere à expressão das idéias, esse quadro, o do meu auto-retrato, seria como um jardim de espelhos. Nele eu estaria caminhando em um grande emaranhado de trilhas, num campo repleto de flores, árvores, riachos, borboletas e pássaros. Às margens de cada caminho existiriam espelhos. Andando para frente, eu veria refletidos em cada um deles, aspectos do meu próprio passado, das vivências que tive. A idéia é que, mesmo andando em direção a um futuro desconhecido, as imagens que reconheço são referentes a vivências, significados e sentidos daquilo que já passou, sob uma nova leitura e interpretação. Nesses espelhos, eu veria refletidas passagens daquilo que vivi e que não obrigatoriamente, ao menos sob um olhar superficial, estariam relacionadas entre si.

Para mim, jardins são muito complexos. Não são apenas um conjunto de flores, árvores ou plantas ornamentais. Para se constituir um jardim, seus componentes devem estar dispostos de alguma forma que eles percam um pouco da identidade individual para se tornarem, juntos, um só todo coerente. É complexo dispor flores, árvores e outras plantas ornamentais encontrando as relações que possam existir

entre elas, as interações que lhes permitam ser mais que partes, podendo surgir algo que as constituam como um todo.

Fazemos tantas coisas no processo das nossas vidas e o que fazemos nem sempre segue uma rota determinada. A vida não é um processo linear, ao contrário, os sistemas abertos e dinâmicos são extremamente complexos. Seguindo pelos caminhos do meu Jardim de Espelhos, começaria a aprender mais sobre mim mesma, numa verdadeira colcha de retalhos refletidos nesses espelhos. Retalhos significativos por representarem algo novo para mim: eu mesma, no contexto onde estou, no atual momento.

Se observo os espelhos do meu jardim, que imagens eu veria? Provavelmente imagens desconectadas, sem uma associação aparente. Afinal, que ligações existiriam por trás de eventos como:

- Tornar-me professora, coordenadora, diretora e sócia Escola VILA, escola com proposta alternativa (transdisciplinar) fundada pela minha mãe, Fátima Limaverde, em 1981. Eu nunca estudei na VILA, pois já não tinha mais idade, mas sempre acompanhei de perto o crescimento desta Escola;
- Fazer biodança desde os 13 anos;
- Ter o Uriel, meu filho;
- Graduar-me em Ciências Biológicas;
- Ler sobre misticismo e física quântica na pré-adolescência;
- Fazer Formação em Arte Terapia pelo Instituto Aquilae-CE;
- Fazer Formação Holística de Base pela UNIPAZ-CE;
- Adorar desenhar e fazer esculturas;
- Ser ecologista e preocupar-me bastante com as questões sociais;
- Fazer mestrado em Educação: Currículo da PUC, sob orientação da professora Maria Cândida de Moraes;
- Estudar e pesquisar sobre Educação Transdisciplinar.

Esse caminho, no quadro que pintaria, não teria apenas uma direção e um sentido. Não seria algo linear, ordenado. Penso que, para representar a vida, um caminho seria mais comparável a uma rede de trilhas, com sinuosidades e muitos pontos de cruzamento, do que a uma trilha reta, ou escada, com marcas indicadoras de sentido,

num fluxo unilateral como se ela progredisse sempre para frente e para cima, degrau após degrau.

Minha vida, e acredito que a da maioria das pessoas, segue percursos imprevisíveis que, em muitos casos, nos dá a impressão de voltarmos à “estaca zero”, ou de estarmos perdendo tempo, ou até mesmo regredindo. O fato é que, após caminharmos em tantas direções e sentidos, pela vida, sentimos a necessidade de encontrar uma certa coerência entre todos os passos que demos e não mais encaramos uma situação do passado como um retrocesso. Esse “passo em falso” pode ser re-significado e adquirir uma nova conotação no todo da obra-prima que vivemos, do quadro que pintamos a cada passo. É por isso que ao rever uma situação do passado, acabamos por redefini-la, tornando-se assim, uma nova situação.

i.i Buscando a ordem oculta

São tantas imagens, linhas, cores e formas desconectadas entre si que, dispoño as partes dessa maneira, não poderia enxergar o todo que elas podem compor.

Que ordem estará por trás de tamanha “desordem”?

Na Teoria do Caos, recém-formulada teoria matemática, uma das idéias mais instigantes, do ponto de vista de estrutura e forma, é a noção de ordenações emergirem de estados de desordem. (OSTROWER, 1998, p. 53)

A Física Quântica, a Teoria do Caos, a Teoria Geral dos Sistemas, dentre outras teorias da ciência moderna ou contemporânea, postulam que há um certo estado primeiro e primário universal: a desordem. A frenética busca da Modernidade em tentar justificar um universo essencialmente bem ordenado caiu por água abaixo, mesmo que hoje em dia possamos ver que a nossa cultura ainda tenha essa chamada “ansiedade cartesiana” (VARELA, THOMPSON & ROSCH, 2003, p.149), correndo fervorosamente nas veias.

Estados de ordem emergem de um mar caótico. Esses estados, sob o aspecto dessas teorias são exceções que emergem da desordem. “Nesta instabilidade ocorreriam processos reiterativos não-lineares, os quais após certo tempo iriam desdobrar-se em novas ordenações”. (OSTROWER, 1998, p. 53)

Haveria uma ordem implícita na desordem dos eventos da minha vida? Talvez cada pessoa tenha a necessidade de responder essa mesma questão, cada uma em busca de estabelecer um sentido à sua existência. Para o ser humano, viver não basta: é preciso existir, estabelecer relações e significados no seu mundo interior e no mundo

exterior. Nós não nos contentamos apenas em viver pela sobrevivência. Nós encaramos a existência com um sentido mais complexo. Temos a extrema necessidade de estabelecermos significados às situações que vivemos e também de encontrar uma coerência interna que interligue essas situações compondo um todo.

A necessidade de encontrar uma coerência significativa a esse eventos pessoais é uma necessidade existencial. Por isso, enquanto seres humanos, criamos. Criar no sentido de, a partir de elementos dissociados, encontrarmos uma ordem e um sentimento de equilíbrio nas relações entre esses elementos.

Na verdade, a fim de criar é preciso poder desequilibrar, sempre e de novo, para poder reequilibrar, sempre e de novo. É como o acrobata na corda bamba, com cada passo desequilibrando-se e novamente equilibrando-se. É como o próprio viver. (OSTROWER, 1998, p. 57)

Meus pincéis agora são a intuição e a memória, a fim de compor um Jardim de Espelhos. Um jardim vivo como os de Monet, com espelhos por todos os lados, por isso, um tanto surrealista como as pinturas de Dalí e encontrando formas equilibradas de associações entre as partes, portanto também meio cubista como Picasso!

Segundo Fayga Ostrower (1998, p.55-56), a intuição é um instrumento essencial que permite a associação constante entre o consciente e o inconsciente, o que a pessoa sabe e o que ela sente, integrando sua personalidade na busca de significados e equilíbrios. Já a memória,

[...] reavalia os significados cada vez de novo, restabelecendo-os em nosso consciente em uma ordenação complexa, ou ainda, numa complexidade sempre de novo reordenada. Nesse processo dinâmico, a memória desempenha um papel essencialmente conservador e determinista, sua função sendo a de preservar a continuidade e a coerência da identidade da pessoa nas diversas fases de desenvolvimento e transformação. (OSTROWER, 1998, p. 64)

Os espelhos do caminho da minha vida mostram-me muitos passos dados, que poderiam parecer incoerentes mas ao seguir nesse caminho de várias trilhas, com o tempo, passo a reconhecer a teia que esses passos formam. Um tecido coerente de sentidos, pensamentos e ações do passado, no presente, para um futuro a ser construído.

O solo do meu jardim é rico em nutrientes. Tive a sorte de ter uma educação familiar com pais que percebiam que os padrões usuais de família e de educação dos filhos apresentavam muitos pontos de crítica e reflexão. Minha mãe, Fátima Limaverde, preocupava-se em fazer com que eu e meus irmãos tivéssemos contato com a natureza, aprendendo a respeitar e a economizar os recursos naturais. Reciclar

e reaproveitar resíduos sólidos sempre foram atitudes presentes na nossa educação, assim como plantar e participar de manifestações públicas em movimentos ambientalistas.

Minha mãe e meu pai, Dário Martins, preocupavam-se com a qualidade dos alimentos que comíamos e também, devido às minhas constantes alergias, sempre evitamos comer em demasia alimentos com conservantes, aromatizantes, estabilizantes e outros produtos químicos.

Meu pai, com seu espírito crítico, procurou fazer com que percebêssemos que a realidade, tal como se apresentava na mídia e no senso comum, era passível de reflexão e, conseqüentemente, de transformação.

No espelho da minha família vejo como me construí, experimentando e tendo a liberdade de pensar, sentir e agir muito mais ampla do que a da maioria das outras crianças e adolescentes. Desse espelho ainda tenho comigo algumas características como pensar e atuar criticamente, evitando cair no senso comum somente por que determinado tipo de pensamento é o mais usual. Outra característica que ainda guardo é a valorização do bem-estar do corpo, das expressões artísticas e da espiritualidade independentemente de religiões, bem como a admiração pela vida expressada na natureza.

Nesse solo recheado de fertilidade, meu jardim foi crescendo, apresentando expressões diferentes daquilo que sou. Cada forma se apresenta em minha obra como um espelho que reflete determinada experiência. Tantas vivências, aparentemente dissociadas, devem pertencer a uma mesma teia, com conexões ainda invisíveis.

É, então, à busca de associações e relações, que vou procurando a melhor forma de organizar meu Jardim de Espelhos.

i.ii A disciplinarização dos corpos

Uma trilha no jardim, que pode enredar várias situações na minha vida, é a do trabalho corporal. Desde pequena gosto dos trabalhos de consciência corporal. Por isso, desde adolescente, fiz vários cursos de massagem, tai-chi, yoga e biodança.

Os corpos das pessoas são moldados pelas escolas, pelas sociedades, pela cultura. Vestem-se do mesmo jeito, usam o cabelo de uma forma padrão, tratam seus corpos de uma maneira parecida, muitas vezes guiadas pela mídia. Nas escolas, comumente, as aulas de Educação Física geralmente se limitam a trabalhar o viés do esporte, deixando de lado a expressão e a consciência corporal. Esse foi um grande

tormento na minha vida escolar: me ver obrigada a fazer exercícios físicos repetitivos (e sem um sentido maior para mim, que me desse prazer) e a competir nos jogos de esportes. Já dançar, me alongar, fazer yoga ou tai-chi produziam em mim um sentimento de prazer intenso e eu sentia o quanto essas atividades me faziam bem.

i.iii A disciplinarização da expressão dos sentimentos

Uma segunda trilha que pode tecer um conjunto no meu Jardim de Espelhos é a linha da arte. Outra fonte de prazer para mim sempre foi desenhar, esculpir, moldar. As artes na minha vida são essenciais, assim como o bem estar do corpo e a busca pelo conhecimento.

Na minha vida escolar, mais uma vez, nunca houve o espaço necessário para a genuína expressão artística. As aulas de Educação Artística destinavam-se, em grande parte, à reprodução de modelos ou ao desenho técnico imposto.

Nessas aulas, criar e reproduzir eram sinônimos. Também a arte reduzia-se ao exercício de uma técnica, sem função expressiva. Nunca nenhum professor ou professora de arte da minha carreira escolar perguntou: o que você está sentindo? Nunca pediram: pinte, desenhe, esculpa, molde ou dramatize o que você sente em relação à natureza, ou à sociedade, ou à minha cidade ou a qualquer outra fonte significativa de inspiração.

Corpos e sentimentos não são bem-vindos no interior dos muros escolares. Comumente, na educação formal, um aluno não sente, não expressa o que sente nem possui um corpo que abraça, que age e transforma o meio, que é estimulado por sensações táteis, auditivas, visuais, olfativas, gustativas, que sente desconforto ou prazer.

É claro que, tanto no campo da Educação Física quanto no campo da Educação Artística, devem existir exemplos mais integradores de trabalho, mas eu não tive a sorte de tê-los em meu percurso.

i.iv A disciplinarização do conhecimento e do modo de pensar

Um terceiro caminho que me ajuda a tecer arremedos reluzentes no meu jardim é a trilha da procura por saber mais. Sempre quis saber mais e por isso não me conformava com a idéia de “estudar para passar de ano” que a maioria dos alunos e professores proliferam nos ambientes escolares. A tal da Pedagogia Bancária, a que Paulo Freire tanto se referia, é ainda uma dura realidade das salas de aula. A maioria

das pessoas é formada acreditando que o conhecimento é somente aquele que é oferecido desde fora. Não percebem que a busca pelo conhecimento é algo inato ao ser humano, vindo de dentro, é uma fome pertencente ao nosso espírito, e não uma tarefa penosa a ser cumprida.

O caminho da busca pelo conhecimento tece muitos espelhos da minha vida. Desde pequena minha curiosidade por conhecimentos é aguçada e para mim sempre foi difícil ter que estudar a partir de um currículo imposto, com conteúdos e uma ordem pré-estabelecidos, destituídos de sentido para mim. Não que eu tenha sido uma “má aluna”, ao contrário, sempre me saía muito bem nas avaliações, ao ponto de obter bolsas de estudo como prêmio pelas notas ou mesmo passar em quarto lugar no vestibular para Biologia de uma Universidade Federal. Sempre fui uma “boa aluna”, mais por obrigação e senso de responsabilidade do que por prazer, descontente com a aprendizagem da maioria dos conteúdos do currículo formal. Devido a esse descontentamento, acabei me tornando uma aluna questionadora, sentindo a necessidade de levantar questões em sala de aula.

O clima de terror do vestibular nunca me apavorou. Ameacei sair do ensino médio algumas vezes por não ver sentido em dedicar três anos da minha vida à possibilidade de passar em um exame de vestibular, fato esse que não passou de ameaça graças à intervenção de meus pais que não deixaram que eu “aposentasse” meus estudos tão cedo. Nessa época, para mim, estudar o conteúdo imposto pelo sistema escolar tradicional era algo que eu poderia comparar à uma enorme perda de tempo. Eu tinha muitas outras coisas para aprender, livros para ler e a necessidade de “passar de ano” no ensino médio me tomava um tempo enorme. Durante toda a minha vida estudantil, do ensino fundamental até hoje em dia, o material de estudo “paralelo” ao estudo formal sempre foi onde detive maior interesse. Por isso, nunca deixei de estudar sobre física quântica, o pensamento científico contemporâneo, Piaget e comecei a enveredar para outros temas como Freinet, Pedagogia Waldorf, Antroposofia e a nova Biologia de Maturana e Varela.

Tive um profundo desapontamento no meio universitário. Para mim, a universidade tornou-se uma extensão do que se prolifera na Educação Básica e no Ensino Médio: os professores, a instituição e principalmente os alunos, para minha surpresa, continuavam adotando uma postura “bancária” em relação à obtenção do conhecimento. Além disso, pude evidenciar que a palavra “disciplina” estava ligada tanto à manutenção da ordem, quanto à detenção de um poder relativo a uma área ou sub-área de conhecimento específico. Talvez tenha sido esse o principal motivo por eu ter sido quase jubilada da Universidade.

A rarefação das comunicações entre ciências naturais e ciências humanas, a disciplinaridade fechada (pouco ou nada corrigida pela interdisciplinaridade), o crescimento exponencial dos saberes separados, fazem que cada qual, especialista ou não-especialista, se torne cada vez mais ignorante do saber existente.

[...] Inconscientes do que é e faz a ciência na sociedade, os científicos estão na incapacidade de controlar os poderes subjulgadores ou destrutores saídos do seu saber. (MORIN, 1996, p.16 e 17)

Passei por duas Universidades e por 13 anos para poder me formar. O fato é que além de só fazer uma ou duas disciplinas por semestre, ainda abandonei o curso por 5 anos, enquanto estive casada. Com 23 anos comecei a escrever, juntamente com uma equipe de profissionais da Escola VILA, uma coleção de livros didáticos da educação infantil ao ensino fundamental 1, numa concepção que contemplava o trabalho com projetos em sala de aula, incluindo conteúdos formais e informais, sem a habitual fragmentação disciplinar. Isso também me tomou mais tempo, ficando a Universidade sempre delegada a segundo plano.

Logo depois que tive meu filho, Uriel, retomei a universidade com mais afinco (para acabar logo com isso!) e transferi o curso da UFC para a Universidade Estadual do Ceará, que tinha uma visão menos “laboratorial” e fragmentada da Biologia. Nesse período meus interesses pessoais estavam na compreensão da Transdisciplinaridade e dos estudos de Edgar Morin, Michel Rando, Humberto Maturana e Francisco Varela. Também, nessa mesma época, fiz duas formações: a Formação Holística de Base da UNIPAZ- Universidade da Paz e a Formação em Arte como recurso de Desenvolvimento Humano, pelo Instituto Aquilae. Essas formações, de alguma maneira, foram muito mais significativas para mim do que todos os anos de estudo universitário. Foi somente no último ano do curso de Biologia na UECE que tive a oportunidade de conhecer dois incríveis professores (Prof. Crisanto Medeiros e Profa. Maria da Penha Passamai) que tentavam fazer chegar aos graduandos conceitos inovadores de cientistas como Capra, Morin, Maturana e Varela.

É incrível como as instituições de ensino podem se tornar instrumentos mais de “domesticação” do que propriamente de construção ou produção de conhecimento, ao se isolarem de seus contextos e deixarem os desejos de seus alunos do outro lado dos muros.

A educação formal para mim, sempre buscou disciplinar corpos, sentimentos e vontade de saber, mantendo-os subordinados a um currículo fragmentado e a uma didática destituídos de sentido e significado pelos alunos e pelos professores, não indo

além do ato bancário de depositar ou obter conhecimento (informação) e cobrar ou ser cobrado por isso.

i.v A Teia de relações começa a se configurar

Em 1981, quando eu tinha 8 anos, minha mãe, Fátima Limaverde, e uma sócia, Geraci de Melo, fundaram a Escola VILA, sendo considerada uma escola “alternativa” na época. Infelizmente nunca pude estudar regularmente nessa escola que, na época, era somente de educação infantil e eu já estava no ensino fundamental. Porém, eu passava o segundo turno na VILA, fazendo atividades de yoga, biodança, tai-chi, artes, desenho, música, teatro, além de aprender a plantar, a colher e a utilizar hortaliças e ervas medicinais. Já nesse tempo, ou seja nos anos oitenta, a Escola VILA trabalhava constantemente com reciclagem de lixo e com a necessidade de trabalhar o consumo consciente para a sustentabilidade da vida no planeta, temas que estão tão em vogue hoje em dia. Outro aspecto marcante na vivência da minha infância na VILA foi a atuação social: conhecer os índios da região, os idosos, as comunidades carentes, os orfanatos, e projetar e implementar campanhas de solidariedade, abaixo-assinados e manifestações públicas envolvendo as famílias da escola nesse processo, visando a transformação social.

É nesse ambiente escolar que surgiu meu interesse pelo tema da Educação. Como irmã mais velha, de certa forma sempre me cobrei uma posição de “ensinadora” para com meus irmãos Felipe, Artur, Morena, Bárbara e Hermes, mas nessa época ainda não pensava em me tornar propriamente educadora. Muitas coisas na minha vida (e desconfio que não sou exceção) são decorrentes de uma incrível rede de sincronicidades.

Desde cedo comecei a trabalhar na Escola VILA, como ajudante das professoras. Logo depois assumi algumas turmas, desde a educação infantil até a alfabetização e o ensino fundamental (que teve início em 1990). Comecei a estudar Piaget da forma mais aprofundada que pude fazer. Com 17 anos aproveitei ao máximo a experiência que tive no grupo de estudos da Escola VILA, organizado, na época, por Kênia Cavedagne, a Juhi, que para mim é uma das pessoas que mais têm conhecimento acumulado sobre Piaget devido a sua própria formação com o professor Lauro de Oliveira Lima, um expoente no tema.

Além de estudar sobre Piaget, comecei a ler sobre o Construtivismo derivado de seus estudos. Eu não queria fazer uma graduação no ramo da Pedagogia pois, no meu modo de ver, os pedagogos não estavam fazendo um “bom trabalho” na

educação. Estudar Piaget (que provinha das Ciências Biológicas) e estar ligada ao movimento ambiental, por influência da minha mãe, acabaram por me fazer optar pelo curso de Biologia na graduação.

De maneira sincrônica, comecei a perceber pontos em comum nas idéias de Piaget, Maturana e Varela, todos ligados à Biologia.

Depois, também sincronicamente, em decorrência das leituras que fazia sobre Física Quântica, iniciando com Fritjof Capra e passando por David Bohm e Heisenberg acabei percebendo mais ligações, desta vez entre a Física e a Biologia Contemporâneas.

Inevitavelmente, ao tentar traduzir todos esses estudos para uma prática em educação, esbarrei nas idéias da Transdisciplinaridade, via Edgar Morin, Michel Random e Ubiratan D'Ambrósio. Encontrei nesses estudos não só o enlace do tripé: conhecimento, corpo e sentimento, mas também outros laços necessários à educação e presentes na prática educativa da VILA. As relações entre o indivíduo e o meio social, o indivíduo e o meio natural e o indivíduo para com ele mesmo (evolução pessoal, auto-conhecimento, espiritualidade) são outras três linhas que se amalgamam no dia-a-dia da Escola VILA e que, eu acredito, deveriam permear a educação como um todo.

A Formação Holística de Base e a Formação em Arte como Recurso para o Desenvolvimento Humano, as quais atribuo imenso valor, não apenas apóiam, mas também reforçam três aspectos que teci até aqui: a busca pelo conhecimento, o trabalho com o corpo e com as artes.

Agora, todas as partes refletidas nos espelhos do meu Jardim começam a se configurar num só todo. Talvez, meu caminhar se direcione realmente à busca de uma religação genuína, de linhas dissociadas do ser humano, através da educação integradora proposta pela Escola VILA. Essa seria uma meta que daria sentido aos meus passos até agora e me compromete internamente, com um sincero sentimento de responsabilidade. Meu filho, Uriel, uma parte central da teia do meu Jardim, afirma isso para mim a todo instante, quando percebo seu desenvolvimento e me preocupo com sua formação.

Agora, então, com a clareza que esse tecer de linhas me concede, vejo-me realizando uma Pós-graduação em Educação: Currículo, na PUC-SP.

Acasos significativos são na verdade sincronidades, no meu modo de ver. E através de um percurso repleto de sentidos, cheguei a São Paulo para realizar um Mestrado sob a orientação da professora Maria Cândida Moraes, pessoa na qual

identifico uma grande afinidade intelectual e de interesses relativos à produção em educação.

É durante esse mestrado que, no processo de pesquisa, muitas vezes o olhar de fora volta-se para dentro e vice-versa, encontrando as associações existentes no meu próprio caminhar ao mesmo tempo que reconheço a prática de uma educação “religadora” nos caminhos percorridos pela Escola VILA.

O tecido se torna mais nítido, as linhas se descobrem em uma trama com sentido, a angústia se acalma e meu Jardim de Espelhos constituindo-se, floresce.

ii. Fragmentos e religações: o problema propriamente dito

Meu percurso na Educação Formal talvez não tenha sido distinto do percurso da maioria das pessoas que vivem na minha cidade, no meu estado, no Brasil. O que difere a minha experiência da experiência da maioria é que tive a possibilidade de perceber um tipo alternativo de educação formal, na prática educativa da Escola VILA.

Vivi dois lados de uma educação formal: o lado de tendência exclusivamente disciplinar e fragmentadora, vivenciada por mim, ano após ano, como aluna, e o lado de tendência integradora do ser humano, visível na prática da VILA.

Meus companheiros de classe, na educação básica, não tiveram essa oportunidade e, talvez por essa razão, não teriam como vislumbrar uma educação diferente da qual estavam subordinados. Para eles, uma educação que prioriza a mera transmissão de informações sem sentido e significado pessoais, onde não haveria espaço legítimo para o trabalho corporal e de expressão artística, nem anseios por uma atividade religadora e transformadora de disciplinas, para eles, esse tipo de educação é a própria educação. Sem outras referências, a dimensão na qual se vive é a única.

Por isso mesmo, encontramos, por exemplo, tantos professores em profunda angústia por sentirem que é necessário realizar uma importante transformação na educação e, ao mesmo tempo, não terem a mínima idéia de como essa transformação pode se dar. A resistência ao novo não mora somente no medo e no receio de abrir mão daquilo que já estaria acomodado, mas também, é extremamente dificultoso vislumbrarmos algo do qual não se tem referência concreta. Esses professores foram estudantes de uma educação disciplinarizadora do conhecimento, do corpo, dos sentimentos, da expressão. Não tiveram nenhum outro referencial de educação formal. Como poderiam, então, caminhar por outros terrenos que até então não sabiam que existiam?

O mesmo posso dizer em relação à todas as pessoas que passaram por esse tipo de formação. Como esperar delas uma atitude diferente ao educarem seus filhos? Ou mesmo, como poderiam agir de forma diferente em relação aos seus corpos, sentimentos, expressões ou mesmo em relação à busca pelo conhecimento? Como poderiam ter desenvolvido uma percepção religadora de conhecimentos fragmentados? Como poderiam se imaginar intimamente ligados e responsáveis para com a natureza e todo o meio social? Usualmente, a educação formal não permite esse tipo de aproximações.

O interessante é que, mesmo assim, mesmo sem referenciais concretos de uma transformação efetiva em educação, professores, coordenadores, diretores, acadêmicos da educação, em grande número, sentem que é necessária uma transformação. Há um sentimento, uma mobilização embutida nos “fazedores” e nos “pensadores” da Educação.

ii.i Fazer X Pensar – uma disjunção fundamental para a perpetuação do Grande Paradigma Ocidental

De alguma forma há uma certa concordância, entre “os que fazem” e “os que pensam” a Educação, de que algo está desequilibrado nas instituições escolares e que esse fato vai além das realidades sociais e econômicas. Esse desequilíbrio atinge escolas e indivíduos de uma maneira bem ampla, não ficando restrito somente à determinadas classes sociais pois não depende apenas de fatores como merenda escolar, recursos didáticos ou formação de professores, alcançando tanto escolas rurais, como também as de periferia e até escolas elitizadas. Alcança escolas, universidades e seus indivíduos.

Esse desequilíbrio tem origem em um sistema de pensamentos e comportamentos manifestados no interior e através dos indivíduos. Esse sistema de pensamentos e comportamentos é perpetuado através da formação que os indivíduos recebem, utilizando-se para isso, inclusive, das instituições escolares. Essas instituições, por sua vez, são regidas por uma cultura dominante, “eleita”, e que tem como base um paradigma.

Vivemos, portanto, regidos por uma ordem subjacente á nossa cultura, que dá forma à sociedade em que vivemos, condicionando os diversos setores que a compõe, incluindo aí a escola. Nós, indivíduos formados pela educação formal, carregamos padrões de pensamento e comportamento nascidos e mantidos por essa ordem implícita, atingindo diretamente nossas vidas, individuais e coletivas.

O Grande Paradigma do Ocidente

Os paradigmas são o solo e o adubo, de onde nascem as idéias desabrochando-se em práticas. Estas, por sua vez, fecundam novas idéias que renascem deste paradigma. Neste ciclo, somente práticas e teorias são visíveis, embora tenham fincadas suas raízes, de forma vital, no substrato submerso e não-expresso de um paradigma subjacente, dele se alimentando e a ele perpetuando.

[...] um grande paradigma (episteme, mindscape) controla não só as teorias e os raciocínios, mas também o campo cognitivo, intelectual e cultural onde nascem as teorias e os raciocínios. Ele controla, além disso, a epistemologia que controla a teoria, e controla a prática que decorre da teoria. (MORIN, 2002, p.187)

Um paradigma não é estático, mas justamente por agir subterraneamente, se torna muito pouco vulnerável. “O paradigma desempenha um papel subterrâneo/soberano em qualquer teoria, doutrina ou ideologia.” (MORIN, 2002, p. 190)

Os paradigmas nos regem, desde fora, mas internamente também. Temos nosso sistema de crenças, comportamentos e formas de pensar e agir, enraizados em paradigmas. Nossa cultura, o pensamento científico, nossa sociedade e todos os seus setores alimentam-se e são gerados a partir de paradigmas subjacentes a tudo isso. “Assim, os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo os paradigmas inscritos culturalmente neles. Os sistemas de idéias são radicalmente organizados em virtude dos paradigmas.” (MORIN, 2002, p.188)

Um paradigma não tem origem demarcada, nem um criador específico. Ele é gerado socialmente a partir de uma conjunção de fatores e ansiedades dos indivíduos. O Grande Paradigma Ocidental, como Morin (2002) o chama, formou-se e consolidou-se na Modernidade e é alimentado pelo grande desejo de liberdade do sujeito que, na época, via-se subordinado à autoridade da Igreja Medieval.

O pensamento científico moderno foi precedido e acompanhado por um correspondente desenvolvimento de idéias filosóficas (HEISENBERG, 1999, p. 110) nesse efervescente mar de descobertas e redescobertas do indivíduo por ele mesmo. Fundando sólidos alicerces capazes de dar corpo a um grande paradigma, caracterizador de todo um pensamento ocidental e abarcante de outros paradigmas “filhos”, a filosofia moderna, ilustrativamente sob a pena de Descartes (século XVII) consagrou o racionalismo como instrumento único de liberdade, iluminando a Verdade.

Certamente seria errado dizer-se que Descartes, através de seu novo método filosófico, tenha dado uma nova direção ao pensamento humano. O que ele realmente fez foi reformular, pela primeira vez, uma tendência no pensamento humano cuja presença já pudera ser sentida na Renascença italiana e na Reforma. [...] O interesse em combinar o conhecimento empírico com a matemática, como ocorreu no trabalho de Galileu, foi talvez em parte devido à possibilidade de se chegar, dessa maneira, a algum conhecimento que pudesse ser mantido completamente afastado das disputas teológicas que se sucederam durante a Reforma. Esse conhecimento empírico poderia ser formulado sem qualquer menção a Deus ou a nós mesmos e vinha favorecer a separação dos três conceitos

fundamentais, Deus, Mundo, Eu, ou a separação entre “coisa pensante” e “coisa extensa”. (HEISENBERG, 1999, p.113)

Para Descartes, nós, seres humanos, existimos porque pensamos. Somos o que ele denominou de “coisa pensante”, dotada de espírito. Essa separação entre “coisa pensante” e “coisa extensa”, acabou por localizar plantas, animais e qualquer outro ser vivo que não fosse humano, no lado das “coisas extensas”, juntamente com os objetos inanimados e máquinas. (HEISENBERG, 1999) Esse é o argumento da disjunção entre sujeito e objeto, base paradigmática do nosso pensamento científico ocidental moderno e origem de tantas outras disjunções.

Não apenas Descartes crê na existência de elementos absolutos no mundo objetivo, mas ele pensa ainda que esses elementos absolutos são conhecidos na sua totalidade e diretamente. (BACHELARD, 1996, p.101)

A elevação da razão, apoiada enfaticamente ao longo da Modernidade, e com claros resquícios platônicos de um “mundo ideal”, morada do espírito e da essência “verdadeira” e imutável das coisas, ocasionou de maneira paradigmática importantes disjunções: a separação entre mente e corpo, entre pensamento e ação, entre teoria e prática.

Reflete-se também em outro tipo de disjunção, a partir daquelas já citadas: a disjunção entre pensamento, sentimento e ação prática, ou ainda pensamento, sentimento e corporeidade.

Edgar Morin (2002) coloca que esta disjunção, entre sujeito e objeto, é a base do Grande Paradigma do Ocidente, “pai” da pluralidade paradigmática da modernidade, atravessando nossos modos de pensar e de agir:

Sujeito	Objeto
Alma	Corpo
Espírito	Matéria
Qualidade	Quantidade
Finalidade	Causalidade
Sentimento	Razão
Liberdade	Determinismo
Existência	Essência

(MORIN, 2002, p. 194)

Quadro 1: Sujeito X Objeto

O resultado dessa concepção, ao longo da história, se traduz de diferentes maneiras em nossa cultura atual.

No decurso da história ocidental, e através dos desenvolvimentos múltiplos e relacionados da técnica, do capitalismo, da indústria, da burocracia, da vida urbana, estabeleceu-se qualquer coisa de paradigmaticamente comum entre os princípios de organização da ciência, os princípios de organização da economia, os princípios de organização da sociedade, os princípios de organização do Estado-nação. (MORIN, 2002, p. 196)

O pensamento reducionista-cartesiano e mecanicista-newtoniano nos penetra de forma submersa, afetando-nos diretamente. Hoje podemos dizer que nos encontramos

[...] num emaranhado complexo de vetores orgânicos, psíquicos, sociais e culturais que se amalgamam no âmbito de nossa subjetividade e quase nunca no plano consciente. Na maioria das vezes, manifestam-se na homogeneidade do senso comum como consciência iludida e ingênua. (SEVERINO, 2001, p.8)

Há uma tendência auto-reprodutiva inerente aos paradigmas. É difícil perceber-se exterior a eles e, estando submersos, não nos damos conta disso.

Se observarmos a dificuldade que mesmo cientistas eminentes, como Einstein, tiveram em entender e aceitar a interpretação de Copenhague da teoria quântica, iremos encontrar, na raiz dessa dificuldade, a divisão cartesiana. Essa partição penetrou tão profundamente na mente humana durante os três séculos que se seguiram a Descartes, que muito tempo levará até que ela seja substituída por uma atitude realmente diferente no que se refere ao problema da Realidade. (HEISENBERG, 1999, p. 116)

“O paradigma da ciência clássica não permite tomar consciência da noção de paradigma.”(MORIN, 2002, p. 209) Para assegurar a soberania da razão, como um mecanismo libertador e iluminador da verdade, o Grande Paradigma Ocidental e todas as suas facetas paradigmáticas advindas dele, acabaram por construir instrumentos subterrâneos e tão fortes de auto-perpetuação e controle, que nos encurralou por todos os lados, de forma mais inconsciente do que conscientemente, em todos os setores da sociedade.

Assim, podemos constatar, que a Modernidade conviveu com pelo menos uma contradição fundante desde suas origens:

O mundo moderno é atravessado por uma profunda ambigüidade: deixa-se guiar pela idéia de liberdade, mas efetua também uma exata e constante ação de governo; pretende libertar o homem, a sociedade e a cultura de vínculos, ordens e limites, fazendo viver de maneira completa essa liberdade, mas, ao mesmo tempo, tende a moldar profundamente o indivíduo segundo modelos sociais de comportamento, tornando-o produtivo e

integrado. Trata-se de uma antinomia, de uma oposição fundamental que marca a história da Modernidade, faz dela um processo dramático e inconcluso, dilacerado e dinâmico em seu próprio interior, e portanto problemático e aberto. (CAMBI, 1999, p. 200)

A razão, nossa libertadora, construiu muros tão rígidos de proteção que, na verdade mais nos aprisionam do que nos liberta.

Dessa maneira chegou-se, por fim, ao século XIX, durante o qual criou-se, para a ciência natural, uma moldura extremamente rígida, que veio dar forma não somente à ciência como também à mentalidade das grandes massas populares. Esse confinamento era mantido pelos conceitos fundamentais da física clássica: espaço, tempo, matéria e causalidade; aqui o conceito de realidade dizia respeito a coisas e fenômenos que percebemos pelos nossos sentidos ou, então, àqueles que podemos observar graças à disponibilidade de instrumentos refinados que a ciência técnica veio propiciar. Chegamos, assim, ao primado da matéria: essa, a realidade primeira. O progresso da ciência foi encarado como uma cruzada aos domínios do mundo material. E utilidade, a senha da época. (HEISENBERG, 1999, p. 273)

Conseqüentemente, as características decorrentes desse pensamento são observadas no contexto escolar. A arcaica posição do professor como detentor do saber e dos alunos como “tábula rasa”; a fragmentação curricular excessiva que reduz a possibilidade de interação disciplinar; o próprio currículo imposto desde um contexto vindo de fora da realidade escolar; a discriminação social entre os que pensam e os que trabalham; a distinção quase incomunicável entre currículo e didática; a inexistência do vínculo entre teoria e prática, traduzindo-se em uma aprendizagem pobre, livre de sentido e de contexto; a medição da aprendizagem como mecanismo de controle e de discriminação entre alunos e o “ensino bancário” (FREIRE, 1974) são alguns dos pontos que podemos observar em um contexto escolar moderno (e arcaico) como decorrência do pensamento de dissociação entre teoria e prática (originado da cisão primária ente sujeito e objeto).

Porém, para conseguirmos pensar sobre o nosso pensamento e sobre como essas idéias incrustadas pela história na nossa cultura se manifestam em nossa maneira de ser e agir no mundo, devemos emergir e tentar olhar sob um panorama mais amplo, para além das paredes da sala de aula, dos muros da escola e das grades disciplinares.

No plano escolar, a disjunção entre teoria e prática, entre currículo e didática, dificulta a compreensão do todo da instituição. Segundo Sacristán,

[...] os conteúdos são decididos fora do âmbito didático, por agentes externos à instituição escolar. O discurso pedagógico preferiu centrar-se principalmente em torno dos

problemas internos ao marco escolar específico, mais do que em ver o que condiciona a dinâmica interna desde fora. [...] É essa divisão de tarefas, produto da distribuição de atribuições e poderes sobre a educação, o que reforçou o sentido mais técnico da didática, fazendo com que se desprendesse da discussão dos conteúdos: o tratamento do didático costumava referir-se ao que acontecia no âmbito escolar. [...] A consequência desses processos sociais de divisão de funções e dessa parcialização científica do objeto de ensino é que se perdem de vista as interações entre o que acontece dentro e o que acontece fora, separa-se o contexto interno do externo, reforçam-se as fronteiras entre os conhecimentos e obscurece-se a compreensão global dos mesmos. (SACRISTÁN, 2000, p.121-122)

A ênfase no ensino de conteúdos dissociados de uma prática significativa, a expulsão dos corpos e dos sentimentos dos alunos do interior das escolas e a proliferação incomensurável de fronteiras disciplinares, focadas muito mais nas separações do que em pontos de comunicação, são, ao meu modo de ver, aspectos de um submerso instrumento de controle e auto-perpetuação paradigmática.

Disciplina, disciplinarização e exame: instrumentos de controle

Um dos principais problemas paradigmáticos que residem na base do pensamento moderno está na idéia do racionalismo como instrumento para liberdade e, com isso, nasce formas de controle buscando que a razão possa exercer seu papel soberano. Esse controle se dá não apenas em relação aos comportamentos dos indivíduos, mas também nos seus modos de ser, de viver e de pensar. A disciplina, enquanto imposição de normas e de ordem, atua diretamente sobre os comportamentos e nas mentalidades dos indivíduos.

Foi Michel Foucault quem lembrou, recentemente, o papel “fundante” desse novo sistema de governo para toda a vida social, para toda a história da Modernidade. Esta nasce como desejo de governo e se põe constantemente o problema de como exercer tal função, interroga-se sobre a governabilidade, mas ao mesmo tempo a exerce segundo um novo itinerário, que é o da “microfísica do poder”, ou seja: um poder que age em muitos espaços do social, de forma capilar, micrológica justamente, e que penetra nas consciências através dos corpos, através do controle minucioso de gestos, posições, atitudes físicas, estabelecendo a ordem de uma disciplina, tornando assim os sujeitos dóceis, possuídos e guiados pelas finalidades do poder. O indivíduo é controlado a partir do corpo, mas para tornar dócil, também, e sobretudo, a sua consciência. E esse trabalho, complexo e minucioso, é exercido pelas instituições educativas que são dirigidas pelo Estado e das quais a sociedade, agora, está provida. (CAMBI, 1999, p.201-202)

Mesmo que educação e disciplina tenham significados diferentes, passaram a ser aspectos indissociáveis. Além disso, o conceito de disciplina se estendeu e alcançou um sentido maior que o da obrigação.

A disciplinarização do saber também possui a função de controle. Se cada disciplina do saber tiver sua ordem estabelecida, com fronteiras definidas pelo seu objeto de estudo, como também pela linguagem e pelos métodos próprios que são utilizados em suas investigações, ficaria mais o controle da ordem. É por isso que a hiperespecialização acadêmica é a principal marca da ciência de hoje. Cada vez mais se criam especializações, cada vez mais se estudam as partes de um todo. Surge assim, o poder que a detenção do conhecimento oferece ao investigador. O conhecimento, na atualidade, é um capital e detê-lo vale muito.

Mas o que tudo isso nos traz é que cada vez mais nos distanciamos do conhecimento das relações entre as partes de um todo, ou entre elementos de um sistema, pois os investigadores ficam cada vez mais ilhados em seus estudos e já não têm mais contato com outras disciplinas. Sua linguagem é tão específica à sua disciplina, ou sub-disciplina, que se torna uma barreira para a comunicação com outras.

Essa é uma característica peculiar às grandes corporações e aos laboratórios e projetos de pesquisa acadêmica: seu capital principal está no conhecimento que detêm.

Além da estrutura disciplinar do conhecimento há outros modos de controle.

Enfim, a escola ritualiza o momento do exame atribuindo-lhe o papel crucial no trabalho escolar. O exame é o momento em que o sujeito é submetido ao controle máximo, mas de modo impessoal: mediante o controle de seu saber. Na realidade, porém, o exame age sobretudo como instrumento disciplinar, de controle do sujeito, como instrumento de conformação. (CAMBI, 1999, p.206)

O exame escolar, o vestibular, a classificação dos alunos pelo rendimento e produtividade são mecanismos tão fortes de controle que acabam por permear o indivíduo em suas ações e pensamentos, manifestando a capacidade de classificar pessoas de uma forma discriminatória.

O Efeito das Dissociações

A ansiedade pela ordem e o isolamento gerado pela hiperespecialização pode manifestar-se na sociedade de diferentes maneiras. Várias atitudes na história da humanidade tiveram seus fundamentos nessa ansiedade. O nazismo e o fascismo em todas as suas vertentes são tentativas não menos desejosas de conquistar uma ordem absoluta. As bombas nucleares de Hiroshima e Nagasaki foram demonstrações de que o ser humano pode isolar-se da natureza e de sua própria condição de ser humano, enquanto espécie. A idéia e a atitude, tão presentes no senso comum, de classificar seres humanos fazendo uma escala de valores segundo critérios de cor, de religião, de poder econômico, de cultura, dentre outros, são tão habituais que, em muitos casos, não nos causa mais estranheza.

Desse modo, surgiu a tensão entre totalidade e fragmentação, entre corpo e alma, que tem sido identificada como a essência da condição humana por poetas, filósofos e místicos ao longo dos séculos. A consciência humana criou não apenas as pinturas rupestres de Chauvet, o Bhagavad Gita, os Concertos de Brandenburgo e a teoria da relatividade, mas também a escravidão, a queima das bruxas, o Holocausto e o bombardeamento de Hiroxima. Dentre todas as espécies, somos a única que mata seus semelhantes em nome da religião, do mercado livre, do patriotismo e de outras idéias abstratas. (CAPRA, 2007, p.229)

Os desastres ecológicos que podemos presenciar, incluindo o grande problema, atual e futuro, do aquecimento global, têm sua origem no distanciamento do homem (e do investigador) de seu meio, da natureza e de si mesmo, enquanto espécie que depende de outras espécies e elementos naturais para viver.

Na preponderância de suas aplicações, o racionalismo tornou-se uma forma de controle e dominação da natureza e do homem pelo próprio homem, ao produzir aplicações tecnológicas tão ameaçadoras quanto desvinculadas de uma compreensão metafísica mais ampla. (MORAES, 2006, p. 43)

O indivíduo cartesiano é dividido, fragmentado no íntimo de seu ser, fragmentação essa, que não age conscientemente. Esse indivíduo trata seu corpo, seus sentimentos, emoções e desejos como objetos, como se estivessem distantes dele próprio e não como se fossem ele próprio. E isso ele faz, mesmo tendo estudado e participado de todas as aulas de Educação Física e Educação Artística do período escolar.

Esse indivíduo não reconhece sua estreita ligação com os outros indivíduos e a realidade social onde se insere. É um sujeito pacato, que não se sente capaz de

realizar transformações sociais significativas, mesmo tendo estudado Estudos Sociais e História na sua vida escolar.

O indivíduo cartesiano também não reconhece sua inteira ligação e responsabilidade para com a natureza e a própria vida, portanto. Assiste as catástrofes ambientais pela televisão e pensa: “ainda bem que não estou ali”. Não percebe que vive no mesmo planeta que todos os infelizes que ele assistiu passivamente sofrer pela tv. Tudo é uma questão de tempo, correntes de vento, frentes frias, abalos sísmicos. Aliena-se, mesmo tendo passado em todos os exames de Geografia, ao pensar que aqui e lá são dois lugares diferentes e dissociados esquecendo que o planeta é um só e todos estamos nele.

Esse indivíduo não pensaria duas vezes para construir o mais novo shopping da cidade dentro de uma área de proteção ambiental. Afinal, um shopping daria muito mais lucro do que um monte de árvores, animais e algum rio perdido por ali. Ele construiria sim, e muitas pessoas iriam freqüentar esse shopping, mesmo que todos eles tenham estudado Biologia, Ecologia e Ciências Naturais na Educação Básica e no Ensino Fundamental. E, ainda nesse caso, mesmo que alguém notasse que a área de proteção estivera ameaçada, não faria nada, nada diria. Porque, embora soubesse Gramática, não saberia expressar suas idéias, seus sentimentos.

Seria um sujeito que não saberia cooperar, mesmo realizando “trabalhos em grupo” na escola.

Esse indivíduo aprendeu na escola a hierarquizar, a obedecer, a discriminar, a se subjugar e a se conformar. Contraditoriamente, adoeceu sua própria inteireza na busca por uma individualização. Tornou-se prisioneiro de si e de formas subjacentes de controle e ordem, na própria busca pela liberdade.

[...] o método reducionista foi se enraizando em nossa cultura e levou-nos a um processo de alienação e a uma crise planetária de abrangência multidimensional, traduzidos por processos de fragmentação, atomização e desvinculação. Em conseqüência, a cultura foi ficando dividida, os valores, cada vez mais individualizados, e os estilos de vida, mais patológicos. (MORAES, 2006, p.43)

É claro que esse “indivíduo cartesiano”, de uma forma ou de outra, permeia a todos nós, membros de uma sociedade ocidental, com graus distintos de influência. Porém, essas dissociações estão cada vez mais visíveis e mais facilmente podemos refletir sobre nossa própria posição.

Filha da Ordem, nasce a Contradição

Novas teorias surgiram, desde o fim do século XIX, contradizendo a idéia de ordem cartesiana e mecanicista. A própria ciência clássica deu à luz idéias que a contradizem. Sua filha, a Contradição, manifestou-se em todas as áreas, sendo portanto, indisciplinada.

Ora, a complexidade chegou a nós, nas ciências, pelo mesmo caminho que a tinha expulsado. O próprio desenvolvimento da ciência física, que se consagrava a revelar a Ordem impecável do mundo, seu determinismo absoluto e perpétuo, sua obediência a uma Lei única e sua constituição de uma forma original simples (o átomo) desembocou finalmente na complexidade do real. Descobriu-se no universo físico um princípio hemorrágico de degradação e de desordem (segundo princípio da termodinâmica); depois, no que se supunha ser o lugar da simplicidade física e lógica, descobriu-se a extrema complexidade microfísica; a partícula não é um primeiro tijolo, mas uma fronteira sobre uma complexidade talvez inconcebível; o cosmos não é uma máquina perfeita, mas um processo em vias de desintegração e de organização ao mesmo tempo.

Finalmente, viu-se que o caminho não é uma substância, mas um fenômeno de auto-eco-organização extraordinariamente complexo que produz autonomia. (MORIN, 2006, p.14)

Idéias da Física, da Biologia, da Neurociência, da Cibernética e de outras áreas do conhecimento, desde o século XIX, começaram a surgir, transgredindo a ordem mecanicista e cartesiana, pré-imposta ao longo da Modernidade. Novas teorias, mesmo sem pretensão, transformaram o substrato paradigmático do qual até então era a base de toda a ciência clássica. Foi o caso, por exemplo, da Teoria da Relatividade, cujo próprio mentor, Einstein, não havia se dado conta da repercussão e do alcance de sua idéia.

O nosso século viveu duas demonstrações de impossibilidade física, a que funda a relatividade e a que funda a mecânica quântica, mas viveu-as “às arrecuas”, como a revelação de limites opostos às ambições da física; viu nisso, ao mesmo tempo, o apogeu e crise última, o fim de uma exploração que chegou à descoberta de seus próprios limites. (PRIGOGINE & STENGERS, 1984, p. 164)

Como a ciência clássica e soberana, aquela que tudo prevê, observa e traduz, a que ordena e disciplina, poderia lidar com uma ciência instável, imprevisível, que não só aproxima sujeito e objeto, como também encara a possibilidade dessa dualidade não existir? As primeiras descobertas da física quântica, nesse aspecto, são um marco na história das ciências.

A física clássica estava dominada por um ideal, o de um conhecimento máximo, completo, que reduziria o devir a uma repetição tautológica do mesmo. [...] Hoje, a física das

trajetórias não aparece mais senão como uma ilha cercada pelas ondas da instabilidade e da coerência quântica. (PRIGOGINE & STENGERS, 1984, p. 201)

O Princípio da Incerteza, de Heisenberg, tanto nos liberta para um novo olhar a respeito da previsibilidade newtoniana quanto nos coloca a impossibilidade de uma partição cartesiana, clara e real, entre sujeito e objeto. O mundo físico torna-se, novamente, um mundo vivo e repleto de movimento, onde corpos estacionados ou inertes não existem e tudo está em processo (Termodinâmica).

Ao passo que Descartes podia negar ao mesmo tempo a diversidade primitiva dos movimentos, eis que associando simplesmente a matéria fina e o movimento rápido num choque, obtêm-se imediatamente ocasiões de diversidade fundamental: qualidades, cores, calor, radiações diversas criam-se com base unicamente nos graus do choque quantificado. A matéria já não é um simples obstáculo que reenvia o movimento. Ela transforma-o e transforma-se. (BACHELARD, 1996, p.100)

Não apenas a Física Quântica, mas a Química, a Biologia, a Filosofia, a Geometria não-euclidiana, a Cibernética, dentre outras manifestações científicas e filosóficas atestaram novas teorias configurando, como Bachelard (1996) nos diz no início do século XX, um novo espírito científico.

A ordem cartesiana e o universo mecânico de Newton estavam mostrando suas limitações. A obsolescência de suas teorias não seriam, portanto, absolutas. A Relatividade, o Caos, a Incerteza, a Contradição são teorias, princípios e características dessa nova ciência.

Enquanto que a ciência de inspiração cartesiana fazia, muito logicamente, o complexo com o simples, o pensamento científico contemporâneo procura ler o complexo real sob a aparência simples fornecida por fenômenos compensados; esforça-se por encontrar o pluralismo sob a identidade, por imaginar ocasiões de quebrar a identidade para além da experiência imediata resumida demasiado cedo num aspecto de conjunto. (BACHELARD, 1996, p.100)

A Transdisciplinaridade surge nesse contexto científico que extrapola o domínio das disciplinas, alcançando as artes, as tradições, as relações sociais, as relações com a natureza e a relação do ser humano consigo próprio. O contexto da transdisciplinaridade é transgressor em relação ao poder e à ordem impostos pelas disciplinas. O próprio termo que, segundo Guy Michaud, foi cunhado por Piaget durante o I Seminário Internacional sobre a Pluridisciplinaridade e a Interdisciplinaridade, em 1970, na Universidade de Nice, na França (SOMMERMAN, 2003), já traduz sua essência transgressora e transcendente:

[...] à etapa das relações interdisciplinares, podemos ver sucedê-la uma etapa superior que seria “transdisciplinar”, que não se contentaria em encontrar interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas situaria essas ligações no interior de um sistema total, sem fronteira estável entre as disciplinas. (NICOLESCU in SOMMERMAN, 2003, P.100)

O Pensamento Eco-sistêmico (MORAES, 2004, p.163), que advém de teorias sistêmicas, relaciona idéias como intersubjetividade, interatividade, complexidade, emergência (e imprevisibilidade), auto-organização, autonomia, mudança, incerteza, causalidade circular, inter e transdisciplinaridade não adequando-se, portanto a um paradigma cartesiano e mecanicista.

Novas formas de pensar ciência, começam a se configurar através da proliferação de idéias que não mais cabem na estrutura disciplinar. Teorias que não só se comunicam e trocam informações, mas permeiam-se mutuamente, perpassando diferentes áreas do conhecimento de uma maneira quase líquida e indefinível. Não criam novas disciplinas e subdisciplinas, como no caso das ciências interdisciplinares da Biofísica, da Físico-química, dentre outras. Essas teorias, de maneira complexa, manifestam-se ao seu modo em todas as disciplinas e, ao mesmo tempo, em nenhuma delas individualmente.

Esse novo corpo teórico assenta-se, contraditoriamente, em um outro território, diferente daquele que sustenta a pluralidade paradigmática da modernidade, ou seja, não tem como substrato nutridor o chamado Grande Paradigma do Ocidente. Portanto, não tem como princípio a cisão entre sujeito e objeto.

Esse novo território ainda é disforme e abstrato, porém, ganha, aos poucos, substância. Uma substância também plural e complexa, que inclui a contradição em si mesma. Passa a não ser mais somente pensamento e vai criando corpo físico. Está nas ruas, manifesta-se, aos poucos configurando-se efetivamente, como paradigmas. Vemos essa manifestação, sobretudo, na arte contemporânea, nas mídias e na internet. E, por isso, nos confrontamos atualmente com a atual crise entre a manutenção da ordem disciplinar e a transgressão transdisciplinar.

Que mundo é esse a propósito do qual reaprendemos a necessidade do respeito? Evocamos sucessivamente a concepção de mundo clássico e do mundo em evolução do século XIX. Em ambos os casos, tratava-se da dominação e do dualismo que opõe o controlador e o controlado, o dominador e o dominado. Quer a natureza ser um relógio ou um motor, ou ainda o caminho de um progresso que conduza até nós, ela constitui uma realidade estável de que é possível assegurar-se. O que dizer do mundo que alimentou a metamorfose contemporânea da ciência? É um mundo que podemos compreender como

natural no próprio momento em que compreendemos que fazemos parte dele, mas do qual se desvaneceram, de repente, as antigas certezas: quer se trate de música, pintura, literatura ou de costumes, nenhum modelo mais pode pretender a legitimidade, nenhum é mais exclusivo. Por toda a parte vemos uma experimentação múltipla, mais ou menos arriscada, efêmera ou bem-sucedida. (PRIGOGINE & STENGERS, 1984, p. 225)

E a escola? Como a escola pode transformar-se, despojando-se de um corpo sólido e rígido, essencialmente disciplinar, para deixar-se permear pela Incerteza, pela Relatividade, com uma atitude Transdisciplinar, portanto, transgressora? Como legitimar a integração corpo-pensamento-sentimento do ser humano?

Talvez, reencontrar teoria e prática seja o maior desafio de um novo paradigma emergente.

O problema propriamente dito: em busca do elo perdido entre teoria e prática

Propostas como a da Escola VILA são essenciais no mundo contemporâneo, a fim de que uma nova sociedade possa se configurar. As teorias da nova ciência já estão contaminando o pensamento científico, mas não devem estacionar aí. Para que um paradigma se torne efetivo é necessário que ele se manifeste, principalmente, nas ações do indivíduos. O projeto de modernidade utilizou-se da escola moderna para dar corpo físico às suas idéias. Precisamos agora, de uma escola repensada e reconfigurada, capaz de incorporar as idéias de um novo paradigma emergente.

A prática educativa da Escola VILA tem como objetivo maior interligar, relacionar, associar e reintegrar. Interligar conteúdos formais transgredindo suas fronteiras disciplinares. Reintegrar corpo, sentimento, emoção, intuição e pensamento. Relacionar indivíduo e natureza, indivíduo e meio social, indivíduo e meio intrapessoal.

Tudo isso através de um currículo, uma didática e instrumentos de avaliação amplamente reformulados.

Mas, os indivíduos formados em um tipo de educação como a oferecida pela Escola VILA mostram-se diferentes em seus modos de agir e operar em suas vidas? Como a proposta da Escola VILA repercute na formação dos seus alunos, já egressos, a longo prazo? Conquista o objetivo de uma educação integradora do ser humano? Em que aspectos?

iii. Religar teoria e prática: objetivos da Pesquisa

iii.i Objetivo Geral

O objetivo maior da presente investigação é analisar e avaliar a prática educativa da Escola VILA, através de seus ex-alunos adultos, como sendo uma proposta pedagógica, das inúmeras que possam existir, que reflitam as principais categorias de uma educação transdisciplinar e eco-sistêmica, sendo capaz de formar o ser humano sob a luz de um novo paradigma educacional emergente.

iii.ii Objetivos Específicos

- a) Categorizar a prática educativa da Escola VILA e comparar com as categorias de uma prática educativa transdisciplinar e eco-sistêmica, analisando essa correspondência.
- b) Analisar a prática efetiva da Escola VILA através do Método Grounded Theory, a partir de entrevistas, questionários, depoimentos e outros meios de expressão de pelo menos 20 ex-alunos com mais de 18 anos de idade e que tenham estudado ao menos 5 anos na VILA, para constatar, ou não, que as principais categorias presentes na prática educativa desta escola perduram na consciência e nas ações desses alunos, constituindo-se, desta forma, uma escola que atinge o objetivo de uma legítima formação integradora do ser humano.

iv. A teia se configura: delimitação do problema

A distância entre teoria e prática, em educação, necessita, portanto, ser reduzida. A associação dessas duas polaridades, em prol do encontro de um significado maior que possa legitimar tanto a prática quanto a teoria, em um mesmo processo de evolução, deve ter seu lugar na própria instituição escolar.

As novas teorias que incorporam um novo pensamento científico e filosófico devem encontrar, cada vez mais, instrumentos de expressão e manifestação, para que possam dar corpo a uma sociedade transdisciplinar, e portanto, transcultural, multidimensional e multirreferencial.

As práticas educativas que se desenvolvem nesse sentido, devem ser estudadas pelo meio acadêmico para que não corramos mais o risco de fazer teorias que não encontram sua relação com a prática e de práticas que não possuam um grau de reflexão crítica e teórica não permitindo-se evoluir.

A Escola VILA, nesse contexto, com uma experiência prática de 26 anos, portanto contando com um número significativo de egressos, terá muito a contribuir para a validação de algumas dessas novas teorias aplicadas à educação.

v. Relevância científica e social da pesquisa

v.i Mar de incertezas

Ao propor o novo, enfrentamos o medo. Paulo Freire, um timoneiro-capitão da Galé chamada Educação, bem o sabia ao dizer:

Na medida em que tenho mais e mais clareza a respeito de minha opção, de meus sonhos, que são substantivamente políticos e adjetivamente pedagógicos, na medida em que reconheço que, enquanto educador, sou um político, também entendo melhor as razões pelas quais tenho medo e percebo o quanto temos ainda de caminhar para melhorar nossa democracia. É que, ao pôr em prática um tipo de educação que provoca criticamente a consciência do educando, necessariamente trabalhamos contra alguns mitos que nos deformam. Ao contestar esses mitos enfrentamos também o poder dominante pois que eles são expressões desse poder, de sua ideologia. (FREIRE, 1993, p.58)

Porém, tanto é inevitável o medo quanto a ousadia de propor. Porque subentende-se uma visão mais alargada que permita vislumbrar adiante e quem a possui não mais a deixa de lado. Não podemos deixar de ver o que já percebemos. Uma vez vista, contemplada, a ilha estará lá, terá um nome e localização assinalada no mapa. Ignorá-la é um erro, enfrentá-la é um desafio e amedronta. Não só pelas incertezas que permeiam todo desbravamento mas também pela forte força de inércia que a humanidade teima em exercer toda vez que se vêem abaladas suas teorias e suas ideologias. Essa força contrária é descomunal. Para vencê-la exige comprometimento, clareza e inteireza de sentimentos, pensamentos e ações. Exige tempo, paciência, flexibilidade, criatividade.

Victor Hugo (2002), na Introdução de sua obra *Os Trabalhadores do Mar* escreve:

O homem tem de lutar com o obstáculo sob a forma superstição, sob a forma preconceito e sob a forma elemento. Tríplice ananke pesa sobre nós, o ananke dos dogmas, o ananke das leis, o ananke das coisas. (VICTOR HUGO, 2002, p.4)

v.ii A galé e os trabalhadores do mar

Atualmente encontramos uma variedade imensa de propostas pedagógicas em nossas escolas, sejam elas particulares ou públicas. A maioria dessas propostas têm como preocupação maior a didática e a qualidade da relação entre alunos e professores. Enfatizam sobretudo a aprendizagem, a capacidade de apreensão de conteúdos estabelecidos a partir de uma grade curricular pré-concebida.

A formação de professores também está voltada para a qualificação da didática em sala de aula. Hoje bastante se sabe sobre didática. Podemos perceber muito desse saber aplicado em práticas que, de certa forma, são até precisas e eficazes.

Atualmente podemos observar métodos e didáticas reconhecidos pela “garantia” de resultados esperados. Precisão e eficácia são medidas, avaliadas e condecoradas ou rechaçadas. Muitas vezes, “qualidade na educação” e “precisão e eficácia do ensino” são tidas como expressões sinônimas.

O que pergunto nesse instante é: qual a finalidade desse saber? Essa precisão e essa eficácia são relativas a que aspectos? A didática visa garantir o aprendizado dos conteúdos curriculares mas que currículo é esse? Quem o define? Por que o define assim?

Tanta eficácia por certo não se refere ao ponto de vista do aluno, tampouco do professor, pois que ela é exigida de modo predeterminado. A quem serve essa eficácia?

Nesse ponto podemos comparar os professores aos remadores de uma galé que garantem o deslocamento a remo da embarcação, dependendo da técnica que utilizam. Quanto mais aprimorada a técnica, mais eficiente e preciso é esse deslocamento. Porém, aos galés, no porão da nau, não são dadas as possibilidades de definição das rotas da embarcação. Para eles, seu trabalho é remar. Remar com precisão e eficácia.

O homem produz a cultura por uma necessidade existencial, para se apropriar dela, pois é por meio dela que chega a postular as finalidades da sua ação. O que se passa em tempos como os atuais, porém, e em sociedades como a nossa, é que, por motivo do rumo tomado pela estruturação social, o homem em vez de se apropriar da cultura, de dominá-la, faz o inverso, aliena-se a ela, transforma-a numa realidade entificada, superior a ele. (PINTO, 1979, p.126)

Afinal, não somos todos, professores, coordenadores, diretores de escolas, que fazemos acontecer a educação? Por que não nos caberia refletir sobre o rumo a tomar? Refletir e decidir sobre que aspectos da cultura devem ser aderidos ao currículo e sob que forma? O que, quando e como avaliar nossos alunos e nossos próprios saberes e fazeres? Aonde queremos ir?

Ou será que cabe ao timoneiro a rota pela qual a galé navega? Ora, é certo que não, pois a ele também não se dá essa possibilidade, apenas segue as orientações do

capitão. Este, o capitão, possui a real responsabilidade de pensar e definir rotas, embora não se utilize de remos ou timão. Os instrumentos do capitão são mapas, bússolas e mais algumas outras ferramentas complexas que exigem um conhecimento “mais refinado”. A ele não cabe o esforço físico de remar ou conduzir o timão. Notaremos nessa comparação, mais uma vez, a disjunção entre teoria e prática?

A nobreza conquista-se pela espada e perde-se pelo trabalho. Conserva-se pela ociosidade. Não fazer coisa alguma é viver fidalgamente; quem não trabalha é reverenciado. Ofício faz decair. [...] Nas ilhas da Mancha, assim como na Grã-Bretanha, quem quiser ser nobre deve conservar-se opulento. Um workman não pode ser gentleman. Ainda que o tenha sido, já não o é mais. (VICTOR HUGO, 2002, p.119)

Na galé, na educação e na nossa sociedade atual observamos uma grande cisão social entre dois grandes grupos de pessoas: os que pensam as idéias e os que as fazem acontecer.

Chega-se assim à cisão da sociedade entre dois grupos desiguais, que, ambos, manejam produtos da cultura, com a diferença de que a apenas um, o minoritário e dominante, se reserva a parte ideal da criação cultural, enquanto a imensa maioria se vê forçada a apenas operar com os produtos materiais da cultura. (PINTO, 1979, p.129)

Por extensão, à porção minoritária e dominante, cabe a pesada responsabilidade ou o gozo e os louvores dos produtos materiais da cultura. Afinal, não é sempre ao capitão que atribuímos a feliz chegada ao porto? Ou o nefasto naufrágio? Os galés estariam livres desse fardo.

Livres de tal responsabilidade estariam também aqueles professores, coordenadores e diretores que procuram apenas perpetuar através da Educação uma cultura abstrata, exterior, onde implicitamente estão os fundamentos de uma errônea ontologia que justifica a discriminação social entre os que pensam e os que se ocupam de trabalho físico. Afinal, como já citei outras vezes, corpos e sentimentos não são bem-vindos na escola.

Quero chamar a atenção da figura do capitão que com seus mapas calcula e traça a rota da embarcação. Assim como os demais, ele apenas faz seu papel. Afinal é assim que se estabelecem as relações sob o prisma pelo qual o ser humano se aliena à cultura, abstendo-se da responsabilidade de apropriar-se dela. As distinções sociais se dão como uma realidade estática e imutável.

v.iii Novos mapas e novas bússolas para rotas complexas

Obrigar o olhar público é uma das formas de supremacia. [...] Domina-se daí. Olha-se de cima de alguma coisa. Mostra-se com soberania. Um poste, à vista de todo o universo, tem alguma analogia com um trono. (VICTOR HUGO, 2002, p.140)

Ora, todos os personagens aqui citados, embora estejam em grupos sociais distintos, se utilizam das mesmas idéias. Possuem uma mesma representação da realidade, ou seja, têm como referência um mesmo mapa e são norteados por uma mesma bússola. Assim, torna-se improvável que qualquer um dos personagens questione seu próprio papel, sua própria posição.

A não ser que, de alguma forma possamos alargar nossa visão obtendo mais clareza. A não ser que desobriguemos o nosso olhar, o nosso pensar, o nosso agir e reconhecamos a importância essencial da cultura como produto do existir do homem, de si para si. A não ser que ampliemos o mapa no qual está representada a realidade e que ousemos traçar novas rotas.

O medo do qual Paulo Freire fala em seu excerto, no início deste capítulo, deve ser comparado ao medo pelo qual passaram aventureiros em busca de mares nunca antes navegados e de terras jamais vistas. Aqueles que construíram novos mapas e alargaram os horizontes do mundo.

Para tanto, concepções mais abrangentes da realidade e do ser humano em si devem ser incorporadas ao nosso viver e aplicadas à Educação.

Tomar a cultura para si significa resgatar-se, reencontrar o humano do homem ao apropriar-se de sua existência. Segundo Álvaro Vieira Pinto (1979), a cultura deve ser tomada como *operação inteligente* exercida no mundo material, onde o ator reflete sobre sua ação aperfeiçoando-a, e simultaneamente *ideação operatória* na esfera do pensamento, onde enfim se estabelece uma finalidade maior, ou um sentido, à teoria e às idéias: a de servir de mediação entre práticas. “Chegará o momento em que a ciência será unificada pela ação conjunta, não mais contraditória, do pensador teórico e do trabalhador prático.” (PINTO, 1979, p.135)

Essa unificação da cultura e, conseqüentemente, do ser humano, em seu pensar e agir, com certeza produzirá uma nova realidade. É essa a nova rota que, como educadores, devemos traçar, ousando quebrar mitos e questionando uma realidade já pré-concebida.

A humanidade caminha para uma época de reunificação valorativa da cultura, manifestada não apenas no plano ético, pela extinção das atribuições depreciativas, mas também no plano epistemológico, pela formulação de uma compreensão unitária da ação do homem no mundo, dos produtos desta atividade, do seu uso social e das suas finalidades humanas. Esta concepção funda-se no conceito dialético do ser humano, a que se trava entre o seu projeto de criar-se a si mesmo e a realidade objetiva que tem de utilizar para esse fim. (PINTO, 1979, p.134,135)

É nesse ato de criação que o ser humano tornar-se Mestre da sua própria existência. Quando a Obra se faz Mestre e o Mestre torna-se sua própria Obra.

v.iv O Mar Quântico e a Tormenta

Os prenúncios de novas rotas e mapas já se espalham por todos os lados. As certezas, cada vez menos certas, já não são sólidas âncoras ou portos seguros dos novos mares. Wolfgang Weiser, precursor de uma nova Biologia, em 1959, no seu livro *Organismos, Estruturas e Máquinas*, já se perguntava a respeito da ilusória separação entre sujeito e objeto:

Quem poderia dizer que um componente não se torna definitivamente modificado no próprio momento em que é retirado de sua relação com o todo? (WEISER, 1972, p.12)

Soltos, agora, estamos todos, em um mar de incertezas (MORIN, 2002, p.209). Muitos ainda tentam fincar suas âncoras em algo sólido, em vão. E o mapa de um mundo cartesiano, desfaz-se, aos poucos.

Com ele, também devem ser desfeitos os currículos arcaicos, planos iludidos de uma realidade partida em centenas de pedaços. O mundo mecanicista esvai-se por entre os dedos da ciência que olha desamparada para um horizonte que não pretendia encarar.

[...] o problema está além das disciplinas, ele está inicialmente numa estrutura do pensamento e nos conceitos básicos que comandavam ou controlavam o conhecimento, particularmente o conhecimento científico, naquilo que podemos chamar de ciência clássica, mesmo que não possamos dar-lhe uma data de nascimento nem de morte. Na verdade, ela está morta, mas sempre vive. Bem, então o que é? É que havia três pilares de certeza. O primeiro pilar de certeza é a ordem: o mundo é ordenado, era uma herança da visão onde Deus, Ser perfeito, criou um mundo perfeito. Dizia-se então: o mundo é ordenado, obedece leis, obedece um determinismo absoluto e tudo o que está em desordem, tudo que parece vir do acaso, é apenas uma aparência, que vem da nossa ignorância atual. A desordem é intolerável.

O segundo pilar era a separabilidade. Descartes dizia: "Quando vejo um emaranhado de dificuldades, eu as isolo umas das outras e as resolvo umas depois das outras, assim

progrido na resolução do problema”. A idéia de que podemos conhecer de maneira separada, corresponde a um modo de pensar completamente normal, que é o pensamento analítico, mas que esquece o outro aspecto, a passagem da análise para síntese, da síntese para análise. A separação se espalhou, não apenas entre as ciências, ciência física, ciência biológica, ciência humana, mas no interior dessas ciências, na separação entre as disciplinas e sub-disciplinas e tudo se formou numa compartimentalização. [...] E depois, a separação se revelou entre o sujeito e o objeto, entre o observador e a observação. [...]

Dois, a separabilidade, e três, a pseudo-racionalidade, que podemos chamar de racionalização. (MORIN *in* RANDOM, 2000, p. 107-109)

Esses três pilares da certeza dos quais Morin se refere, ruíram a partir da evolução da própria ciência clássica.

O primeiro pilar, o da ordem, começou a cair a partir dos estudos da termodinâmica, mostrando que a ordem é apenas um estado de um infinito processo de ordem-desordem-organização (MORIN *in* RANDOM, 2000, p.109)

O segundo pilar, o da separabilidade, este foi atacado por todos os lados. A Teoria Geral dos Sistemas coloca que se há uma modificação em qualquer elemento do sistema, todo ele será afetado. E sendo esse sistema um elemento em outro sistema maior, como um sistema de sistemas, ele afetará o todo maior. Ou seja, o todo possui relações associativas e relacionais impossíveis de serem encontradas no estudo de cada uma de suas partes.

Além dessa relação, o pilar da separabilidade ainda teve outros pontos de vulnerabilidade. Como Morin nos diz:

O famoso “Paradoxo de Einstein-Podolsky-Rosen” foi experimentalmente provado por Aspect. É o que revela a experiência de Aspect em 1983, que mostra que existem de fato relações, e não comunicações por sinais, mas correlações, influências imediatas entre entidades microfísicas que num sentido já não estão separadas pelo tempo e espaço, onde já não existe um limite para toda relação entre corpos físicos, por exemplo, o da velocidade da luz. Isso nos mostra que tudo o que está separado é, ao mesmo tempo, inseparável. Portanto, inseparabilidade e separabilidade são duas faces do real.

Simultaneamente, subsiste o fato de que não podemos separar o observador da coisa observada. Nas relações de incerteza de Heisenberg o observador perturba a coisa observada. A Escola de Copenhague também diz: “Não conhecemos o real em si, conhecemos nossa relação com o real”. (MORIN *in* RANDOM, p. 110-111)

O terceiro pilar cai por terra quando percebemos que a lógica binária e linear, de causa-efeito, de A ou não-A, de indução ou dedução, de sim ou de não, de certo ou de

errado, é limitada por não dar espaço àquilo que chamamos de “terceiro excluído” da lógica clássica.

Lupasco, para expressar o que seria a dinâmica do que ele chama de “terceiro incluído”, que derruba com uma lógica simples e binária, excludente por natureza, nos diz:

O núcleo é positivo e os elétrons que giram ao redor do núcleo são negativos. Se a atração for forte demais, os elétrons se precipitam para o núcleo; inversamente, se a repulsão for forte demais os elétrons desaparecem e, nesse caso, o átomo deixa de existir. Para que o átomo exista, é preciso que haja ao mesmo tempo atração e repulsão dos constituintes do átomo, quer dizer do núcleo e dos elétrons. Isto também vale para uma molécula, para as células vivas do organismo, para os tecidos, etc. Há uma luta permanente entre a heterogeneidade vital e a homogeneidade física. (LUPASCO *apud* RANDOM, 2000,p.24-25)

A idéia do terceiro incluído é um fenômeno que se processa em qualquer relação que apenas visivelmente é dual, bipolar. A lógica binária nos diz que existe um elemento “A” e que, para ser “A”, obriga a existência daquilo que é “não-A”. Essa é a demonstração da relação excludente implícita à uma lógica binária.

A partir da lógica ternária, com o terceiro incluído, teríamos o elemento A, o não-A e o T, que é ao mesmo tempo A e não-A como também não é nenhum dos dois isoladamente. O elemento T (de terceiro incluído) é um elemento relacional que existe nos dois primeiros elementos e ao mesmo tempo em nenhum deles separadamente.

De certo modo, ao século passado interessava a imagem de um processo linear. Era agradável pensar que a complexidade do mundo com todas suas transformações podia se reduzir finalmente a um número, por assim dizer, de peças definidas, acabadas, palpáveis. Haviam passado as épocas de coerência mística em que tudo se vinculava com tudo de alguma forma, e se vivia, sob o amparo da concepção ideal de Newton, num mundo de corpos esféricos, cujas trajetórias são predizíveis e de acontecimentos B que indefectivelmente sucedem a acontecimentos A. (WEISER, 1972, p.11-12).

O que, agora, a ciência clássica faz com suas novas descobertas? Como ousar nesse novo mar, sem bússolas e mapas para guiar-nos ou um capitão para ditar-nos as ordens?

As limitações da ciência clássica nos confortava, nos protegia, como uma voz sonora e materna cantando: “o mundo é bom, não tenha medo!”. Tamanha proteção acabou por construir muros e mais muros, verdadeiras grades sólidas emolduravam nossas mentes e nosso agir.

[...] essa moldura era de tal forma estreita e rígida que era difícil encontrar-se lugar, nessa delimitação abusiva, para muitos conceitos, de nossa linguagem comum, que sempre pertenceram à essência de sua substância; exemplificando: os conceitos de mente, alma e vida. (HEISENBERG, 1999, p.273)

A física moderna, pode, no entanto, nos ajudar a delinear um novo mapa. Um mapa mais de religações que de disjunções. Com caminhos e rotas complexos, sem a pretensão linear da “rota certa”. Com delimitações precisas de continentes e ilhas, mas tendo sempre em vista a efemeridade dos fatos e as emergências dos caminhos.

Uma ansiedade cartesiana flui através das academias e chega quase que inconscientemente à política, à economia, às Tradições iniciando um processo desesperado tentando conter a enxurrada, segurando e defendendo com garras e dentes seus valores. Nesse contexto, as tensões começam a aparecer mais fortemente.

[...] talvez possamos afirmar que a física moderna é tão somente uma parte, mas muito característica, de um processo histórico geral que tende a uma unificação, a um alargamento do nosso mundo presente. Esse processo tenderia, por si só, a diminuir as tensões culturais e políticas que põem em perigo a nossa época. Ele, todavia, é acompanhado por um outro processo que age em sentido oposto. [...] E, assim, aumenta a instabilidade dessa situação transitória. A física moderna, possivelmente, tem somente um papel secundário nesse processo difícil de unificação. Ela porém, poderá ajudar, em dois pontos decisivos, a guiar essa evolução por caminhos menos tormentosos. Primeiro, ela mostra que o recurso às armas, nesse processo, seria fatalmente desastroso e, segundo, por sua atitude aberta, em face de todos os tipos de conceitos, faz renascer a esperança de que, no estado final de unificação, tradições culturais distintas possam viver lado a lado, podendo mesmo combinar diferentes tentativas humanas em um novo equilíbrio entre pensamento e ação, entre atividade e meditação. (HEISENBERG, 1999, p.284-285)

A ciência, que fundou tanta separação, é hoje, fonte de possibilidades de religações. Agora ela chama a atenção para os erros cometidos: Hiroshima nunca mais... Mas a ansiedade política e econômica é ainda muito maior que as evidências científicas que dizem que não escaparíamos de uma guerra nuclear. A vida social permanece em um movimento de inércia que, ao mesmo tempo que continua um movimento anterior, resiste a esse próprio movimento.

O paradigma-rei da ordem deixou por toda a parte de ser operacional, mas a lógica complexa (de complementaridade, concorrência, antagonismo), entre ordem, desordem e organização não se inscreveu nem enraizou de modo nenhum em paradigma. Vemos por toda a parte que já não há unidade elementar simples, mas o paradigma reducionista

continua a funcionar no vazio, como um autômato programado há séculos num planeta que tenha ficado deserto. (MORIN, 2002, p.207)

Essa crise atual, entre um paradigma já imposto e rígido, que há séculos nos alimenta, e novas idéias e práticas que ainda não se configuram enquanto paradigma corporificado, produz uma tensão incrível, como Heisenberg e Morin nos coloca. O fato é que o paradigma cartesiano e mecanicista ou seja, o chamado Grande Paradigma do Ocidente, está com sua estrutura teórica fundamental ruída, mas ainda fortemente vivo na prática das relações sociais, entre o ser humano e a natureza e do ser humano consigo próprio.

A Natureza também avisa. Por todos os lados ela nos dá sinais de exaustão. Desde a Revolução Industrial, o fenômeno do Efeito Estufa atinge níveis cada vez maiores, ao ponto, de atualmente, nos depararmos com o Aquecimento Global que põe em risco a vida de milhões de pessoas e outros seres vivos, a curto prazo. Com o desenvolvimento cada vez maior da economia, assentada em uma matriz energética fóssil, desde 1970, a emissão de gases de Efeito Estufa cresceu desordenadamente.

De acordo com o relatório do Terceiro Grupo de Estudos do IPCC, de 4 de maio de 2007, menos de 20% da população mundial, referente à população dos chamados países desenvolvidos, são responsáveis por mais de 46% das emissões de gases de efeito estufa e mais de 57% do PIB mundial. Ou seja, os países subdesenvolvidos e em desenvolvimento são aqueles que menos poluem e estragam a Natureza, mas, ao mesmo tempo, são os que estão mais vulneráveis às conseqüências do Aquecimento Global.

Dentre as conseqüências do Aquecimento Global podemos citar a partir do relatório do Segundo Grupo de Estudos do IPCC (2007):

É muito provável que os recursos hídricos diminuam de 10 a 30%. Os ecossistemas experimentarão perda de espécies (de 20 a 30% das atuais espécies ameaçadas de extinção). Em latitudes baixas, a diminuição da produtividade agrícola pode ocorrer com mudanças de temperatura entre 1 e 2 °C. Se houver aumento superior a 3 °C é provável que a produtividade diminua na maioria das regiões do planeta.

A mudança climática pode conduzir as áreas de clima seco a um processo de salinização e desertificação de terras agrícolas. Na região leste da Amazônia é provável que a floresta seja substituída por vegetação de savana.

A mudança prevista dos padrões de precipitação e o possível desaparecimento das regiões geladas das cadeias montanhosas da América Latina afetarão a disponibilidade de água para consumo humano, para a agricultura e para a geração de energia.

As zonas costeiras estão ameaçadas pela elevação do nível do mar que conduziria a uma significativa perda do solo costeiro e ao constante risco de inundação para milhões de pessoas no fim deste século. O aumento da temperatura dos oceanos afetará negativamente os recifes de corais e a produção pesqueira regional.

Alguns sistemas, setores e regiões estão predispostos a serem especialmente afetados pela mudança climática.

Os setores mais vulneráveis são:

- . Alguns ecossistemas
 - terrestres: tundra, florestas boreais, ecossistemas de montanhas e região mediterrânea.
 - costeiros: mangues
 - oceânicos: recifes de coral e bioma dos oceanos gelados
- . Regiões costeiras abaixo do nível do mar devido à elevação do nível do mar e aumento da ocorrência de eventos climáticos extremos
- . Reservas de água em regiões de média latitude e regiões tropicais áridas, devido à diminuição da precipitação e elevadas taxas de evapotranspiração.
- . A agricultura das regiões de baixa latitude devido à reduzida disponibilidade de água.
- . A saúde humana nas regiões com baixa capacidade adaptativa, atingindo principalmente crianças e idosos. (IPCC, 2007)

Se faz urgente uma reaproximação do ser humano com a Natureza a fim de que se possa construir meios sustentáveis para se viver no planeta Terra.

v.v Novas Embarcações: a Escola Eco-sistêmica e Transdisciplinar

O Grande Paradigma Ocidental foi se incorporando ao longo da Modernidade na nossa cultura, nos nossos fazeres, no nosso pensar e utilizou-se de uma grande ferramenta para sua pretensa (e não conquistada) liberdade: a instituição escolar. Através da Escola, ao longo da Modernidade, o pensamento cartesiano-mecanicista, o Grande Paradigma do Ocidente, aprofundou cada vez mais suas raízes, ao ponto de, hoje em dia, agir imperceptivelmente no interior dos nossos seres.

A Transdisciplinaridade e o Pensamento Eco-sistêmico são novos mapas e novas bússolas para navegarmos nos mares de um novo paradigma. Contudo não podemos esperar desses instrumentos a precisão de indicar, exatamente, a localização dos continentes, portos e ilhas, porque para navegar nestes novos mares, saber conviver com as incertezas é fundamental.

Foucault nos coloca:

A disciplina, que era eficaz para manter o poder, perdeu uma parte da sua eficácia. Nos países industrializados, as disciplinas entram em crise. [...] Há quatro, cinco séculos, considerava-se que o desenvolvimento da sociedade ocidental dependia da eficácia do

poder em preencher sua função. Por exemplo, importava na família como a autoridade do pai ou dos pais controlava os comportamentos dos filhos. Se esse mecanismo se quebrava, a sociedade desmoronava. O assunto importante era como o indivíduo obedecia. Nesses últimos anos, a sociedade mudou e os indivíduos também; eles são cada vez mais diversos, diferentes e independentes. Há cada vez mais categorias de pessoas que não estão submetidas à disciplina, de tal forma que somos obrigados a pensar o desenvolvimento de uma sociedade sem disciplina. A classe dirigente continua impregnada da antiga técnica. Mas é evidente que devemos nos separar, no futuro, da sociedade de disciplina de hoje. (FOUCAULT, 2003, p.268)

Para caminharmos rumo a um novo tipo de sociedade, contudo, não poderemos nos apoiar no mesmo substrato de uma antiga sociedade moderna que tenta a todo custo manter intactos seus alicerces já ruídos. É claro que nesse processo de queda de pilares, somos obrigados, como Foucault nos coloca, a vislumbrar uma sociedade sem disciplina. Porém, devemos fugir das armadilhas de uma dualidade proposta e imposta por uma ordem cartesiana. Portanto, essa nova sociedade, distante da sociedade de disciplina de hoje, não seria uma sociedade sem disciplina, justamente para não reforçar o caráter dualista presente nessa intenção. Por isso, a necessidade de uma sociedade transdisciplinar, no contexto de uma sociedade que se distingue da sociedade de disciplina, transgredindo-a e, ao mesmo tempo incorporando-a, antropofagicamente, sem utilizar-se de uma lógica binária cartesiana e excludente e sim, de uma lógica ternária que transcende a bipolaridade.

As novas teorias necessitam de práticas a fim que possam encontrar o corpo necessário para se constituírem efetivamente em um novo paradigma. Nesses novos mares, com novos mapas e bússolas, que não pretendem a ordenação da realidade, e sim a legitimação de múltiplas realidades, devemos construir uma nova embarcação: a Escola Transdisciplinar. Mas, como ela se configuraria?

O projeto de pesquisa internacional, *“Investigar e Innovar bajo la mirada Transdisciplinar”* (TORRE & MORAES, 2007), coordenado pela Professora Maria Cândida Moraes (PUC-SP e Universidade Católica de Brasília) e pelo Professor Santurnino de la Torre (Universitat de Barcelona), através da Rede Internacional da Ecologia dos Saberes (*Red Internacional de Ecología de los Saberes*) propõe justamente essa incorporação prática de um paradigma educacional emergente: *“¿Cómo llevar a la práctica la mirada transdisciplinar para una enseñanza creativa y de calidad?”*

O que faremos, em educação, quando os conteúdos da “grade” curricular romperam as grades existentes e brincam de pular de sela em sela disciplinar? Esses

conteúdos indisciplinados, já sabem que não são assim tão separados. Nem são mais aqueles saberes imutáveis e eternos dispostos tão ordenadamente ao longo dos anos. Também não moram mais somente na razão: permearam corpos e corações. E agora?

A didática, então, como sobreviveria a um naufrágio nesse mar turbulento? Alunos e conhecimento não são mais peças separadas? Um influencia o outro? E as salas de aulas invadidas por corpos de alunos, quando antes eles deixavam seus corpos sentados ordenadamente nas carteiras e somente suas mentes fugiam livres em pensamento? E agora, o que um professor vai fazer numa sala de aula repleta de alunos que têm corpo e coração?

Da avaliação, então, o que restaria? O que ela avaliaria? Para que avaliaria? Para quem?

Daqui se delineiam as tarefas de uma nova maneira de se observar os fenômenos. Estudar-se-ão não mais os elementos isolados, mas as ações dos elementos entre si; não as propriedades de processos soltos, mas as propriedades de totalidades. (WEISER, 1972, p. 12)

Não poderemos, contudo, cair novamente na polaridade extrema, acreditando que todo o desenvolvimento da ciência moderna de nada serviu. Não devemos desprezar as disciplinas, apenas não seremos mais subordinados ou limitados a elas. Não devemos arruinar a ordem, apenas ampliamos a percepção acerca dela, enxergando-a como efêmera e inconclusa por essência. Por isso, não devemos evitar as emergências e acasos. Não deixaremos de analisar e classificar, mas sabendo das limitações que essas operações mentais nos remetem, e por isso mesmo, sempre buscarmos relações, religações e associações daquilo que foi analisado.

Como já insinuei, podem-se racionalizar desta maneira ações e processos biológicos individuais; da mesma forma, podem ser destacados de seus veículos orgânicos sem perder sua identidade. É possível, assim, manipular numerosos reflexos e circuitos configuracionais (Gestaltkreis); a deglutição, o andar, o falar, o espirrar, etc., cada um em seu nível específico. Todavia, existem paralelamente propriedades e ações que não podem ser destacadas de seus vínculos orgânicos, que são compreensíveis só como produto do organismo intacto. Como se comporta, por exemplo, um enamorado? Como querer desagregar a imagem total de comportamento e expressão aqui presente? Temos vivência do amor e experimentamos seus efeitos, mas não podemos compreendê-lo, isto é, racionalizá-lo nem mesmo a nível do comportamento. Ou seja, não podemos sequer descrevê-lo com precisão. Como querer, então, projetar e construir uma máquina que mostre aquelas reações segundo as quais deveríamos dizer que ela ama? Pode-se seguramente conferir a uma máquina a capacidade de elaborar versos de amor e,

mesmo, de ruborizar-se à passagem de uma jovem. Mas todas essas formas de comportamento estarão tão distantes da pluralidade das relações possíveis através das quais se manifesta ou pode manifestar-se o amor, como os sons que um gato provoca ao passear sobre o teclado de um piano o estão do mundo musical de Mozart. (WEISER, 1972, p.21).

A contemporaneidade carece de novos referenciais práticos em educação. A ciência necessita adentrar os corredores escolares, atingindo a prática do professor em sala de aula.

Eis aqui, enfim, a pretensa relevância do trabalho, em termos científicos e sociais: analisar sob a luz de uma perspectiva teórica transdisciplinar e eco-sistêmica a prática inovadora e transgressora de 26 anos da Escola VILA.

Não poderíamos, tendo como base um novo paradigma, deixar de salientar a relevância de uma possível prática efetiva, já que em seu substrato teoria e prática são aspectos indissociáveis e necessários no processo significativo de evolução para ambos.

vi. Reunindo fragmentos: Metodologia

vi.i A Teoria Fundamentada

Para a presente pesquisa, optei pela metodologia da Teoria Fundamentada (GLASER & STRAUSS, 1967) utilizando-me de uma abordagem Eco-sistêmica.

A Grounded Theory, iniciada por Barney Glaser e Anselm Strauss em 1967, já possui, portanto, 40 anos de desenvolvimento e enquadra-se sob o chamado paradigma qualitativo em pesquisa. A Grounded Theory foi traduzida para o português como Teoria Fundamentada nos dados ou Teoria Embasada. Tem como objetivo a construção de uma teoria partindo-se da categorização sistemática e relacional de palavras e ações dos indivíduos estudados em seus contextos. Foi desenvolvido, inicialmente, por ambos os autores, na Universidade da Califórnia, em São Francisco, quando estudavam a morte de doentes terminais em contexto hospitalar.

Seguindo-se aos princípios da metodologia qualitativa, a teoria fundamentada nos dados é uma metodologia de campo que objetiva gerar construtos teóricos que explicam ação no contexto social sob estudo. O investigador procura processos que estão acontecendo na cena social, partindo de uma série de hipóteses, que, unidas uma às outras, podem explicar o fenômeno, combinando abordagens indutivas e dedutivas. (CASSIANI, CALIRI & PELÁ, 1996)

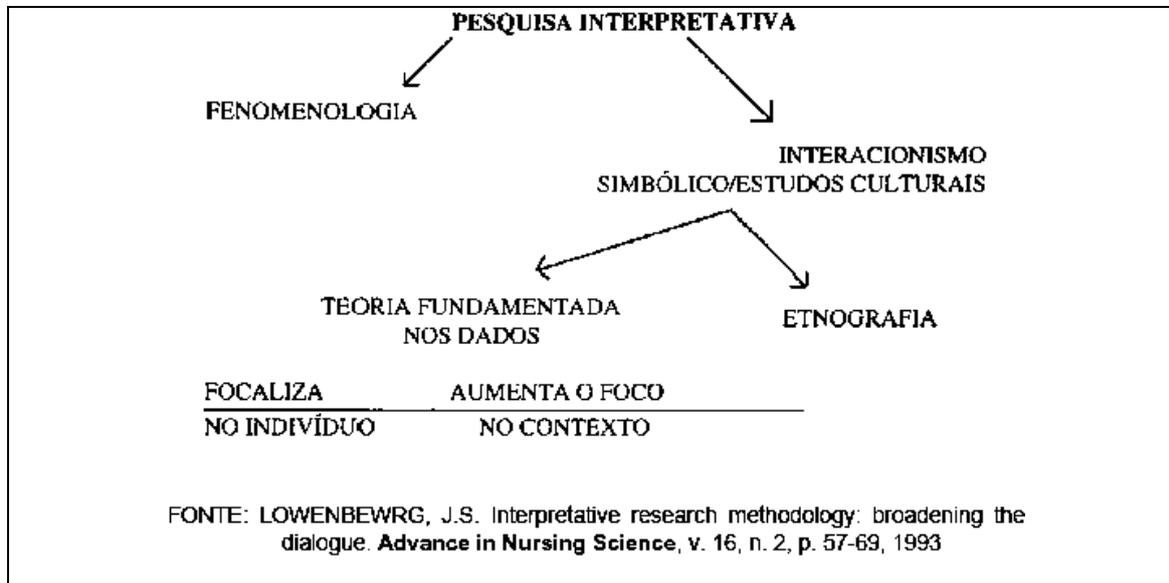
Essas hipóteses emergem no próprio processo de pesquisa, e são interrelacionadas pelo pesquisador, formando categorias.

No Brasil, embora essa metodologia não tenha uma ampla aplicação por parte dos pesquisadores, já temos um significativo acervo de trabalhos de pesquisa que utilizaram-se da Teoria Fundamentada, principalmente relacionados às áreas de sociologia, psicologia e enfermagem (BIANCHI & IKEDA, 2006, p.2).

O método sofre forte influência do interacionismo simbólico, uma perspectiva metodológica frequentemente discutida na literatura de sociologia e de psicologia social que compreende observar e entender o comportamento a partir do ponto de vista dos participantes; aprender sobre o mundo dos participantes, suas interpretações de si mesmos no contexto de determinadas interações e sobre as propriedades dinâmicas das interações (LOCKE, 2001 *apud* BIANCHI & IKEDA, 2006, p.2).

O interacionismo simbólico, por sua vez, é uma variante das pesquisas interpretativas. O quadro a seguir nos mostra a Teoria Fundamentada sendo relacionada à etnografia que também é considerada uma metodologia de pesquisa interpretativa no bloco do interacionismo simbólico. Essas duas metodologias têm um

caráter interacionista, voltado para o conhecimento da percepção da realidade dos sujeitos estudados, reunindo, inclusive, aspectos da fenomenologia. O estudo se embasaria na maneira como os sujeitos envolvidos representam sua realidade no contexto social onde vivem.



Quadro 2 : Pesquisa Interpretativa e Teoria Fundamental nos Dados

Há dois pressupostos da Teoria Fundamental que seriam necessários colocar para um melhor entendimento da metodologia. O primeiro é com relação ao processo de pesquisa que encara pesquisador, realidade e teoria como entidades contínuas e intrínsecas, onde o pesquisador interage com a realidade e dá forma à teoria de maneira contínua ao longo do tempo e processo. (FERNANDES & MAIA, 2001 *apud* BIANCHI & IKEDA, 2006, p.5). O segundo é que “a teoria evolui durante o processo de pesquisa e é o resultado de contínua interpolação de dados e análise” (GOULDING, 1998 *apud* BIANCHI & IKEDA, 2006, p.5).

Segundo Cassiani, Caliri & Pelá (1996, p.8), “em desenvolvendo a teoria fundamentada nos dados, tentamos obter a complexidade e o movimento que só é possível no mundo real, embora saibamos não sermos capazes de visualizá-lo totalmente.”

Ao longo do tempo, Glaser e Strauss encontraram divergências a respeito de seus respectivos pontos de vista em relação à posição e ao grau de interferência do pesquisador em sua pesquisa. Esse fato fez com que eles seguissem correntes distintas da mesma metodologia conseguindo adeptos para ambos os procedimentos. Para Bianki & Ikeda (2006, p.8), “Glaser propõe um método que traz mais riscos e é menos focado, enquanto Strauss pode ser visto como mais mecanicista e inflexível.”

A Teoria Fundamentada foi originalmente desenvolvida por Glaser e Strauss (1967), e foi sendo ampliada em várias direções, por Glaser (1978, 2000, 2002) e por Strauss (1987). Strauss e Corbin (1990, 1998) desenvolveram procedimentos detalhados a serem seguidos por quem pretende utilizar-se da Teoria Fundamentada, enquanto que Glaser se distanciou de Strauss e Corbin, argumentando que estes últimos haviam levado o método à “uma descrição forçada, total e conceitual”, oposta a uma Teoria Fundamentada “emergente” (Ekins, 1998). (JONES, MANZELLI & PECHENY, 2004, p. 3)

La teoría fundamentada fue originalmente desarrollada por Glaser y Strauss (1967), y se fue ampliando en diferentes direcciones por Glaser (1978, 2000, 2002) y por Strauss (1987). Strauss y Corbin (1990, 1998) desarrollaron procedimientos detallados a seguir por quienes utilizan la teoría fundamentada, mientras que Glaser se distanció de Strauss y Corbin argumentando que estos últimos habían llevado al método al área de “una descripción forzada, total y conceptual” , como opuesta a la teoría fundamentada “emergente” (Ekins, 1998). (JONES, MANZELLI & PECHENY, 2004, p. 3)

O quadro abaixo reflete de forma sintética os principais pontos de divergência entre a Teoria Fundamentada segundo Glaser e segundo Strauss.

Glaser	Strauss e Corbin
1. Duas questões essenciais: <ul style="list-style-type: none"> • Qual são as principais pessoas do problema/preocupação na área em estudo? • Em qual categoria a preocupação se encaixa? O problema de pesquisa é inteiramente dependente da pesquisa e das percepções dos atores depois que o pesquisador iniciou a pesquisa.	1. A questão de pesquisa é uma afirmação que identifica o fenômeno a ser estudado. O pesquisador pré determina o assunto geral de investigação antes de iniciar a pesquisa.
2. Método analítico mais geral na estrutura de referência	2. Etapas de análise mais estruturadas
3. O problema emerge e não deve ser “forçada” pela metodologia. Categorias e suas propriedades “emergem” pela comparação constante de incidentes, percepções, relacionamentos e questões. O objetivo é o de identificar inconsistências, contradições, lacunas nos dados emergindo o consenso nos aspectos chaves e relacionamentos.	3. Pesquisadores necessitam de ajuda no processo de interpretação: é preciso explicar os procedimentos e técnicas. Subcategorias são ligadas a categorias que denotam um conjunto de relacionamentos, isto é, condições causais, estratégias de ação/interação, e conseqüências
4. Pode ser difícil de operacionalizar	4. Mais fácil de operacionalizar
5. Gera conceitos e seus relacionamentos para explicar e/ou interpretar variações no comportamento na área substantiva em estudo	5. Gera uma teoria derivada indutivamente sobre um fenômeno incluindo conceitos interrelacionados
6. Produz uma formulação teórica ou conjunto de hipóteses conceituais. Teste é deixado para outros pesquisadores interessados no trabalho	6. Encarrega-se de verificação e teste constante para determinar provável validade de conceitos e relacionamentos entre eles.

Fonte: PARKER, Lee D.; ROFFEY, Bet H. *apud* BIANCHI & IKEDA, 2006, p.7

Quadro 3: A Teoria Fundamentada de Glaser X Strauss

vi.ii Teoria Fundamentada com abordagem Eco-sistêmica

Para optar entre esses dois aspectos da Teoria Fundamentada devo relacioná-los aos aspectos de uma abordagem Eco-sistêmica.

Maria Cândida Moraes (2007, p.11-16), a partir dos seus estudos fundamentando o Pensamento Eco-sistêmico em conjunto com o Pensamento Complexo de Morin, nos enumera alguns aspectos significativos da pesquisa a partir da complexidade constitutiva do Pensamento Eco-sistêmico:

Maior atenção ao contexto

Todo e qualquer fenômeno humano e social acontece em contextos específicos. Segundo Maturana (MATURANA, 1999 *apud* MORAES, 2007, p.11), o objeto não pode ser separado de seu contexto natural, de seu domínio de existência.

Por ser um fenômeno complexo e multidimensional, é importante lembrar que a realidade e suas circunstâncias não se repetem. Elas se reconstróem, em função das mudanças estruturais internas decorrentes de processos auto-organizadores que vão acontecendo a partir das relações. (MORAES, 2007, p. 12)

A Teoria Fundamentada reforça a idéia da importância do contexto por ser uma proposta de construção de idéias, teorias e conceitos a partir dos próprios indivíduos. A T.F. (Teoria Fundamentada), segundo Glaser, também não tem a pretensão de ser refutada ou confirmada, apenas realiza uma tradução, de todas as possíveis, de alguma realidade específica dentro de seu contexto, partindo das ações e palavras dos sujeitos envolvidos.

Este método não pretende produzir teorias formais e sim, teorizar sobre problemas concretos que podem adquirir categoria superior na medida que se agreguem novos estudos de outras áreas substanciais ou, dito de outra forma, o investigador não pretenderá provar suas idéias ao gerar teoria fundamentada, e sim, demonstrar que são plausíveis. (AMEZCUA & TORO, 2002, p. 14)

Este método no persigue producir teorías formales, sino más bien teorizar sobre problemas muy concretos que podrán adquirir categoría superior en la medida en que se le agreguen nuevos estudios de otras áreas sustanciales o, dicho de otro modo, el investigador no pretenderá probar sus ideas al generar teoría fundamentada, sino sólo demostrar que son plausibles. (AMEZCUA & TORO, 2002, p. 14)

Caráter interpretativo da realidade complexa

Segundo Moraes (2007, p.12), “todo e qualquer conhecimento é sempre uma das possíveis interpretações da realidade e não sua representação fiel.”

A teoria está assentada ou fundamentada nos dados, não num corpo existente de teoria, embora possa englobar diversas outras teorias, não se pretendendo rechaçar ou provar, mas sim acrescentar novas perspectivas ao entendimento do fenômeno. (CASSIANI, CALIRI & PELÁ, 1996, p.3)

A Teoria Fundamentada de Glaser tem uma significativa distinção com a T. F. de Strauss & Corbin, com relação à pretensão do resultado da pesquisa. Para Strauss & Corbin, a pesquisa deve ser verificável e constantemente testada pelo próprio pesquisador a fim de promover uma validação e conseqüente formalização da teoria. Para Glaser o objetivo último da T. F. não é criar uma teoria irrefutável, assumindo assim, o caráter particular e provisório das formulações teóricas ou hipóteses conceituais.

Resgate da subjetividade e da intersubjetividade na pesquisa

Para Moraes,

Todo pesquisador é um participante engajado e co-implicado no processo, esteja ele consciente ou não. É um sujeito que também aprende e se transforma em sua relação com o objeto e interfere nele, por mais que pretenda ser objetivo em suas ações e reflexões. Entre os dois existirá sempre interpenetração sistêmica, co-implicação em termos de energia, matéria ou informação. (MORAES, 2007, p. 12)

A T. F. reconhece o papel implícito na pesquisa do próprio pesquisador. A aproximação entre pesquisador, realidade, sujeitos do contexto da pesquisa e teoria se faz necessária e é desse contexto de interpenetração sistêmica que emerge e se desenvolve o problema da pesquisa, bem como suas construções teóricas.

A teoria fundamentada é um enfoque de pesquisa que requer uma aproximação íntima à área de estudo e que leva essa apreciação íntima à produção da análise teórica. (JONES, MANZELLI & PECHENY, 2004, p. 3)

La teoría fundamentada es un enfoque de investigación que requiere un acercamiento íntimo al área de estudio, y que lleva esa apreciación íntima a los términos de análisis teórico. (JONES, MANZELLI & PECHENY, 2004, p. 3)

Realidade multidimensional

Segundo Moraes,

Tanto o sujeito quanto o objeto, no caso desse último ser representado pela realidade, são constituídos por diferentes dimensões ou níveis de realidade. Privilegiar somente um deles implica reducionismo, o que prejudicaria a sua leitura ao fragmentar uma realidade que não pode ser fragmentada, como é o caso da natureza multidimensional do sujeito e dos fenômenos sociais. Daí a importância de se procurar conhecer, através da pesquisa, a dinâmica relacional caracterizadora do todo e não apenas de uma das partes isoladas, pois ao analisar somente as partes de um fenômeno, isoladamente, perdem-se a visão de conjunto e a qualidade das propriedades emergentes. (MORAES, 2007, p.13)

Na T. F., o pesquisador pode se dispor de diferentes meios para obtenção de dados, através dos sujeitos inseridos na pesquisa. Isso confere uma grande flexibilidade para o pesquisador que procura, desta forma, abranger de forma multidimensional a realidade do contexto da pesquisa. Há também, neste tipo de metodologia, um constante movimento do todo para as partes e das partes para o todo. É um processo de análise e síntese, recursivo e sistemático.

A forma de coleta de dados sugerida pela grounded theory é um apanhado de várias outras técnicas qualitativas: entrevistas, análise de discursos, estudo de casos, análise de memorandos e outros documentos já escritos. Glaser (1978) apud Goulding (2001) coloca que material de suporte já redigido é muito útil, já que o processo de comparações se baseia na real escolha e explicitação das palavras por parte dos envolvidos como elementos de estudo e, no caso, com material já escrito, é minimizado o viés por parte do pesquisador. Os dados coletados são desmembrados, analisados e comparados, sucessivamente. A comparação de diferenças e similaridades entre incidentes observados nos dados coletados é que promove a diretriz para a busca de novos dados. (BIANCHI & IKEDA, 2006, p. 13)

Incerteza como caráter permanente de busca científica e maior atenção às emergências

Probabilidade, acaso, causalidade, complexidade, dinâmica não-linear, emergências são os novos termos que a pesquisa educacional precisa também levar em conta, pois existem acontecimentos aleatórios e não aleatórios, como também causais e determinísticos, embora estes possam também estar sujeitos às perturbações aleatórias menores. [...]

Daí a importância, em pesquisa, de se registrar não só as regularidades, mas também os erros e as falhas cometidas, os desafios, as surpresas, os impasses, as bifurcações representadas pelos encaminhamentos e soluções adotadas. Enfim, registrar tudo o que acontece de importante na pesquisa e que provoca ou requer processos de auto-organização, tanto por parte do pesquisador, como do objeto pesquisado. Não se pode,

como pesquisador, desconhecer ou trair a complexidade dos fenômenos. (MORAES, 2007, p. 13)

A Teoria Fundamentada “emergente” é aquela defendida por Glaser, onde o pesquisador deve estar aberto às emergências e acasos no processo de investigação. Tanto o problema como as próprias teorias geradas ou hipóteses conceituais, são decorrentes de uma situação de emergência. Para Glaser, e isso é a principal diferença entre a sua fundamentação da T.F. e a realizada por Strauss & Corbin, o pesquisador deve estar, desde o início, em permanente posição de abertura, com o mínimo de idéias e teorias pré-concebidas afetando o processo de investigação.

Glaser define o pesquisador da Teoria Fundamentada como um pesquisador que possui uma “*Theoretical Sensitivity*”:

A capacidade de gerar conceitos a partir de dados e relacioná-los, de acordo com modelos teóricos gerais, e com teorias em desenvolvimento em sociologia, em especial, é a essência da sensibilidade teórica. Gerar uma teoria fundamentada em dados significa que a maior parte das hipóteses e conceitos não vêm somente dos dados, mas são sistematicamente elaboradas em relação a esses dados durante o processo da pesquisa. Um pesquisador necessita de duas características essenciais para o desenvolvimento de uma sensibilidade teórica. Primeiro, ele ou ela deve ter características pessoais e temperamentais para manter a distância analítica, tolerar confusão e regressões, embora permanecendo aberto, confiando em um processo “preconsciente” e de emergência conceitual. Em segundo lugar, ele / ela deve ter a capacidade de desenvolver *insights* teóricos na área de investigação, como também, a capacidade de fazer algo a partir dessas compreensões. Ele / ela deve ter a capacidade de conceitualizar e organizar, fazer conexões, resumo, visualizar e pensar multivariadamente. O primeiro passo na conquista da sensibilidade teórica está ao começar a configuração da pesquisa com o menor número possível de idéias predeterminadas- especialmente prévias deduções lógicas de hipóteses. O problema e sua delimitação são descobertos durante a pesquisa. (GLASER, 2004, p.16)

The ability to generate concepts from data and to relate them according to normal models of theory in general, and theory development in sociology in particular, is the essence of theoretical sensitivity. Generating a theory from data means that most hypotheses and concepts not only come from the data, but are systematically worked out in relation to the data during the course of the research. A researcher requires two essential characteristics for the development of theoretical sensitivity. First, he or she must have the personal and temperamental bent to maintain analytic distance, tolerate confusion and regression while remaining open, trusting to preconscious processing and to conceptual emergence. Second, he/she must have the ability to develop theoretical insight into the area of research combined with the ability to make something of these insights. He/she must have the ability to conceptualize and organize, make abstract connections, visualize and think multivariately. The first step in gaining theoretical sensitivity is to enter the research setting

with as few predetermined ideas as possible—especially logically deduced, a priori hypotheses. The research problem and its delimitation are discovered. (GLASER, 2004, p.16)

Cassiani, Caliri & Pelá (1996, p.5) demonstram algumas "dicas" sugeridas por estudiosos para se proceder ao processo de pesquisa, a fim de não perder aquilo que emerge da T.F.:

[...] os estudiosos sugerem analisar os dados linha por linha, constantemente, codificado cada sentença, ou palavra, ou parágrafo; sempre interromper a codificação para anotar uma idéia que tenha emergido (memos) e não assumir a relevância analítica de qualquer variável até que ela apareça como relevante.

Os memorandos ou memos são elementos imprescindíveis na elaboração de uma teoria fundamentada nos dados. Os memorandos são uma forma de registro referente à formulação da teoria e podem tomar as formas de notas teóricas, notas metodológicas, notas codificadas e subvariedade delas.

[...]

Os memorandos são analisados da mesma maneira que as unidades de análise e incorporados ao paradigma de análise ou ao texto do relatório como notas teóricas ou metodológicas. (CASSIANI, CALIRI & PELÁ, 1996, p.5)

A partir da comparação dos aspectos relacionados da Teoria Fundamentada associados aos pressupostos de uma pesquisa qualitativa com base no Pensamento Eco-sistêmico de Moraes e no Pensamento Complexo de Morin, chega-se à definição para adoção como método para o presente trabalho de pesquisa, o viés de Glaser da Teoria Fundamentada. Este é um viés que, embora seja mais difícil de ser empregado, justamente por comportar um grau de complexidade maior, abrange características essenciais para uma pesquisa que tem uma abordagem eco-sistêmica: abertura às emergências, tolerância às incertezas e um processo recursivo e sistemático de movimentos da análise para síntese e da síntese para análise.

vi.iii Contexto da pesquisa e procedimentos

A pesquisa se dará com pelo menos 20 alunos egressos que tenham estudado na Escola VILA pelo menos 5 anos e também que já tenham conquistado a maioridade. Dar-se-á preferência aos alunos que já compõem família, e àqueles que sejam universitários ou já tenham se graduado.

O processo de pesquisa da Teoria Fundamentada se dá em algumas etapas, sempre num processo contínuo de análise e de ligações, formando categorias e categorias de categorias a fim de que se possa abstrair conceitos e teorias. Essas etapas são descritas a seguir:

Tudo são dados

Para iniciar uma pesquisa utilizando-se da Teoria Fundamentada, é necessário estar em uma posição extremamente aberta. Deve-se ter uma escuta extremamente sensível e focada nos sujeitos participantes da pesquisa, e não, no problema pré-concebido da pesquisa.

A ordem é manter-se aberto ao que está realmente acontecendo e não começar uma filtragem de dados através de hipóteses pré-concebidas e tendências na escuta e na observação e, assim, descobrir a principal preocupação dos participantes no campo e como se resolver esta preocupação. (GLASER, 2004, p.17)

The mandate is to remain open to what is actually happening and not to start filtering data through pre-conceived hypotheses and biases to listen and observe and thereby discover the main concern of the participants in the field and how they resolve this concern. (GLASER, 2004, p.17)

A partir desses dados, o pesquisador inicia um processo de codificação, relacionando dados que podem, inclusive, aparentemente, serem bastante díspares. Verifica-se o movimento recursivo e sistemático de análise e de síntese presente na T.F.

Para gerar os dados, pode-se utilizar de diferentes estratégias como entrevistas, dinâmicas de grupo, expressões visuais como desenhos e esculturas.

Codificação aberta

O primeiro passo de codificação é a Codificação Aberta, quando o pesquisador mais deve estar livre de idéias e teorias pré-concebidas a fim de que possa ter o foco nos sujeitos e seus dados. (GLASER, 2004, p.13) Cada dado deve ter um apontamento, um código, o objetivo é que o maior número possível de dados seja codificado. Os dados podem ser palavras, ações, figuras visuais, ou qualquer outro modo de expressão provindo dos sujeitos da pesquisa em seus contextos.

Nesse passo, todas as entrevistas, questionários e vídeos dos ex-alunos da Escola VILA, que contribuíram para a pesquisa, devem ser analisados e codificados.

Theoretical sampling

O processo de formação da amostragem teórica se dá quando o pesquisador ao mesmo tempo recolhe os dados, os codifica e os analisa, para decidir quais serão os próximos dados a serem coletados visando a emergência de uma teoria substantiva ou formal (GLASER, 2004, p. 14). São as emergências que irão indicar o próximo

passo a ser dado pelo pesquisador. O pesquisador tenta saturar sua amostragem com quantos dados forem necessários até que novas conexões e insights possibilitem a emergência de um grupo de conceitos ou teorias que possam associar os dados codificados em categorias.

Codificação axial

A partir da Codificação Aberta e de novos dados codificados, o pesquisador verá emergir núcleos centrais de categorias, onde esses dados poderão ser relacionados e associados. Sentindo necessidade, o pesquisador mesmo nessa fase ainda poderá ir à campo para recolher mais dados.

Através de um método de comparação constante e sucessiva, o pesquisador encontrará incidentes que poderão ser agrupados em uma mesma categoria que irá emergir dos próprios dados. O núcleo irá sendo formado com a emergência de categorias relacionadas entre si. O pesquisador deverá estar atento para não conduzir pre-concebidamente esse processo e realmente tentar saturar as possibilidades de interação e codificação dos dados. (GLASER, 2004, p.20)

Codificação seletiva

Após o pesquisador ter encontrado a codificação axial, com as principais categorias de dados e suas interrelações, ele começa a desenvolver a teoria que dá corpo a todas essas relações. Ele centra-se em um núcleo com categorias e desenvolve a teoria a partir das interações existentes entre elas. Confronta semelhanças, diferenças e graus de coerência significativos entre os indicadores codificados e categorizados e, a partir dessas comparações sucessivas, dá forma a uma teoria que explique o contexto da pesquisa, mesmo que não seja de forma generalizante. Essa Teoria formulada é colocada como uma Hipótese Conceitual, não deixando de conceitualizar, porém sem deixar de lado o caráter incerto da hipótese.

Os memorandos de todo o processo da pesquisa são essenciais e devem fazer parte do corpo de dados, sendo codificados também. A idéia é produzir o menor número de conceitos teóricos que tenham o maior alcance possível, por isso, as relações entre os dados devem ser o principal foco no desenvolvimento da pesquisa.

1. Da Fragmentação: uma Escola tão Moderna quanto Arcaica

1.1. Educação e sociedade modernas

Educação e sociedade são sistemas imbricados que se retro-alimentam ou se auto-produzem, em um processo recursivo.

O paradigma majorante influencia diretamente a cultura sendo, esta, a mãe da sociedade. A sociedade, por sua vez, interfere nos seus sistemas de educação onde são formados os indivíduos que a compõem. Assim, ela acaba interferindo no currículo, na didática e nos instrumentos de avaliação presentes na escola. Na verdade esses aspectos são reflexos das necessidades e interesses da sociedade em relação ao tipo de formação que ela projeta aos seus indivíduos.

Mas não devemos deixar de perceber que a escola, como uma das principais instituições de educação, interfere também na sociedade ao reproduzir, ou então, ao refletir e criticar, aspectos inerentes à cultura dessa sociedade. Desta maneira, a escola tem a capacidade de influenciar, diretamente, a formação dos indivíduos a fim de que eles possam, por sua vez, causar transformações sociais importantes. Portanto não podemos perder de vista que são os indivíduos que estruturam a sociedade e têm o poder de transformá-la de acordo com suas necessidades e anseios. Além disso, a sociedade também tem, por sua vez, o poder de recriar a todo instante sua cultura, conservando determinados aspectos e alterando outros.

A partir do indivíduo e suas interações sociais é possível chegarmos inclusive à revolução que uma mudança de paradigma ocasiona. Aliás, se observarmos a história das ciências e da própria humanidade, perceberemos espantosamente que as grandes revoluções paradigmáticas, vejam só, foram realizadas por indivíduos! Esse é um fato que muitas vezes deixamos de lado ao analisarmos nossa realidade sociocultural. Por isso, a ironia.

O próprio Grande Paradigma do Ocidente não surgiu por encanto e, sim, a partir dos anseios de toda uma sociedade limitada por algum outro paradigma anterior a ele próprio. Inclusive, sua proposta e busca maior é a liberdade do indivíduo, embora em nossa realidade atual, nos vemos aprisionados neste propósito. A Escola, ao longo da Modernidade, contribuiu para que esse paradigma se adentrasse, cada vez mais, em nossos pensamentos, nossos fazeres, nossos seres.

Mas, como a nossa sociedade globalizada chegou à contradição de prometer a liberdade através do controle, da dominação e da colonização (territorial ou

ideológica), ao longo de toda a modernidade? E como a pedagogia e a educação se apresentam nesse processo? Que ordem está subjacente a todos esses fatores?

O projeto da Modernidade, revolucionário em vários aspectos: na geografia, na economia, na política, e ainda ideologicamente, culturalmente e inevitavelmente afetando a pedagogia. Um período de renovação, buscando o estabelecimento de uma nova ordem. (CAMBI, 1999).

Desde suas fundações com Lutero e a Contra-reforma e a Companhia de Jesus, passando por Bacon, Comênio, Locke e Rousseau, a pedagogia moderna nasce e cresce buscando sua diferenciação com o período anterior. Quer a legitimação do indivíduo livre. O pensamento científico segue a mesma trilha com Copérnico, Galileu e Newton. Descartes, mesmo morando no campo da filosofia, foi essencial para o desenvolvimento do método científico.

[...] O período inteiro foi dominado por uma crença profunda nas prerrogativas do indivíduo, no seu direito individual de julgar e determinar suas questões sem sofrer influência nem das crenças e superstições da Igreja, nem das Tradições da sociedade. Liberdade de pensamento, liberdade de consciência, suficiência da Razão para a conduta da vida, são as senhas e as chaves para a interpretação deste movimento do século XVIII. (MONROE, 1972, p.250)

Quer desvincular-se da dominação imposta pela Igreja. Busca acima de tudo a liberdade.

Em sua origem a “Época das Luzes” foi uma reação contra o formalismo existente no pensamento e na crença, e contra o absolutismo da Igreja. [...] Agora só a razão ditaria os verdadeiros méritos da nova vida e dirigiria a conquista da felicidade humana. (MONROE, 1972, p.249-250)

Não foi à toa que no próprio percurso desenvolvido, houve uma pluralidade de propostas, sistemas e condutas em relação à educação. Sabia-se que era através da educação que se poderia formar os cidadãos do novo mundo moderno. E estavam certos. A sociedade ocidental incorporou tão fortemente o paradigma cartesiano-mecanicista através da educação, que ainda hoje, em pleno terceiro milênio, mesmo com todas as novas e revolucionárias idéias da física e da biologia contemporâneas, a imensa maioria dos indivíduos ocidentais (e ainda em processo de alastramento e colonização globalizante do mundo oriental e do oriente médio), ainda operamos no vazio de um paradigma ultrapassado.

Todas as propostas pedagógicas da modernidade, é claro, obedeciam ao mesmo paradigma central, o do pensamento científico, com suas características: controle

empírico, rigor lógico e experimental, dando ao discurso da pedagogia uma conotação racional-empírica. (CAMBI, 1999)

As implicações das idéias de Comênio na educação, por exemplo, afetaram diretamente todos os aspectos pedagógicos: conteúdo, organização, método e livros didáticos.

Comênio trabalhou numa direção inteiramente nova, que por fim se tornou a trilha do esforço educacional moderno, ainda que com objetivos fundamentais formulados de maneira algo diversa. (MONROE, 1972, p.217-218)

Logo a idéia de disciplina foi sendo construída como sendo sinônimo de educação. Tanto mais disciplinado um indivíduo, mais educado ele se tornaria. Por disciplina, nesse aspecto, se entenderia: sobrepujar a razão em detrimento das emoções, sentimentos e do próprio corpo.

[...] o público em geral acreditava, pelo menos no que diz respeito ao curso colegial, que “o grande problema da educação é o modo de induzir o discípulo a fazer um curso em si mesmo penoso e árduo, mas cujos resultados finais seriam bons e mesmo agradáveis.” (MONROE, 1972, p.234)

Depois, outras teorias humanistas foram apresentadas e novas contradições foram aparecendo. O cenário pedagógico da Modernidade é bastante diverso.

O longo período pacífico durante o qual prevaleceu a concepção de educação como esforço ou disciplina, foi sucedido por um período de conflito entre a idéia de educação como disciplina e a de educação como um processo natural determinado inteiramente pelos interesses da criança. Tanto a experiência prática como a investigação teórica estão hoje demonstrando que a interpretação da educação só do ponto de vista do interesse é tão parcial quanto a velha interpretação da educação como disciplina. Consequentemente a tendência do presente é a reconciliação do interesse e do esforço, como base da prática educativa. (MONROE, 1972, p.368)

A Escola Moderna chega até os dias de hoje com a mesma diversidade de propostas: ensino profissionalizante, educação formal, ensino superior acadêmico, supletivo, etc. Há um sem-número de propostas pedagógicas, cada qual com suas particularidades, embasadas em diferentes teorias da aprendizagem.

Todas essas propostas, porém, possuem suas raízes plantadas no mesmo substrato, proliferando, através da formação dos indivíduos, as idéias de um mesmo paradigma. Portanto, as separações e disjunções decorrentes da primeira grande cisão entre sujeito e objeto, ainda perpetuam-se através de currículos, didáticas ou instrumentos de avaliação.

Os aspectos da didática são os que mais caracterizam a diversidade de propostas pedagógicas. O currículo, contudo, permanece praticamente inquestionável e os instrumentos de avaliação, mesmo com propostas mais “democráticas” ainda não produzem uma real mudança significativa.

1.2. Currículo

Dentro de um paradigma que reforça as disjunções entre sujeito e objeto e ainda entre os objetos e seus contextos, seria de se esperar um currículo escolar e universitário tão disciplinarizado.

O currículo, assim, fragmentado, livre de contextos, corpos e sentimentos, tem sua ação direcionada à disciplinarização do pensamento. Excluindo o corpo e o que o ser humano sente, indiretamente já se produz a idéia de valorização da razão em cima da corporeidade e dos sentimentos. Ou seja, o currículo age através daquilo que ele expressa que é legítimo e, também, age através daquilo que ele nega a sua legitimação.

Os alunos/as aprendem e assimilam teorias, disposições e condutas não apenas como conseqüência da transmissão e intercâmbio de idéias e conhecimentos explícitos no currículo oficial, mas também e principalmente como conseqüência das interações sociais de topo tipo que ocorrem na escola ou na aula. Além disso, normalmente, o conteúdo oficial do currículo, imposto desde fora para aprendizagem dos alunos/as, [...] não cala nem estimula os interesses e preocupações vitais da criança e do adolescente. Converte-se assim, numa aprendizagem acadêmica para passar nos exames e esquecer depois, enquanto a aprendizagem dos mecanismos, estratégias, normas e valores de interação social, que requer o êxito na complexa vida acadêmica e pessoal do grupo da aula e do colégio, configura, paulatinamente representações e pauta de conduta que estendem seu valor e utilidade além do campo da aula. Esta vai induzindo assim uma forma de ser, pensar e agir, tanto mais válida e sutil quanto mais intenso seja o isomorfismo ou semelhança entre a vida social da aula e as relações sociais do mundo do trabalho ou na vida pública. (GÓMEZ, 2000, p.17-18)

Alunos aprendem a manter seus corpos disciplinados não só pela imposição de comportamentos na escola, mas também pela falta de espaço legítimo para a expressão corporal e de todas as suas potencialidades de vivências e sensorialidade.

Para um aluno é difícil perceber as potencialidades que seu corpo oferece, com relação às descobertas vivenciais e trocas sociais que o corpo poderia lhe permitir. Para um adolescente, isso também ocorre. Para o adulto formado (ou melhor, formatado) pela escola, o corpo quase não existe enquanto manifestação de seu próprio ser. Para o adulto, o corpo é um objeto. Um objeto do qual tem que se tratar

modelando-o nas academias ou através de cirurgias, assim como fora modelada a sua alma através da educação.

É ainda dificilmente que se percebe que a disjunção e a fragmentação dos conhecimentos afetam não só a possibilidade de um conhecimento do conhecimento mas também as nossas possibilidades de conhecimento sobre nós mesmos e sobre o mundo, provocando aquilo a que Gusdorf chama justamente de “patologia do saber”. (MORIN, 1996, p. 16)

Almas e sentimentos também não costumam freqüentar as aulas da maioria das escolas. O aluno não sente, o professor não sente. Almas adormecidas sentam às carteiras todos os dias. Nas escolas, ou aprendemos a adormecer nosso sentir ou esse sentir vai se acumulando internamente, sob a forma de re-sentimentos. Outros estabelecem algum padrão de comportamento alheio a tudo que se passa, para não sentir, para não doer, para se proteger. Assim como agimos ao atravessar a rua deparando-nos com uma família de mendigos. Para não doer, para não sentir, estabelecemos “rotas de fuga” através da razão (Por que eles não vão trabalhar?) ou através do adormecimento (Não vi nada por aqui). Aprendemos a isolar nossas almas do nosso ser, sobretudo, na escola.

A escola não é um meio isolado dos conflitos sociais externos a ela, ainda que uma espécie de pudor leve muito à recomendação de não tratar em seu seio os problemas conflitantes da sociedade. Ao querer esquecê-los, os reproduz acriticamente na maioria das vezes. As mensagens derivadas do currículo oculto, estejam à margem, coerentes ou em contradição com as intenções declaradas, não são alheios aos conflitos sociais: os papéis dos sexos na cultura, o exercício da autoridade e do poder, os mecanismos de distribuição da riqueza, as posições de grupos sociais, políticos, raciais, religiosos, etc. (SACRISTÁN, 2000, p.132)

O currículo escolar, aquele que é distribuído em uma grade de disciplinas, “gradea” nosso pensamento e pretende manter corpos e sentimentos bem distantes da razão. As aulas de Educação Física e de Educação Artística são os únicos e os mais bem-vindos recursos que a escola permitiu (porém, com muitas limitações disciplinares) adentrar nas grades curriculares.

Um ser humano que não desenvolveu a expressão de seus sentimentos e sua corporeidade é um ser humano fragmentado. E é esse indivíduo dividido que a escola fabrica. É irônico, nesse caso, saber o significado da palavra indivíduo: aquele que não é dividido.

O ser humano “formatado” na escola, a partir de um padrão consolidado século após século, com base nas fragmentações cartesianas e nas visões mecanicistas de mundo e de vida, se tornou a própria mola propulsora desse padrão. Os indivíduos

que saem da escola tendem a perpetuar padrões paradigmáticos em seus fazeres e em suas maneiras de pensar. É nesse ponto que a razão, suprema nesse processo, perde justamente sua capacidade de reflexão, criticidade e auto-avaliação: reproduz padrões, apenas, perpetuando o Grande Paradigma Ocidental. Essa razão, isolada da materialidade corpórea e da sutileza da alma, torna-se insensível e destituída de desejos capazes de re-evolucionar.

Dentro de uma perspectiva idealista, habitualmente hegemônica na análise pedagógica do ensino, geralmente se descreveu a escola e suas funções sociais, o processo de socialização das gerações jovens, como um processo de inculcação e doutrinação ideológico. Dentro desta interpretação idealista, a escola cumpre a função de impor a ideologia dominante na comunidade social mediante um processo mais ou menos aberto e explícito de transmissão de idéias e comunicação de mensagens, seleção e organização de conteúdos de aprendizagem. Desta forma, os alunos/as, assimilando os conteúdos explícitos do currículo e interiorizando as mensagens dos processos de comunicação que se ativam na aula, vão configurando um corpo de idéias e representações subjetivas, conforme as exigências do status quo, a aceitação da ordem real como inevitável, natural e conveniente. (GÓMEZ, 2000, p.17)

A racionalidade ocidental caiu em sua própria armadilha. Ao se esforçar na tentativa de distinguir-se do corpo e dos sentimentos, tornou-se estéril imobilizando a si mesma e ao próprio pensamento. Tentando, pretensiosamente, encontrar a essência dos fenômenos, encarou cada conceitualização, cada teoria formulada e aceita na comunidade científica, como imutáveis. Petrificou seus objetos de estudo e assim, acabou por petrificar-se também.

Quaisquer palavras ou conceitos que foram criados no passado, frutos da interação do homem com o mundo, não são, de fato, precisamente definidos no que se refere a seu sentido; isso quer dizer que não sabemos exatamente quão longe palavras e conceitos nos ajudarão a achar nosso caminho no entendimento do mundo. Frequentemente, sabemos que eles podem ser aplicados em um domínio amplo de experiências interiores e exteriores mas, na prática, jamais saberemos precisamente os limites da sua aplicabilidade. Isso é verdade mesmo para os conceitos mais simples e para os mais gerais como "existência", e "espaço e tempo". Portanto, jamais será possível chegar-se, pela razão pura, a alguma verdade absoluta.

Os conceitos poderão, todavia, ser precisamente definidos no que diz respeito às suas inter-relações. (HEISENBERG, 1999, p.30)

O currículo arcaico, da escola moderna, não inclui inter-relações pois prioriza muito mais as disjunções. Por isso mesmo, a vida, os contextos sociais reais da comunidade onde a escola está inserida, a relação do ser humano com a natureza, todas essas interações, não costumam adentrar os muros da escola nem as grades curriculares.

A Natureza, na escola, é um objeto de estudo a ser dissecado. Não se interage genuinamente com ela, não nos preocupamos em perceber-nos integrantes e dependentes dela. A Natureza, portanto, em nada tem a ver com o ser humano, a não ser, durante a “Semana do Meio Ambiente” ou o “Projeto do Meio Ambiente”, como se a nossa relação com a Natureza tivesse início e prazo para acabar. Como se nossa interação com a vida, com a Natureza, não fosse diária, a cada minuto vivido. Como se nossa responsabilidade para com o equilíbrio de Gaia, a mãe Terra, não fosse vital e não tivesse permeando cada atitude nossa.

Por sua vez, as transformações sociais são vistas apenas como conteúdos a serem estudados em História e não atitudes possíveis de serem tomadas agora, nos contextos das comunidades onde os alunos vivem e atuam.

A escola “ilustra” as inter-relações que possuímos para com a Natureza e para com o Meio Social, trabalhando de forma superficial o Meio Ambiente e a atuação social, com tempos pré-definidos de início e término de projetos ou unidades de estudo. Esses aspectos não fazem parte, de modo nenhum, de uma constante pedagógica diária, inerente à inteireza do ser humano e aos princípios da escola.

1.3. Didática

Em vez de produzir as transformações necessárias para o desenvolvimento harmonioso do ser humano, a educação atual continua gerando padrões de comportamento preestabelecidos, com base em um sistema de referência que nos ensina a não questionar, a não expressar o pensamento divergente, a aceitar passivamente a autoridade, a ter certeza das coisas.

Na escola continuamos limitando nossas crianças ao espaço reduzido de suas carteiras, imobilizadas em seus movimentos, silenciadas em suas falas, impedidas de pensar. Reduzidas em sua criatividade e em suas possibilidades de expressão, as crianças encontram-se também limitadas em sua sociabilidade, presas à sua mente racional, impossibilitadas de experimentar novos vãos e de conquistar novos espaços.

Quando as crianças necessitam de folhas em branco para a expressão de sua criatividade, oferecemos espaços quadriculados e questões de múltipla escolha. Em vez de processos interativos para a construção do conhecimento, continuamos exigindo delas memorização, repetição, cópia, ênfase no conteúdo, resultado ou produto, recompensando seu conformismo, sua “boa conduta”, punindo “erros” e suas tentativas de liberdade e expressão. Em vez de convergentes e inseparáveis, educação e liberdade constituem palavras antagônicas e excludentes. (MORAES, 2006, p.50)

É um pensar fragmentado que dá origem a uma prática de fragmentação? Ou será uma prática disciplinarizada e disciplinarizadora que produz um pensar fragmentado? O pensar e a ação serão operações distintas ou etapas de um processo autopoietico recursivo? O currículo e a didática são faces inseparáveis da mesma escola.

O currículo manifesta-se em uma didática que também dissocia pensamento, corporeidade e sentimento. Para aprender, o aluno precisa manter-se sentado, quieto e prestando atenção. Aprende-se, portanto, de forma abstrata. Não se vivencia conteúdos, não se sente conteúdos, apenas se observa e se aprende.

O conhecimento elaborado nos corpos teóricos das disciplinas requer esquemas também desenvolvidos de recepção nos indivíduos para uma compreensão significativa (Ausubel, 1976). O aluno/a que não possui tais esquemas desenvolvidos, não pode relacionar significativamente o novo conhecimento com seus incipientes esquemas de compreensão, daí que, frente à exigência escolar de aprendizagem dos conteúdos, não pode senão incorporá-los de maneira arbitrária, memorialística, superficial ou fragmentária. Este tipo de conhecimento é dificilmente aplicável na prática e, por isso mesmo, facilmente esquecido. (GÓMEZ, 2000, p.68)

Mesmo nas propostas didáticas mais humanistas, interacionistas ou democráticas, percebemos a dificuldade, por parte do professor e de toda a escola, em efetivamente proporcionar aos alunos a construção de um conhecimento significativo. Isso porque no subterrâneo de suas didáticas, agindo imperceptivelmente, estão dissociações paradigmáticas entre pensar, sentir e agir, como também entre indivíduo, natureza e sociedade, entre escola e vida.

A aprendizagem escolar está claramente descontextualizada, no momento em que se pede ao aluno/a que aprenda coisas distintas, de forma diferente e para um propósito também distinto, ao qual está acostumado em sua aprendizagem cotidiana. Não é de se estranhar, portanto, que o aluno/a construa esquemas e estruturas mentais diferentes para enfrentar as exigências tão díspares destes dois contextos de vida e aprendizagem. (GÓMEZ, 2000, p.49)

A prioridade sempre é o conteúdo curricular, inquestionavelmente, e toda didática, mesmo na pluralidade das propostas existentes, deixa a formação do indivíduo como ser indivisível e integrado em sua natureza mais íntima, em segundo plano.

A didática subtende-se funcionalista e disciplinar. Disciplinar quando o professor estuda em sua formação a didática das Ciências Biológicas, a metodologia do ensino de História ou a didática da Língua Portuguesa. Funcionalista quando visa a formação para o mercado de trabalho ou o ensino profissionalizante.

As escolas investem cada vez mais em recursos para a mobilização da aprendizagem do aluno, mas ainda não conseguem permear de vida as suas aulas.

Assim, o problema pedagógico não se refere tanto ao êxito da motivação para aprender, mas sim à necessidade de contextualizar as tarefas de aprendizagem dentro da cultura da comunidade em que tais ferramentas e conteúdos adquirem seu significado compartilhado e negociado, ao serem utilizados na prática cotidiana. Como pode a escola se transformar

num contexto significativo para a aprendizagem se se configura numa estrutura artificial distanciada da vida e dos problemas relevantes na comunidade social? (GÓMEZ, 2000, p.95)

1.4. Avaliação

A avaliação compõe o pilar que faltava para o tripé currículo-didática-avaliação, que caracterizam qualquer proposta de educação.

A possibilidade de pontuar o valor da aprendizagem escolarizada obviamente dota quem a possui como um instrumento importante de poder sobre os avaliados, o que tem uma enorme repercussão num ambiente escolar, já hierarquizado por outras razões, como as diferenças de idade, desigual posse do saber, da capacidade de competências na gestão e no estabelecimento de normas de comportamento aceitável. (SACRISTÁN, 2000, p.326)

A obviedade da avaliação como instrumento de controle não a isenta de reflexão. Controle de quê? Para quê? Para quem?

O avaliador não apenas manifesta seus critérios sobre o que é “normal”, “adequado” e relevante na aprendizagem de conteúdos de sua matéria, impondo-os como valores geralmente não discutidos, mas também pode controlar a conduta do aluno/a com a avaliação. (SACRISTÁN, 2000, p.326)

A avaliação nas escolas, convencionalmente, instituiu-se como apenas como mecanismo de controle, destituindo-se do real significado de acompanhamento do aprendizado e de instrumento para o professor avaliar a sua própria conduta pedagógica. Além disso, como nos coloca Peretti, os sistemas de avaliação da grande maioria das instituições de ensino acaba por imprimir um significado hierárquico e de discriminação no modo de pensar do aluno:

Costuma-se achar que, ao se dar uma nota, ela é definitiva, que os números são absolutos e que, ao comparar as pessoas entre elas, cria-se uma realidade definitiva. A consequência de tudo isto, ao contrário de nossos valores democráticos e republicanos e dos nossos valores laicos também, é que há uma realidade forte que, como um significante, se impõe aos alunos: “Você deve aprender e vencer contra os outros”. Mas, na verdade, o significante da aprendizagem real do que nós consideramos de fato importante no desenvolvimento da pessoa e das riquezas do cérebro é justamente o contrário: “Você deve aprender por você, pelos outros e com os outros, para você e para os outros.” (PERETTI, entrevista com Hélène Trocmé-Fabre em DVD, 2006)

2. À Religação

A Transdisciplinaridade, enquanto definição, como já foi dito anteriormente, nasceu a partir das palavras de Piaget, no I Seminário Internacional sobre a Pluridisciplinaridade e a Interdisciplinaridade, realizado na Universidade de Nice, França, de 7 à 12 de setembro de 1970. Segundo Nicolescu, Piaget havia sugerido que a palavra Transdisciplinaridade constasse no nome do evento, mas essa sugestão não foi acatada pelos organizadores (SOMMERMAN, 2003, p.101).

Aos poucos, a Transdisciplinaridade, foi tomando um corpo maior, conquistando uma representação legítima em congressos internacionais. Basarab Nicolescu funda, em 1987, o Centro Internacional de Pesquisas e Estudos Transdisciplinares, o CIRET (*Centre International de Recherches et d'Études Transdisciplinaires*).

Devo citar ao menos dois eventos internacionais sobre a Transdisciplinaridade:

Em 1994 aconteceu o I Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, em Arrábida, Portugal, organizado pelo CIRET em parceria com a UNESCO, evento que contou com brasileiros como o professor Ubiratan D'Ambrósio e a professora Maria F. de Mello, e de onde extraiu-se um documento chamado "Carta da Transdisciplinaridade".

Em 1997, também com a organização do CIRET com a parceria da UNESCO, aconteceu o Congresso Internacional da Transdisciplinaridade, em Locarno, Suíça, que também contou com a participação da professora Maria F. de Mello. Este evento "gerou o documento 'A Síntese do Congresso de Locarno' que definiu três pilares metodológicos da pesquisa transdisciplinar e sete eixos básicos da evolução transdisciplinar na Educação." (SOMMERMAN, 2003, p. 106)

No Brasil, o CETRANS (Centro de Educação Transdisciplinar), promoveu em 1999, 2000 e 2001, três encontros catalisadores do Projeto "A Evolução Transdisciplinar na Educação", marcos nacionais dos estudos Transdisciplinares.

2.1. Os três Pilares da Transdisciplinaridade

2.1.1. A complexidade

O pensamento complexo, no contexto em que se manifesta, transgride o pensamento ordenado e cartesiano. Age no sentido oposto, causando estranheza para uns e alívio para outros. O contexto atual de crise, em que o paradigma cartesiano e

mecanicista, já tão impregnado em nossa cultura e sociedade, sente seus pilares ruírem e, por isso mesmo resiste a todo custo, permite, e mais ainda, necessita, que novos conceitos, idéias e pensamentos venham a tentar se concretizar como um novo paradigma que emerge.

Morin (2006) nos fala:

O que é a complexidade? A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambigüidade, da incerteza... Por isso o conhecimento necessita ordenar os fenômenos rechaçando a desordem, afastar o incerto, isto é, selecionar os elementos da ordem e da certeza, precisar, clarificar, distinguir, hierarquizar... Mas tais operações, necessárias à inteligibilidade, correm o risco de provocar a cegueira, se elas eliminam os outros aspectos do *complexus*; e efetivamente, como eu o indiquei, elas nos deixaram cegos. (MORIN, 2006, p.13-14)

A complexidade permite um caminho de religação em todos os níveis: entre as áreas do conhecimento; entre corpo, emoção e pensamentos; entre indivíduo, sociedade, natureza. Temos, portanto, na trama tecida pela complexidade, a rede de interconexões onde se apóia a Transdisciplinaridade.

Segundo SOMMERMAN (2003, p. 117), “a outra separação, entre o observador e o objeto da sua observação, também mostrou sua limitação.” Essa talvez seja, justamente, a limitação-base do pensamento cartesiano. Ao atingir esse ponto-chave, a complexidade não poderia de nenhuma forma encontrar seu lugar no Grande Paradigma do Ocidente. As idéias que fundamentam a idéia de complexidade são leis da física sub-atômica, da biologia, dentre outras ciências, e tiveram um crescimento exponencial durante os últimos séculos. Essas ciências, porém, chegaram ao legítimo impasse da própria contradição. Deste ponto em diante, qualquer resistência do paradigma cartesiano a fim permanecer absoluto e soberano, seria mero automatismo.

2.1.2. A lógica do terceiro incluído

A lógica do terceiro incluído, ou a chamada lógica ternária, já foi discutida do item v.iv do presente trabalho. Trata-se de uma lógica que vai além da contradição da lógica binária. Embora a envolva, não se limita à ela.

A lógica do terceiro incluído não elimina a lógica do terceiro excluído: ela apenas limita sua área de validade. A lógica do terceiro excluído é certamente validada por questões relativamente simples, como, por exemplo, a circulação de veículos, numa estrada, um

terceiro sentido em relação ao permitido e ao proibido. Por outro lado, a lógica do terceiro excluído é nociva nos casos complexos, como, por exemplo, o campo social ou político. Ela age, nestes casos, como uma verdadeira lógica de exclusão: bem *ou* mal, direita *ou* esquerda, mulheres *ou* homens, ricos *ou* pobres, brancos *ou* negros. (NICOLESCU, 2001, p.38-39)

A filosofia de Lupasco é uma idéia ocidental de um antigo conhecimento oriental. Martin Buber fala em seu livro *Eu e Tu*, sobre Buda:

No mistério contemplado, como na realidade vivida o que reina não é o “é assim” nem o “não é assim” não é nem o ser nem o não-ser, mas o assim-e-de-outro-modo, o ser-e-o-não-ser, o indissolúvel. Apresentar-se indiviso em face do mistério indiviso é condição originária de salvação. É evidente que Buda foi um dos que reconheceu isso. (BUBER, 1974, p. 105)

É importante percebermos como a lógica está presente no íntimo do pensamento humano ocidental ou oriental. Podemos analisar a mesma situação sob diferentes aspectos, de acordo com a lógica que utilizarmos. A partir de uma lógica redutora do complexo, portanto, perceberíamos uma realidade reduzida. E conseqüentemente, a realidade iria se apresentar limitada também, pois não haveria mecanismos de percepção para sua complexidade.

É nesse ponto que podemos passar ao terceiro pilar da Transdisciplinaridade.

2.1.3. Os diferentes tipos de realidade

Os elementos de uma lógica ternária seriam: A, não-A e T (o estado T, de Terceiro Incluído). Nicolescu (2001) discorre sobre como faltou a Lupasco, o pai da filosofia do Terceiro Incluído, a idéia de que, para existir um terceiro elemento, este deveria estar em outro nível de realidade que não fosse o nível binário da contradição e da exclusão.

Para se chegar a uma imagem clara do sentido do terceiro incluído, representamos os três termos da nova lógica – A, não-A e T – e seus dinamismos associados por um triângulo onde um dos ângulos situa-se em um nível de Realidade e os dois outros em outro nível de Realidade. Se permanecermos num único nível de Realidade, toda manifestação aparece como uma luta entre dois elementos contraditórios (por exemplo: onda A e corpúsculo não-A). O terceiro dinamismo, o do estado T, exerce-se num outro nível de Realidade, onde aquilo que parece desunido (onda ou corpúsculo) está de fato unido (quantum), e aquilo que parece contraditório é percebido como não-contraditório. (NICOLESCU, 2001, p. 36-37)

Diferentes níveis de percepção levam à construção de diferentes níveis de Realidade. E todas as Realidades produzidas a partir das diferentes percepções são

legitimadas da ação pelo ser humano. Maturana e Varela (2001) falam em “clausura operacional” para nos dizer o quanto somos limitados pelo nosso corpo em relação às percepções e significações que produzimos com o meio, construindo Realidades individuais. E, ao mesmo tempo, falam sobre o “acoplamento estrutural” necessário para que haja uma efetiva interação entre indivíduos e dos indivíduos com o meio, a fim de que, através de um “domínio lingüístico” as diferentes Realidades possam ter um grau de permeabilidade, constituindo-se uma “única” realidade comum, mesmo que não seja consensual. Assim, múltiplas Realidades convivem, através das ações dos indivíduos, em um terreno comum.

2.2. A Carta da Transdisciplinaridade e suas implicações curriculares, na didática e nos mecanismos de avaliação na Escola.

Creio que nesse ponto podemos citar algumas características da Transdisciplinaridade e, por sua vez, do que viria a ser a Educação Transdisciplinar, através do estudo da aplicação da Carta da Transdisciplinaridade no currículo, na didática e nos modos de avaliação. Como há pequenas variações de tradução do original, optei por retirar o conteúdo da Carta da Transdisciplinaridade do livro O Manifesto da Transdisciplinaridade, de Basarab Nicolescu.

2.2.1. PREÂMBULO

A Carta da Transdisciplinaridade inclui um Preâmbulo que cabe ressaltar aqui, visto que inclui, nele próprio, uma justificativa bastante relevante para o repensar a educação:

- Considerando que a proliferação atual das disciplinas acadêmicas e não-acadêmicas leva a um crescimento exponencial do saber, o que torna impossível qualquer visão global do ser humano,
- Considerando que somente uma inteligência capaz de abarcar a dimensão planetária dos conflitos atuais poderá enfrentar a complexidade de nosso mundo e o desafio contemporâneo da autodestruição material e espiritual de nossa espécie,
- Considerando que a vida está fortemente ameaçada por uma tecnociência triunfante, que obedece apenas à lógica assustadora da eficácia pela eficácia,
- Considerando que a ruptura contemporânea entre um saber cada vez mais acumulativo e um ser interior cada vez mais empobrecido leva a uma ascensão de um novo obscurantismo, cujas conseqüências no plano individual e social são incalculáveis,
- Considerando que o crescimento dos saberes, sem precedente na história, aumenta a desigualdade entre aqueles que os possuem e aqueles que deles são desprovidos, gerando assim desigualdades crescentes no seio dos povos e entre as nações de nosso planeta,

- Considerando ao mesmo tempo que todos os desafios enunciados têm sua contrapartida de esperança e que o crescimento extraordinário dos saberes pode levar, a longo prazo, a uma mutação comparável à passagem dos homínídeos à espécie humana,
- Considerando o que precede, os participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade (Convento de Arrábida, Portugal, 2-7 de novembro de 1994) adotam a presente *Carta*, que contém um conjunto de princípios fundamentais da comunidade dos espíritos transdisciplinares, constituindo um contrato moral que todo signatário desta *Carta* faz consigo mesmo, sem qualquer pressão jurídica e institucional. (CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE, apud NICOLESCU, 2001, p. 159-160)

O papel das Escolas e do Ensino na nossa sociedade está cada vez mais obscurecido. Há um certo pluralismo complexo de propostas pedagógicas oferecidas pelas escolas.

Algumas se propõem a conduzir os alunos através dos vestibulares, diretamente para as Universidades. Para essas escolas, o objetivo maior da educação é fazer com que os alunos passem em exames. Nesse contexto, todo o ensino é voltado para esse objetivo: aulas show para atrair a atenção dos alunos; treinamento através de constantes “simulados”; memorização e exercícios de fixação.

Algumas prometem uma educação de vanguarda capaz de acompanhar os melhores métodos de ensino, investindo em especialistas de disciplinas e sub-disciplinas e utilizando-se das mais avançadas tecnologias.

Outras escolas desejam sobreviver ou competir no mercado educacional contemporâneo.

Muitas escolas, a maioria das escolas públicas, por exemplo, desejam evitar a evasão e atrair novos alunos.

A maior parte de todas as escolas se preocupa em “cumprir o currículo” e em utilizar todo o material didático pedido aos pais, pois se não “derem” toda a matéria do livro, serão cobrados pelos próprios pais.

Em primeiro lugar, considere-se o choque inicial da própria escola, mais especificamente da sua organização no estilo estratocrático europeu. Este estilo manifesta-se na sala de aula, com carteiras cartesianamente dispostas, professores na frente, quadro-negro como foco único de curiosidade e atenção intelectual. O material de ensino é composto por livros e cadernos padronizados, listas de chamada organizadas por critérios rígidos, testes, tarefas, elogios e críticas públicas, notas com prêmios e punições, e outras características mais. [...]

Mas o resultado é praticamente o mesmo, em todos os níveis de escolaridade e em todas as disciplinas: o aluno é massacrado no seu comportamento, agredido na sua inteligência e tolhido na sua criatividade. (D'AMBRÓSIO, 1997, p. 72)

Morin (2001) complementa a mesma idéia de D'Ambrósio (1997):

Em vez de corrigir esses desenvolvimentos [disciplinares], nosso sistema de ensino obedece a eles. Na escola primária nos ensinam a isolar os objetos (de seu meio ambiente), a separar as disciplinas (em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar os problemas, em vez de reunir e interligar. Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor e não a recompor; e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento. (MORIN, 2001, p.15)

Não seria a hora de refletirmos sobre o papel da educação no contexto atual onde a fragmentação excessiva do saber causou um distanciamento do indivíduo para com seu próprio conhecimento, mitificando esse conhecimento como se fosse algo que estivesse exterior aos indivíduos? E não como se fosse construído e reconstruído pelos seres humanos ao longo da história? Não seria a hora das escolas, como instituições formais de ensino, refletissem sobre a excessiva fragmentação dos saberes capazes, portanto, de se proliferarem de uma maneira destituída de sentido humano? Não seria então a hora de refletirmos sobre o poder que, como educadores, possuímos nesse momento difícil de transição e degradação dos vínculos humanos e para com a natureza?

É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto. (MORIN, 2001, p.89)

2.2.2. Artigo 1: Qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma definição e de dissolvê-lo em estruturas formais, quaisquer que sejam, é incompatível com a visão transdisciplinar.

O ser humano, por ser complexo, multidimensional só poderá ser compreendido através da sua própria inteireza, através não só da formalização conceitual multidimensional, mas também através dos sentimentos, das emoções, das sensações, da sensorialidade corporal, das suas ações e do seu espírito.

Na escola usualmente vemos muitas tentativas de reduzir o ser humano.

Com relação à didática, podemos ver, por exemplo, professores reduzindo o aluno a um número na lista de chamada. Outra forma de redução é dirigir-se ao aluno como se ele fosse apenas um ser de pensamento, cobrando dele atenção às explicações abstratas e a disciplina de manter o corpo quieto e sem voz. Na escola, comumente, aluno não tem voz a menos que o professor a solicite. Sob esse aspecto, a didática da maioria das escolas contribui bastante para a redução do ser humano.

Uma educação transdisciplinar deve proporcionar a expressão da inteireza do ser humano. O professor deve abastecer-se de dinâmicas de grupo, atividades psicomotoras e artísticas para trabalhar com seus alunos. Deve extrapolar o âmbito abstrato das “matérias” disciplinares e trazer tudo para seu contexto, o contexto onde vive com seus alunos. Numa sala de aula com 30 seres humanos há muita vida e coisas para aprender, inclusive o professor deve estar aberto para essa aprendizagem. Daí a necessidade do ato dialógico:

O papel do educador não é o de “encher” o educando de “conhecimento”, de ordem técnica ou não, mas sim, o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando, educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos. (FREIRE, 1979, p.53)

Freire complementa explicando o que seria essa relação dialógica:

E ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. (FREIRE, 1979, p.43)

Com relação ao currículo, vemos o ser humano reduzido às definições trazidas desde fora, de forma imposta, por livros didáticos ou pelos professores. Cada disciplina analisa o ser humano de alguma forma: é o sujeito das orações, a neutralidade da álgebra, composto por cabeça, tronco e membros ou ainda um transformador da natureza e de seu espaço físico. Não há espaço no currículo para um ser humano que é tudo isso e muito, muito mais. Em que livro didático caberia um ser humano complexo, repleto de desejos e afetos?

A Educação Transdisciplinar deve ver o ser humano através de todas as disciplinas e, indo além, chegando onde as disciplinas não alcançaram. Um ser humano de mitos, crenças, espiritual, sensível e artístico. O corpo humano não é aquele apresentado nos livros de ciências, e sim, aquele que anda, corre, dança, se alimenta, respira, dorme, ama, chora e interage. Um corpo que pensa e sente. Um ser humano inteiro e íntegro, que está além de qualquer definição.

Com relação aos mecanismos de avaliação que a maioria das escolas adota, o ser humano é novamente reduzido a valores impostos desde fora. Na Educação Transdisciplinar, a avaliação não pode excluir a multidimensionalidade do ser, tentando medir o conhecimento de cada aluno e atribuindo um valor a ele.

O ser humano, complexo e múltiplo, deve ser o foco da atenção do professor, devendo este, estar atento às múltiplas manifestações do aluno. O desenvolvimento

do aluno deve ser entendido como um todo, envolvendo os mais diferentes aspectos: corpo, sentimento, pensamento, emoção. E a avaliação deve tentar alcançar todos eles. Além disso, em um processo dialógico, a avaliação do aluno não poderá ter somente um olhar. A combinação entre hetero-avaliação, auto-avaliação e eco-avaliação se faz necessária a fim de que se possa, ter uma avaliação com o maior alcance possível. O sentido da avaliação, ainda, deve ser bastante claro: dar subsídios ao professor e ao aluno favoráveis ao desenvolvimento da ação de ambos.

2.2.3. Artigo 2: O reconhecimento da existência de diferentes níveis de Realidade, regidos por lógicas diferentes, é inerente à atitude transdisciplinar. Toda tentativa de reduzir a Realidade a um único nível, regido por uma única lógica, não se situa no campo da transdisciplinaridade.

Segundo os estudos da nova biologia, Maturana e Varela, constata-se que a realidade e a percepção individual de cada ser são mutuamente autopoieticas, ou seja, a maneira como percebemos nosso entorno e a realidade, como é manifestada, são diretamente relacionadas e se auto-produzem mutuamente. Além disso, esses biólogos postularam o fenômeno de “clausura operacional”, nos colocando o quanto nossas percepções são limitadas pela aparelhagem biológica de que dispomos (nosso corpo), com muitos aspectos comuns entre todos da mesma espécie, porém com variações individuais inevitáveis.

Portanto, se nós, da espécie humana, dispomos de percepções individuais da realidade, esta será manifestada de maneira diferente para cada um de nós. Daí surge a extrema necessidade de criarmos um “acoplamento estrutural”, uma “ponte” que possa dar um caráter mais homogêneo às realidades percebidas individualmente. Essa “ponte” é a linguagem. É através da linguagem que tentamos comunicar nossas percepções a respeito do real para outros indivíduos e vice-versa. A partir dessa comunicação, desses acoplamentos, um “real” comum e, até certo ponto, consensual, emerge.

Como comunidades humanas [os sistemas sociais humanos] têm clausura operacional, que ocorre no acoplamento estrutural de seus componentes. No entanto, os sistemas sociais humanos também existem como unidades para seus componentes no domínio da linguagem. [...] para o funcionamento de um organismo o ponto central é ele próprio. Já para a operação de um sistema social humano, o ponto central é o domínio linguístico gerado por seus componentes e a ampliação das propriedades destes. Essa condição é necessária para a realização da linguagem, que constitui seu domínio de existência. (MATURANA & VARELA, 2001, p. 220-221)

Porém, as percepções e realidades produzidas sofrem grandes ou pequenas variações, individuais ou coletivas. É impossível haver um consenso entre todos os indivíduos, principalmente, tratando-se de seres humanos.

Francisco Varela (2006) nos coloca que o que vemos depende de fatores internos. E Jean-Didier Vincent (2006) complementa:

Não há um mundo em si, pois o mundo de um cego é feito de objetos materiais que ele passa a conhecer através do tato, olfato e outros sentidos. Então para esse sujeito, um objeto tem sua existência com dados físicos e sensoriais diferentes do sujeito que vê. Para um cego, uma caixa quadrada é um conjunto de sensações manuais que vão definir arestas e superfícies e permitirão definir para o cérebro deste sujeito o que é uma caixa quadrada. Ela vai existir para o cego, mas a definição pertencerá apenas a ele, ele não poderá compartilhar a nível dos sentidos a percepção que ele tem do objeto. Mas como o cego tem o dom da palavra, ele a denominará “caixa quadrada” e poderá haver uma troca de sentido com aquele que vê. (VINCENT, entrevista com Hélène Trocmé-Fabre em DVD, 2006)

As variações individuais de percepção e, conseqüentemente, de composição da realidade podem estar ligadas a diferenças em relação aos padrões corporais, sensoriais, vivenciais ou meramente racionais. Por exemplo, as percepções que indivíduos que possuem alguma diferença locomotora ou sensorial têm são bastante particulares. Do ponto de vista desses indivíduos, relações de tamanho, peso, velocidade, cor, som, calor, força, direção, tempo, dentre outras, podem ser bem diferentes das que são eleitas para compor a realidade “consensual” que a sociedade ocidental tanto almeja. Suas percepções são verdadeiras, porém podem não se encaixar na realidade demonstrada, por exemplo, na grande maioria dos livros didáticos, na mídia ou, o que é pior, na própria comunidade da qual fazem parte.

Há também as variações individuais de percepção e realidade que estão diretamente relacionada às vivências que determinados indivíduos possuem em suas vidas. Indivíduos que vivenciaram, por exemplo, experiências de grande impacto na infância ou em outros momentos da vida, podem com o tempo, desenvolver mecanismos de percepção e lógica próprios, produzindo realidades bem particulares.

Ao comparar os cérebros dos seres vivos, vemos que existem organizações cerebrais muito diferentes e que cada organização cerebral gera um tratamento da informação totalmente diferente. Dentro de um mesmo espaço-tempo, cada espécie vive em mundos sensoriais completamente diferentes. O que filtramos, percebemos, selecionamos e organizamos depende muitíssimo da nossa própria organização. Se o nosso cérebro é moldado por um programa genético e pela conformação do meio, selecionamos em nosso mundo informações que nos farão perceber um mundo totalmente diferente. (CYRULNIK, entrevista com Hélène Trocmé-Fabre em DVD, 2006)

As variações coletivas de percepção e realidade dizem respeito, sobretudo, a culturas e religiões diferentes, assim como também são relativas a distintas áreas do conhecimento científico ou filosófico. Devido a essas variações muitos conflitos ocorrem. O ser humano é extremamente inábil na convivência com as diferenças, principalmente quando essas diferenças são relativas a conceitos como percepção e realidade.

Há, portanto, distintas realidades. O Artigo 2 da Carta da Transdisciplinaridade, contudo, fala ainda de diferentes níveis de realidade. Esse é um assunto bastante delicado para se tratar, pois se existem níveis, pode-se pressupor que exista alguma relação de hierarquia entre realidades distintas. Porém, se todas as realidades são verdadeiras de acordo com os indivíduos que as produzem através de suas percepções, como poderíamos dispor essas realidades em níveis? Qual realidade estaria acima e qual estaria abaixo? Por quê?

É nesse ponto que podemos vislumbrar a mágica fusão entre os três pilares da Transdisciplinaridade: Complexidade, Níveis de Realidade e Terceiro Incluído, ou lógica ternária. Diferentes realidades possuem diferentes lógicas de operação. Algumas mais simples e outras mais complexas. Realidades que experimentam uma lógica binária, excludente e simplificada encontram-se em determinados níveis de compreensão e percepção. Realidades que experimentam uma lógica ternária abraçam outras realidades por compreenderem relações complexas entre essas realidades.

Para ascender a um nível “superior” de realidade, é necessário que sua lógica transcenda a polaridade binária e excludente, atingindo um grau de compreensão maior e ampliando os horizontes de sua própria percepção.

Como exemplo, podemos ilustrar uma cena envolvendo três indivíduos: o indivíduo Z, o indivíduo Y e o indivíduo X.

Z afirma: “O céu é azul!” e Y responde: “O céu não é azul, pois o ar é transparente!”. X, então diz: “Amigos, o céu é azul e o ar é transparente! Mas o céu também pode ficar vermelho, amarelo, cor-de-rosa... dependendo da posição do Sol e de como está seu humor naquele momento.”

Ou ainda, Z pode afirmar: “É evidente que o Sol circula a Terra!” e Y responde: “Mas é óbvio que é a Terra que gira em torno do Sol!”. X diz: “Daqui vemos o Sol circulando a Terra todos os dias, se estivéssemos no Sol, veríamos a Terra girando ao nosso redor, mas se estivéssemos na Lua ou em Marte veríamos algo diferente

dessas duas opções. O Sol está sempre em movimento e também tem sua órbita, assim como a Terra. Afinal, quem tem razão?”

Finalizando com um último exemplo onde Z, ao avistar uma mulher diz: "Ah! Que bela mulher!" e Y responde: "Aquela não é uma bela mulher! Ela, na verdade, é bastante feia!". X, então pergunta: "Quem foram suas últimas namoradas?"

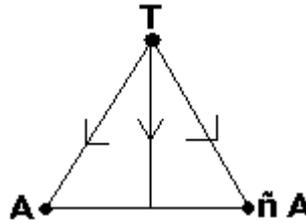


Figura 1: A dinâmica do Terceiro Incluído

Podemos dizer que Z e Y mantêm-se em um nível de realidade binário e excludente, onde a posição do outro é negada. No triângulo acima, poderiam ser representados pelo nível basal da relação entre A e ñ A. Já o indivíduo X além de compreender cada uma das posições de Z e Y, compreende a relação existente entre eles dois e poderia ser representado pela ponta do triângulo (T).

O ponto de vista de alguém define sua percepção e compõe sua realidade. A partir de uma percepção simplista, se constrói uma realidade simples e dual, excludente, do tipo “certo é assim, o resto é errado”. A partir de uma percepção complexa, é possível deslocar seu ponto de vista para compreender outras posições de pensamento e, neste ato, transcende-se para um nível superior de percepção e compreensão da realidade.

Preciso entender que os outros têm outras certezas e que devo ter o desejo de ir descobrir esses mundos mentais para que eu possa me descentralizar e enriquecer o meu próprio mundo mental. (TROCMÉ-FABRE, 2006, [DVD])

O educador, portanto, numa atitude transdisciplinar, deve tentar ao máximo encontrar o ponto de vista de seu aluno. É dessa maneira que ele poderá compreender a lógica construída do educando, a partir de suas percepções e vivências pessoais. Essa postura exige do educador a abertura necessária para abster-se de uma posição cômoda e simplista de detentor de um conhecimento único e legítimo, como ainda fazem a maioria dos professores que perpetuam a educação moderna tradicional. O conhecimento do professor é somente uma das imagens possíveis de uma realidade complexa. Então, ao permitir-se essa abertura, em uma atitude de real empatia e de reconhecimento da legitimidade do ponto de vista do educando, o educador poderá intervir no processo de aprendizagem, não como

mediador entre aluno e conhecimento, e sim, entre o aluno e ele mesmo, favorecendo uma atitude auto-reflexiva por parte do educando.

O educador transdisciplinar incorpora a didática construtivista, a escuta sensível, a sensorialidade e a corporalidade (além da racionalização) em suas atividades, as artes, as tradições, em seu fazer pedagógico. Preocupa-se com a diversidade de experiências que pode proporcionar, com a finalidade de contemplar a diversidade de modos de operar existente em sua sala, através das diferentes percepções dos seus alunos. Encara o conhecimento como um processo e não como um fato, um processo complexo e não linear, que transforma-se incessantemente, em permanente mutação e evolução. Porém, acima de tudo, o educador transdisciplinar legitima os diferentes modos de pensar, agir e perceber uma mesma situação.

Em relação aos conceitos ou palavras-chave que devem ser introduzidos na linguagem fluente, em primeiro lugar devemos substituir “captar a informação” por “acoplamento”. Acoplamento este que, de um modo geral, implica em um acoplamento ativo e participativo. Em segundo lugar, o “tratamento da informação” deve ser substituído pela “criação ou emergência de sentido”. E, em terceiro lugar, em vez de pensar em “aquisição de áreas de informação”, devemos falar dos “caminhos de aprendizagem” ou “caminhos de transformação”. São propostas e cada um pode usar outras palavras, mas acho que é muito importante quebrar esse culto da educação como informação, da comunicação como transferência de informação, do conhecimento como uma aquisição de informação. É um grande problema, é uma das ciladas que devemos certamente superar no futuro. (VARELA, entrevista com Hélène Trocmé-Fabre em DVD, 2006)

Para o educador transdisciplinar, o conhecimento não é construído individualmente, tampouco está externo ao indivíduo. O conhecimento é um processo plural, composto por consensos e discordâncias, ambas aceitas e compreendidas em seus respectivos pontos de vista. E, mais ainda, um conhecimento nunca é definitivamente construído e, como os seres vivos, está em eterna evolução.

Para mim, a resposta que se deve aos jovens por parte do sistema educacional é admitir que o próprio sistema educacional muda e que deveria favorecer não tanto o conteúdo, [...] mas que favoreça muito mais a capacidade de cultivar [...] as capacidades de flexibilização, que é aprender a como mudar em vez de aprender o que é x ou y.

[...]

Nós ainda nem começamos a responder a este desafio que me parece fundamental. E não só em relação ao problema da educação, mas também ao problema do sistema econômico, das empresas, dos dirigentes políticos e do Estado. Todos estes devem cultivar a capacidade de flexibilidade, do contrário, caminhamos para a fragmentação social, para guerras civis, dogmatismos e nacionalismos, e isso me preocupa. (VARELA, entrevista com Hélène Trocmé-Fabre em DVD, 2006)

Portanto, considerando a relação entre conhecimento, percepção e realidade é possível deduzir o caráter plural da realidade.

2.2.4. Artigo 3: A transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar; ela faz emergir do confronto das disciplinas novos dados que as articulam entre si; e ela nos oferece uma nova visão da Natureza e da Realidade. A transdisciplinaridade não busca o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa.

Os modos que possuímos, de perceber e de apreender o mundo, devido à própria estrutura orgânica na qual estamos enclausurados (clausura operacional), nos permite apenas perceber, reconhecer e abstrair fragmentos deste mundo. Não é à toa que, de certa forma, tendemos à fragmentação do conhecimento. Não temos estrutura orgânica capaz de perceber e reconhecer o mundo de maneira global como uma única imagem.

Para começar, nossos sentidos (visão, audição, paladar, tato, olfato) ao serem comandados pela consciência, identificam objetos ou sensações isoladas. Por exemplo, ao olhar para uma caneta, logo a conceituo: “caneta esferográfica azul”. Depois percebo que ela está disposta em cima de uma mesa e penso: “a caneta está na mesa”. Ao lado da caneta está um livro. Do outro lado, um *pen drive*. Todo o conjunto está à frente do monitor do computador. Tudo está no quarto e nele ainda há muitos outros objetos. É assim que funciona o processo: uma coisa de cada vez. É impossível de um lance só tomarmos consciência de tudo o que está no quarto e de todas as relações possíveis entre a caneta e os outros objetos do ambiente.

O mesmo ocorre com os outros sentidos. Se estivermos em uma feira, embora todo o barulho, poderíamos reconhecer conscientemente a maioria dos sons, mas não todos de uma única vez. Reconhecemos a voz do peixeiro, do bananeiro, do vendedor de legumes, cada uma por vez.

A nossa consciência trabalha assim: fragmento por fragmento. No nosso cérebro ocorre algo parecido: ao contemplar a caneta, diversas informações percebidas ativam diferentes áreas do cérebro. A imagem da caneta não fica guardada, no cérebro, inteira. Sua cor ativa uma determinada região do cérebro, seu comprimento, outra, sua espessura, outra, a relação que tenho ou as vivências que tive com ela ativa outras áreas. Ao fechar os olhos e ativar todas essas regiões cerebrais, crio uma imagem de caneta. Assim, poderei lembrar onde ela está, quando eu precisar usá-la. Quem ou o quê ativa todas essas ações cerebrais de maneira a compor imagens ainda é um

mistério, mas as ciências cognitivas começam a denominar essa entidade ou processo de “consciência” ou *self*.

Amplios estudos sobre percepção, aprendizado, memória e linguagem deram-nos uma idéia viável de como o cérebro processa um objeto, nos aspectos sensorial e motor, e também de como um conhecimento sobre um objeto pode ser armazenado na memória, categorizado sob os aspectos conceituais ou lingüísticos e recuperado como evocação ou reconhecimento. O objeto é exibido na forma de padrões neurais, nos córtices sensoriais apropriados à sua natureza. Por exemplo, no caso dos aspectos visuais de um objeto, os padrões neurais apropriados são construídos em diversas regiões dos córtices visuais, não apenas em uma ou duas, mas em muitas, que trabalham conjuntamente para mapear os vários aspectos visuais do objeto. (DAMÁSIO, 2000, p. 175-176)

O objeto conhecido, portanto, em nossa consciência, não é um dado e sim uma rede de atividades neuronais estabelecida de forma totalmente particular variando de indivíduo para indivíduo. Mais importante que estabelecer distinções e conceitualizações disciplinares é estabelecer associações entre essas conceitualizações. A transdisciplinaridade permite a configuração de uma rede complexa de relações entre conhecimentos de distintas disciplinas. O real transdisciplinar é mais complexo que uma simples somatória cartesiana das partes desse real.

O cérebro é, portanto, um sistema altamente cooperativo: a densa rede de interconexões entre elementos constituintes implica que tudo que nela acontece, será eventualmente uma função de *todos* os constituintes. (VARELA, s/d, p. 58)

A preocupação maior do educador transdisciplinar em relação aos seus alunos, não seria a mera reprodução de conceitos disciplinares, mesmo que estes tenham sido construídos de acordo com a mais genuína didática construtivista. Encontrar e estabelecer as relações entre os conhecimentos propicia o desenvolvimento de sentidos e significados maiores. Mais importante do que aprender e reproduzir um currículo repleto de conteúdos aprisionados em grades disciplinares é aprender a pesquisar, interpretar e relacionar esses conteúdos. Muitos dos alunos mais valorizados pela educação moderna tradicional têm uma capacidade de memorização fantástica, embora, quando submetidos a exames como o ENEM, que procuram relacionar conteúdos de disciplinas diferentes, esses mesmos alunos se perdem pois estão habituados a apenas reproduzir conhecimentos memorizados e não a refletir sobre eles. Os melhores alunos que passam nos vestibulares brasileiros são os mesmos que têm dificuldade, na universidade, em realizar trabalhos em grupo e pesquisas científicas. Não desenvolveram a capacidade de cooperação e, no máximo, dividem os assuntos para o trabalho entre todos do grupo, fazendo cada um a “sua

parte”. Não há troca de idéias, discussões e escrita em conjunto. Ao realizarem suas pesquisas têm a grande dificuldade em lidar com assuntos desconhecidos, não conseguem relacionar idéias de autores diferentes e elaborar sínteses. Suas pesquisas ficam restritas a cópias ou resumos de livros e textos.

A herança dessa educação disciplinar moderna ainda é muito forte em todos nós. Classificar, hierarquizar, discriminar e fragmentar são ações inerentes a um modo de pensamento cartesiano adquiridas, sobretudo, na escola. Daí a importância de se dar prioridade às relações e às associações no trabalho do educador transdisciplinar, incluindo no processo pedagógico o corpo, as artes e as tradições.

2.2.5. Artigo 4: O ponto de sustentação da transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das acepções *através e além* das disciplinas. Ela pressupõe uma racionalidade aberta, mediante um novo olhar sobre a relatividade das noções de ‘definição’ e de ‘objetividade’. O formalismo excessivo, a rigidez das definições e o exagero da objetividade, incluindo a exclusão do sujeito, levam ao empobrecimento.

A vida, a ética, a estética, as tradições, o imaginário, os arquétipos, a corporalidade, todos esses aspectos não se enquadram em nenhuma disciplina e, ao mesmo tempo, permeiam todas elas. Além disso, penetram também em áreas não-disciplinares.

Na base de todas as disciplinas, há um olhar transdisciplinar que lhes dá sentido. Pois nas profundezas de cada disciplina encontra-se o sem-fundo daquilo que liga o Sujeito e o Objeto transdisciplinares. (NICOLESCU, 2001, p.133)

O pesquisador transdisciplinar declara sua íntima ligação a seu objeto de estudo e essa é a característica marcante que o distingue dos demais pesquisadores disciplinares. Admite a impossibilidade de uma objetivação genuína. Além disso, ele não persegue uma verdade absoluta, inquestionável.

A abertura da transdisciplinaridade implica, por sua própria natureza, na recusa de todo dogma, de toda ideologia, de todo sistema fechado de pensamento. Essa abertura é o sinal do nascimento de um novo tipo de pensamento voltado tanto para as respostas quanto para as perguntas. O próprio Sujeito é ele mesmo a pergunta abissal que assegura a permanência do questionamento. A recusa ao questionamento, a certeza absoluta, são a marca de uma atitude que não está inscrita no campo da transdisciplinaridade. A cultura transdisciplinar é a cultura do eterno questionamento acompanhando respostas aceitas como temporárias. (NICOLESCU, 2001, p.131)

A atitude transdisciplinar ainda permite o deslocamento de um ponto de vista em direção a diferentes disciplinas, diferentes culturas, diferentes dimensões do real. Esse é o caráter multirreferencial e multidimensional inerente a uma atitude transdisciplinar.

O educador transdisciplinar deve trazer para sala de aula o caráter mutável da evolução científica. Educador e alunos devem sentir que a ciência está em constante evolução e que somos todos participantes desse processo. Estudar história é fazer história, é saber que não há uma versão absoluta da história, é saber que há muitas histórias e que mesmo aquilo que já passou pode sofrer mudanças. Estudar matemática é fazer matemática, é saber que existem várias matemáticas no mundo e que todas são apenas sistemas de convenção adotados por suas culturas, e que mesmo sendo considerada uma ciência exata, ela nunca foi isenta de mutação. Estudar ciências biológicas, química ou física é saber o quanto todos os seus conceitos já foram questionados, modificados, refutados, condenados, refeitos e que esse processo de evolução nunca cessa. Educar de maneira transdisciplinar é tudo isso em associação, é vislumbrar a vida nesses conceitos mutáveis, é participar desse processo como sujeitos fazedores de ciência, de vida, de cultura. É perceber o quanto a ciência está repleta de arte, de tradição, de corporeidade, sensibilidade, imaginário, objetividade e subjetividade. O quanto Sujeito e Objeto estão imbricados em um mesmo processo de evolução.

O Artigo 5 e o Artigo 6, descritos a seguir, complementam a visão transdisciplinar das disciplinas:

Artigo 5: A visão transdisciplinar é resolutamente aberta na medida que ultrapassa o campo das ciências exatas devido ao seu diálogo e sua reconciliação, não apenas com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior.

Artigo 6: Com relação à interdisciplinaridade e à multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade é multirreferencial e multidimensional. Embora levando em conta os conceitos de tempo e de História, a transdisciplinaridade não exclui a existência de um horizonte transistórico.

2.2.6. Artigo 7: A transdisciplinaridade não constitui nem uma nova religião, nem uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências.

O educador ou qualquer outro sujeito não encontrará uma definição capaz de reduzir ou enquadrar a proposta da Transdisciplinaridade pois esse ato vai de encontro à própria proposta transdisciplinar. Aprender a conviver com o indefinível,

com a incerteza e com a abertura para questionamentos e discussões são os primeiros passos para a atitude pedagógica transdisciplinar.

2.2.7. Artigo 8: A dignidade do ser humano é também de ordem cósmica e planetária. O aparecimento do ser humano sobre a Terra é uma das etapas da história do Universo. O reconhecimento da Terra como pátria é um dos imperativos da transdisciplinaridade. Todo ser humano tem direito a uma nacionalidade, mas, a título de habitante da Terra, ele é ao mesmo tempo um ser transnacional. O reconhecimento pelo direito internacional da dupla cidadania - referente a uma nação e à Terra - constitui um dos objetivos da pesquisa transdisciplinar.

O laço transcultural que une toda a diversidade humana é aquele que nos remete ao nosso estado enquanto indivíduos de uma única espécie. Isso quer dizer que, mesmo na diversidade cultural que produzimos ao longo do tempo, há laços inquebráveis entre todos nós, que transcendem cultura, religião, cor, tradição.

Não falamos também somente em relação à dignidade básica necessária ao ser humano sobreviver, como direito à alimentação e à saúde. É claro que fatores ligados à sobrevivência física são elos indissociáveis que permeiam toda nossa espécie, mas esses fatores isolados são característicos de todos os seres vivos. A dignidade humana não pode ser restrita somente à garantia de direitos relativos à sobrevivência física.

Enquanto humanos temos consciência reflexiva, reconhecemos emoções, produzimos laços afetivos que vão muito além de vínculos genéticos, necessitamos de reconhecimento por parte de outros seres humanos e, sobretudo, necessitamos, efetivamente, de outros seres humanos.

A conquista da consciência relativa a uma cidadania planetária é extremamente necessária hoje em dia, já que nosso futuro e o de todos os outros seres vivos e não-vivos da Terra, está ameaçado. Ameaça essa que nós produzimos justamente por não reconhecermos nossa cidadania planetária, por nos distanciarmos da própria dignidade humana.

Ao não exercermos a consciência reflexiva, não aprendemos com a nossa própria história. Tantas culturas foram extintas por um colonialismo autoritário e unidirecional! Tanto conhecimento foi esquecido juntamente com a extinção dessas culturas. O quanto poderíamos ter aprendido e evoluído enquanto espécie humana se já tivéssemos conquistado um diálogo transcultural e multirreferencial!

Atualmente, porém, os ciclos se repetem, culturas são extintas, um colonialismo globalizado impera e as distâncias culturais estão cada vez mais abissais. O resultado disso tudo são guerras declaradas entre nações, terrorismo, guerras civis e uma constante ameaça de uma última e exterminante guerra mundial.

Isso sem falar de uma guerra submersa e contaminante, disseminada por uma mídia explosiva, que coloniza nossas culturas por dentro. Índios, sertanejos, pescadores, descendentes de quilombolas, dentre outros tantos brasileiros únicos, que possuem culturas próprias, deixam de valorizá-las devido à colonização que sofrem através e, principalmente, da televisão.

O respeito pela diversidade humana e sua dignidade e cidadania planetária, deveria permear todos os veículos de comunicação, a fim de se construir uma verdadeira ética transdisciplinar, contemplando diferentes aspectos culturais, ideológicos, religiosos, políticos, filosóficos, econômicos.

O Artigo 9, o Artigo 10 e o Artigo 13 da Carta da Transdisciplinaridade complementam essa mesma idéia:

Artigo 9: A transdisciplinaridade conduz a uma atitude aberta em relação aos mitos e religiões e àqueles que os respeitam num espírito transdisciplinar.

Artigo 10: Não existe um lugar cultural privilegiado de onde se possa julgar as outras culturas. A abordagem transdisciplinar é ela própria transcultural.

Artigo 13: A ética transdisciplinar recusa toda atitude que se negue ao diálogo e à discussão, qualquer que seja a sua origem - de ordem ideológica, cientificista, religiosa, econômica, política, filosófica. O saber compartilhado deveria levar a uma compreensão compartilhada, baseada no respeito absoluto das alteridades unidas pela vida comum numa única e mesma Terra.

O educador transdisciplinar têm, portanto, uma grande tarefa: a de permitir o desenvolvimento de um novo modo de ser em relação ao que é diferente, focando mais as associações do que as distinções. Ao estudar, por exemplo, um fato histórico, como o Descobrimento do Brasil, este deve ser visitado por todas as culturas envolvidas, partindo de diferentes pontos de vista até que um saber compartilhado por várias interpretações de um mesmo acontecimento, ocorra. Da mesma forma, todos os outros conteúdos disciplinares devem “transdisciplinarizar-se” ao envolverem diferentes pontos de vista para um mesmo foco. Por exemplo, há diversos modos de se resolver uma divisão. Com certeza, os índios têm sua maneira, os árabes têm

outra, os japoneses outra, os aborígenes outra. E todas essas maneiras compõem um saber compartilhado de uma mesma operação mental: a divisão. Mesmo que adotemos o nosso algoritmo tradicional, não poderemos acreditar que esse é o único modo de se resolver a divisão.

Sempre trabalhar com grupos de alunos, atribuindo uma atividade ao grupo como um todo resolver, são atitudes cotidianas em uma educação transdisciplinar. Cada aluno tem sua interpretação da realidade, devido à sua cultura, sua crença, sua tendência política, sua tradição específica, e, embora, compartilhemos de uma mesma e grande cultura, temos individualidades bastante claras. É no exercício do compartilhar visões diferentes e da produção de um saber compartilhado que se poderá chegar a um real reconhecimento da dignidade humana de cada um. Quanto mais diverso é um grupo, mais riqueza terá como potencial de produção de saber compartilhado. Uma escola transdisciplinar deve sentir-se aberta a alunos de diferentes nacionalidades, religiões, tendências políticas. Além disso, os alunos que possuem alguma diferença orgânica física, sensorial ou mental, contribuem com considerável riqueza nas atividades de grupo, por possuírem percepções tão distintas da realidade. Essa abertura por parte da escola e do educador é essencial para a atitude transdisciplinar em educação.

2.2.8. Artigo 11: Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Ela deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos.

A abstração do conhecimento é, quase que de forma generalizada, o objetivo maior da educação tradicional moderna. Todos os seus instrumentos foram desenvolvidos visando esse propósito: currículo organizado em disciplinas com conteúdos organizados em uma ordem imposta; livros didáticos que expõem esses conteúdos na ordem e organização disciplinar já definidas; didática que, na melhor das hipóteses, busca uma mobilização ao aprendizado, para que este não fique tão destituído de sentido, ou mesmo, uma didática que tem como base a construção do conhecimento, mas que, no final, privilegia o raciocínio lógico sobre qualquer outra experiência.

O resquício da valorização da racionalidade em detrimento daquilo que é corporal e sensorial, advindo das raízes do grande conjunto cultural ocidental, encontra seu maior lugar de reconhecimento nas instituições de ensino. É função de uma genuína educação transdisciplinar re-aproximar sujeito e objeto, razão, corporeidade,

sensorialidade e sensibilidade. E como resultado disso tudo, o foco da educação volta-se para a vida, para a convivência, para o fazer junto ao outro, para o saber compartilhado e conjunto, para a diversidade de opiniões, para a atribuição de sentido.

Há uma grande diferença entre ‘conceitualizar algo’ e ‘dar sentido a algo’.

Para conceitualizar é necessária uma série de operações que tem como objetivo a abstração do conhecimento. Nesse ato, podemos perceber que a relação sujeito X objeto é dicotômica e polar: o sujeito busca a apreensão do objeto.

Para dar sentido é necessário sentir, além de pensar. Envolve o corpo, a imaginação, os sentidos e os sentimentos. Nesse ato é necessário que sujeito e objeto se envolvam em um acoplamento estrutural capaz de produzir significados e sentidos nessa relação. O sentido atribuído não está no sujeito nem no objeto e, ao mesmo tempo, está nos dois. Dar sentido produz significados e, neste ato, no cérebro, são produzidas muito mais sinapses, e em vários locais diferentes, do que durante o ato simples de conceitualizar.

Na verdade, eu diria aos educadores que a invenção – uso esse termo por ser algo que não existia – a invenção da implicação do emocional e corporal no processo de aprendizagem que justamente gera a emergência do novo é fundamental. Do contrário não se arraiga na dimensão estrutural do corpo constituindo um aprendizado muito superficial e entra para um arquivo do esquecimento ou da abstração. (VARELA, entrevista com Hélène Trocmé-Fabre em DVD, 2006)

Além disso, o educador transdisciplinar deve proporcionar o desenvolvimento de outros aprendizados que não estão limitados às grades curriculares disciplinares.

Fazer arte, por exemplo, não é apenas reproduzir técnicas apreendidas. Fazer arte é produzir uma extensão de si, para o mundo. É ampliar, de forma extrema, a capacidade de expressão ao ponto de atingir o indizível. É também um ato de auto-conhecimento em que, sem esperar, aspectos inconscientes podem se tornar mais conscientes. A arte é tão necessária ao ser humano que se torna vital, pois não há nenhuma cultura, nenhuma sociedade, desde os primórdios da humanidade, que não tenha produzido arte, até mesmo antes do advento da linguagem. A arte aproxima o ser humano do rito, do imaginário, do arquetípico, do universal. No processo criativo vivenciamos aspectos como incerteza, flexibilidade, mudança e subjetividade. A arte não tem fronteiras culturais, socio-econômicas ou de linguagem. A educação transdisciplinar deve reservar um espaço legítimo e cotidiano para o fazer arte.

A legitimidade de um espaço para o corpo, nas instituições de ensino, é também condição necessária para a educação transdisciplinar. Um corpo inteiro que

movimenta-se, que sente, que vive, que abraça, que dança, que age. O trabalho corporal deve abranger áreas específicas como a Educação Física, complementando ainda com atividades corporais relacionadas à experiência sensório-motora re-equilibrante e integradora. Atividades corporais como tai-chi-chuan, yoga e massagem produzem um efeito relaxante e, ao mesmo tempo, de ampliação da percepção. Atividades desse tipo são utilizadas na educação em culturas orientais e produzem efeitos como o desenvolvimento da concentração; da organização espaço-temporal; da consciência corporal; do equilíbrio; bem como auxiliam para o sentimento de bem-estar e na manutenção das saúdes física e mental. As atividades propostas pelo educador transdisciplinar devem ser concebidas contemplando não somente o nível intelectual do aluno, mas também devem incluir a ação corporal favorecendo a emergência de sentimentos e, conseqüentemente, a atribuição de significados por parte do aluno.

O trabalho com o corpo social também deve ser enfatizado. Quais as necessidades no grupo de alunos como um todo? Da comunidade escolar, de forma mais abrangente? Da comunidade do bairro onde a escola se encontra, da cidade, do estado, região, ou do país? As necessidades do corpo social, de seu núcleo menor, enquanto grupo de alunos, até seu maior sistema, quando se torna um corpo planetário, devem adentrar as salas de aulas. São essas necessidades a essência de trabalhos significativos. A educação transdisciplinar, como já foi dito, deve trazer o corpo do aluno para a sala de aula, incluindo nesse processo, os corpos sociais. Daí a grande ajuda que o Trabalho com Projetos em sala de aula pode fornecer ao educador transdisciplinar.

2.2.9. Artigo 12: A elaboração de uma economia transdisciplinar está baseada no postulado de que a economia deve estar a serviço do ser humano e não o inverso.

Durante a Modernidade, a economia foi se tornando o foco do desenvolvimento das sociedades ocidentais. O fenômeno da globalização permitiu a disseminação desse objetivo para todo o planeta. As sociedades modernas, portanto, impulsionadas pela separatividade entre sujeito e objeto, exploraram (e ainda exploram) a natureza até quase a exaustão completa de seus recursos e de sua capacidade de recomposição. O pensamento dual de que sujeito e objeto são separados, criou uma realidade que permitiu fazer com que o homem ocidental se percebesse exterior à natureza, como se não fizessemos parte dela, como se não dependêssemos do equilíbrio da vida para sobreviver. A economia globalizada tem como raiz essa separatividade.

O desenvolvimento tem dois aspectos. Por um lado, é um mito global no qual as sociedades que chegam a se industrializar alcançam o bem-estar, reduzem suas desigualdades extremas e facilitam aos indivíduos o máximo de felicidade que uma sociedade pode dispensar. Por outro lado, uma concepção reducionista, na qual o crescimento econômico é o motor necessário e suficiente de todos os desenvolvimentos sociais, psíquicos e morais. Essa concepção tecnoeconômica ignora os problemas humanos da identidade, da comunidade, da solidariedade, da cultura. (MORIN, CIURANA, MOTTA, 2003, p. 82)

Em outras culturas, mesmo em sociedades primitivas, onde nunca houve essa separação entre sujeito e objeto, as relações entre os seres vivos e não-vivos se tornaram evidentes para seus indivíduos. Assim como em nossa sociedade, o desenvolvimento econômico é evidentemente o objetivo maior.

A grande cilada de qualquer representação é a sensação de evidência. Não é nada menos evidente do que a evidência. Esta evidência é uma cilada do pensamento, pois existem mil outras representações do mundo que criam em mil outras pessoas de mil outras culturas, mil outras sensações de evidência. Cada um tem a sua evidência do mundo que é alimentada por sua representação do mundo. Mas é claro que a cultura ocidental tomou o poder graças à tecnologia. Esta tecnologia deve muito à nossa atitude separatista impulsionada pelo dualismo. Separando o mundo em mil especialidades diferentes, cada um foi fazendo seu caminho na sua especialidade com um desempenho técnico impressionante e atrofiou todas as outras percepções possíveis do mundo. Mas existem outras culturas como a africana ou a asiática, que tiveram um desempenho técnico mais fraco, mas que continuam a dar sentido às coisas. Quando nos deparamos com essas outras evidências, essas outras percepções e representações de mundo, vemos que o fato de dar sentido às coisas cria uma grande riqueza e um grande prazer no cotidiano. Descobrimos outros universos mentais e mundos plenos, que não têm necessariamente um bom desempenho técnico. (CYRULNIK, entrevista com Hélène Trocmé-Fabre em DVD, 2006)

Em 2007, com a publicação do Quarto Relatório do IPCC, o Painel Intergovernamental de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas, se tornou evidente, na linguagem científica (altamente valorizada na cultura ocidental) que o ser humano, devido ao desenvolvimento econômico de algumas nações, em detrimento de todo o planeta, era o grande responsável pelo superaquecimento da Terra.

Se a temperatura da Terra subir mais de 2°C em relação à era pré-industrial, os mantos de gelo da Antártida e da Groenlândia podem derreter, elevando o nível do mar e inundando cidades de Londres a Recife. Secas, enchentes e furacões afetarão centenas de milhões de pessoas, em especial nos países mais pobres.

Para limitar a elevação de temperatura é preciso fazer com que as concentrações de gás carbônico na atmosfera sejam estabilizadas em 450 ppm (partes por milhão), em média (hoje elas estão em 381). Para isso, será necessário cortar as emissões de CO₂ em 50%

a 80% até o meio do século – o que demandará um completo reordenamento da economia mundial e dos hábitos de consumo. (ANGELO, 2007, pA21)

Para estabelecer acordos entre os países, com o fim de evitar as grandes conseqüências do Aquecimento Global previstas pelos cientistas do IPCC, de 2 à 14 de dezembro de 2007 foi organizada em Bali, a COP-13, a décima terceira Conferência das Partes da Convenção do Clima na ONU. O Tratado de Kyoto de 2005, boicotado pelos EUA e pela Austrália, propôs que os países industrializados e de economias em transição (o ex-bloco soviético) reduzissem em 5,2% as emissões de gases de efeito estufa, em relação aos níveis de 1990, no período de 2008-2012. A COP-13 tem como objetivos principais estabelecer as metas de redução de emissão de gases de efeito estufa a partir de 2012 e atrair para o acordo os maiores poluidores do planeta: EUA, China e Índia.

De 1990 à 2004, as emissões globais cresceram 24%. Nesta década, a taxa de crescimento do CO₂ no ar subiu 35%. A Agência Internacional de Energia praticamente descartou a estabilização em 450ppm. O crescimento acelerado da Índia e da China tem puxado o consumo de carvão mineral, o pior dos combustíveis fósseis. Nos EUA, país que rejeita Kyoto, a previsão é que em 2010 as emissões tenham subido 26%. E mesmo a Europa, principal defensora do acordo, só cumprirá suas metas por causa da quebra econômica do leste europeu nos anos 1990.

[...] Os maiores poluidores do planeta, Estados Unidos e China, continuam se recusando a assumir metas obrigatórias de redução de emissões.

A posição do governo George W. Bush é que metas afetam a competitividade do país. Além disso, alega, não é possível adotar compromissos sem que os gigantes do Terceiro Mundo, Índia e China, entrem na dança. Esses países não são obrigados por Kyoto a adotar metas, porque precisam emitir para se desenvolver. E devem fincar o pé nessa decisão. (ANGELO, 2007, pA21)

Quando as sociedades humanas irão definitivamente desviar sua atenção da **economia** para a **ecologia**? A educação transdisciplinar tem como grande preocupação essa transformação, que passa primeiramente por uma mudança de padrões de pensamento, de percepção e realidade a fim de se conquistar uma economia a serviço da vida.

2.2.10. Artigo 14: Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da atitude e da visão transdisciplinar. O rigor da argumentação que leva em conta todos os dados é a melhor barreira em relação aos possíveis desvios. A abertura comporta a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito às idéias e verdades contrárias às nossas.

Como já foi dito outras vezes, o trabalho em grupo, em uma proposta de educação transdisciplinar, é uma das chaves-mestras.

Na educação tradicional moderna, em que o aluno não interage ativamente com os outros, tampouco, não demonstra suas idéias, sentimentos e necessidades, não se faz possível o desenvolvimento da capacidade de argumentação e de convivência com as diferenças. Não se aprende a argumentar sem exercitar a própria argumentação. Não se aprende a tolerar sem conviver, dia-a-dia, com as diferenças. Assim como não se aprende a ser flexível e criativo em um ambiente previsível e dentro de uma rotina pré-determinada e imposta.

Varela nos diz que “a inteligência não se define mais como uma faculdade para resolver um problema, mas como a de penetrar em um mundo compartilhado.” (VARELA, entrevista com Hélène Trocmé-Fabre em DVD, 2006)

A educação transdisciplinar procura, através da convivência com as diferenças, desenvolver a capacidade da mudança de pontos de vista e do respeito às divergências. Assim como há diferentes realidades produzidas por diferentes percepções do mundo, há diferentes verdades relacionadas a um mesmo fato. E todas elas compõem um único mosaico, estruturando uma realidade social comum, embora não consensual. No ato de conviver, não só percebemos que o outro pode ser diferente como também acabamos por assumir a responsabilidade de sermos diferentes também, em relação ao outro. Ao propor uma idéia, o aluno desenvolve a capacidade de argumentar, mesmo sabendo que os outros têm o direito de divergir e, quando a divergência ocorre, o aluno deve aprender a refletir sobre ela, não se limitando apenas a refutá-la. Argumentar para propor, argumentar para divergir e saber refletir a respeito das argumentações divergentes à sua: esses são aprendizados complexos, que exigem um desenvolvimento lento no curso de toda a vida. Porém, se no decurso da vida escolar não podemos exercitar essas habilidades, perdemos muitas oportunidades. Além disso, se aprendemos que não é permitido divergir das idéias dos professores, por exemplo, ou de outros colegas, acabamos por evitar desenvolver essa habilidade em qualquer situação, nos tornando pessoas bastante “dóceis” e pouco atuantes no contexto social.

2.2.11. ARTIGO FINAL: A presente Carta da Transdisciplinaridade foi adotada pelos participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade e não reivindica nenhuma outra autoridade além de sua obra e sua atividade.

Segundo os procedimentos que serão definidos de acordo com as mentes transdisciplinares de todos os países, esta Carta está aberta à assinatura de qualquer ser humano interessado em promover nacional, internacional e transnacionalmente as medidas progressivas para aplicação destes artigos na vida cotidiana.

Convento da Arrábida, 6 de novembro de 1994

Comitê de Redação

Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu

A Carta da Transdisciplinaridade é, portanto, um grande referencial para a ação do educador transdisciplinar. Acima de tudo, propõe a aplicação da Transdisciplinaridade na vida cotidiana, ou seja, não se limita a expor teorias, mas busca exatamente a prática. É o educador que terá, ou não, o poder de realizar alternativas transformadoras capazes de fazer surgir uma educação transdisciplinar. Esse poder está nas mãos do educador que é quem efetivamente faz acontecer a educação. Pensar e fazer a educação não podem mais ser funções de categorias profissionais diferentes. A Transdisciplinaridade, mais que qualquer ciência, filosofia ou religião, só encontra seu sentido na manifestação, na aplicação concreta de suas idéias em atitudes cotidianas.

O educador transdisciplinar não está só, ao contrário, deve trabalhar em grupo, com outros profissionais, com seus alunos e pais de alunos. Porém não deve esperar que uma proposta de educação transdisciplinar seja levada a ele para que ele só tenha a função de executá-la. Para uma educação transdisciplinar, não há regras a serem seguidas como um manual passo-a-passo de execução. Por isso, a Carta da Transdisciplinaridade é um grande referencial e o educador transdisciplinar, antes de tudo, deve tornar-se um ser humano transdisciplinar em sua vida cotidiana.

3. Escola VILA: prática transdisciplinar e eco-sistêmica

A Escola VILA foi fundada em 1981 apenas com Educação Infantil e, em 1990 estendeu-se ao Ensino Fundamental. Hoje conta com 380 alunos, das mais variadas classes sociais, incluindo alguns alunos com necessidades especiais em todas as turmas. A preocupação com a valorização da diversidade humana é um dos pontos de destaque desta escola. Mesmo sendo uma escola particular, possui cerca de 20% de seus alunos com bolsas de estudo. Além da inclusão social e de alunos com necessidades especiais, a VILA sempre abriu suas portas para alunos de diferentes nacionalidades, culturas e religiões.

A equipe técnica da escola e seus professores vêm prestando assessoria (a maioria das vezes de forma voluntária) a escolas municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental. O resultado é bastante motivador já que a repercussão desse trabalho se expande por toda a comunidade, além dos muros dessas escolas, favorecendo um entrosamento maior das famílias com o meio pedagógico, bem como o desenvolvimento da consciência ecológica, do resgate e da valorização das tradições da região e, também da idéia de sustentabilidade da comunidade onde a escola está inserida.

3.1. A História da VILA

A Escola VILA nasceu de um trabalho iniciado por algumas mães, no quintal da casa de uma delas, a idealizadora, Fátima Limaverde. Esse trabalho tinha como objetivo proporcionar uma educação diferenciada, fugindo de padrões tradicionais, com o fim de formar novos seres humanos, mais felizes, criativos e atuantes em seus contextos sócio-ambientais.

O trabalho que gerou a Escola VILA iniciou quando algumas mães e eu nos reunimos para trabalhar com nossos filhos.

Aos poucos, essas reuniões transformaram-se em uma Colônia de Férias. Cada mãe desenvolvia a sua experiência. Trabalhávamos com a criatividade reciclando materiais, com música, teatro, horta, costura e recreação.

Depois, abrimos o espaço para outras crianças da cidade e realizamos outras Colônias de Férias que fizeram o maior sucesso.

Trabalhávamos a criatividade das crianças com diversas atividades, vivências e muitos materiais diversificados, naquela época chamados de lixo.

A minha preocupação com o consumo exagerado de produtos e embalagens plásticas que demoram de 200 a 500 anos para se degradarem, fez com que esse “lixo” tomasse a forma de brinquedos, jogos, utensílios e outras coisas mais.

[...]

Com essa proposta de criar e recriar reciclando, tivemos uma grande cobertura da imprensa local e os pais das crianças que freqüentaram as Colônias de Férias solicitaram que o trabalho fosse permanente. Assim, criei um espaço chamado “Quintal”, onde recebia crianças três vezes por semana para dar continuidade às Colônias de Férias e incluir outras atividades como o trabalho com farmácia viva, artesanato, trabalho de corpo. (LIMAVERDE, 1999, p.23-25)

Inicialmente não havia a pretensão de que essa proposta pudesse vir a ser uma escola formal, mas a ampla repercussão, inclusive da imprensa, levou à criação da escola propriamente dita.

Podemos citar como um trabalho de vanguarda e visão, o da Vila: Vivência Infantil, Lazer e Aprendizagem. Escola que preocupa-se em despertar a criatividade da criança, para que ela possa sentir-se capaz de realizar, de produzir, de sentir-se seguro na vida. Dentro desta filosofia, as responsáveis pela escola: Geraci Melo e Fátima Limaverde resolveram abrir a primeira Galeria de Arte Infantil da cidade.

[...]

Há uns anos atrás, um grupo de mães resolveu reunir-se para criar com seus filhos. A partir daí abriram esses encontros para outras crianças em forma de Cursos de Férias, até que decidiram montar uma escolinha no quintal da casa da idealizadora do trabalho Fatinha Limaverde. Até que a advogada Geraci Melo, com uma infra-estrutura mais baseada, acreditou no trabalho e propôs sociedade à Fatinha. Em novembro fizeram uma semana de promoção para que os pais pudessem conhecer a filosofia e trabalho da futura escola. A proposta foi bem aceita e a escola iniciou suas atividades com 68 crianças, no início deste ano.

A escola consiste da Casa, onde são dadas as aulas e feitas as atividades convencionais e o Quintal, que é um lote de areia, bananeiras e castanholeiras, com uma horta cultivada pelas crianças, espaço para a pelada dos meninos, guarda-roupa para os momentos de fantasia e um pátio coberto onde funciona a mesa de sucata. Todas as crianças passam diariamente no mínimo duas horas no quintal.

Lá há uma socialização total, dançam, cantam, enfeitam-se, organizam dramas, pintam e bordam, enfim, são criadas condições para que o potencial criativo da criança se manifeste guiado pelos próprios interesses.

Lá funciona creche, ou meio expediente. A alimentação das crianças é equilibrada, sendo o lanche, sucos de frutas naturais, a própria fruta, sanduíches, bolo, também com o prognóstico de bons hábitos alimentares.

A Vila hoje conta com 130 crianças, e quanto à Galeria, é intenção das organizadoras que ela seja aberta a outras crianças, a outras escolas, sempre com intenção de incentivar o espaço da criatividade na vida destes homens de amanhã. (CORREIO DO CEARÁ, 29/10/1982)

A Escola VILA surgiu em meio à emergente configuração social dos anos 80, em que as mulheres buscavam seu lugar no mercado de trabalho, os homens também questionavam padrões e valores e a instituição familiar se reconfigurava. Crescia o

número de separações e divórcios bem como novos modos de relacionamento e núcleos familiares diversos. Muitos pais e mães, nesse contexto, questionavam os padrões usuais de educação e foram atraídos pela proposta inovadora da VILA. Novos valores emergiam desse contexto e a atuação social e ambientalista começou a ser valorizada. No jornal O POVO de 24 de novembro de 1981, a reportagem “*Em Fortaleza, uma creche-escola de apoio às mães que trabalham*” retratava, de certa forma, o contexto emergente dos anos 80, comentando sobre a proposta da Escola VILA recém inaugurada e com as atividades previstas para o ano seguinte:

[...] A professora Fátima Limaverde – que já tem larga experiência no setor de artes para crianças – é quem orientará as crianças nas brincadeiras e nas artes. As crianças terão uma boa oportunidade de despertar em sua criatividade, através da construção de seus próprios brinquedos. Para isso elas utilizarão sucatas e material considerado sem utilidade como caixas, vidros vazios, latas, etc. “Tudo será aproveitado e dessa forma fazemos com que os pais economizem, dispensando a compra de brinquedos eletrônicos para seus filhos”, disse Fátima.

Além da criação de brinquedos, as crianças aprenderão expressão corporal, dança, teatro e música. Durante o ano elas vão elaborar uma bandinha com instrumentos também feitos de sucata. (O POVO, 24/11/1981)

É interessante notar que falar de trabalho com sucata, da necessidade de se trabalhar o corpo e as artes na escola e, ainda, questionar o exagero da utilização de brinquedos eletrônicos, tudo isso em 1981, era algo pioneiro e transgressor, partindo de uma escola formal.

A quebra de tabus sempre esteve no cotidiano da VILA. Não que o objetivo fosse a quebra de tabus, mas, a partir de uma reflexão crítica e livre de preconceitos, o caminho da VILA ia se configurando por rotas que acabavam por divergir de “consensos” estabelecidos pela sociedade, culturalmente. Foi o caso, por exemplo, do pioneirismo da abertura para homens como professores de educação infantil, conservada até os dias atuais.

“A mulher foi educada para ser professora e mãe.” Essa é uma frase antiga e repetida por muitas feministas, protestando contra toda a carga de tabus que as limitam ao trabalho de ensinar e reproduzir. O número de mulheres que recorre ao magistério, principalmente em nível pré-escolar, é ainda muito grande, porque a sociedade rotulara a figura da professora, como uma substituta da mãe, “responsável pela educação da criança”.

Hoje, esse antigo preconceito está sendo quebrado por dois homens, Antônio Genivaldo Silva Feitosa e Hugo Carlos, que na escolinha e creche Vila: Vivência Infantil, Lazer e Aprendizagem, substituem as “tias”. A experiência inicial foi de Genivaldo, há oito meses, quando foi chamado pela diretora do estabelecimento para ensinar a uma turma de Jardim II, com 8 crianças. Estudante do 5º semestre de Pedagogia, o rapaz sempre se sentiu atraído pela educação infantil e se questionava por que somente as mulheres eram

requisitadas para a tarefa. O convite foi aceito imediatamente e a experiência deu certo, e agora ele está com uma turma de 18 crianças no Jardim I.[...] (O POVO, 27/03/1983)

Outro tabu superado, desde os primeiros anos da VILA, foi a inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais nas turmas regulares da escola. A abertura sempre garantida para crianças com Síndrome de Down, com paralisia cerebral, dificuldades de locomoção, com deficiências auditivas ou visuais, dentre outras especificidades, fez com que a Escola VILA proporcionasse muitas vivências valiosas para o desenvolvimento da convivência na diversidade, por parte de todos os alunos, professores, equipe técnica, direção e familiares. Essas experiências são, sem dúvida, de uma riqueza inestimável. A Escola se propõe a receber esses alunos, a partir de um comprometimento de suas famílias em contribuir com todo o suporte necessário para seu desenvolvimento. O envolvimento da Escola VILA com a família e os profissionais que atendem essas crianças é essencial para auxiliar o professor na conduta com seu aluno. O resultado dessa interação é um crescimento pessoal e profissional por parte do professor e demais profissionais da escola, o desenvolvimento de habilidades de convivência como respeito, tolerância e compaixão por parte de todos os alunos, incluindo os “especiais” e seus familiares.

Uma menina alegre, querida pelos coleguinhas e completamente sociabilizada. Este é o olhar que a professora Luiza Santos Pontello tem da filha mais nova que é portadora da Síndrome de Down. Segundo ela, tudo isso se deve à forma como Alice foi acolhida na escola de ensino regular onde estudam os dois irmãos mais velhos. “Não tive problema, pois já conhecia o projeto pedagógico da Escola creche VILA”. Luiza ressalta que é fundamental o apoio da família e a integração da escola com os profissionais que acompanham Alice. (O POVO, 20/03/2007)

Figura 2 - Primeira Galeria de Arte Infantil da Cidade, *Jornal Correio do Ceará*, 29 out. 1982

DICAS & DIVERSÕES DICAS & DIVERSÕES DICAS & DIVERSÕES

Primeira Galeria de Arte Infantil da Cidade

Fortaleza vem passo a passo acompanhando o desenvolvimento das cidades grandes e aos poucos vão surgindo movimentos, trabalhos e outros acontecimentos que correspondem ao seu tamanho, embora haja muita carência em outras áreas.
Podemos citar como um



trabalho de vanguarda e visão, o da Vila vivência Infantil: Lazer e Aprendizagem. Escola, creche, maternal, que preocupou-se em despertar a criatividade da criança, para que ela possa sentir-se capaz de realizar, de produzir, de sentir-se seguro na vida.
Dentro desta filosofia, as responsáveis pela escola: Geracy Melo e Fátima Limaverde resolveram abrir a primeira Galeria de Arte Infantil da cidade.

A Galeria acontece todo último sábado de cada mês e nela são expostos os trabalhos realizados por suas crianças, orientados e coordenados pela Fátima. Na mostra do mês passado tivemos a oportunidade de nos delectarmos diante das realizações das crianças e com o talento que lhes são passados os ensinamentos da vida. Fazia parte da expô, por exemplo, o setor de reconstituição de brinquedos. As brincadeiras do Quintal (depois falaremos), há uma cesta de brinquedos velhos, incompletos, com alguns destes as

Lembre-se, antes que seja tarde demais, que o núcleo da vida não é o núcleo, mas viver.



pinturas a óleo, trabalhos feitos a partir das sucatas caseiras, objetos de moldados em cerâmica e outros com peças de madeira.

Esta não é uma programação para ficar-se lendo sobre ela, é para ser vista, vivida. Enquanto os pais encontram-se na galeria as crianças estarão participando de atividades no Quintal, poderão estar pintando, se maquiando ou representando.

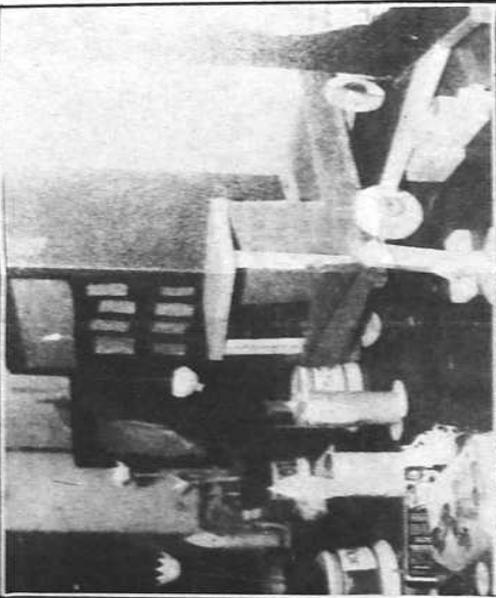
Amanhã será apresentada pelas filis, uma pecinha na qual as crianças participaram.

FALANDO DA VILA...

Há uns anos atrás um grupo de mães resolveu reuni-se para criar com seus filhos. A partir daí abriram estes encontros para outras crianças em forma de Cursos de Férias, até que decidiram montar uma escolinha no quintal da casa da idealizadora do trabalho Fátima Limaverde.

Até que a advogada Geracy Melo, com uma infra-estrutura mais baseada, acreditou no trabalho e propôs sociedade à Fátima. Em novembro fizeram uma semana de promoção para que os pais pudessem conhecer a filosofia e trabalho da futura escola. A proposta foi bem aceita e a escola iniciou suas atividades com 68 crianças, no início deste ano.

A escola consiste da Casa, onde são dadas as aulas e feitas as atividades convencionais e o Quintal, que é um lote de areia, bananeiras e castanholinas, com uma horta cultivada pelas crianças, espaço para a pelada dos meninos,



crianças trabalharam, reformularam, recrearam. A ausência de um fone para o telefone era substituída por fones de madeira e isopor de ovos, os carrinhos tiveram seus pneus repostos com tampinhas, rodinhas de madeira (sucata de serraria), as bonecas ganharam novis cabeças de meia, etc.

As meninas maiores (a escola tem até a alfabetização) expuseram bordados equilibrados e bem feitos, os meninos, trabalhos de carpintaria (outra seção do Quintal), colagens engraçadíssimas, eram motivos de riso no painel das montagens, e sempre nos surpreendemos com a capacidade criativa diante das telas com



guarda-roupa para os momentos de fantasia e um pólio coberto onde funciona a mesa de sucata. Todas as crianças passam diariamente no mínimo duas horas no quintal.

Lá há uma socialização total, dançam, cantam, enfeitam-se, organizam dramas, pintam e bordam, enfim, são criativas condições para que o potencial criativo da criança se manifeste, guiada pelos seus próprios interesses. Lá funciona creche, ou meio creche, é equilibrada, sendo o lanche, (incluindo na mensalidade), sucos de frutas naturais, a própria fruta, sanduíches, bolo, também com o prognóstico de bons hábitos alimentares.

A Vila hoje conta com 130 crianças, e quanto à Galeria, é intenção das organizadoras que ela seja aberta a outras crianças, a outras escolas, sempre com intenção de incentivar o espaço da criatividade na vila destes homens de amanhã

Figura 3 – Em Fortaleza, uma creche-escola de apoio às mães que trabalham. *Jornal O POVO*, 24 nov. 1981

O POVO

NOVA MULHER

Em Fortaleza, uma creche-escola de apoio às mães que trabalham

A falta de creches para atender ao grande número de crianças, cujos pais trabalham fora o dia todo, é uma realidade nas grandes capitais. Em Fortaleza, principalmente, o número de creches existentes não chega a atender ao mínimo de crianças que muitas vezes são obrigadas a ficar sozinhas, com vizinhos ou familiares, porque os pais precisam trabalhar.

Foi pensando na carência de creches que Geraci Melo e a professora Fátima Lima resolveram implantar, a partir do próximo ano, uma creche-escola na Praça da Igreja de Fatima que atenderá a criança tanto na parte pedagógica como no lazer. O Vila – Vivência infantil unirá lazer e aprendizagem, o útil ao agradável. A criança será alfabetizada e aprenderá como usar sua criatividade através da elaboração de seus próprios brinquedos.

A creche-escola atenderá a crianças na faixa etária de dois a 10 anos com o maternal, jardim da infância, alfabetização, além do estudo orientado (auxiliar nos deveres escolares), brincadeiras e arte. Dessa forma, as responsáveis pela vila irão unir a parte educacional (pedagógica) com o lazer infantil ensinando-lhes brincadeiras próprias para cada idade e dando-lhe lições de arte.

O estudo orientado funcionará como um auxílio aos deveres que as crianças levam para casa. Neste ponto a orientadora não irá resolver determinados problemas: a criança é quem vai descobrir, por si, como solucioná-los. "A nossa função é somente a de orientar a criança e fornecer-lhe os meios de chegar a solucionar os problemas, enfim, vamos ensinar-lhe a estudar", disse Geraci Melo.

O estudo orientado destina-se a crianças de cinco a 10 anos de idade que estudam em outro colégio, e num horário determinado receberão o auxílio das orientadoras.

ATIVIDADES EXTRA-CLASSE

Afora a parte pedagógica a criança terá atividades de lazer como brincadeiras, teatrinho, jogos, etc. Todas essas atividades serão desenvolvidas no que chamam de "quintal" - um local bem apropriado para qualquer travessura infantil.

A professora Fátima Limaverde - que já tem larga experiência neste setor de artes para crianças - é quem orientará as crianças nas brincadeiras e nas artes. As crianças terão uma boa oportunidade de despertar em sua criatividade, através da construção de seus próprios brinquedos. Para isso elas utilizarão sucatas e material considerado sem utilidade como caixas, vidros vazios, latas, etc. "Tudo será aproveitado e dessa forma fazemos com que os pais economizem, dispensando a compra de brinquedos eletrônicos para seus filhos", disse Fátima.

Além da criação de seus brinquedos, as crianças aprenderão expressão corporal, dança, teatro e música. Durante o ano elas vão elaborar uma bandinha com instrumentos também feitos de sucata.

CARTELAS Na escola-creche será implantado o sistema de cartelas, onde as mães podem comprar determinada quantidade e fixar dia e o horário que seus filhos permanecerão no local. As crianças tanto podem ficar por horas como por turnos, com direito a lanches.

"O que pretendemos é que a criança se sinta como se estivesse em sua própria casa. Por isso implantamos, também, uma sala de jogos e outra de música. Além das professoras e auxiliares haverá uma equipe de mães disponíveis para trabalhar com a garotada - afirmou Geraci.

AVILA funcionará a partir de fevereiro, de segunda a sexta-feira, no horário de 7h30min até às 17 h30min. Mas durante toda esta semana as educadoras, orientadoras e mães já estão fazendo uma demonstração aos pais que inscreveram seus filhos do tipo de trabalho que será desenvolvido.



"Deixarão os filhos por hora ou turno"

Figura 4 – O Homem sem preconceito. *Jornal O POVO*. 27 mar. 1983

O HOMEM SEM PRECONCEITO

A mulher foi educada está sendo quebrado por dois homens, Antônio Genivaldo Silva Feitosa e Hugo Carlos, que na Escola Vila-Vivência Infantil, Lazer e Aprendizagem substituíam as "vias". A experiência inicial foi de Genivaldo, há oito meses, quando foi chamado pela diretora do estabelecimento para ensinar a uma turma de Jardim II, com 8 crianças. Estudante do 5o. Semestre de Pedagogia, o rapaz sempre se sentiu atraído pela educação infantil e se questionava por que somente as mulheres eram requisitadas para a tarefa. O convite foi aceito imediatamente e a experiência deu certo, e agora ele está com uma turma de 18 crianças no Jardim I, e com elas, além das tarefas de classe, faz recreação e outras íntimas atividades.

As crianças não fizeram nenhuma objeção ao "tio" e desde o início Genivaldo conseguiu ter um bom relacionamento com elas, e até com os pais. "É claro que muita gente estranha o fato de um homem substituir a mulher, nessa tarefa. Mas o carinho que as crianças me dispensam é igual ao que tinham pela professora. É gratificante."

Na sala, as crianças cumprem suas tarefas, ficam à vontade para desenvolver a criatividade, como desejarem. O que elas mais gostam é da parte de recreação, quando o professor leva todos para o quintal e lá, de pés descalços, meninos e meninas fazem um "estripulias". Correm, brincam, se lambuzam, numa verdadeira festa infantil. Na hora de ir para casa: "O tio, calça

o meu sapato". E Genivaldo, com toda paciência, calça os sapatos de todo mundo e entrega cada um a seus pais. Ele só larga o seu posto quando todos já foram embora.

UM MÉTODO FLEXÍVEL

A Vila não segue um método rígido, porque o objetivo, segundo o mestre, é oferecer o máximo de liberdade às crianças e o sistema vai sendo adaptado em cada aula. "Aqui as crianças fazem o que querem". A diretora Geraci Mello acrescenta que se for necessário aplica alguns segmentos dos métodos de Piaget ou de Montessori. O professor assume, mas nada de seguir rigidamente qualquer pensamento pedagógico.

Genivaldo acha que tudo na escola é inovação e o sucesso é óbvio, vez que toda a garotada já está entusiasmada dos rígidos conceitos e até mesmo os pais se mostram interessados em assumir a mudança, estando sempre em contato com os professores. Em cada reunião, o "tio" entrega um relatório aos pais, sobre a criança. Todo o desenvolvimento dela é acompanhado detalhadamente.

A VIOLENCIA

O professor se mostra muito preocupado com as informações violentas que todas as crianças recebem da televisão. "Por mais que a criança gaste energias na escola, e tenha um ambiente natural onde brincar, a televisão exerce uma influência negativa sobre elas, que passam horas e horas vendo desenhos animados, e filmes de violência. Quando chegam na escola no momento da recreação, todos querem imitar um personagem de desenho ou filme".

"É uma festa de super-heróis todos os dias, e é preciso ter muito cuidado com a influência negativa". Ele lembra uma professora amiga sua, que na hora da recreação de seus alunos, todos querem ser o "Hulk". Isso é terrível, porque as crianças ficam violentas e recebem uma educação deformada. "Aqui nós tentamos conscientizar os pais sobre esse problema, e procuramos fazer a criança esquecer os



A participação do "tio" entre as crianças é fundamental no ensino pedagógico

super-heróis, proporcionando-lhes brincadeiras sadias e criativas".

SEM PRECONCEITOS

Como o primeiro homem a trabalhar neste mercado de trabalho, Genivaldo encara a situação sem nenhum temor, e diz que corre muito quando se vê cercado por meninos e meninas. "Acho até que elas se sentem mais à vontade comigo, do que com a professora mulher. Isso talvez se deva ao fato de lembrar a figura da mãe, que tolhe a liberdade em algumas vezes. Em casa, a mulher apresenta como a figura da mãe, que reclama, que obriga a escovar os dentes, a deitar cedo. Na Escola a criança vê a mesma figura mandando fazer deveres. Tudo que ela diz soa como uma ordem, em muitas vezes".

talvez seja este um dos motivos do sucesso obtido por Genivaldo com o Jardim I. Os filhos ficam pouco tempo com o pai, e nas poucas horas em que estão juntos, é para se divertir, brincar, rir, rir, rir, o pai tolhe o filho, porque quer aproveitar todos os momentos e recompensá-lo pela sua ausência constante. Mas, para o professor, não interessa muito aprofundar esse questionamento. O que importa é que está fazendo um trabalho bonito junto à criança e recebendo o total apoio de suas concorrentes femininas. "As professoras também curtem muito a minha atuação aqui. Sempre me orientam, conversam, trocam ideias comigo e a integração é boa entre o professorado".

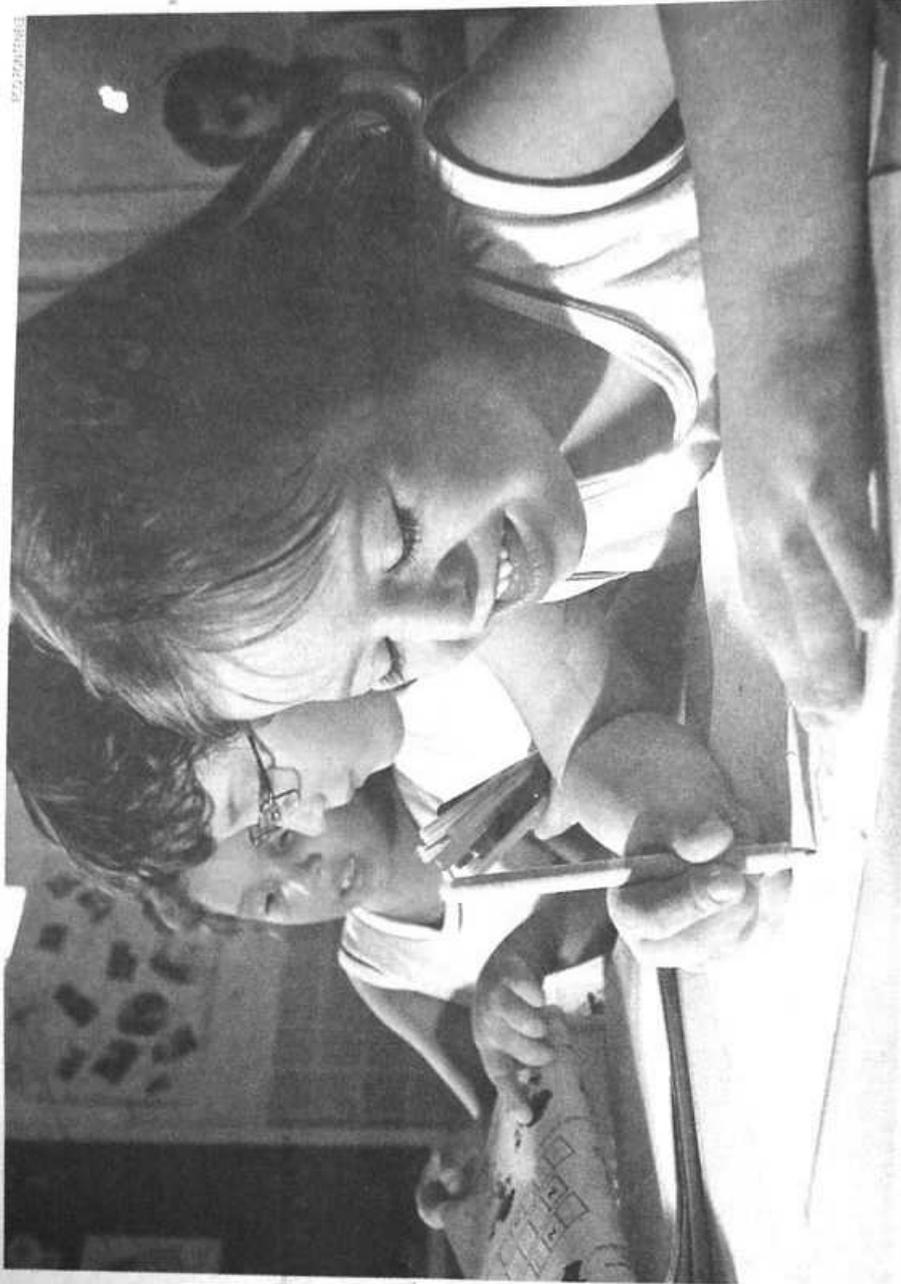
Acha que está na hora do homem começar a se reconectar e a permitir tarefas gratificantes que já são executadas por mulheres, mas que ele é perfeitamente capaz de desempenhá-las de maneira satisfatória. "Muitas vezes o preconceito interfere no desenvolvimento do homem".

Figura 5 - O desafio da educação inclusiva. *Jornal O POVO*. 20 mar. 2007

O desafio da educação inclusiva

ENSINO REGULAR] A

educação inclusiva ainda é um processo lento no Estado, mas já existem iniciativas na rede pública e particular do Ceará. Na rede municipal de ensino, em Fortaleza, os alunos com necessidades educacionais especiais que estão na escola regular são 1.571, menos de 1% dos 229.036 matriculados. Nas escolas estaduais representaram 3% ano passado. Hoje, 20, tem início o ano letivo nas escolas públicas



INDEPENDENTE E FELIZ

Uma menina alegre, querida pelos coleguinhas e completamente sociabilizada. Esse é o olhar que a professora Luiza Santos Pontello tem da filha mais nova que é portadora da Síndrome de Down. Seguindo ela, tudo isso se deve a forma como Alice foi acolhida na escola de ensino regular onde estudam os dois irmãos mais velhos. "Não tive problema, pois já conhecia o projeto pedagógico da Escola-Creche Vila". No primeiro ano de vida, a menina zpassou pela Associação de Pais e Amigos do Excepcional (APE), onde foi preparada para frequentar uma sala de aula numa escola regular. Luiza ressalta que é fundamental o apoio da família e a integração da escola com os profissionais que acompanham Alice. Fora da escola, ela é assistida por terapeuta ocupacional e fonoaudióloga. Pelo menos quatro vezes ao ano, esses profissionais se reúnem com os professores e os pais, onde é feito a avaliação do desenvolvimento de Alice. "Ficamos sabendo, por exemplo, quais pontos precisam ser mais trabalhados com ela e juntos passamos a trabalhar". Luiza ressalta que a convivência com as outras crianças é um referencial para a filha que passa a querer fazer as coisas igual aos coleguinhas, o que serve como incentivo ao seu desenvolvimento. "Não sabemos como será o aprendizado intelectual dela no futuro, mas trabalhamos no sentido de que Alice seja cada vez mais independente e feliz, o mesmo que sonhamos para seus irmãos".

*Amar não significa tornar o outro adaptado, submisso ou semelhante a nós. Amar significa libertá-lo, deixá-lo viver". (Penny Mc Lean)

Fátima Guimarães
da Redação

Antônio Felipe Sam-paio, 7, é surdo. Ele vai estudar na Escola

O caminho percorrido pela VILA segue rumo a um eterno aprimoramento reflexivo e crítico. Foi a primeira escola da região a integrar o sistema de assembléias de discussão com seus alunos. As regras da Escola são sempre discutidas e implementadas pelos próprios alunos. Em um ciclo de debates realizado em decorrência da comemoração dos 25 anos da Escola VILA, em 26 de outubro de 2006, que contou com a presença da professora Dra. Maria Cândida Moraes, Geraci Melo e Fátima Limaverde comentaram sobre a criação de espaços de discussão entre os alunos e professores:

Geraci: Eu me lembro, no começo da VILA, que a Fátima tinha uma preocupação muito grande de não vir a fazer uma escola como as outras. Eu falava: “Essa escola não tem porta não?” e ela respondia: “Não tem não, é tudo aberto”. E eu continuava: “Os meninos podem entrar e sair?”, ela respondia: “Podem entrar e sair quando quiserem”. Tudo isso ela já fazia na casa dela, com seus filhos e outras crianças. Quando começamos a VILA, que é uma instituição escolar, ela ficou com muito medo de ser cooptada a ficar como qualquer outra escola. Então, nos primeiros anos, a VILA foi uma escola bem experimental, a partir de tudo o que ela falava. Eu me lembro que uns dois ou três anos depois de inaugurada a VILA, os meninos estavam muito sem limite.

Fátima: Eu me lembro que eles me desafiavam em função do limite não estar estabelecido. Então, um aluno subiu uma árvore, e eu tive a idéia de criar uma atividade de subida de árvore. Todos os dias, em determinada hora, todos iriam subir a árvore, com alguns adultos protegendo. Alguns dias depois, essa atividade perdeu a graça. Começaram a pular o muro. Fiz a mesma coisa inventando a atividade de pular o muro. Três dias depois, a atividade perdeu a graça. Eu ia caminhando para ver o porque de eles quererem fazer aquela atividade que não era permitida. Eles iam me dando esse referencial. Nesse período foi que a gente começou a conversar mais profundamente com eles. “Vamos fazer uma reunião aqui. Tem muita coisa acontecendo, não está dando certo.” E cada aluno tinha a sua vez de falar: “É porque meu amigo não estuda mais comigo!”, “É que se alguém grita, eu também vou gritar”. Então começamos a fazer essa tomada de consciência para estabelecer as regras da escola juntamente com eles. (CICLO DE DEBATES – 25 ANOS DA ESCOLA VILA, em DVD, 26/10/06)

As constantes assembléias discutem não somente assuntos relacionados às questões internas da Escola, mas também são o principal agente mobilizador dos projetos desenvolvidos pelas turmas de alunos. A atuação socio-ambiental é uma característica predominante no cotidiano escolar da VILA, avançando espaços além dos muros da Escola, como será descrito no decorrer do capítulo.

Figura 6 – Escola-creche Vila faz um trabalho diferente e inovador. *Jornal Fortnews. 01 nov. 1987*

ESCOLA-CRECHE: Vila faz um trabalho diferente e inovador

VILA – Vivência Infantil Lazer e Aprendizagem, há seis anos vem desenvolvendo um trabalho muito importante no contexto educacional de Fortaleza, no ensino do pré-escolar. É uma escola-creche, que apresenta um trabalho bem diferente dos outros estabelecimentos de ensino. Fundada em 1981, por Geraci Melo e Fátima Limaverde,



profissionais e especializados e bem informados. "aqui nós trabalhamos pessoas treinadas, e não temos nenhum problema no relacionamento com as crianças, pois todos são ótimos, não temos nenhum problema com elas", disse Fátima.

ALIMENTAÇÃO

A Vila funciona como uma creche, dando toda assistência necessária aos garotos. Ela conta com a colaboração de um psicólogo e uma pessoa treinada especialmente para dar assistência médica de urgência. Lá a criança tem uma alimentação adequada, e fornece também materiais pedagógicos, higiênicos e alimentar.

Vila conta com o trabalho de 40 funcionários, diretora, coordenadora, pedagoga, psicólogo, secretárias, encarregadas da creche, professoras, auxiliar da creche e auxiliar da limpeza e cozinheira. Ela está atualmente com 290 garotos, sendo 60 ocupando os dois turnos.

PROGRAMA SEMANAL

O trabalho naquela escola-creche se desenvolve em



exercendo sempre um trabalho inovador na área do pré-escolar e creche. O objetivo foi criar um ambiente saudável e seguro, onde os pais possam deixar seus filhos sem preocupação.

interesse é mostrar o ensino, não somente na teoria, mas, também na prática, orientando, além do pedagógico para os que estão no maternal, jardim I, II e III e alfabetização. Há aulas

A Vila se preocupa muito com o desenvolvimento harmônico e natural da criança, nas diversas áreas, como psico-motora, sócio-emocional e de linguagem, para que, com a sua experiência diária, ela possa viver um presente tranquilo e feliz, se preparando para o futuro. Lá a criança começa a viver um novo mundo, aprendendo a se relacionar com as outras.

Esse estabelecimento de ensino é bem adequado a época atual e procura sempre estimular esses pequenos a se interessarem pelas aulas e pelos treinamentos. Segundo Fátima Limaverde, apesar dessas crianças serem ainda muito pequenas, elas já estão aprendendo diversas atividades domésticas. Esse método desperta nas crianças o talento para as artes.



A meta da Vila é incentivar a criança desde cedo a descobrir seu potencial criativo. Ela funciona nos turnos manhã e tarde, e em horários alternados, meia jornada e jornada integral. Essa escola-creche não tem nenhum método específico, seu

de vivência corporal e ambientação musical e nação. As crianças inscritas são de idades variando entre 1 a 10 anos. Ela atende também a crianças sem estarem legalmente matriculadas e atende a domicílio.



Enquanto as outras escolas se preocupam apenas com o ensino pedagógico, a Vila procura fugir um pouco da parte teórica dedicando-se mais à prática, pois torna-se mais fácil a compreensão da criança, proporcionando a elas o desenvolvimento de sua identidade.

duas partes, sala e quintal. Sala é onde são ministradas as aulas e situada a creche, e quintal é uma área onde são exercidas as aulas práticas e onde as crianças fazem recreação. No quintal os garotos aprendem várias atividades de artes. Todo o ensino é feito com muito desempenho, por todos os que fazem a Vila. Localizada a Rua Dom Leme, 1115, Bairro de Fátima.

A Vila trabalha com



Figura 7 – A boa vida da Vila. *Tribuna do Ceará*. 23 fev. 1993



Da esquerda para a direita: Sueli Alves de Brito e Fátima Lima Verde Costa

A boa vida da Vila

Fazer com que a criança conheça todos os seus direitos e deveres como cidadão; contribuir para o desenvolvimento natural da criança, preparando-a para a vida futura, a partir da sua experiência diária e vivenciar com a criança o trabalho com os elementos da mãe terra são os objetivos principais da Escola Creche Vila. Há 14 anos atuando no Bairro de Fátima, e há um ano no endereço atual, a Escola Vila oferece orientação pedagógica específica do pré-escolar ao 1º grau menor, aulas de música, dança, cozinha, noções de fauna e flora, galeria de arte infantil e uma alimentação natural, que visa o desenvolvimento infantil, ao mesmo tempo que desperta na criança a consciência para a importância do alimento no processo do crescimento.

A escola possui 16 salas de aula, do pré-escolar até a 6ª série do 1º grau menor onde são desenvolvidas as mesmas atividades pedagógicas. E cada atividade é direcionada para as habilidades que o aluno desperta. Assim, dos 4 aos 5 anos, o aluno aprende iniciação musical, geralmente o instrumento mais aceito pelas crianças é a flauta. Ao chegarem ao 1º grau menor, eles já estão habilitados a começar a ler partituras. E daí para a escolha de um outro instrumento de sua preferência, é um pulo.

Entre área coberta e espaço para lazer, a Escola Vila oferece três mil metros quadrados de puro prazer de vivenciar as experiências que essa fase, das crianças, proporciona. Mas toda essa preocupação em situar a criança

no universo, colocando com parte integrante dele, faz parte da visão holística de trabalho, que é uma marca registrada das proprietárias e diretoras de Vila, Fátima Lima Verde Costa e Sueli Alves de Brito. "Até mesmo para a geração dos nossos filhos, que estão com quatro, cinco anos, nós temos a tendência de passarmos uma visão muito material de universo. E, quando isso ocorre, o que nós presenciamos é uma inversão de valores que se traduz na falta de respeito pelo nosso corpo e pelo próximo", explica Fátima Costa.

No dia-a-dia da Vila as crianças aprendem que as ervas medicinais curam um resfriado muito mais rápido do que os remédios de farmácia. "O homem se distanciou completamente da natureza. Esse distanciamento provocou a devastação das matas e as consequências que temos presenciado. A Escola Vila procura passar para as crianças a importância da tecnologia e como ela deve ser bem aproveitada para beneficiar o homem e não destruir a natureza", completa Fátima Costa.

Mas todo o trabalho desenvolvido com as crianças precisa de uma continuidade no lar. Por isso, a Escola Creche Vila organiza encontros semanais com os pais, além de cursos de ioga, tai chi chuan para aproximá-los mais no convívio das relações escola x crianças x pais. "O homem valorizou uma série de itens materiais e se esqueceu da alimentação. Por isso, nesses encontros procuramos despertar nos pais o hábito do questionamento, isto para qualquer as-

sunto, seja ele de ordem alimentar, seja ele de ordem material. Um exemplo disso é o fato furioso de observar algumas crianças almoçando. Elas estão numa faixa etária, algumas, em que o uso de aparelhos dentários seriam dispensáveis, pois a criança não se habitua a ele e acaba desenvolvendo tiques e trejeitos com a boca, para conseguir mastigar os alimentos", explica Fátima Costa.

Esse trabalho todo não tem sido em vão. 30% dos pais têm respondido prontamente aos apelos das orientadoras educacionais e da nutricionista da Escola e Creche Vila. E, o mais interessante é que até mesmo os pais de alunos que consumiam uma quantidade exagerada de açúcar branco por mês, confessam atualmente que trocaram esse hábito pelo hábito de consumirem mel ou açúcar mascavo, sem dúvida muito mais saudáveis.

A Vila funciona 12 horas por dia. A alimentação das crianças é controlada por uma nutricionista, e geralmente o cardápio gira em torno de carne, soja, arroz integral, biscoitos naturais, leite e bolo. Tudo preparado na própria escola. São quatro refeições por dia e, para a criança que está habituada a ingerir engarrafados, enlatados ou mesmo refrigerante, a escola avisa que isso não existe no cardápio. "Depois de um tempo as crianças se habituem a esse 'menu'. E, o mais interessante, é que desenvolvem a prática sadia de consumirem chá, sem açúcar, após as refeições", informa Fátima Costa.

Figura 8 – Quase três décadas de dedicação ao planeta. *Diário do Nordeste*. 05 dez. 2007

Quase três décadas de dedicação ao planeta

Na Escola Vila, os alunos aprendem, desde cedo, que fazem parte de um todo articulado com o qual interagem

MARISTELA CRISPIM
Repórter

Horta, farmácia viva, pomar, jardim, animais, artes plásticas, artesanato, teatro, música e expressão corporal fazem parte do currículo normal da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, na Escola Vila, em Fortaleza.

"Cuidando do planeta Terra" há 26 anos, a escola vem trabalhando com material didático que organiza os conteúdos curriculares através de projetos, de forma transdisciplinar até o 5º ano e interdisciplinar do 6º ao 9º ano.

Os alunos do Fundamental 2 (6º ao 9º ano) têm aula em salas temáticas, com materiais apropriados ao estudo de cada disciplina, em turmas com número reduzido de alunos.

De forma complementar, o Programa de Educação Alimentar, elaborado com a participação de uma nutricionista, oferece lanches, almoço e jantar voltados ao desenvolvimento de hábitos saudáveis de consumo de alimentos, incluindo naturais e orgânicos.

"Nós adotamos a 'Pedagogia da Sustentabilidade' como instrumento para perpetuação da espécie humana no planeta e estimulamos uma atitude de maior responsabilidade", esclarece a diretora geral da escola, Fátima Linaverde.

Para ela, o sistema educacional precisa rever papéis, pensando numa proposta para o benefício comum. "Não dá mais para olhar o outro só como concorrente. A competitividade levou o ser humano à condição de réfm do material. Vivemos um 'desenvolvimento' que gerou uma classe de excluídos e isso vem desde a colonização do Brasil", destaca.

A educadora enfatiza as diferenças das novas gerações, que "já nascem prontas para muita coisa", principalmente para a Informática. Neste contexto, o papel do professor é o de facilitador, acolhedor e não repulsador de conteúdos, que já estão disponíveis em casa, nos computadores", afirma.

A proposta inicial da escola, em 1981, foi abrir espaços e oportunidades aonde houvesse

...ou uma classe de excluídos e isso vem desde a colonização do Brasil", destaca.

A educadora enfatiza as diferenças das novas gerações, que "já nascem prontas para muita coisa", principalmente para a Informática. Neste contexto, o papel do professor é o de facilitador, acolhedor e não repulsador de conteúdos, que já estão disponíveis em casa, nos computadores", afirma.

A proposta inicial da escola, em 1981, foi abrir espaços e oportunidades aonde houvesse

ATIVIDADES SIMPLES, como lidar com plantas e animais, mas para a vida FOTOS: SILVANA TARELHO

INFÂNCIA INTEGRADA: as crianças da escola podem conviver com os animais e a natureza

um campo de criação para as crianças, em todas as atividades essenciais do dia-a-dia.

Educação para a vida

"A educação deve ser encarada como um processo de construção, que envolve não apenas a questão cognitiva. De nada vale ter o conhecimento se este não for empregado nas atividades diárias. A educação formal prepara para determinada área, mas não dá chance de perceber que a especialização fragmenta a realidade, a vida, o ser. Se o conhecimento não tiver significado, não vai ter muito valor na vida", reflete Fátima.

A educadora explica que a criança precisa se perceber ser humano, parte do planeta, com uma missão de mudar com o todo e não individualmente, com uma consciência social que respeite as diferenças.

A Escola Vila vem dando especial ênfase ao trabalho com as emoções, por meio de aulas de música, teatro e artesanato,

Mais informações:
Escola Vila
Rua Dom Sebastião Leme, 819
Bairro de Fátima - Fortaleza
Telefones: (85) 3277.0551 / 3227.8451
E-mail: vila@escolavila.com.br
Homepage:
www.escolavila.com.br

Comente
gestaambiental@diariodoneoeste.com.br

3.2. O cotidiano da VILA

Fazendo uma visita à Escola VILA veríamos muitos alunos fora de sala, com seus professores em atividades na horta, na farmácia viva, no jardim, no pomar, nos animais, na carpintaria, nas aulas de artes, de música, de corpo etc. Presenciaríamos alunos e professores em grupos, discutindo e implementando seus projetos. Veríamos como os alunos valorizam a alimentação saudável, os produtos orgânicos e atividades físicas para manter não só o corpo, mas também a mente saudável. Iríamos ver painéis, murais, cartazes, tudo elaborado pelos alunos como atividades de cada projeto. Visitaríamos a Galeria de Artes da Escola. Seríamos solicitados, pelos próprios alunos, a fazermos parte de uma Campanha de Solidariedade, ou de Arrecadação de Resíduos Sólidos para Reciclagem. Assistiríamos debates e mobilizações para os constantes Seminários que eles fazem, abertos à comunidade. Participaríamos de passeatas ou abaixo-assinados.



**Foto1 –
Alunos no curral de animais da VILA,
com o “Patildo”**



**Foto 2 – Criança alimentando uma
ovelha no curral de animais da VILA**



**Foto 3 –
Passeata “Salve a Amazônia” em
05/06/99**



**Foto 4- Alunos do Ensino
Fundamental 2, projetando e
implementando um sistema de
irrigação para a horta da Escola.**



Foto 5 - Aula de alongamento

3.2.1. O lugar da arte e do corpo na VILA

Segundo Basarab Nicolescu, “a inteligência assimila muito mais rapidamente e muito melhor os saberes quando estes saberes são compreendidos também com o corpo e os sentimentos”. (NICOLESCU, 2001, p.148).

Na Escola VILA, trabalha-se da Educação Infantil ao Ensino Fundamental com uma série de atividades que buscam promover o aprendizado de forma mais significativa e integralizadora do ser humano, interligando o fazer, o sentir e o pensar, corpo, sentimento e pensamento e atuando nas relações com a natureza, nas relações interpessoais e nas relações intrapessoais. Investe-se em uma didática de estímulo à criatividade, à interação, à integração e à ação do aluno no processo de aprendizado.

Com relação à expressão artística, o currículo da Escola VILA, inclui atividades diárias de música, teatro, artesanato, artes plásticas e expressão corporal. Essas atividades têm como objetivo geral favorecer a livre expressão de idéias e sentimentos por parte do educando, bem como desenvolver a criatividade, as habilidades manuais e a força de vontade.

A cada dia, há uma dessas aulas de expressão artística com um professor específico, ou seja, por exemplo, em um dia o aluno trabalha teatro, no outro expressão corporal, no outro música, no dia seguinte artes plásticas e, por fim artesanato. Dessa forma é garantida a aprendizagem de algumas técnicas necessárias a essas expressões artísticas, embora isso não seja a pretensão maior destas aulas, pois o objetivo real é a livre expressão de idéias, sentimentos e outros conteúdos internos ao ser humano. Essas vivências artísticas não ficam, também, restritas às aulas com seus professores de arte, mas adentram as atividades diárias relativas à execução dos projetos.

Nas aulas de música, os alunos, desde 1 ano de idade, possuem iniciação musical, trabalhando ritmo, entonação, percepção e localização do som. Ao atingirem a idade de 7 anos, os alunos passam a tocar flauta doce. No decurso do restante do ensino fundamental, os alunos aprofundam seus conhecimentos na música, ainda tocando flauta doce e participando de corais. Aprendem, também, a leitura da partitura. No ensino fundamental 2, os alunos optam por oficinas mais aprofundadas, de acordo com seus interesses. Há oficinas de violão, percussão, coral, composição de música através de software e formam, ainda, algumas bandas musicais com guitarra, baixo, teclado, bateria. Dentre as bandas formadas houveram várias opções de estilos musicais, variando do rock progressivo, ao pop e à música instrumental experimental.



Foto 6 – Aula de flauta



Foto 7 – Apresentação musical de alunos (coral e violões)



Foto 8- Apresentação da Banda da VILA em manifestação no Parque do Cocó.

Nas aulas de artes plásticas, os alunos conhecem técnicas como modelagem e cerâmica, xilogravura, desenho de observação, colagem, pintura de telas, arte com recicláveis, impressão, etc. As Galerias de Artes da VILA são bastante ricas e atraem não só a comunidade escolar como também o público em geral.

Nas aulas de artesanato, os alunos aprendem a fazer tricô, crochê, pintura em tecido, modelagem, pirografia, corte e costura, tingimento de tecido, etc. Nessas aulas há uma produção intensa de artesanatos. Já foram produzidos abajures, porta-insenso, bolsas, chinelos, roupas, cintos, tiaras, gorros e uma variedade de objetos de decoração como jarros, enfeites, filtros-dos-sonhos, porta-tudo, chaveiros, imãs de geladeira, toalhas de mão, etc.



Foto 9 – Crianças na Galeria de Artes da VILA



Foto 10 – Confeção de trabalhos de sucata



Foto 11 – Aula de artesanato

Nas aulas de teatro, os alunos fazem diversas dinâmicas de grupo visando a expressão corporal, a projeção da voz, dentre outros aspectos cênicos. As produções de peças teatrais e jogos de dramatização são voltadas para os temas centrais dos projetos desenvolvidos pelos alunos. Todas as fases de produção de uma peça envolvem os alunos, desde a atuação, à cenografia, sonoplastia e figurino.

Nas Aulas de Corpo os alunos têm contato com diferentes técnicas de massagem e meditação, fazem yoga, tai-chi e biodança. Utilizam o corpo como instrumento de expressão e de exploração do mundo. Aprendem a importância de manter o corpo flexível. Com a meditação, desenvolvem o poder de concentração e exercitam o ato de escutar a si e ao mundo externo. Quando estamos atentos e sensíveis ao nosso corpo e sentimentos, nos prevenimos de males que podem afetar nossa saúde corpórea ou psíquica.

Com a visão de mundo fragmentada, o homem hoje perdeu o cuidado consigo. Quando sente uma dor de cabeça já vai ao médico para que ele passe um remédio e em nenhuma situação é capaz de refletir sobre a causa da dor. O seu corpo é entregue ao médico sem que haja uma reflexão sobre a doença. O resultado é que não se conhece o próprio corpo, ficando inteiramente nas mãos de outra pessoa para resolver o problema que é seu.

Sabemos que a doença se instala no corpo físico quando não estamos equilibrados emocionalmente, muitas doenças são provenientes de desequilíbrio da nossa energia. O stress, a alimentação prática, ao invés da nutritiva, a falta de relaxamento e descanso necessário, contribuem para o corpo adoecer. Existem estudos que falam que o sistema imunológico está inteiramente ligado ao emocional, se houver um trabalho de recolhimento, relaxamento e reflexão, a auto-cura é possível.

(LIMAVERDE, 1999, p. 57)



Foto 12 - Crianças da Educação Infantil meditando



Foto 13 - Alunos do Ensino Fundamental meditando



Foto 14 - Alunos do Ensino Fundamental fazendo yoga

As Aulas de Corpo, semanais, são alternadas com as aulas de Educação Física que, além do trabalho esportivo, propriamente dito, ainda trabalha a consciência social ao envolver projetos de torneios com escolas públicas da periferia da cidade.

Figura 9 – Aula de Corpo: crianças aprendem relaxamento, técnicas corporais simples e de automassagem. *Diário do Nordeste*. 05 dez. 1999

V **DIÁRIO DO NORDESTE**
IVA
Fortaleza - Ceará, Domingo, 5 de dezembro de 1999

Aula de corpo

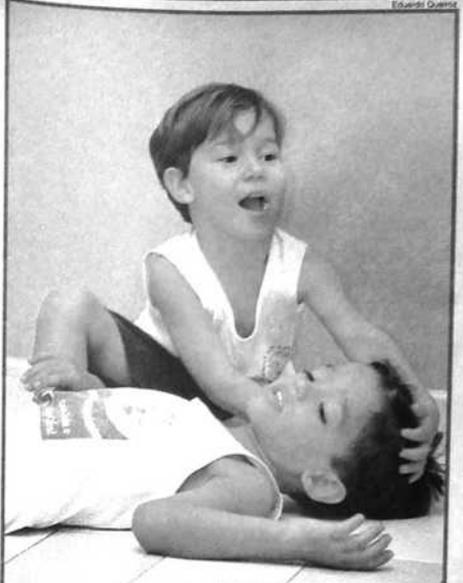
Crianças aprendem relaxamento, técnicas corporais simples e de automassagem

Foi com imensa alegria que pais receberam o invento do pula-pula. Sobretudo, os que acompanham a educação de filhos muito ativos. Coloca-se a criança em um local seguro, onde ela pode pular e gritar à vontade... Aliás, mesmo educadores ainda acreditam que criança tem que estar em constante atividade. Nem sempre. Os pequenos também precisam de sossego, momentos de folga e até de ócio, para relaxar. E isso é aprendido, incentivado.

Ao invés de pedir, implorar para que as crianças sosseguem, o ideal é dar sugestões atrativas para algum tipo de atividade lúdica: massagem, que as ajudem a manter a atenção e a conexão com o corpo e consigo próprias. A educadora Fátima Limaverde, da Escola Vila (Vivência Infantil, Lazer e Aprendizagem) há 18 anos achou por bem inserir no currículo escolar - do maternal à 8ª série - a disciplina de vivências corporais. Além de aprenderem a relaxar junto com o professor,

as crianças têm noções de automassagem (do-in), massagem, respiração, reflexologia (massagem nos pés) yoga e outras técnicas orientais muito difundidas no Ocidente. - Nosso objetivo - explica a educadora - desde o princípio foi o desenvolvimento do ser humano como um todo e como parte integrante do universo. Com isso, cada um acaba conquistando uma visão mais detalhada de si mesmo, envolvendo-se com a responsabilidade de todo e com a questão ecológica global: o lixo, a poluição...

Crianças pequenas aprendendo e praticando a automassagem (Do-in). Cada já aprendem a livrar-se de dores do dia-a-dia, tensões e pequenos problemas que podem ser resolvidos com simplicidade



Crianças também gostam e sabem os benefícios da prática do yoga, milenar entre os hindus. Algumas posições do hatha yoga são realizadas com desenvoltura pelos pequenos



O corpo é parte importante no aprendizado. O trabalho dessa dimensão do ser leva cada criança a observar-se como um todo. A interação é feita de forma saudável

3.2.2. A vida na VILA

As vivências diárias nos laboratórios de farmácia viva, horta, animais, pomar, jardim, culinária natural, reciclagem de sucata e tecnologias alternativas visam sobretudo a aproximação do ser humano com a Natureza e o trabalho significativo com a maioria dos conteúdos formais.

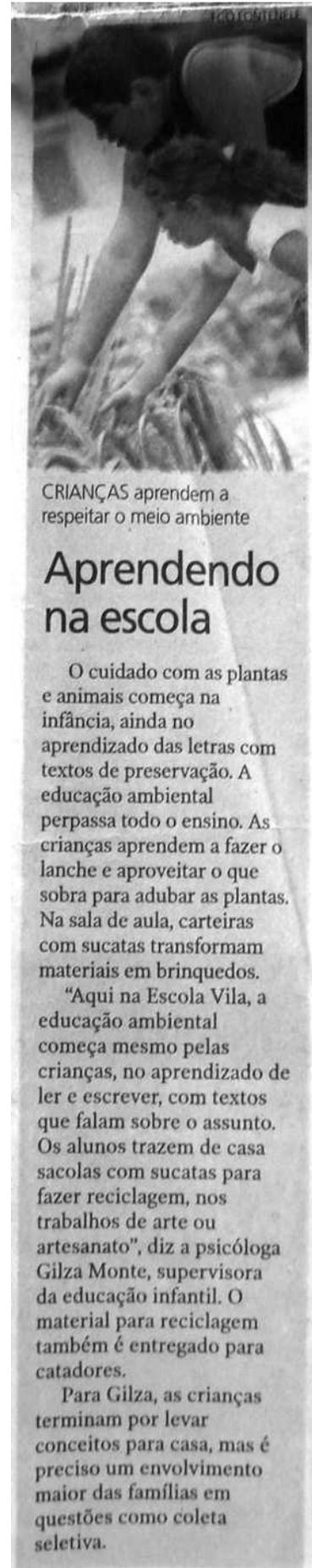
Estes conteúdos, por sua vez, não são dispostos de maneira disciplinar para o aluno durante toda a Educação Infantil e Ensino Fundamental 1 (até o quinto ano). Sendo aplicados em diferentes vivências e atividades práticas e significativas (a maioria das vezes ligadas diretamente a um projeto de trabalho que a turma desenvolve), conteúdos de Linguagem, Matemática, Ciências ou Estudos Sociais, permeiam-se, conectam-se em uma teia de significados que o aluno vai construindo ao longo destas atividades. A formalização e a conceitualização destes conteúdos vão sendo construídas ao longo do tempo, não sendo o objetivo principal destas atividades. O objetivo principal seria, em uma atividade na horta, por exemplo, identificar os tipos diferentes de insetos presentes nesse local. Para isso, os alunos iriam utilizar-se de conteúdos de matemática (operações, gráficos, expressões, etc.), linguagem (gramática, tipos de texto, etc.), ciências (características dos insetos, cadeia alimentar, ecologia, etc.) e estudos sociais (regiões geográficas dos habitats dos insetos pesquisados, sabedoria popular referente a esses animais, possíveis mitos e lendas atribuídas à insetos, etc.), como instrumentos. Essa divisão disciplinar, na verdade, não se apresenta para o aluno até o 5º ano, não existe nem nas atividades, nem nos livros didáticos que eles possuem, embora se apresentem bem organizados nos esquemas curriculares que os professores têm acesso. Após o sexto ano, as disciplinas tornam-se evidentes, com professores especializados em suas áreas de conhecimento, porém, o trabalho com projetos e nos laboratórios vivenciais ainda permanece, interligando os conteúdos e as atividades destes mesmos professores.

Os Laboratórios de Saúde e Alimentação, Horta e Pomar têm como objetivo principal a conscientização da importância de uma boa alimentação para a manutenção da saúde. Valorizamos o consumo de alimentos orgânicos, livres de agrotóxicos. Os alunos aprendem a plantar e a colher, bem como a preparar sucos, saladas, pratos regionais e naturais.

No Laboratório de Farmácia Viva, plantam-se e colhem-se ervas medicinais. Os alunos aprendem a preparar remédios caseiros e a valorizar a Medicina Popular. Utilizam chás, pomadas e cremes produzidos por eles mesmos.



Fotos 15 e 16 – Alunos fazendo a manutenção do Jardim e da Horta, respectivamente



CRIANÇAS aprendem a respeitar o meio ambiente

Aprendendo na escola

O cuidado com as plantas e animais começa na infância, ainda no aprendizado das letras com textos de preservação. A educação ambiental perpassa todo o ensino. As crianças aprendem a fazer o lanche e aproveitar o que sobra para adubar as plantas. Na sala de aula, carteiras com sucatas transformam materiais em brinquedos.

“Aqui na Escola Vila, a educação ambiental começa mesmo pelas crianças, no aprendizado de ler e escrever, com textos que falam sobre o assunto. Os alunos trazem de casa sacolas com sucatas para fazer reciclagem, nos trabalhos de arte ou artesanato”, diz a psicóloga Gilza Monte, supervisora da educação infantil. O material para reciclagem também é entregue para catadores.

Para Gilza, as crianças terminam por levar conceitos para casa, mas é preciso um envolvimento maior das famílias em questões como coleta seletiva.

Figura 10 – Aprendendo na Escola. *Jornal O POVO*. 31/12/2006

Figura 11 – Creche escola mantém farmácia viva há cerca de 15 anos. *Jornal O POVO*. 04 ago. 1996

Creche-escola mantém farmácia viva há cerca de 15 anos

Fátima Limaverde, educadora e proprietária da Vila, considera que a saúde está diretamente relacionada à educação. “É importante a criança lidar com a saúde e conhecer, além da medicina tradicional, a popular”, diz ela.

Na Farmácia Viva, crianças e adolescentes participam de etapas diferentes da manipulação das plantas medicinais. A pré-escola e o 1º grau menor se restringe ao estudo da origem, dos princípios ativos e nome científico dos vegetais. Já os alunos do 1º grau maior, além do conhecimento teórico, também trabalham com a fabricação de produtos mais difíceis de serem manipulados, como sabonetes por exemplo.

O melhor é que grande parte das experiências adquiridas na escola são levadas para casa.

O século XXI está aí, cheio de inovações tecnológicas, “progresso”, globalização... No vocabulário do dia-a-dia umas poucas palavras: dinheiro, tempo, consumismo. Na contra-mão de tudo isso encontramos uma Vila onde crianças e adolescentes tentam resgatar os verdadeiros valores da vida: amor, compreensão, humildade, solidariedade.

Através de uma filosofia transdisciplinar e construtivista, a Creche e Escola “Vila” vem, há 15 anos, educando seus alunos dentro do contexto ecológico, político e sócio-cultural da sociedade em que vivemos. Além do bê-a-bá da sala de aula, a escola dispõe de oito laboratórios de complementação pedagógica. Um deles é a Farmácia Viva, responsável pelo plantio, cultivo de ervas medicinais e produção de chás, xaropes e unguentos.



As crianças da “Vila” cuidam do plantio e cultivo das plantas

3.2.3. Trabalho com projetos

O currículo também é trabalhado através de projetos que abraçam seis grandes temas, envolvendo toda a Escola. Segundo Edgar Morin (2001), a

condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino. [Os seres humanos] devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo o que é humano. (2001, p.15).

Os projetos que cada turma desenvolve abrangem temas como: Valores Humanos, Diversidade Cultural, a Relação entre Ser Humano e Natureza, as Tradições, Atualidades do Brasil e do Mundo, Pensar Global e Agir Local, Declaração dos Direitos Humanos, Construção de um Mundo Melhor.

Os temas relativos aos projetos de cada turma são os seguintes:

a. **Projeto o Ser no Social** – Tem como objetivo geral trabalhar o respeito, o amor, a solidariedade e a ética, como valores fundamentais para conviver em harmonia com todos os seres.

Durante esse projeto, as turmas elegem um sub-tema específico para trabalhar e promovem alguma atuação social. Nesse período (cada projeto tem um período que envolve em média 30 aulas), os alunos e seus professores promovem visitas a orfanatos, asilos de idosos, associações de bairro, etc. No final do período do projeto, todas as turmas participam de um evento geral, o Encontro de Gerações, onde o resultado de seus projetos serão apresentados. Neste evento os familiares dos alunos são convidados, principalmente os mais idosos, para a troca de saberes intergeracionais. Tribunas livres são abertas, vovôs tocam ou declamam, vovós contam histórias de seu tempo, ensinam os mais novos, os alunos também cantam, declamam e apresentam os resultados obtidos no projeto para os mais velhos.

Sempre é desenvolvida alguma Campanha de Solidariedade de arrecadação de alimentos, ou roupas, ou produtos de higiene e limpeza para ser oferecido no Encontro de Gerações a uma das instituições visitadas durante o projeto O Ser no Social.

Figura 12 – Alunos da escola Vila doam brinquedos ao Iprede. *Jornal O POVO*, 14 nov. 2001

CAMPANHA NATAL SEM FOME

Alunos da escola Vila doam brinquedos e roupas ao Iprede

Lucas, 6, conheceu uma nova amiguinha, ontem, Tainara, uma das 650 crianças que todos os meses recebem atendimento ambulatorial no Instituto de Prevenção a Desnutrição e à Excepcionalidade (Iprede). O menino, um dos 16 alunos da escola Vila que visitaram o instituto, deu brinquedos e roupas a pequena que esperava o atendimento no início da manhã. Pesando pouco mais de 10 kg, é a terceira vez que Tainara é avaliada pelos profissionais do instituto. “Quando ela está engordando, pega uma gripe e emagrece de novo”, explica a mãe, a dona de casa Damiana Ferreira.

Para Lucas, como para as demais crianças, a visita foi “legal”. A oportunidade de conhecer o Iprede, veio acompanhada de orientação sobre alimentação e sobre a vida. Os alunos da escola Vila doaram leite em pó, brinquedos e roupas para as mães que esperavam consulta no ambulatório do instituto.

“As crianças precisam perceber desde pequenas que podem contribuir para um mundo melhor”, disse o professor do Jardim II, Marcos Sousa. Como explicou, a escola trabalha com projetos voltados para questões sociais e o grupo de 16 crianças que visitou, ontem, o Iprede, está participando do projeto Construindo um Mundo Melhor. Marcos Sousa disse que as crianças receberam informações sobre a desnutrição de forma lúdica, com ênfase na importância dos alimentos e do leite materno. Ele acredita que outras turmas também façam a visita ao Iprede.



Lucas(d) ganhou nova amiga na visita que fez ao Iprede: Tainara

No Iprede são comuns as visitas de escolas. O Instituto, que atende cerca de 650 crianças por mês no ambulatório, fora os internamentos, precisa de doações para manter as atividades. No momento, como explica a coordenadora técnica Márcia Estela dos Santos, o instituto precisa de doações de alimentos não perecíveis para compor os kits que cada criança recebe com farinha, óleo, macarrão, ar-

roz e outros alimentos. Ela informou que o instituto está com um bom estoque de leite no momento e que doações de vitaminas, roupas e brinquedos também são bem-vindas.

SERVIÇO

Endereço - rua Professor Carlos Lobo, 15, Cidade dos Funcionários
Iprede : 271.1300

Figura 13 –
Encontro de Arte
aproxima famílias.
Diário do Nordeste.
02 mar. 1998

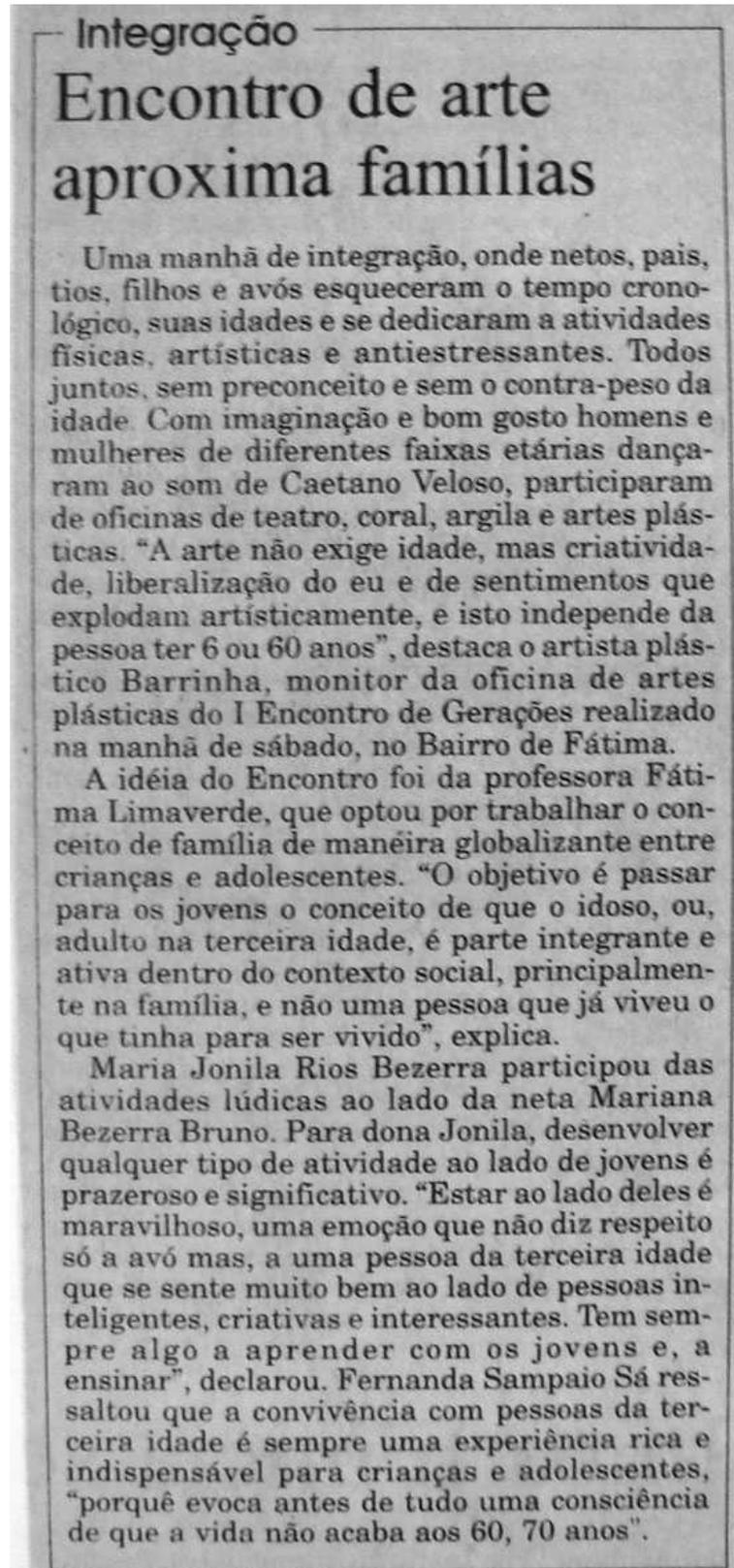


Figura 14 – Escola Vila faz encontro de gerações. *Diário do Nordeste*. 04 mar. 2001

Diário do Nordeste

CIDADE

Fortaleza, Ceará - Domingo, 4 de março de 2001

Escola Vila faz encontro de gerações

A Escola Vila realizou ontem, pelo terceiro ano consecutivo, uma "Manhã Festiva". O objetivo é aproximar as diversas gerações e fazer com que os pequeninos tenham outros valores da vida e sejam responsáveis por um futuro melhor. A programação constou de apresentações musicais e artísticas, tendo como convidados os velhinhos assistidos pelo Lar Torres de Melo e Casa de Repouso São Vicente.

Conforme explicou uma das diretoras da Vila, Fátima Limaverde, "a escola inteira está vivenciando o ser no social". As atividades, voltadas para esse objetivo,

vem sendo realizadas desde o primeiro dia de aula e o encerramento está previsto para o próximo dia 14 - oportunidade em que os alunos juntarão todas as roupas e alimentos não-percíveis arrecadados nesse período e distribuirão entre entidades filantrópicas.

Para Sheila de Oliveira, mãe da aluna Larissa, de seis anos, a preocupação em fazer com que a filha participe dos momentos familiares, em especial na presença os avós maternos Maria do Rosário e Péricles, é muito grande. Valores esses, completa ela, que são reforçados dentro da própria escola.

André Lima



O encontro constou de apresentações musicais e artísticas

b. Projeto o Ser na Descoberta de seus Valores e suas Raízes – Esse projeto tem como objetivo proporcionar o resgate da nossa história, conhecendo as raízes e valores dos povos que deram origem a nossa nação.

No decorrer de 30 aulas, em média, as turmas elegem sub-temas e desenvolvem seus projetos específicos. Visitam ou solicitam a visita de representantes indígenas da região, como os Tapeba ou os Tremembé, buscam informações a respeito da questão racial no Brasil, revisitam a “Descoberta do Brasil” sob os diferentes pontos de vista, mergulham na pesquisa a respeito da influência da cultura africana, indígena ou européia no nosso dia-a-dia, trazem todo o conhecimento pesquisado para práticas nos laboratórios de culinária e nas vivências teatrais, musicais, de artes plásticas e artesanato. Paralelamente são realizadas manifestações, passeatas e abaixo-assinados relacionados às causas indígenas ou de discriminação racial.

No final do período do projeto, há uma grande Galeria de Arte com os produtos das pesquisas e atividades dos alunos. Essa Galeria é aberta à toda a comunidade. Frequentemente é realizada uma Campanha de Solidariedade para arrecadação de alimentos para os índios e, no ato da abertura da Galeria de Arte, os mantimentos arrecadados são doados aos líderes indígenas.

Figura 15 – Escola Vila desperta alunos para suas raízes. *Diário do Nordeste*. 07 mai. 2006

Diário do Nordeste
Fortaleza, Ceará - Domingo, 7 de maio de 2006

ECOLOGIA E VALORES HUMANOS

Escola Vila desperta alunos para suas raízes

A descoberta das próprias raízes históricas e culturais pode levar o humano a despertar desde cedo para os valores do cuidado consigo mesmo, dos outros seres vivos e do próprio ambiente que habita. Neste sentido, não há razão para divisões no propósito educativo.

Encerrando na manhã deste sábado a oitava edição do projeto "O ser na descoberta de seus valores e suas raízes", a Escola Vila reuniu, em sua sede, no bairro de Fátima, pais, alunos e professores em um momento festivo, com a presença de índios tapebas, grupo de capoeira, maracatu As de Ouro e apresentação dos alunos para compartilharem o aprendizado do semestre.

Conforme Fátima Limaverde, diretora e fundadora da Vila, este encontro mostra a importância do resgate das nossas raízes étnicas e culturais. Ela explica que todos acabam se envolvendo com o propósito de vivenciar no coletivo os conteúdos aprendidos.

A escola, tida até hoje como "alternativa", busca contextualizar todos os conteúdos curriculares em seis projetos, dentre eles, "O Ser na Descoberta de seus Valores e suas Raízes", cuja base é um material didático (a coleção Cuidando do Planeta Terra) com todos os conteúdos trabalhados de forma inter e transdisciplinar. "O aluno sente interesse porque vê significado naquilo que aprende, justifica Fátima.

Ao longo da manhã, crianças pequenas, da pré-escola, apresentaram uma ciranda européia (dança palaciana) e as das séries mais avançadas do ensino Fundamental, como Victor, Rafaela, Hugo, Sarina e Isis, cantaram em tupi guarani. "Escolhemos uma cantiga de ninar que as mães índias cantavam para seus filhos", explica a professora da terceira série, Glicina Assunção.

Eugênia Siebra, mãe de Juliana, de 11 anos, diz que o filho Ramon, de 20, hoje fazendo faculdade de Informática, estudou na Vila e hoje é um rapaz sensível e muito criativo. "Além do resgate das raízes, também há uma integração importante com a família. E a abertura de um leque de informações para as crianças. Mas o que encanta é a educação voltada para a vivência desse coletivo nas atividades simples do dia-a-dia, levando as crianças a sentirem em casa", afirmou.

O psiquiatra e tanatólogo Aroldo Escudeiro, que acompanhou as três filhas na escola Vila, hoje vê essa continuidade nos netos, Pedro e Lucas. Raquel, mãe dos garotos, destaca os valores culturais introduzidos no conteúdo das aulas e a liberdade dada às crianças para expressarem o seu ser.

Figura 16 – Escola faz protesto contra “500 anos do descobrimento”. *Diário do Nordeste*. 12 abr. 2004



Figura 17 – Carta a FHC pedindo rapidez no processo de terra para índios. *Diário do Nordeste*. 21 abr. 1995

Carta a FHC pedindo rapidez no processo de terra para índios

A Escola Vila e a Pastoral Indígena da Pastoral da Arquidiocese de Fortaleza e os índios Tapeba e Tremembé enviaram, pelo Correio, ao presidente Fernando Henrique Cardoso um documento com cerca de quatro mil assinaturas, solicitando a homologação do processo de liberação de terras para os Tremembé e Tapeba no Ceará. As assinaturas foram arrecadadas pelos 415 alunos da escola na Praça José de Alencar durante duas semanas. Cada garoto, munido de pranchetas, explicavam a situação dos Índios no Brasil e pediam a colaboração da comunidade com a assinatura no documento.

Os índios e alunos da Escola Vila, participantes do Grupo Ecológico Inteiros pela Vida, fizeram caminhada saindo da Praça José de Alencar em direção à Agência Central dos Correios para o envio do documento ao Presidente Fernando Henrique. Conforme a diretora da Escola Vila, Fátima Lima Verde, as terras já foram reconhecidas e demarcadas para os índios, mas até hoje ainda não liberadas.

“Os nossos índios ainda vivem em situação de miséria porque não têm onde morar, como trabalhar a terra. Todos os seus direitos foram negados. Precisamos lutar para que eles tenham melhores condições de vida. Fátima avalia como muito positivo o movimento em prol dos ín-

dios, tendo em vista que as crianças foram bem recebidas pela comunidade que assinou o documento”, afirmou. Este passou pela Assembléia Legislativa na última quarta-feira, conseguindo assinatura de todos os deputados presentes.

LUTA PELA VIDA

A Escola Vila atende a 415 alunos do maternal à 8ª série, funcionando à rua Sebastião Leme, 819 (Bairro de Fátima). Conforme a diretora Fátima Lima Verde, os alunos não recebem apenas o ensino curricular, “mas também uma orientação para a vida, para os valores da vida e participando do Grupo Ecológico Inteiros pela Vida”. Segundo ela, os estudantes arrecadaram em outubro do ano passado 10 mil assinaturas que foram enviadas para a Organização das Nações Unidas com vista à inclusão na Carta Magna de cinco artigos para o Futuro.

“Os cinco artigos pedem que a humanidade resolva de vez despoluir o planeta para que as gerações futuras tenham melhores condições de vida. Conforme Fátima Lima Verde, o Ceará foi o pioneiro no Brasil na arrecadação de assinaturas, recebendo, inclusive, carta do ecologista Jacques Cousteau, idealizador do movimento pela vida.

c. **Projeto o Ser Natureza** – Esse projeto visa desenvolver a consciência de que somos seres integrantes da natureza e que estamos ligados a todo o universo.

As causas ambientais são o principal conteúdo dos projetos desenvolvidos nesse período. Já foram desenvolvidas muitas manifestações, como um abaixo-assinado pela proteção à Amazônia; passeatas pela proteção ao Rio Cocó, à Lagoa da Maraponga, à Lagoa do Opaia, recursos hídricos constantemente ameaçados pela exploração imobiliária; a manifestação contra o corte de coqueiros da Beira-mar; a passeata pela limpeza da Praia do Futuro; o protesto contra o envio de lixo radioativo de Goiânia para Jaguaratama, no Ceará; dentre outras tantas manifestações.

No final do projeto, os alunos realizam o Seminário “A Natureza”, que conta com a presença de políticos, empresários, secretários do Meio Ambiente, convidados pelos próprios alunos para compor a mesa redonda de discussão dos assuntos pesquisados. O Seminário “A Natureza” se tornou um evento de referência na cidade, tendo, constantemente, atraído a cobertura da imprensa local.

Figura 18 - Escola viva promove campanha pela Amazônia. Diário do Nordeste. 06 jun. 1999

Alerta

Escola Viva promove campanha pela Amazônia

Uma passeata e uma mesa redonda marcarão a abertura da campanha "Amazônia - Patrimônio da Humanidade. Salvar é preciso", lançada sexta-feira. A iniciativa é da Escola Vila e tem como objetivo discutir as formas de preservação da floresta amazônica.

A campanha será desenvolvida em diversas cidades do País. Na abertura em Fortaleza os alunos da Escola Vila saíram em passeata da Rua Sebastião Leme - onde fica a sede da escola - até à Igreja de Nossa Senhora de Fátima, na Avenida 13 de maio.

Depois da movimentação, os participantes voltaram para a escola, onde aconteceu uma mesa redonda com representantes do Ibama, Semace e Comissão do Meio Ambiente da Assembleia Legislativa.

A idéia da campanha é abrir um questionamento sobre o que fazer, como colaborar para a preservação da Amazônia, conforme explicou a diretora da Escola Vila, Fátima Lima-verde. "A questão da Amazônia está ficando cada vez mais abandonada", diz ela. "Como vemos que ela é um patrimônio da humanidade, resolvemos abrir essa campanha para ver o que as autoridades têm em mente. Por enquanto, a humanidade pode usufruir da Amazônia, mas o que vamos deixar para as outras gerações?"

Além dessa iniciativa, a escola está à frente de uma grande coleta de assinaturas para uma carta que será enviada ao presidente Fernando Henrique Cardoso no dia 25 de junho. A carta pede a preservação da Amazônia. No dia 25, os alunos da escola vão, em passeata, até a Agência Central dos Correios para enviar o abaixo assinado. A diretora do estabelecimento informa que escolas de outros estados também coletarão assinaturas e enviarão ao chefe do Executivo Federal.

Com 17 anos de fundação e atendendo atualmente 370 alunos do Maternal à oitava série do primeiro grau, o envolvimento da Escola Vila com causas ecológicas e ambientais não vem de agora. Em 94, os alunos participaram de uma campanha pelos cinco artigos pelo futuro, encabeçada pelo pesquisador francês Jacques Cousteau, que enviou um abaixo assinado para a Organização das Nações Unidas (ONU). Outra campanha que foi pelos povos indígenas, em 1996.

**Figura 19 –
Carta de retorno do
Gabinete Pessoal
do Presidente
da República
referindo-se
ao abaixo-assinado
enviado pelos alunos
da Escola VILA pela
proteção à Amazônia**


Presidência da República
Brasília, 28 de setembro de 1999.

Senhora
MARIA DE FATIMA LIMAVERDE
Escola Vila
Rua Dom Sebastião Leme, 819 - Fátima
60.050-160 - Fortaleza - CE

Prezada Senhora,

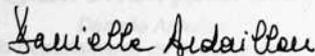
O Presidente Fernando Henrique Cardoso lamenta não ter o tempo necessário para responder a todas as mensagens que recebe diariamente. Sua Excelência incumbiu-me de fazê-lo ao registrar o recebimento das cartas e desenhos dos alunos da 1a. à 8a. série da ESCOLA VILA, e dos abaixo-assinados, com 1743 assinaturas, enviados no início deste mês. Venho, portanto, parabenizar a iniciativa das professoras e o esforço dos alunos que resultaram numa linda manifestação de prática cidadã, alento necessário para que o Presidente e o seu governo continuem agindo em prol da proteção do meio ambiente.

Em 5 de junho passado, o Presidente Fernando Henrique efetuou mais uma visita ao estado do Amazonas, até a Reserva Ecológica de Mamirauá, onde admirou a grandiosidade da floresta e a integração efetiva entre a comunidade e a natureza. Nessa ocasião, sua Excelência ressaltou não apenas a necessidade de imbuir o sentimento espontâneo de amor à natureza como também de construir uma consciência de preservação das condições ambientais. Isto requer não apenas alocação de recursos, formação de profissionais, como também o comprometimento de todos os brasileiros. E mais, a continuidade dessas ações.

O Brasil é hoje sede permanente do Tratado de Cooperação da Amazônia, porque os oito países signatários desse Tratado reconheceram a liderança que o nosso país assumiu na questão da preservação ambiental naquela região, mais especificamente em quatro áreas: 1) na proteção da biodiversidade, pois o Brasil lidera a Campanha Mundial da WWF's Forests for Life; 2) na cooperação internacional e na ação local para o meio ambiente, onde o Programa Piloto de Conservação da Floresta Amazônica é considerado modelo; 3) na proteção dos povos indígenas para a qual o governo Fernando Henrique Cardoso estabeleceu um recorde de demarcação de mais de 20 milhões de hectares de terras para os índios; 4) na produção de informações científicas e tecnológicas específicas para a melhor vigilância sobre a Amazônia graças ao programa SIVAM.

O reconhecimento dos países envolvidos, não apenas com a proteção e preservação da floresta amazônica, mas ainda com o desenvolvimento auto-sustentado que permita a manutenção da mesma, honra todos os brasileiros que trabalham pelos mesmos objetivos.

Atenciosamente,



Danielle Ardaillon
Diretora do Departamento de Documentação Histórica
Gabinete Pessoal do Presidente da República



MINISTRO DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE

Carta nº 231 /2003-GM/MMA

Brasília, 11 de setembro de 2003

Aos Alunos
Marcos Costa Vieira
Morena Cristal Limaverde Sotero
Bruna Invernizzi Cunha
Lulz Mattoso Cattony
Escola Vila
Rua Dom Sebastião Leme, 819 – Bairro de Fátima
60050-160 – Fortaleza – CE

Queridos Alunos,

Agradeço-lhes a cartinha enviada em 16 de maio de 2003, que me encheu de entusiasmo por constatar que vocês estão sendo formados como verdadeiros cidadãos, participando ativamente, como integrantes do Grupo Ecológico Inteiro pela Cidadania, do processo de desenvolvimento do País, para alcançar a sustentabilidade e a justiça social.

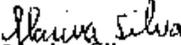
É importante para todos nós saber que as questões ambientais não se limitam aos problemas da Amazônia ou ao desmatamento, permanentemente divulgados pela mídia, mas também à degradação ambiental que atinge as populações das cidades em áreas de risco, sem qualquer orientação ou apoio público, particularmente nas periferias.

Além disso, há o semi-árido, cujas áreas degradadas levam à seca intermitente e, conseqüentemente, à fome e à miséria, diante da impossibilidade de plantar, o que acaba expulsando as pessoas para os grandes centros urbanos e gerando mais violência, pois essas cidades já são econômica e socialmente insustentáveis.

Em face desse quadro, é fundamental que todos os brasileiros se organizem com o objetivo de melhorar a qualidade de vida, dando atenção a questões essenciais, tais como lixo e água, entre outras, que provocam a proliferação de doenças – dengue, verminoses, etc.

Estes são alguns dos grandes desafios do Governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do Ministério do Meio Ambiente, os quais só serão enfrentados com a efetiva participação da sociedade e, em especial, das crianças e dos jovens.

Contando com a presença de vocês na Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente, envio-lhes o meu abraço carinhoso e os parabéns pela dedicação aos estudos e pelo exercício da cidadania.


Marina Silva

Ministra de Estado do Meio Ambiente

Figura 21 –
Notícia (*Diário do Nordeste*, 2 jun. 1994) sobre a arrecadação de assinaturas pelos alunos da VILA para serem enviadas ao capitão Cousteau apoiando sua campanha pelos “Cinco artigos pelo futuro das novas gerações” e a carta de agradecimento pelo apoio, assinada pelo próprio Cousteau.

Passeata de crianças do bairro de Fátima pelo meio ambiente

Cerca de 350 crianças e adolescentes, de um a 14 anos, estudantes da Escola Vila no Bairro de Fátima, realizaram, ontem pela manhã, uma passeata em defesa do meio ambiente. Eles saíram da Rua Sebastião Leme, 819, onde fica a escola, indo até ao Centro de Triagem dos Correios, ao lado do Terminal Rodoviário João Thomé. O objetivo era remeter um abaixo-assinado com cerca de 10 mil assinaturas em defesa da ecologia, para o cientista-ecologista Jacques Cousteau, na França, encampando sua luta em defesa do meio ambiente.

Segundo a diretora da Vila, Fátima Limaverde, há muito tempo que a escola vem trabalhando com as crianças sobre o tema. “Nós tentamos conscientizá-los da importância da ecologia para nossas vidas”. Do trabalho, acabou surgindo o grupo ecológico “Inteiro pela Vida” que conta com a participação de

estudantes, professores e pessoas da comunidade. No último final de semana, os membros do grupo foram a pontos estratégicos da Cidade, como nas avenidas Beira Mar, 13 de Maio e Praia do Futuro, colher assinaturas.

O abaixo assinado enviado ontem servirá para endossar cinco artigos que Cousteau enviará para uma reunião da Organização das Nações Unidas (ONU), em outubro. Para caracterizar a adesão à campanha do cientista, as crianças estavam de boas velinhas semelhantes as que Cousteau usa em suas expedições. Além disso, havia crianças usando fantasia de animais em extinção, como o urso panda, o tucano, o jacaré, dentre outros. Para Nilo Augusto Chaves Brantão, 8 anos, da 3ª série primária, a passeata tem importância fundamental para o tema. “Nós precisamos preservar a natureza para continuar vivendo”.



Paris, le 17 juin 1994

Aux enfants de la Vila - Creche Escola e Espaço Cultural

Chers Amis,

Je suis très touché par le soutien énérgique que vous avez apporté à notre pétition pour les Droits des générations futures en recueillant près de 10 000 signatures. Je serai fier de les présenter aux Nations Unies !

La photo de vous tous portant un bonnet rouge m'a fait beaucoup de plaisir, et je vous remercie vivement pour le bonnet que vous m'avez envoyé en souvenir.

Je suis heureux que vous luttiez avec moi pour les générations futures !

Amicalement,

Jacques-Yves Cousteau

Madame Maria de Fatima Limaverde Cost
Diretora
VILA - CRECHE ESCOLA E ESPAÇO CULTURAL LTDA.
Rua Dom Sebastião Leme 819
Bairro de Fátima - CEP 80.050
Fortaleza
BRASIL

Figura 22 - Seminário da Natureza na Escola creche Vila. *Tribuna do Nordeste*. 08 jun. 1997 e Crianças de escola lembram Hiroshima. *O POVO*. 09 ago. 1995

MEIO AMBIENTE

Seminário da Natureza na Escola - Creche Vila

Por ocasião do Dia Mundial do Meio Ambiente, os estabelecimentos de ensino, não mediram esforços para organizar uma programação especial que propusesse aos seus alunos uma postura crítica diante do tema. Com esse objetivo, a Escola-Creche e Espaço Criativo Vila, realizou no período de 02 a 06, o seminário sobre a Natureza. Nos dias 2,3,4 e 5, crianças do maternal, jardim e alfabetização fizeram encenações sobre os problemas que vêm atacando a "mãe" natureza nos últimos tempos.

ria de Artes ficou aberta, expondo fotografias e artesanatos indígenas que enfatizam a questão ecológica. Com o tema "A Natureza", o seminário ministrado pelo professor Mário Mamede trouxe discussões e debates sobre os agrotóxicos, os sem-terra, trabalhadores rurais e os índios (donos da terra). Ao final do evento, os professores fizeram também uma encenação teatral e o músico Valter Pin, o encerramento. Para os alunos, essa foi uma experiência muito válida porque trouxe novos conhecimentos a partir de atividades prazerosas que prendem suas atenções.

Durante quatro dias, a Gale-



Durante a manifestação, as crianças se deitaram sobre faixas pedindo o fim dos testes nucleares

Crianças de escola lembram Hiroshima

Com gritos de "Não nuclear", 230 alunos da Escola-Creche Vila, no bairro de Fátima, participaram de passeata pelas ruas do bairro até a praça em frente à igreja, na avenida 13 de maio. O evento lembrou os 50 anos das bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki, no Japão, e os desastres nucleares ocorridos em Chernobyl, na Ucrânia, e em Goiânia (GO), onde o Césio 137 contaminou pessoas da cidade.

As crianças e adolescentes, do maternal à sétima série do primeiro grau maior, foram conscientizados sobre "o compromisso com a vida e a

necessidade de se cuidar do planeta terra" disse a diretora da escola, Fátima Limaverde. Foram distribuídos panfletos às pessoas que passavam pela praça da igreja de Fátima, informando sobre os motivos da passeata.

Os alunos da Vila, mesmo os de classes do pré-escolar, ficaram a par dos motivos da passeata. Marcelo Praxedes, cinco, do jardim II, diz que pedia às às às às às pessoas "para não jogarem mais bombas" e Laércio Júnior, quatro, jardim I, aconselhava a "não explodir bombas atômicas".

Segundo Fátima Limaverde, a

Vila tem um projeto denominado Cuidando do Planeta Terra, que trata de "questões fundamentais para a vida. Os alunos são conscientizados sobre a luta dos índios pela preservação de suas origens, sobre a reciclagem do lixo, preservação dos recursos naturais e sobre a alimentação natural. "Todos os anos, escolhermos determinados temas e os levamos à comunidade. Existe uma preocupação maior do que seguir o currículo obrigatório. Temos uma visão com o todo, não só com as partes. Afinal, tudo na vida tem uma ligação" disse Fátima.

d. **Projeto o Ser na Tradição** – Esse projeto tem como objetivo pesquisar e estudar a história da colonização, miscigenação de raças, cultura, tradições e espiritualidade do povo Brasileiro.

Os alunos mergulham na pesquisa das Tradições Populares na região. Ampliam seu conhecimento envolvendo temas como mitos, lendas e o imaginário da cultura nordestina e brasileira; a medicina popular, como a utilização das ervas medicinais e a curiosa ação curativa das chamadas “rezadeiras” e parteiras ainda bem presentes na maioria das cidades nordestinas; os costumes, as crenças e as manifestações populares da região.

No decorrer do projeto há a Festa Junina, que é uma genuína “quermesse” com barraquinhas de prendas, brincadeiras folclóricas e quadrilhas improvisadas. Nessa festa não há nenhum tipo de comércio, o que é notável, já que a grande maioria das festas juninas escolares servem como formas de arrecadação de dinheiro por parte das escolas. Aliás, nenhum dos eventos da Escola VILA, como festas ou seminários, é cobrado.

Ao fim do projeto é realizada a grande Festa do Folclore. Todas as turmas apresentam seu trabalhos e, ainda, algumas danças e dramatizações do folclore nordestino e brasileiro.

e. **Projeto Vigilantes do Planeta** – Esse projeto visa buscar informações atuais sobre as questões relativas à fauna, flora, habitação, reciclagem de lixo, saúde, alimentação, comunicação e educação do nosso país e do mundo.

Durante esse projeto, os alunos dividem-se entre oito “Vigilâncias”, envolvendo os seguintes temas: Habitação, Alimentação, Saúde, Comunicação, Reciclagem de lixo, Educação, Fauna e Flora. Os alunos, portanto, tornam-se “vigilantes” do tema pelo qual é responsável. Assim, eles desenvolvem pesquisas relacionadas às suas áreas, coletando informações, dados, fazendo entrevistas e elaborando painéis, panfletos explicativos e jornais. Questões sócio-ambientais como o desemprego, a falta de saneamento, o problema da fome no país, a saúde pública, a educação pública, a baixa qualidade dos programas de diferentes veículos de comunicação, a extinção de espécies, o tráfico de espécies da fauna e da flora silvestres, o problema dos lixos nas grandes cidades, a excessiva produção de resíduos sólidos inorgânicos, todas essas questões e outras mais, já foram levantadas e discutidas durante o projeto “Vigilantes do Planeta”.

No final do projeto, é realizado o Seminário “Cuidando do Planeta Terra” que, como o Seminário “A Natureza”, também conta com uma mesa redonda composta por autoridades, políticos, empresários e outros convidados pelos próprios vigilantes, para discutirem planos de ação a respeito de cada Vigilância.

Crianças discutem destino do planeta

À Vila Creche-Escola promove a partir de hoje a sexta edição do seminário “Cuidando do Planeta Terra” ■

Setembro. Nos módulos educacionais, época de se comemorar a independência do Brasil. É quando estudantes fardados suam em bicas debaixo de um sol escaldante, encorpendo uma marcha ensaiada que toma as ruas durante todo o dia sete.

A expressão de civismo, via de regra, fica por aí. E logo a pátria cai no esquecimento. Transformando a data em uma ampla discussão sobre a realidade brasileira, que se estende por todo o mês, a Vila Creche-Escola e Espaço Cultural promove anualmente o seminário *Cuidando do Planeta Terra*. Em sua sexta edição, o evento mais uma vez envolve alunos de pré-escola e primeiro grau menor em pesquisas coletivas que resvalam por oito temáticas: fauna, flora, habitação, alimentação, reciclagem, comunicação, educação e saúde.

Assim é que se formam oito grupos vigilantes para cada área de estudo. Todos apresentam trabalhos em torno de um mesmo tema-chave, eleito previamente. “Este ano vamos discutir sobre a influência dos meios

de comunicação na nossa vida, fazendo a relação disso com a fauna, a flora, a habitação e assim por diante”, adiantou a educadora e diretora da Vila, Fátima Limaverde.

Em tempo: é de praxe que o seminário aconteça sempre no dia 4 de outubro, em alusão a São Francisco, padroeiro da Ecologia. Este ano foi

mesa com os profissionais da área convidados para o evento: os jornalistas Carlos Ely, de O POVO; Silas de Paula, da UFC; Marta Aurélia, da rádio Universitária; Paulo Limaverde, da Rede Cearense de Notícias e o sociólogo Daniel Lins. Além de esclarecer dúvidas, os alunos pretendem, com a ajuda dos formadores de opinião, fazer repercutir junto às autoridades competentes seus pareceres e reivindicações. Foi assim em todos os anos anteriores.

Em prol da demarcação de terras para os índios Tapeba, de Caucaia, os vigilantes da Vila colheram assinaturas que foram bater nas mãos do ambientalista Jacques Costeau e do ministro da Agricultura e Reforma Agrária, indo parar na sede da ONU. Noutro ano, a discussão em torno da reciclagem do lixo resultou na sugestão de um decreto-lei que regulamentasse o uso controlado do plástico nas embalagens, já que este, segundo pesquisa dos grupos, leva de 200 a 500 anos para se degradar. A campanha sensibilizou a Associação do Bairro de Fátima, que comprou a idéia de espalhar containers pelas ruas, procedendo junto aos moradores a coleta seletiva de lixo.



IV Seminário Cuidando do Planeta Terra. Hoje a amanhã. Na Vila Creche-Escola e Espaço Cultural, Rua Dom Sebastião Leme, 819 - Bairro de Fátima. A partir de 10h30min. Aberto ao público. Informações: 227.0551.

Figura 23- Crianças discutem destino do planeta. O POVO. 02 out. 1997

Figura 24 – Crianças no debate sobre a reciclagem do plástico. *Diário do Nordeste*. 27 set. 1994



Vila Creche-escola Espaço Cultural realizou mesa redonda sobre reciclagem do lixo com participação infantil

Bairro de Fátima

Crianças no debate sobre a reciclagem do plástico

A Vila Creche-Escola Espaço Cultural promoveu ontem pela manhã uma mesa-redonda sobre o uso e a reciclagem do plástico. O seminário foi ápice das atividades ecológicas da escola no bairro de Fátima e reuniu, na quadra da escola, crianças, autoridades, empresários e ecologistas para debaterem o assunto. "Daqui a 20 anos essas atividades vão surtir efeito e vai ser para o Mundo", afirma a pedagoga Juhi Kênia Monducci Cavedagne.

O tema foi escolhido conforme os hábitos de consumo dos pais e familiares das crianças e da própria comunidade do bairro. Se o lixo contém muitos artigos de plástico, a escola propôs-se a educar o aproveitamento deles. E assim fez com o seminário que faz parte do Projeto 'Cuidando do Planeta Terra', através do qual a escola objetiva conscientizar as crianças para a luta ecológica.

Para a comunidade do bairro, o

seminário não foi à toa. Antes dele, 400 alunos da escola recolheram objetos plásticos. E agora, o montante será doado à Associação de Moradores. É com o dinheiro apurado na venda do plástico que a associação mantém uma escola comunitária no bairro. A renda vai integralmente para a compra de material didático ou alimentos. "Essa escola funciona sem material nenhum", diz, lembrando que o projeto ganha a cada ano mais adesões.

COMPREENSÍVEL

Outra marca do seminário foi o didatismo. Durante toda a manhã, autoridades e ambientalistas tentaram expor o assunto de forma inteligível para as crianças. E foram precedidos por apresentações artísticas de cunho ecológico. "Não vejo como complexo; é uma coisa natural o instinto de sobrevivência", obser-

va Juhi Cavedagne. "Complicado é o nome dos videogames que elas jogam todo dia".

Embora creia nisso, a escola facilita ao máximo a incorporação da ecologia no cotidiano das crianças. As mais novas, por exemplo, aprendem o que é e o que não é ecologicamente correto. Brincam com isso. As mais velhas vão além, pesquisam os porquês de agir de uma maneira ou outra. "Quando a gente vê as crianças, elas começam a modificar os condomínios".

Participaram do debate representantes da Empresa Municipal de Limpeza Urbana (Emlurb), Superintendência Estadual de Meio Ambiente do Ceará (Semace), Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Fundação Núcleo de Tecnologia Industrial (Nutec), Partido Verde (PV) e empresários. "O fator principal é alertar o máximo que puder", diz Juhi Cavedagne.

Figura 25 – Crianças discutem a nossa independência. O POVO. 07 set. 1989

VILA — CE.
SANTA-FEIRA
17/ SETEMBRO/89

VILA

FOTOS: JOÃO CARLOS DE MOURA



Crianças discutem a nossa independência

Quem passou ontem pela praça da igreja de Fátima, teve sua atenção voltada para uma pequena multidão conduzindo faixas e cartazes reclamando melhores salários, proteção à vida e ao meio ambiente, reforma agrária e por um ensino melhor. À primeira vista, tudo faz crer numa passeata de protesto. Até certo ponto, sim. O objetivo dos alunos da Creche Vila, na verdade, era comemorar a Semana da Pátria. Ao invés do convencional desfile de sempre, “eles resolveram fazer um questionamento sobre a situação de independência do País. Ao fim de tudo, ficou evidente que ela ainda está por acontecer.

A idéia surgiu com a professora Fátima Limaverde, diretora da escolinha, interessada em mudar a unidade de estudo que atualmente se faz nesta época. Nos últimos 15 dias focamos todos os conteúdos curriculares relacionados à

vida moderna, ao dia-a-dia de cada um, eram avaliados em salas de aulas, segundo a diretora, o que demonstra um nível de conscientização não imaginável numa faixa de público que vai dos 3 aos 6 anos. Ao contrário do que se imagina, os alunos se interessam por esse tipo de questionamento.

— As crianças têm uma sensibilidade maior que a dos adultos, a esse respeito. Se todos nós tivéssemos a percepção delas, certamente o País estaria numa outra situação — confessa Fátima Limaverde, para quem a questão do homem na sociedade é ponto do maior interesse para o público que ela atende. “Fica muito claro para eles que,

de todas as questões discutidas, está havendo falha na humanidade. As crianças passeando no carro com os pais, vêem a criança pobre, os meninos de rua nos sinais e, chegando à creche, elas raciocinam sobre tudo isso”, garante a diretora.

OUTRA REALIDADE

Consciente ou não dessa realidade, na hora de ir à praça para “desfile na parada”, os alunos da Creche Vila surpreenderam. Eram mais de 200, divididos em dois turnos. Caracterizados de trabalhadores rurais, dos sem-terra, de professores da rede pública, de operários, lavadeiras, de médicos e de animais, reclamando a atenção des

preservacionistas, a gurizada fez ontem a sua demonstração de civismo. Ao lado de cada um deles, orgulhosos, os pais, de máquinas na mão, acompanham o desfile. As professoras, condicionadas talvez pelo passado, ordenavam às crianças a marcharem no ritmo das fanfarras, herança dos tempos dos desfiles onde o toque militar sempre predominou.

A tardinha, outro grupo de crianças repetiu o “protesto” que marcou para os alunos da Creche Vila as comemorações do 7 de Setembro. “Nosso ensino se preocupa com o homem em si. Se hoje se pergunta pela má distribuição de renda, as crianças da creche se interessam. Eles sabem que faltou aos adultos da nossa época a discussão desses direitos”, reforça Fátima Limaverde, numa demonstração de que, ali, as crianças estão vivendo uma realidade totalmente diferente da restante do País.

Figura 26 – Reciclagem na sala de aula. O POVO. 01 jun. 2003



Ana Carolina e a jumenta Bela Flor: a escola também ensina a cuidar dos animais

Reciclagem na sala de aula

"Meu pai nem sabia o que era reciclar e fui eu que ensinei pra ele". Esse é o depoimento de Ana Carolina Cândido Bezerra, 8, aluna da segunda série do Ensino Fundamental da Escola Vila. Como os demais colegas de classe, Ana se preocupa com a separação do lixo para reciclagem, com o cuidado com as diversas espécies de plantas e com a preservação dos recursos naturais.

Ela diz que na sua casa tem um jardim

grande e florido, "mas infelizmente não dá tempo de cuidar das plantas, apesar de ajudar, e nem os meus pais porque trabalham". "Mas tem uma pessoa que fica responsável pelo jardim", explica. Ana Carolina garante que todo o ensinamento da escola repassa para os pais. A importância das plantas medicinais na cura das doenças e o cultivo de uma horta, vivências da escola, são levados pra casa pela aluna que estuda na Vila há cinco anos.

f. **Projeto Construindo um Mundo Melhor** – Tem como objetivo trabalhar temas como os valores humanos, as Declarações Universais dos Direitos Humanos e da Criança, o ECA, a Constituição Federal, como instrumentos necessários na construção de um mundo melhor.

Durante esse projeto, todos esses tratados universais são abordados e discutidos, bem como os contrastes existentes entre as propostas enunciadas e a realidade social em que vivemos. Os alunos desenvolvem, a partir de pesquisas e dos diferentes meios de expressões artísticas, um tema escolhido envolvendo a idéia de construção de um mundo melhor. Os resultados são apresentados em dois grandes eventos, um para Educação Infantil, na própria Escola, e outro para o Ensino Fundamental, em um teatro do circuito da cidade.

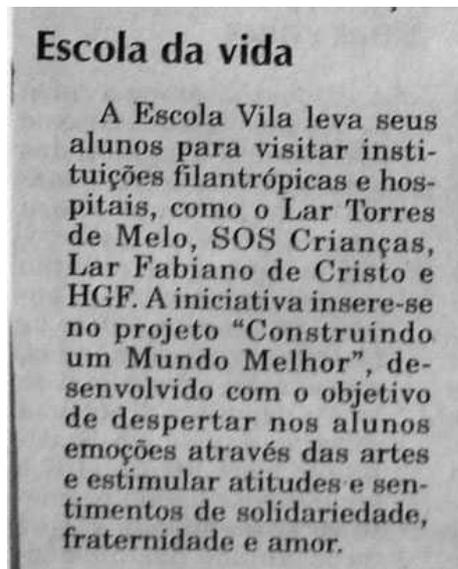


Figura 27 – Escola da vida. *Diário do Nordeste*. 17 mai. 1998

A Escola VILA sempre procurou envolver seus alunos, familiares e comunidade nos principais desafios e problemáticas no âmbito local e global, promovendo diversas campanhas, abaixo-assinados, passeatas, caminhadas, seminários e foros de discussão obtendo grandes resultados de suas ações sociais.

Figura 28 – Comunidade faz protesto pela preservação da área. O POVO. 11 mar. 1990



Ao som de músicas infantis, as crianças fizeram uma corrente que rodeou os carrosséis do Parque São Luiz

LAZER

Comunidade faz protesto pela preservação da área

Fortaleza é inteiramente carente de área de lazer na parte central. Os poucos espaços que ainda existem estão cedendo lugar aos estabelecimentos comerciais.

“BEC não. Lazer sim”. Entoando este slogan adultos e crianças realizaram ontem à tarde, na confluência das avenidas Aguanambi com 13 de Maio, uma manifestação em defesa da preservação do local à direita dessa confluência como espaço para a instalação de circos e parques de diversão, entre outros equipamentos de lazer. O terreno, de propriedade do Governo Estadual deverá sediar conforme projeto já em fase de aprovação, mais uma agência do Banco do Estado do Ceará, com o que os moradores do bairro de Fátima e adjacências discordam, uma vez que segundo argumentam, a área já está muito bem servida de instituições bancárias, mas inteiramente carente, a exemplo de todo o trecho central de Fortaleza, de espaços de lazer.

A manifestação organizada pela Escola-Vila, contou com o apoio do Partido Verde, vereador Samuel Braga, dos colégios Canarinho, Geo

Stúdio, Erotides Melo e Escola Meu Cantinho, além de membros do teatro de bonecos Circo Tupiniquim que animaram as crianças presentes ao ato. Palhaços também participaram da corrente que rodeou os carrosséis do Parque São Luiz, que divide o terreno atualmente com o Circo Miami 2.000. Ao som de algumas músicas do momento, os participantes se organizaram em volta dos equipamentos instalados e chamaram a atenção dos que passavam no local para o intuito da iniciativa.

DEFESA

De acordo com a educadora Fátima Limaverde, diretora da Escola Vila, a comunidade se mostra a favor da manutenção do local como espaço de lazer, achando inclusive que a área deve sediar um playground, ser arborizada, e principalmente, ter circos. Segundo ela, todas as cidades costumam possuir esse tipo de lazer”, então porque Fortaleza também não pode continuar com esse direito? — indaga. Ela deixa claro não ser a atitude um sinônimo de que a comunidade tem alguma coisa contra o BEC, mas sim, uma questão de defesa não só do lazer para a população residente nas imediações, como também para aquelas pessoas de bairros periféricos, tendo em vista que o local se situa em ponto central da cidade.

Afirma ainda que embora existam circos e play ground no Shopping Center Iguatemi, estes não são suficientes para Fortaleza, pois se tornam distantes para grande parte das pessoas. O tema também já mobiliza a bancada do Partido dos Trabalhadores na Câmara Municipal, que apresentou projeto de modificação da Lei 5.122, de 13 de maio de 1979, que prevê a edificação da agência bancária. Também a comunidade presente ao ato recolheu assinaturas para complementar um abaixo-assinado a ser entregue às autoridades estaduais para a manutenção do espaço e construção da instituição em outro local.

A mobilização da comunidade ontem a tarde compreendeu ainda uma passeata dos participantes, rodeando toda a área, bem como uma visita às dependências do Circo Miami, de onde retornaram ao ponto de origem para dar continuidade ao ato. A manifestação atraiu os pais dos alunos que estudam nas escolas participantes, além de muitas crianças, inclusive bebês carregados por suas mães. Mesmo os garotos que se postam no cruzamento das duas avenidas vendendo frutas foram atraídos pelo ato. “Acredito que as autoridades possam se sensibilizar com o nosso pleito” — resumiu Fátima Limaverde.

Figura 29 – Crianças condenam políticos que só querem “aparecer”. O POVO. 28 set. 1998

Crianças condenam políticos que só querem “aparecer”

Crianças discutem sobre política com um desembaraço de causar inveja a muitos adultos. Elas criticam os políticos que “querem aparecer e ganhar dinheiro” e “esquecem do povo” ■

DÉBORAH LIMA
da Editoria de Política

Com o fim da ditadura militar e o amadurecimento da democracia, a política está cada vez mais presente no crítico universo infantil. O tema é discutido em algumas escolas com a mesma naturalidade de uma aula de Estudos Sociais. É o caso da Creche-Escola Vila, localizada no bairro de Fátima, onde O POVO realizou um debate com crianças de sete a 14 anos sobre a política, os políticos e o momento eleitoral.

Participaram do debate Morena Cristal Limaverde, 8, Luana Borges da Cunha, 7, Sabrina Brito Damasceno, 14, e Marcelo Praxedes Monteiro, 8. Os pequenos cidadãos e futuros eleitores fizeram críticas pesadas aos políticos. “A maioria dos políticos pensa mais em dinheiro do que no povo”, reclama Sabrina. “Além do dinheiro, eles querem ficar importantes, aparecer”, completa Marcelo que vai além nas críticas e chega a acusar o presidente FHC de querer mais quatro anos de mandato para “matar o povo”.

Radicais? Nem tanto. Morena, por exemplo, acredita que político “é a pessoa que trabalha muito por um mundo melhor” e Luana acha que “política é a pessoa que cuida do nosso planeta”. Leia a seguir os principais trechos do debate realizado pelo O POVO na Escola-Creche Vila na quarta-feira, dia 17 de setembro.

OP - O que é a política para vocês?
Morena Cristal Limaverde - Política e político para mim é a mesma coisa. Político é a pessoa que trabalha muito por um mundo melhor.
Luana Borges da Cunha - Eu acho que política é a pessoa que cuida do nosso planeta.
Sabrina Brito Damasceno - Eu acho que o político era pra cuidar, né? Só que hoje em dia a maioria dos políticos pensa mais no dinheiro do que no próprio povo.
Marcelo Praxedes Monteiro - Política pra mim é pra melhorar Fortaleza e os políticos não estão fazendo isso. Eles tão pensando só no dinheiro.
OP - Vocês falam que os políticos têm



■ Marcelo Praxedes, Sabrina Brito, Luana Borges e Morena Cristal estudam na Escola Creche Vila

que cuidar do planeta e trabalhar por um mundo melhor. Vocês acham que eles estão fazendo isso?

Morena - Não, normalmente não. Porque eles normalmente só querem no dinheiro.

Luana - Mais ou menos. Porque como a Sabrina falou, eles só querem mais o dinheiro, eu não sei porque.

Sabrina - Eu acho que não. Mas deve existir político que tenta, pelo menos um pouco. Mas a maioria não está pensando como deveria pensar no povo. Tudo é uma questão de poder.

Marcelo - Além do dinheiro, eles querem ficar importantes, né? Querem aparecer.

OP - Como seria um bom político?

Morena - Qualquer um que trabalhe bastante, e não ganhe só o dinheiro. Uma pessoa que colabore com as outras pessoas para que o mundo seja melhor do que era antigamente e do que é hoje.

Luana - Ele tem que se preocupar com a nossa Fortaleza. O Lucas (colega) me disse que a mãe dele tá recebendo pouco dinheiro, pouco salário. Os políticos têm que trabalhar para dar um bom salário para os pais da gente e cuidar de Fortaleza.

Sabrina - Eu acho que primeiro ele deveria pensar no povo, pensar no próximo. Porque tem gente que vai ser político só pra se eleger, aparecer. Eles tinham que antes pensar no pró-

ximo, antes de se eleger. E não se eleger e pronto. Tem que pensar nas consequências, no que vai fazer de bom para o povo.

Marcelo - Tem que ser honesto, pensar no povo e também, como a Sabrina já falou, pensar no próximo. Porque muitos só pensam neles. Dizem “vou me eleger, vou ganhar, ganhei”. Mas não, era para eles pensarem no próximo e ajudar o povo.

OP - Se vocês pudessem votar, vocês votariam em quem?

Morena - É claro que eu votaria no Sirkis (Alfredo Sirkis é candidato a presidente pelo PV) porque eu acho que ele cuida do Partido Verde, cuida das nossas plantas, das queimadas e da poluição.

Luana - Eu não sei quem são os presidentes (candidatos). Eu votaria no Tasso (Jereissati candidato a reeleição) porque acho que ele cuida muito da nossa saúde e das plantas.

Sabrina - Eu acho que eu votaria no Lula porque o Fernando Henrique a gente já viu o Governo dele, né? Até agora não foi bom ainda, não adiantou muito. Por isso eu votaria no Lula. Pra governador, eu não sei. Mas acho que eu votaria no Tasso, mas não tenho certeza ainda. Certo mesmo, eu votaria no Lula.

Marcelo - Eu votaria no Lula porque o Fernando Henrique, eu já vi o governo dele, e ele quer mais quatro anos

para matar o povo (risos). Ele só pensa no dinheiro e o Lula não. O Lula quer mais é o melhor para Fortaleza.

OP - O que o brasileiro está precisando com maior urgência?

Morena - Um mundo melhor. Eles tinham que levantar nosso mundo, porque tá tão baixo, tão baixo que todo mundo pode ajudar. Não só o presidente e o governador como a população também podia ajudar, e muito.

OP - Como?

Morena - Não fazendo essas queimadas. A maioria diz assim “não, não sou eu não que faço essas queimadas, não sou eu não que faço isso, eu quero é um mundo melhor”. Mas às vezes não.

Luana - Eu pedia pra ele cuidar mais da nossa cidade, para cuidar dela pra gente e Fortaleza ficar melhor.

Sabrina - Essa pergunta é difícil, né? Educação tá faltando muito, informação também tá faltando muito. Uma vez a professora entregou um texto para gente que dizia que só o Brasil poderia alimentar duas ou três vezes o mundo inteiro. Acho que eles deveriam aproveitar isso. Tá precisando também, principalmente, de habitação.

Marcelo - Eu acho que tá precisando da saúde nos hospitais porque vários hospitais estão fechados. Também tem a fome do brasileiro.

“Fernando Henrique quer mais quatro anos para matar o povo. Ele só pensa no dinheiro”

Figura 30 – Saída de Collor pedida por 80 crianças de creche-escola. O POVO. 10 set. 1992

PROTESTO

Saída de Collor pedida por 80 crianças de creche-escola

Alunos são os mais interessados no debate da crise nacional

Cerca de 80 crianças da Creche-Escola Vila (rua Dom Sebastião Leme 839, bairro de Fátima) saíram em passeata-mirim ontem pela manhã, circundando a praça Pio IX, pedindo o afastamento de Fernando Collor do cargo de Presidente da República. Portando bandeiras e cartazes pró-impeachment, com os rostos pintados e fazendo muita algazarra, eles tiveram seu momento de protesto, em solidariedade ao sentimento de indignação que toma de assalto o País.

Segundo a Supervisora de Primeiro Grau da escola, Elizabete Carvalho de Melo, que coordenava a movimentação dos meninos junto com uma psicóloga e outros funcionários e professores, “os próprios alunos é que pediram para fazer este protesto, questionando o que vêm em casa, nas conversas dos pais e nos meios de comunicação”.

A escola incentiva as crianças, cuja idade máxima não vai além dos 10 anos, a discutir os eventos históricos brasileiros, como por exemplo, a propósito do dia da Independência, comemorado segunda-feira.

A BATALHA DO IMPEACHMENT



Estudantes com menos de 10 anos de idade participaram da manifestação no bairro de Fátima

MANUEL CUNHA

Figura 31 – BR-116: estudantes cobram manutenção. O POVO. 14 mar. 2003

BR-116: estudantes cobram manutenção

Uma manifestação de estudantes, na manhã de ontem, cobrou manutenção do asfalto da BR-116 e das passarelas para travessia de pedestres, hoje em situação considerada precária. Um abaixo-assinado pedindo as reformas deve ser enviado ao Ministério dos Transportes em 15 dias

FOTOS: ALCEBRADES SILVA



Alunos da Escola Vila participaram da manifestação, em frente à escola estadual Paulo Airton, na BR-116

A cena de pessoas atravessando por baixo das passarelas da BR-116 é comum e pode representar mais que a simples falta de educação para o trânsito. A passarela que fica em frente à escola estadual Paulo Airton, por exemplo, apresenta alambrados quebrados, mato e lama na rampa de acesso e não tem iluminação suficiente. A falta de segurança faz com que alguns alunos da escola optem por se arriscar nas pistas a subir na estrutura.

Como forma de chamar a atenção para a falta de manutenção da passarela e da rodovia, um grupo de alunos da escola Vila, que fica no bairro de Fátima, e da Paulo Airton fez uma manifestação na manhã de ontem no local. Cerca de 40 estudantes de 6ª e 7ª séries subiram a passarela, em grupos de cinco, acompanhados por professores, portando bandeiras com mensagens sobre a falta de manutenção no local.

Segundo a diretora da escola Vila, Fátima Lima Verde, o protesto foi uma forma de envolver as crianças em uma questão que afeta a comunidade. "Vários alunos passam pela BR-116, muitos pais moram para aqueles lados e enfrentam a dificuldade que é trafegar no local". Além do protesto, a escola está preparando um abaixo-assinado, que já conta com

O CIDADÃO



Ontem, pela primeira vez na vida, **Jade Nocrato Oliveira**, 11, estudante da 6ª série da escola Vila, participou de uma manifestação. "Foi legal. Nós cobramos das autoridades condições para um trânsito mais seguro". Para ele, o que mais chamou a atenção foi a falta de conservação da passarela que está com as muretas de proteção destruídas. "Outro problema é a falta de sinalização e a pista esburacada".



"Todo dia eu passo pela BR-116 e vejo como está destruída", contou **Gabriel Miranda**, aluno da 6ª série da escola Vila. Ontem, além de conhecer os buracos da pista, ele pôde ver a precariedade da passarela. "Está destruída, quem sobe tem medo de cair porque falta mureta de segurança em alguns pontos. Até para entrar é difícil, porque tem mato e água", afirmou o garoto. Para ele, a oportunidade de participar da manifestação foi "legal", uma forma de protestar contra os acidentes que acontecem no local.

de assalto no local, que é muito escuro". Disse ainda que, como não há alambrados de proteção, existe o risco de queda de pessoas da estrutura.

O POVO procurou, no início da tarde de ontem, o chefe do Departamento Nacional de Infra-estrutura e Transportes (DENIT), José Wanks, mas a informação dada no órgão é que ele só estaria no local hoje pela manhã. Seu celular estava fora de área.

Luiza Holanda diz que mesmo com as deficiências realiza campanhas na escola para orientar os alunos a usarem a passarela. "Eles fazem a opção entre serem atropelados ou correrem o risco

de mil assinaturas, pedindo providências ao Ministério dos Transportes. O documento deve ser enviado em 15 dias ao órgão.

Esta não é a primeira manifestação realizada no local. A diretora da escola Paulo Airton, Luiza Holanda, disse que vários pedidos já foram feitos ao antigo Departamento Nacional de Es-

3.2.4. O Trabalho em grupo

Nas salas de aula e nas outras atividades, os alunos são organizados sempre em grupos. As carteiras escolares, por exemplo, estão dispostas em grupos, de forma a cada turma ter em médias 4 a 6 grupos de alunos. O objetivo desse tipo de organização é facilitar a convivência e o desenvolvimento de habilidades de cooperação, tolerância e a compaixão.

Os grupos são estabelecidos pelo professor ou pela coordenação da escola, de forma a garantir a diversidade de cada um. Os alunos, portanto, ficam em um mesmo grupo durante uma semana e depois a definição dos grupos é alterada. Um vez ao mês, a definição desses grupos é de livre escolha.

O professor propõe suas atividades sempre para os grupos de alunos, não para os alunos individualmente. Desta forma, os alunos são incitados a interagir, conversando, discutindo, trocando opiniões, buscando argumentar e compreender pontos de vista diferentes do seu.

Nesses grupos estão alunos de classes sociais distintas e portadores de necessidades especiais específicas. Esse aspecto permite, ainda mais, a diversidade de opiniões a respeito de um mesmo tema ou estudo.

Conviver com a diversidade é o grande aprendizado necessário na construção de uma nova sociedade. Espera-se que, a partir do desenvolvimento de habilidades de convivência, desde a idade escolar, um novo ser humano possa surgir.

O trabalho em grupos de alunos favorece, também, ao aprendizado significativo, por permitir a discussão, a vivência e a experimentação de diferentes conteúdos. Além disso, os diferentes modos de expressão existentes em um mesmo grupo, possibilita uma amplitude maior de possibilidades de aprendizagem. Monika Marte, professora de Inglês da Escola VILA, comenta:

Nós, professores, temos uma certa linguagem que a gente aprende, de propor o mesmo problema de várias maneiras para as crianças aprenderem, mas às vezes a gente não consegue atingir determinado aluno. Por exemplo, eu observo na 6ª série, um aluno com muita dificuldade nas minhas aulas. Quando eu faço a avaliação dele eu vejo que ele não está no nível que ele poderia estar. Aí eu descobri que quando eu peço para os colegas do grupo dele trabalharem com ele, o resultado é maravilhoso. Em relação à avaliação que ele faz comigo, sai dez vezes melhor. Quer dizer, a cooperação facilita mesmo a aprendizagem. (CICLO DE DEBATES – 25 ANOS DA ESCOLA VILA, em DVD, 26/10/06)

Além de permitir a interação entre os alunos, a organização da turma em grupos tem também como objetivo, trabalhar as chamadas “Responsabilidades”. Cada grupo de alunos é responsável pela organização e funcionamento de determinado aspecto na sala de aula.

Há o grupo responsável pelo armário coletivo, devendo este, distribuir, guardar e zelar pela organização de todo o material do armário da sala.

Há a “Responsabilidade do Lanche” que é atribuída a outro grupo. Para cumprir com essa responsabilidade, os alunos devem organizar o lanche natural coletivo, que é fornecido pela própria Escola.

Há ainda a “Responsabilidade da Organização da Sala”, a “Responsabilidade de Execução dos Projetos” e outras responsabilidades criadas e geridas pela turma, com seu professor ou professora.

O trabalho com as Responsabilidades tem como objetivo a transferência de responsabilidades do professor para o grupo de alunos, fazendo com que eles procurem desenvolver meios de organização coletiva, distribuição de tarefas e gerência cooperativa.



Fotos 17 e 18 – Organização em grupos no ensino fundamental

3.2.5. O Sistema de Avaliação

A avaliação, na Escola VILA, é realizada sistematicamente de diferentes maneiras. Os chamados “exames” ou “provas” não são, em definitivo, o único instrumento avaliativo. Há uma Ficha Avaliativa, onde estão discriminados todos os conteúdos trabalhados em determinado período. A participação do aluno nas atividades e no grupo em que ele faz parte é essencial para compor uma avaliação mais detalhada.

Na Educação Infantil, os alunos são avaliados pelo professor, ou professora de sala e pelos professores de aula de corpo e música. Há uma Ficha de Avaliação Individual

(FAI) com dezenas de aspectos a serem avaliados em diferentes áreas de desenvolvimento: psicomotora, socio-emocional, formação de hábitos, conteúdos específicos. Além da FAI, o professor faz um relatório descritivo específico para cada aluno.

No Ensino Fundamental, as FAIs são avaliadas de três formas: pelo próprio aluno, em um processo de auto-avaliação; pelo grupo a que o aluno pertence; e pelo professor. Ou seja, o aluno tem a possibilidade de se auto-avaliar para cada item de sua própria FAI; o grupo avalia cada um de seus componentes nos aspectos socio-emocionais e de interação com os demais componentes; e o professor avalia cada aluno, de acordo com diferentes instrumentos de avaliação que ele dispõe.

Todos os professores de Ensino Fundamental realizam esse mesmo processo de avaliação, seja o professor de sala, ou de aula de corpo, de artes plásticas, de teatro, de inglês, de educação física, de artesanato, de música, de laboratório ou de qualquer outra aula.

As “notas” dos alunos, são então, uma composição da auto-avaliação, da avaliação do grupo e da avaliação do professor.

Além das FAIs, os professores de sala no Ensino Fundamental também fazem relatórios descritivos específicos para cada aluno.

O sistema de avaliação da Escola VILA é, portanto, um movimento de análise e síntese, multirreferencial, composto e plural.

3.3. O mapa conceitual das atividades da Escola VILA

Organizando todas as atividades já descritas, foi possível construir uma teia curricular composta de três eixos principais: a relação do indivíduo com ele mesmo, a relação do indivíduo com o meio social e a relação do indivíduo com o meio ambiente.

A Figura 31 representa a teia curricular como um todo e as Figuras 32, 33 e 34 são as representações de cada eixo da teia curricular em separado.

Figura 32 – Mapa conceitual – Teia curricular da Escola VILA

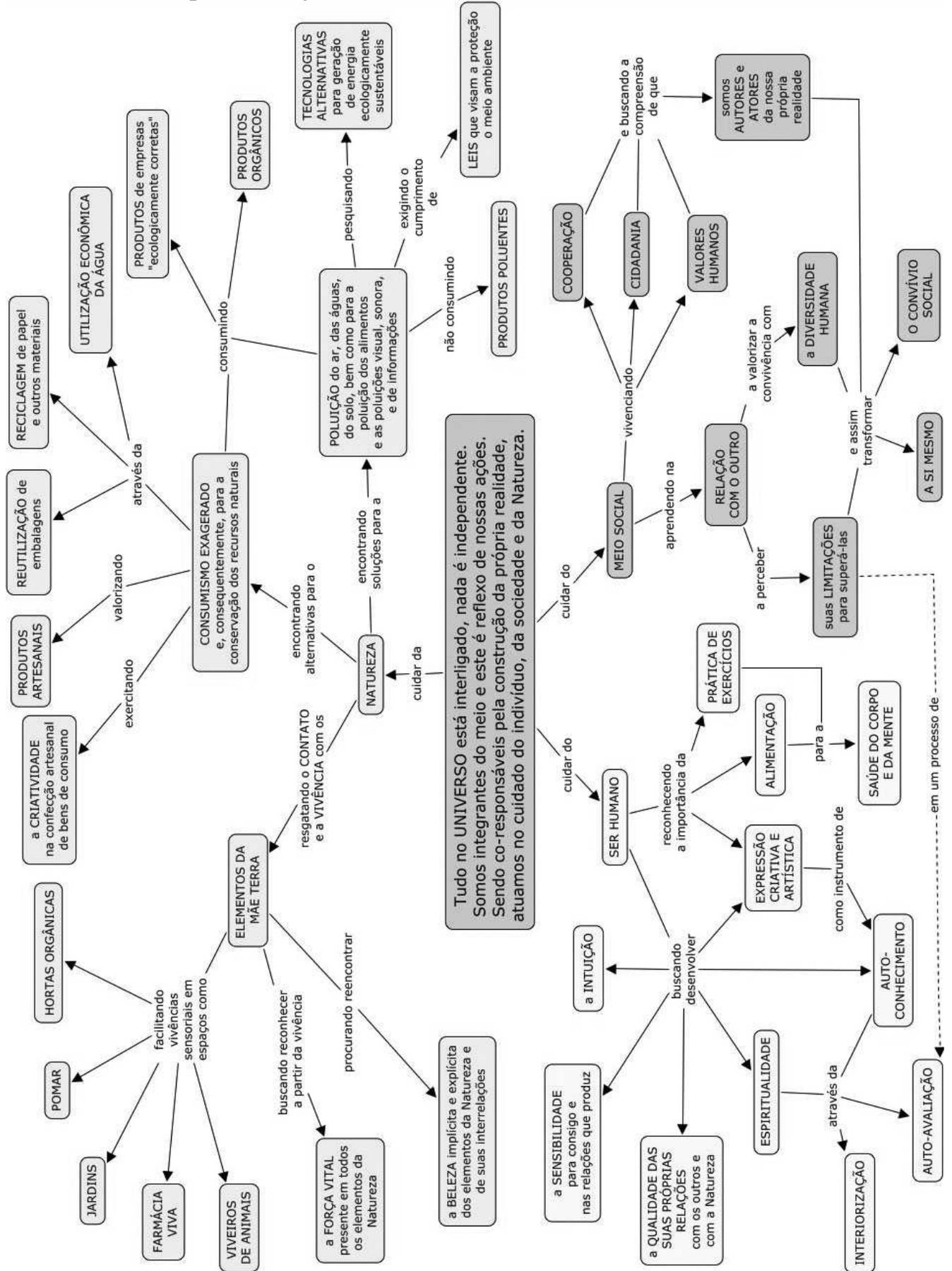


Figura 33 – Mapa conceitual – Teia curricular da Escola VILA – Cuidar do Ser

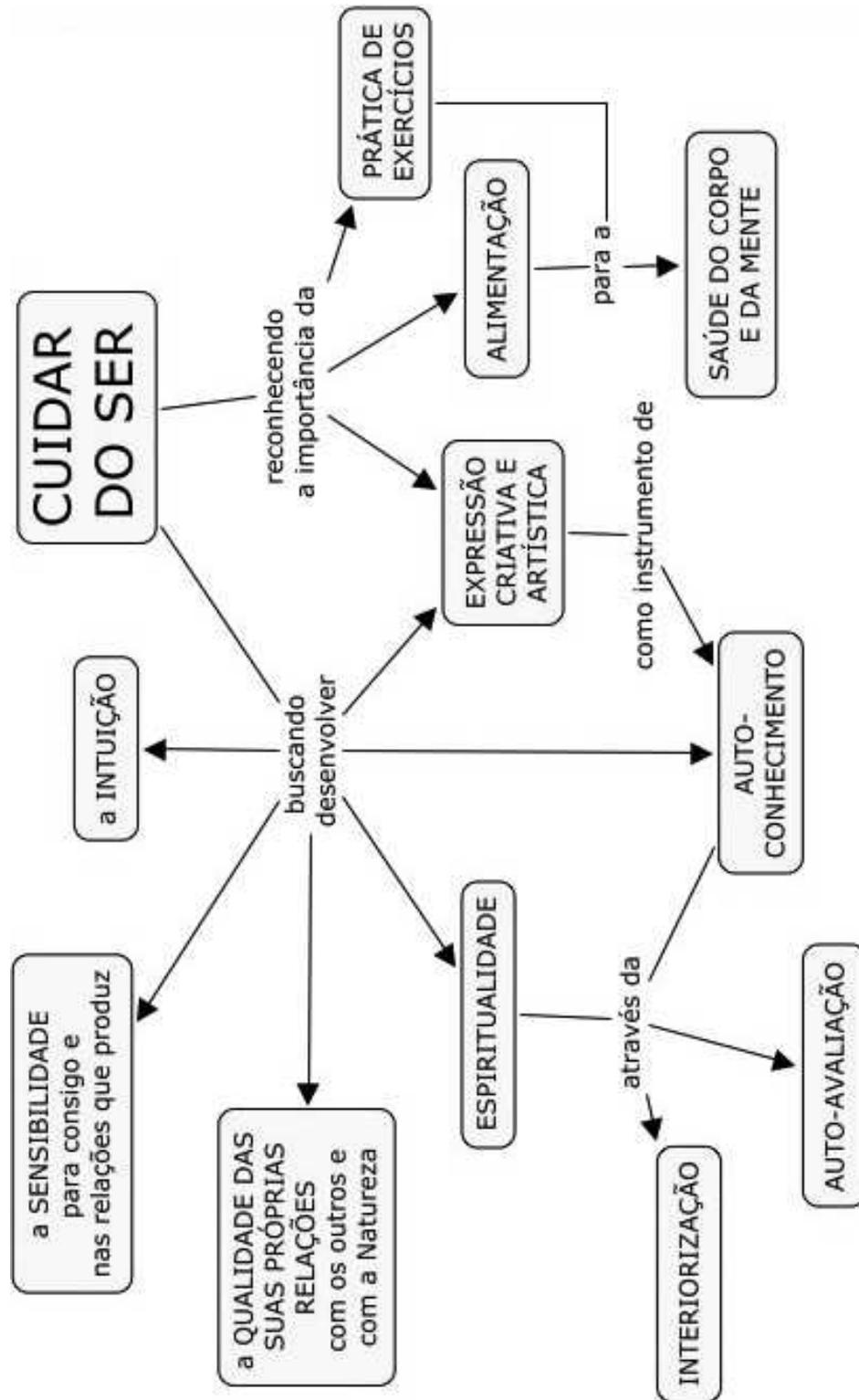


Figura 34 – Mapa conceitual – Teia curricular da Escola VILA – Cuidar do Meio Ambiente

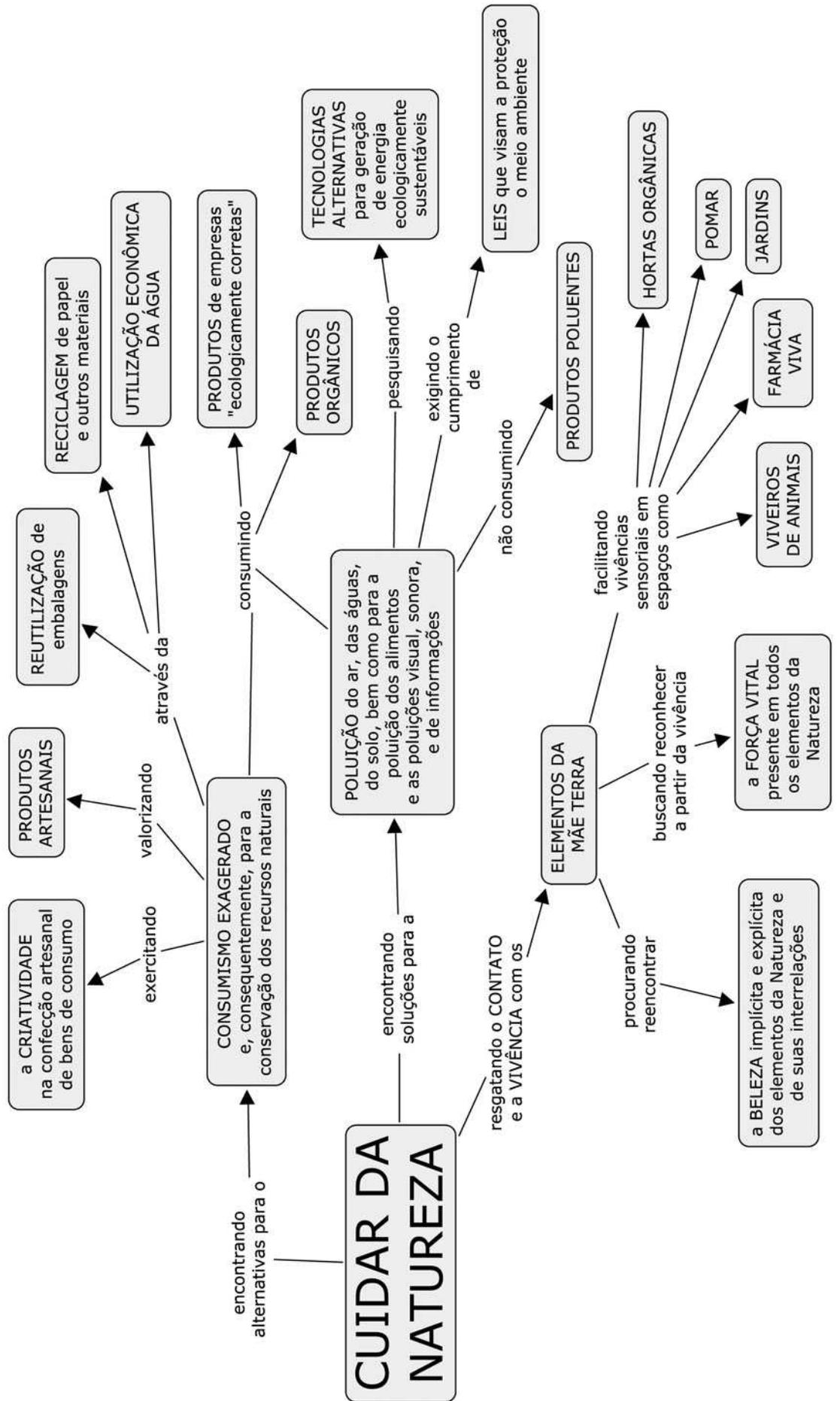
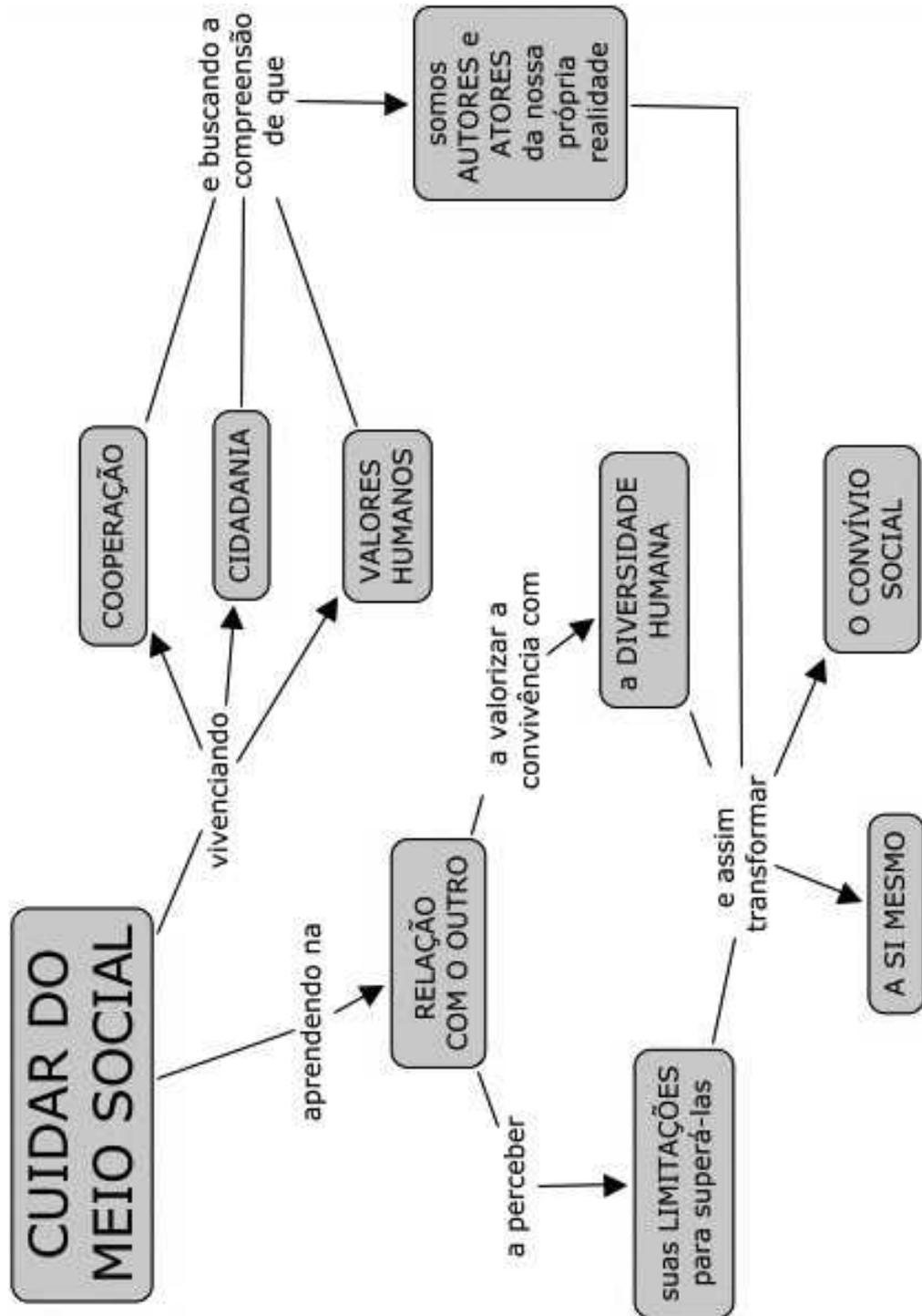


Figura 35 – Mapa conceitual – Teia curricular da Escola VILA – Cuidar do Meio Social



3.4. Coleção Cuidando do Planeta Terra©

A Escola VILA desenvolveu um material didático que permite a integração entre as disciplinas formais. Compreendendo o trabalho com projetos em sala de aula incorporando os temas dos projetos da Escola já apresentados, os livros didáticos da Coleção Cuidando do Planeta Terra© não propõem divisão disciplinar até o 5º ano do Ensino Fundamental possuindo características de um material didático transdisciplinar.

Do 6º ao 9º ano, os livros já possuem a fragmentação disciplinar usual, embora as disciplinas estejam dispostas de forma intimamente interligadas, envolvendo a execução de um mesmo projeto.

A Coleção trabalha com os temas dos seis projetos vivenciados pelo aluno, facilitando a integração desses projetos no cotidiano escolar. Envolve atividades de atuação social, interação com a Natureza, reflexões críticas, diferentes exemplos de expressão artística e a valorização das Tradições populares. Tudo isso em uma proposta didática socio-construtivista.

3.5. A formação de professores

Neste tempo crucial de transformação, nesta crise da crisálida, onde a lagarta já morreu e a borboleta ainda não nasceu, mais do que nunca necessitamos de uma nova educação. Devidamente ancorada na abordagem transdisciplinar, que nos convoca para a tarefa de realizar os quatro pilares de uma pedagogia centrada na inteireza: educar para aprender, para fazer, para conviver e para Ser. É nessa direção que, desde 1981, a Escola VILA, vem ousando inovar, concretamente, sobretudo educando para os valores, a consciência ecológica e a cidadania. Um Jardim de Cuidados, para que o embrião de inteireza e de plenitude possa germinar e crescer em cada estudante, colaborando para a imprescindível reconstrução do Projeto Humano. (CREMA, 2005, em carta pessoal)

Para realizar tal educação, é necessário desenvolvermos uma reflexão de nossas próprias atitudes enquanto educadores.

Vivamos nosso educar de modo que a criança aprenda a aceitar-se e a respeitar-se, ao ser aceita e respeitada em seu ser, porque assim aprenderá a aceitar e a respeitar os outros. Para fazer isso, devemos reconhecer que não somos de nenhum modo transcendentais, mas somos num devir, num contínuo ser variável, mas que não é absoluto nem necessariamente para sempre. (MATURANA, 1999. p.30)

Nas palavras de Roberto Crema, vice-reitor da Rede UNIPAZ, acreditamos que nosso trabalho contribua para que o ser humano

possa a cada dia, ser um pouquinho menos mentiroso, menos terrorista, menos desintegrado. Cada dia, ser capaz de um pouco mais de veracidade, de amor, de fraternidade. Caminhe um pouco mais firme, pai, mãe, político, empresário, educador, cientista, artista, sacerdote, terapeuta!... Para que valha a pena os jovens também caminharem ao nosso lado. Para que possamos, juntos, reinventar o mundo e realizar plenamente, o esplendor da Utopia Humana. (CREMA, s/d)

Na Escola VILA, a formação de professores é continuada, abrangendo encontros semanais, supervisões de aula, grupos de estudo semanais, uma reunião de integração mensal e mais de vinte dias de formação em dezembro e janeiro. As formações não priorizam somente a teoria, mas também trabalhos de corpo, artes, discussões e debates a fim de que possamos incorporar os saberes e transformarmos nossas ações.

Sabemos que não é apenas um bom currículo de formação acadêmica que pode caracterizar um bom professor. Por isso a formação do professor é extremamente importante para a estruturação de um corpo docente envolvido com os princípios desenvolvidos nesta escola.

3.6. O aluno da VILA

Pretende-se que os alunos egressos desta escola tenham aprendido a conviver na diversidade, sabendo da importância do respeito ao outro bem como a si mesmos. Saibam reconhecer suas necessidades e procurar trabalhar em conjunto para resolvê-las. Saibam exercer a tolerância, a cooperação, a compaixão e a solidariedade porque desenvolveram esses valores no cotidiano escolar. Saibam expor suas opiniões e escutar, sensivelmente, as dos outros.

A seguir estão três depoimentos coletados durante o Círculo de Debates, por ocasião da comemoração dos 25 anos da Escola VILA, em 26 de outubro de 2006.

M.C. (18 anos, 15 anos na Escola VILA) contou sobre sua experiência em outro colégio, onde fez o ensino médio:

Eu tive que fazer um trabalho sobre Avanços Tecnológicos. Pensei em entrar com o tema "Energias Alternativas e Renováveis". Alguns alunos quiseram fazer parte do meu grupo. Os alunos dos outros grupos estavam pensando em atividades bem impactantes como levar um carro para o pátio da escola para analisarem o motor. E eu pensei em levar o que eu achava que era interessante e um tema que eu achava interessante.

No dia, enquanto os alunos de outro grupo estavam tentando colocar o carro no pátio, eu entrei com meu grupo, com uma maquete feita de argila e um forno solar de papelão. Não utilizei isopor, só usei produtos recicláveis. A maquete era de uma fazenda ecologicamente correta com biodigestor, energia eólica, permacultura, e as pessoas gostaram tanto que pediram para que eu deixasse a maquete no colégio.

Coloquei a panela com água e arroz dentro do forno solar de papelão, no pátio do colégio, no sol. Depois de mais de uma hora, as pessoas começaram a ficar curiosas para saber o que significava aquela caixa de papelão no sol. De repente, o cheiro do arroz cozido começou a invadir o colégio e todos os professores, a coordenação e outros alunos vieram ver o que estava acontecendo e ficaram em volta do forno solar. Então, abri o forno e eles viram que o arroz cozinhou e ofereci para experimentarem.

Levei um trabalho tão modesto e as pessoas adoraram. Os professores que iriam dar a nota do trabalho pediram para que eu explicasse. Se eu fosse falar só do biodigestor eles não iriam entender, então eu fui explicando como tudo funcionava como um todo, na fazenda ecológica. Ficaram muito interessados, o diretor do colégio não queria que eu fosse embora, pedindo muitas explicações. O pessoal do meu grupo, no começo, eles mesmos, não acreditavam que iria dar certo o arroz cozinhar no forno solar. Teve uma menina do grupo que levou o arroz pronto, por “via das dúvidas”! Foi muito bom, porque o pessoal do meu grupo se interessou mesmo. A menina que levou o arroz pronto, pediu para fazer um forno igual para que ela tivesse um quando precisasse viajar! (CICLO DE DEBATES – 25 ANOS DA ESCOLA VILA, em DVD, 26/10/06)

D. (20 anos, estudou 3 anos na Escola VILA), fala sobre a comparação da VILA com outros colégios:

Eu vi uma propaganda de uma escola que tinha um jardim sintético. Justamente pela questão do medo dos pais que os alunos peguem doenças [no jardim]. E aí eu fico pensando na contradição disso.

Uma das palavras que eu acho que ajuda a definir a VILA é a palavra revolucionário. Porque a VILA vai contra toda a corrente da qualidade da busca pelo lucro. E vai contra a corrente da mercantilização da educação, da qual o vestibular é o grande carro chefe dessa indústria. Porque, o que seria dessas grandes escolas tradicionais da atualidade se não existisse o vestibular? Se não existisse toda essa pressão que se faz para se conseguir passar para cursos como Direito, Medicina, Engenharia? Eu faço Direito. A VILA vai contra toda essa corrente, justamente trazendo coisas que são perdidas ao longo do crescimento da criança, do adolescente, que são as coisas de ligação com o planeta, de ligação com a fantasia, de ligação com o imaginário.

Quando eu vou comentar da VILA com outras pessoas, [...] elas se espantam com as aulas que eu digo que tinha, que são culinária, aula de horta, aula de arte. Fica todo mundo impressionado e dizem: “E aula de conteúdo?” e eu respondo: “Tinha também, mas era sempre mesclado”.

A coisa que mais me impressiona é o sistema de avaliação, onde o aluno se dá uma nota, o grupo dá uma nota para o aluno e o professor também dá sua nota. Uma coisa, que me chama a atenção era que geralmente, a menor nota, era dada pelo próprio aluno que se avaliava. [...]

Uma comparação com outras escolas que eu tive, eu observo a questão das regras que são impostas nessas outras escolas, que não são observadas a lógica dessas regras. É aquela coisa da disciplina pela disciplina, algo militarizado que vai trazer a “ordem e o progresso” das coisas.

Além dessa questão das regras, outro exemplo de diferença entre a VILA e outras escola é a competição. Uma das coisa que é bastante revolucionária aqui na VILA, é só chegar aqui e observar o modo como são colocadas as carteiras, sempre formando grupos, o que não acontece nas outras escolas: desde cedo, cada aluno na sua carteira, olhando pra frente, você não vê quem está atrás de você, você não pode conversar com quem está do lado. Sempre se reproduz: “vestibular, vestibular, você vai estar competindo com os outros, você vai ter que ser melhor que o outro naquela disciplina pra conseguir passar dele no vestibular e futuramente no seu emprego, se destacando mais que os outros para ganhar mais que os outros”. Isso não é o que acontece aqui. Pelo contrário, ao invés da competição, cultiva-se a convivência e a cooperação entre as pessoas, tendo a cooperação como ideal para que as pessoas juntamente consigam progredir.

Eu percebi isso claramente quando cheguei para fazer o 3º ano (do ensino médio) em um colégio onde as pessoas não queriam dizer como é que fazia a questão tal para o outro, com medo de que o outro acabasse acertando, totalmente o contrário daqui na VILA, devido a essa organização das carteiras, das pessoas sempre fazerem atividades em cooperação, e ainda mais das matérias em cooperação uma com a outra, na culinária, na horta. E é isso que eu acho, é uma revolução a VILA, por causa desses ideais que são totalmente o contrário do que está nesses outros sistemas que fazem parte desse outro sistema maior. (CICLO DE DEBATES – 25 ANOS DA ESCOLA VILA, em DVD, 26/10/06)

A.M., 22 anos, estudou 8 anos na VILA, fala sobre como a Escola VILA ainda faz parte de sua vida:

Eu tenho que me alinhar, porque quando eu vou falar do VILA, eu não consigo manter uma coisa lógica. Quando eu vou falar do VILA, eu fico mais na esfera artística, na esfera de êxtase mesmo. Não consigo falar muito oralmente, fico emocionado, muito emocionado.

Eu tenho 22 anos, meu nome é A., eu estudei aqui desde o maternal, na outra sede. Eu estou fazendo Psicologia na UNIFOR e Artes Plásticas no CEFET. [...] Eu faço parte, hoje em dia, de Centro Acadêmico, no meu curso, viajei já pro Fórum Social Mundial, fui pra Venezuela e pra Porto Alegre também.

Todas as atividades que eu faço hoje que são engajadas em lutas políticas, artísticas, e outras, eu devo ao VILA. É o VILA que me traz todo esse conhecimento. Eu puxo pra essa área política porque eu estou engajado no CA e tudo mais. Eu lembro que em 92 na época do Fora Collor, a primeira vez que eu pisei numa rua, foi aqui no VILA. Eu era pivete, tinha uns 10, 12 anos, botei meus pés na rua, senti a rua, foi pelo VILA.

Já começo a sentir aquela emoção, do meu colégio, pôxa, o que é que eu posso falar do VILA?? [...]

Tinha yoga e a gente se concentrava na quadra e ficava bem relaxado. [...]

As salas de aula eram ótimas, a gente ficava em círculo conversando. A gente fazia a própria merenda. São princípios de autonomia, de auto-gestão, coisas que eu tô levando pra minha vida hoje. Eu levo isso pros meus amigos na faculdade, a participação popular, todo mundo construindo.

Na Faculdade tenho contato com as teorias que entram aqui no VILA, meu professor trabalha com Carl Rogers, com psicodrama, e isso tudo já parte pro VILA. Ou seja, queira

ou não queira, eu sou levado, inconscientemente, não sei, eu sou levado por essas vertentes, esses conhecimentos que dialogam com o VILA.

O conhecimento Artístico. Eu respiro cultura, amo cultura, gosto muito, eu sempre falo que o VILA me injetou cultura. Naquele colégio eu estava em contato com a arte, com tudo mais e eu devo acho que uns 90% em relação ao acesso à cultura, tudo isso são resquícios que o colégio VILA traz pra gente.

[...] Eu não gosto de trabalhar muito com criança, mas numa hora dessas eu vejo que é fundamental trabalhar a partir da infância, porque realmente graças ao colégio VILA que eu sou como sou agora. Feliz, claro. [...] É uma relação não só dialética, é amorosa mesmo, que eu tenho com o colégio VILA. Minha formação pessoal, profissional, saber que outro mundo é possível, só vejo isso porque eu já tenho uma formação de me preocupar com o mundo.

É isso, eu me expressaria melhor agora com a arte, com desenho ou outra coisa, quando chegar em casa agora, vou fazer. [...] Quando se fala que educação é mercadoria, eu vejo que educação não pode ser mercadoria, assim como a vida não pode ser mercadoria. E eu acho que tem que ser contra a corrente mesmo, como diz Chico Buarque com Roda-viva, seja pela educação, na política, na cultura, na arte. (CICLO DE DEBATES – 25 ANOS DA ESCOLA VILA, em DVD, 26/10/06)

Qual seria, portanto o perfil do ex-aluno da Escola VILA? A VILA contribui significativamente, com seu modo próprio de educar, para a formação de seres humanos mais inteiros em seu sentir, pensar e atuar? Os indivíduos formados na VILA conservam em seu cotidiano atitudes apreendidas no cotidiano escolar, de atuação social e ambiental, bem como o cuidado com o corpo e as expressões artísticas?

4. A pesquisa propriamente dita

A pesquisa obedeceu os critérios do método *Grounded Theory*, sob uma ótica eco-sistêmica, como foi descrito no capítulo sobre a metodologia da pesquisa.

O problema maior que, portanto, deve ser mais elaborado, é o da chamada “coleta de dados”. Sob uma visão eco-sistêmica e transdisciplinar, os dados da realidade não existem sem a observação do pesquisador, ou seja, a realidade e o pesquisador na verdade, seriam um único sistema de relações, em um acoplamento estrutural íntimo, capaz de influenciar e modificar a ambos. Esse problema nos faz, então, refletir sobre os termos “coleta” e “dados”. Se a realidade não seria dada a priori, sem a carga interpretativa e, portanto, subjetiva do pesquisador, mesmo que na atitude mais genuinamente objetiva, essa realidade não poderia ser “coletada” como algo que já estivesse essencialmente pronto e independente da ação do investigador.

Assim, como pesquisadora, em uma ótica transdisciplinar e eco-sistêmica, devo deixar claro que, mesmo em uma atitude profundamente neutra e objetiva, considero impossível não haver a carga subjetiva e inerente à observação de qualquer pesquisador. Aqui, os conceitos de Complexidade, Lógica Ternária e Diferentes Níveis de Realidade são, portanto, impactantes no processo de investigação.

4.1. Codificação aberta

O objetivo definido previamente da presente investigação é o de verificar se os alunos da Escola VILA incorporam atitudes apreendidas no período escolar manifestando-as em seus cotidianos, mesmo enquanto adultos e já ausentes da VILA, portanto.

No decorrer da pesquisa, um novo objetivo configurou-se: detectar que aspectos da Teia Curricular da Escola VILA perduram nas práticas cotidianas desses egressos e em que graus. De certa forma este se torna um objetivo complementar ao primeiro, previamente formulado.

Esse novo objetivo foi sendo configurado no decorrer da pesquisa devido às possibilidades que o tratamento das informações através do software CHIC (Classificação Hierárquica Implicativa e Coersitiva), na segunda fase da pesquisa, ofereceu. Esses aspectos serão discutidos logo adiante.

Com o fim de se obter dados, as seguintes estratégias foram utilizadas:

- 1- Questionário respondido pelos próprios alunos egressos (treze participantes);
- 2- Criação de nove fóruns temáticos virtuais em uma comunidade do orkut criada especificamente para a pesquisa (oito participantes e 42 intervenções);
- 3- Análise de vídeos contendo depoimentos de ex-alunos por ocasião do Ciclo de Debates em comemoração aos 25 anos da Escola VILA, realizado em outubro de 2006.

Todos os dados obtidos dessas fontes (133 ao todo), foram colocados em uma tabela e analisados, um a um, em relação às categorias levantadas.

As categorias, a priori, foram estabelecidas a partir da Teia Curricular da Escola VILA (Figuras 31, 32, 33 e 34). São elas:

- 1- A partir da Teia Cuidar do Ser foram criadas duas categorias – Trabalho de Corpo (Cp) e Arte e Criatividade (AC).
- 2- A partir da Teia Cuidar do Meio Ambiente foi criada uma categoria – Ecologia e Sustentabilidade (ES).
- 3- A partir da Teia Cuidar do Meio Social, foram criadas duas categorias – Atuação Social (AS) e Convivência na Diversidade Humana (CD).

Durante a análise de dados, emergiram sub-categorias e uma outra categoria, a Influência da Escola VILA no cotidiano do egresso (Infl). As sub-categorias emergiram da necessidade de se estabelecer graus diferentes entre os dados, ou seja, se poderiam ser detectados nos dados os aspectos de argumentação teórica, do vínculo afetivo-emocional, e da prática efetiva a respeito de cada categoria maior. Ou seja, a análise final dos dados se deu em relação às seguintes categorias:

- 1- Trabalho de Corpo – Argumentação Teórica (CpAT)
- 2- Trabalho de Corpo – Envolvimento Afetivo-Emocional (CpS)
- 3- Trabalho de Corpo – Ação Efetiva (CpAP)
- 4- Arte e Criatividade – Argumentação Teórica (ACAT)
- 5- Arte e Criatividade – Envolvimento Afetivo-Emocional (ACS)
- 6- Arte e Criatividade – Prática efetiva (ACA)
- 7- Ecologia e Sustentabilidade – Argumentação Teórica (ESAT)
- 8- Ecologia e Sustentabilidade – Envolvimento Afetivo-Emocional (ESS)

- 9- Ecologia e Sustentabilidade – Ação (ESA)
- 10- Atuação Social – Argumentação Teórica (ASAT)
- 11- Atuação Social – Envolvimento Afetivo-Emocional (ASS)
- 12- Atuação Social – Ação (ASA)
- 13- Convivência na Diversidade – Argumentação Teórica (CDAT)
- 14- Convivência na Diversidade – Envolvimento Afetivo-Emocional (CDS)
- 15- Convivência na Diversidade – Ação – (CDA)
- 16- Influência da Escola VILA em seu cotidiano (Infl)
- 17- Adaptação em outras escolas – Boa
- 18- Adaptação em outras escolas - Ruim

As duas últimas categorias, embora tenham sido incorporadas no processo de pesquisa, foram desconsideradas na geração de gráficos pelo CHIC e na análise final por fugirem do objetivo central da pesquisa.

Assim, cada dado tabelado poderia ser analisado segundo as categorias descritas. Por exemplo, no dado tabelado, de número 21, onde o ex-aluno declara:

“Na VILA aprendi a tocar flauta doce (mesmo que tenha esquecido hoje) e conheci 2 músicas que me marcaram: "asa branca" e "caderno". Atualmente toco em 2 bandas (de samba e de ska), faço parte de um bloco de pré-carnaval que toca músicas cearenses e sou formado em piano clássico pelo Conservatório Alberto Nepomuceno. Não vivo sem música e acho que ela pode ser um excelente instrumento de transformação social.”

Podemos analisá-lo sob as categorias:

Corpo- Arg. Teórica	Corpo- Sentir	Corpo – Ação Prática	Conviver na div. - Arg. Teórica	Conviver na div. - Sentir	Conviver na div. - Ação	Atuação social - Arg. Teórica	Atuação social - Sentir	Atuação social - Ação	Arte e criativ - Arg. Teórica	Arte e criativ. - Sentir	Arte e criativ. - Ação	Ecologia e suste - Arg. Teórica	Ecologia e sustent. - Sentir	Ecologia e sustent. - Ação	Influência da VILA na vida cotidiana	Adaptação em outros colégios – Boa	Adaptação em outros colégios - Ruim
0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	1	0	0	0	1	0	0

Quadro 4: Tabela demonstrativa: Dado 21 x Categorias

A tabela com todos os dados analisados segundo as categorias relacionadas encontra-se nos anexos.

4.2. Codificação Axial (utilizando o software CHIC- Classificação Hierárquica Implicativa e Coersitiva)

O processo de Codificação Axial, na Teoria Fundamentada, requer que o pesquisador encontre eixos de convergência entre os dados, organizando-os em classes e classes maiores. Com a perspectiva de auxiliar esse processo, utilizei o software CHIC. Este software realiza uma análise hierárquica de similaridade, demonstrada através de gráficos que permitem a visualização de relações existentes entre os dados, organizados em categorias de acordo com o grau de similaridade destes.

Selecionando-se as dezesseis primeiras categorias no CHIC, o processamento destas resultou no seguinte gráfico:

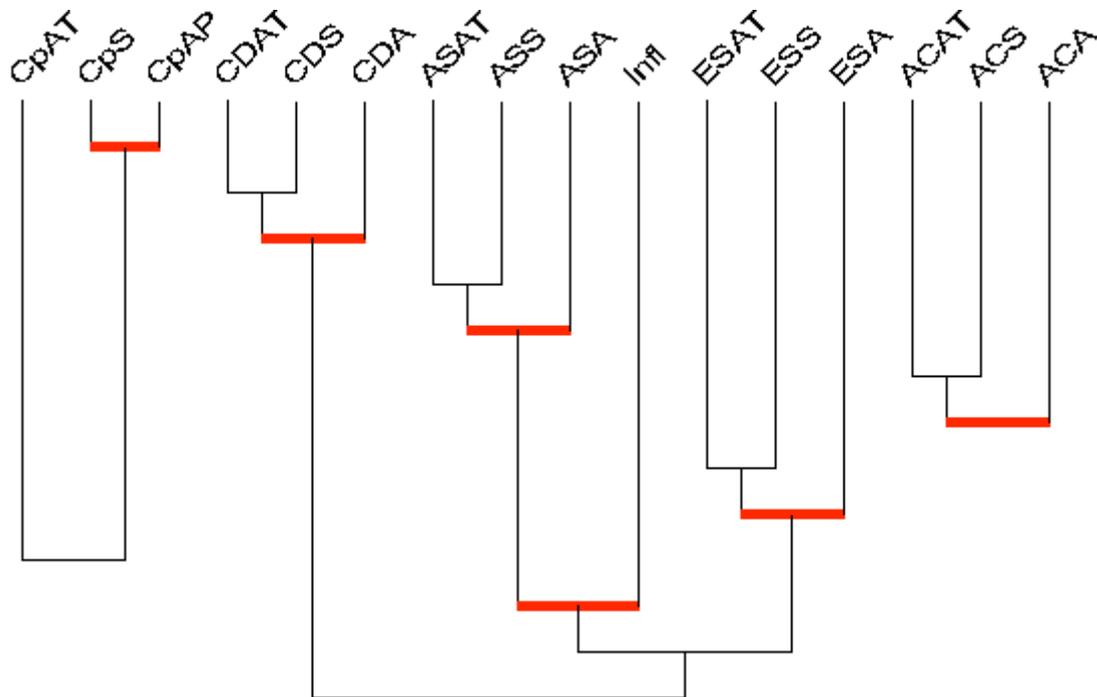


Gráfico 1: CHIC 16 categorias

Curiosamente, a disposição das categorias no Gráfico 1 corresponde à organização prévia das categorias, o que valida o grau de interação entre seus dados. Podemos verificar um grande bloco formado pelas categorias CDAT, CDS, CDA, ASAT, ASS, ASA, ESAT, ESS,ESA e Infl, um bloco menor formado pelas categorias CpAT, CpAP e CpS e outro bloco pequeno formado pelas categorias ACAT, ACS e ACP.

Vamos iniciar a análise do gráfico a partir do grande bloco, começando pelo eixo Conviver na Diversidade (CD*) relacionado às categorias CDAT, CDS e CDA.

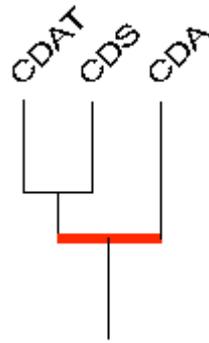


Gráfico 2: CHIC (Conviver na Diversidade Humana – CD*)

Podemos notar que o vínculo entre a argumentação teórica e os laços afetivo-emocionais são mais estreitos e que o nível da ação efetiva está fortemente subordinado a essa primeira interação. O seguinte trecho extraído do Fórum Diversidade Humana pode exemplificar essa evidência:

Na Vila aprendi que devemos olhar os seres humanos em sua totalidade. E tomei isso pra mim como uma forma de desconstruir as divisões propostas e impostas pela sociedade. Geralmente as pessoas são qualificadas ou desqualificadas por ter determinada cor de pele, pertencer a determinada religião, possuir determinada quantia de dinheiro, ter determinada orientação sexual ter o corpo de determinada maneira, falar com determinado sotaque... Enfim, buscam as diferenças para separar e classificar a humanidade ao invés de conhecê-las. Estaremos bem próximos da paz espiritual e mundial quando percebermos que o início dos conflitos não está nas diferenças, mas no desrespeito a elas. E é muito lindo perceber essa diversidade humana aqui mesmo, no Brasil, um país tão extenso e de uma pluralidade cultural imensa que é desperdiçada e ocultada, suprimida por convenções que a discriminam porque não estão de acordo com determinado padrão dominante. Então procuro ver todos como seres humanos. Sou veementemente contra qualquer preconceito; seja ele racial, sexual, religioso... Sou contra o sexismo e procuro ler sobre todos os credos, mesmo sendo ateu. Não acho que para sustentar sua posição e seu discurso você tenha que necessariamente rebaixar quem é contrário ou pensa diferente. (T.F., fórum Diversidade Humana, dado 98)

Passando para a análise do eixo Atuação Social (AT*) relacionado às categorias ASAT, ASS e ASA, obtemos o seguinte gráfico:

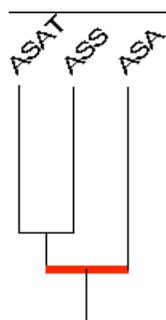


Gráfico 3: CHIC (Eixo Atuação Social – AT*)

Coincidentemente, assim como ocorreu no eixo CD* a ação efetiva ligada à atuação social (AT*) fica diretamente subordinada à interação entre argumentação teórica e o vínculo afetivo-emocional. Como exemplo, podemos citar o seguinte trecho, extraído de um questionário:

Sempre digo pros meus amigos: o VILA foi o primeiro colégio que me levou às ruas. Fomos protestar no FORA COLLOR, acho que em meados de 1992. Desde o VILA a minha atuação social só tem ficado cada vez mais aguçada. Sempre participo de abaixo-assinados, manifestações, etc. Fiz parte 2 anos do meu Centro acadêmico da Psicologia, ajudei a fundar um Centro Acadêmico nas Artes Plásticas (Outro curso que faço). Sempre me engajei nas lutas do movimento estudantil e também de outros movimentos sociais (MST, MCP). Fui para dois Fóruns Sociais Mundiais. Atualmente sou voluntário do Centro de Mídia Independente de Fortaleza (midia independente.org), componho uma Frente de Luta contra o aumento de mensalidades da Minha Universidade. (A.M., dado 3)

O seguinte gráfico mostra o eixo Ecologia e Sustentabilidade (ES*), composto pelas categorias ESAT, ESS e ESA.

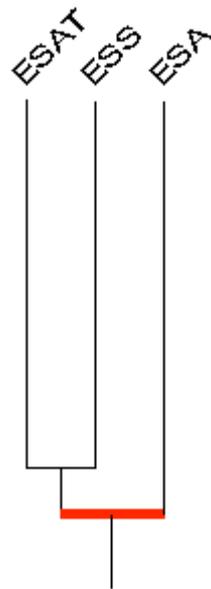


Gráfico 4: CHIC (Eixo Ecologia e Sustentabilidade – ES*)

Mais uma vez a ligação existente entre a ação efetiva e a relação entre argumentação teórica e vínculo afetivo-emocional, se revela.

Faço coleta seletiva, levo sacolas para fazer compras, evitando ou reaproveitando sacos plásticos, sou vegetariana, uma vez que a atividade pecuária traz danos aos ecossistemas, apóio o movimento S.O.S. Cocó e acredito que essas são questões que não estão sendo levadas a sério. As pessoas não se dão conta de como temos pouco tempo. Minha mãe também faz objetos com material reciclado. Acredito que as pessoas tenham medo de tomar uma iniciativa e parecerem diferentes, e isso possa inibi-las. Mas sou veementemente a favor dessas medidas. (A., fórum Sustentabilidade, dado 131)

O grande bloco notado no Gráfico 1, formado pelos eixos CD*, AS* e ES* tem um elemento de ligação que é a categoria Influência da Escola VILA no Cotidiano (Infl).

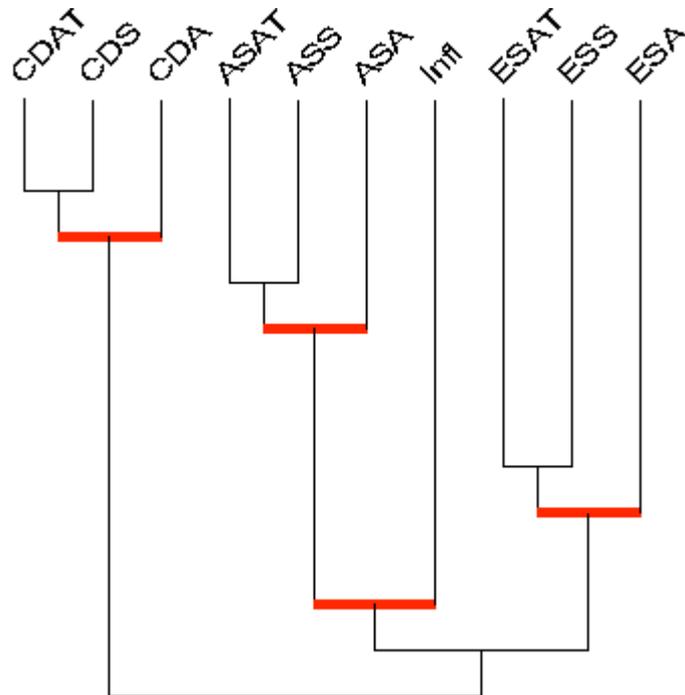


Gráfico 5: CHIC (Grande bloco CD* + AS* + ES* + Infl)

Podemos verificar a categoria de ligação “Infl” diretamente relacionada ao eixo Atuação Social (AS*), relacionando-o ao eixo Ecologia e Sustentabilidade (ES*) e ao eixo Conviver na Diversidade (CD*). O Gráfico 5 mostra em que aspectos a influência do trabalho pedagógico da Escola VILA mais incide no cotidiano dos alunos.

O eixo Trabalho de Corpo (Cp* - composto das categorias CpAT, CpAP e CpS) e o eixo Arte e Criatividade (AC* - composto pelas categorias ACAT, ACA e ACS) aparecem separados no Gráfico 1 e, ambos, compõem a Teia Curricular Cuidar do Ser.

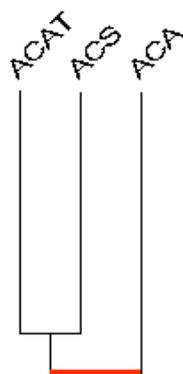


Gráfico 6: CHIC (Eixo Arte e Criatividade – AC*)

O eixo Arte e Criatividade (AC*) também acompanha a subordinação da ação prática à relação entre a argumentação teórica e o vínculo afetivo-emocional. Como exemplo, segue o seguinte trecho:

Eu respiro arte e acredito no seu poder. A arte pra mim é a expressão humana em sua forma mais pura, feita para ser apreciada, para chocar, para dar beleza, para tirar a beleza, para criar e recriar, para inventar e reinventar o mundo e tudo o que nos rodeia. É a arte que forma e lapida os homens, e não importa que tipo de arte, cada uma atua de uma maneira diferente em cada um de nós, trazendo-nos sentimentos e sensações que nos dão vida e atizam a nossa imaginação, está que é uma das mais poderosas armas humanas, pois um individuo que consegue imaginar é um alguém capaz de ir a qualquer lugar e que possui um caminho de vida. Na vila eu tive várias experiências artísticas, fiz teatro, toquei violão, pintei quadros e etc. Nunca entendi muito bem qual a importância daquilo naquele momento, mas hj eu descobri que a arte é uma parte de mim que eu divido com o mundo; faço teatro, toco violão, leio, escrevo, pratico artes marciais e aprecio quadros, música e etc. A Vila foi um colégio que sempre deixou essas coisas fazerem parte do seu cotidiano, e conseguir fazer isso com crianças, é realmente admirável. (A., fórum Arte, dado 108)

O eixo Trabalho de Corpo (Cp*) foi o único que mostrou uma irregularidade em relação aos seus componentes, conforme pode ser constatado no gráfico abaixo:

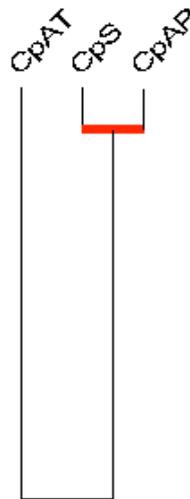


Gráfico 7: CHIC (Eixo Trabalho de Corpo - Cp*)

A análise do eixo Cp* a partir do gráfico mostra que as categorias referentes à ação prática e ao vínculo afetivo-emocional se encontram mais fortemente ligadas. A categoria referente à argumentação teórica se colocou subordinada às duas primeiras.

Buscando novas interações, três novos gráficos foram gerados. Um relativo às interações entre as categorias relativas à argumentação teórica, o segundo, relativo às

interações entre as categorias relativas ao vínculo afetivo-emocional e o terceiro, relativo às interação existentes entre as categorias relacionadas à prática efetiva.

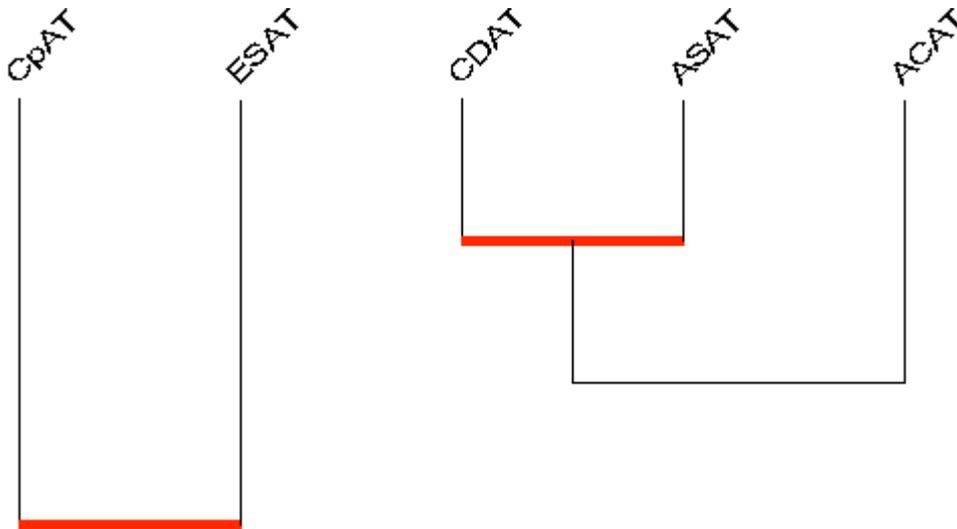


Gráfico 8: CHIC (Categorias relativas à Argumentação Teórica)

Verifica-se, a partir do Gráfico 8, que as categorias de argumentação teórica Conviver na Diversidade Humana e Atuação Social estão íntima e fortemente ligadas. As categorias Trabalho de Corpo e Ecologia e Sustentabilidade também possuem uma forte ligação nesse aspecto teórico.

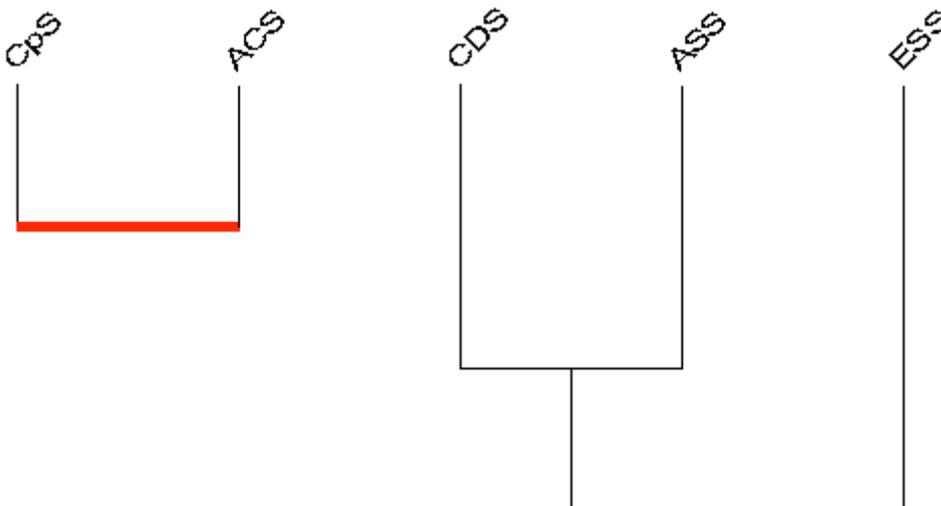


Gráfico 9: CHIC (Categorias relativas ao vínculo afetivo-emocional)

Arte e Criatividade e o Trabalho de Corpo demonstram, através da leitura do gráfico, uma forte relação e interação, quando referem-se ao vínculo afetivo-emocional. É a primeira associação entre esses dois eixos.

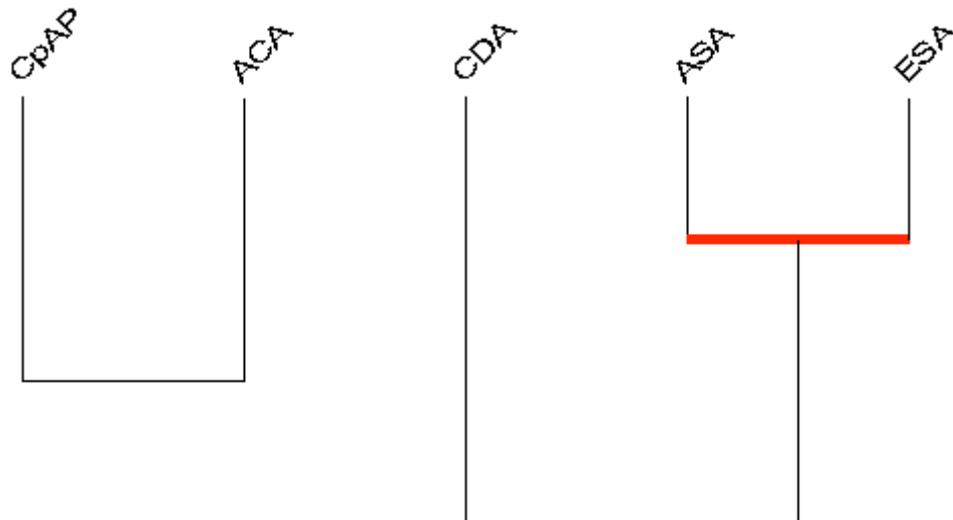


Gráfico 10: CHIC (Categorias relativas à ação efetiva)

As categorias Atuação Social e Ecologia e Sustentabilidade encontram uma forte ligação em relação à ação efetiva. Nesse gráfico podemos perceber também uma ligação entre os eixos Cp* e AC*.

4.3. Codificação Seletiva

A partir da análise dos gráficos obtidos podemos observar:

- 1- Os eixos mostram-se coerentes em sua composição pois suas categorias combinam-se entre si.
- 2- A ação prática decorre da relação entre argumentação teórica e vinculação afetiva-emocional em todos os eixos, exceto no eixo Trabalho de Corpo
- 3- A influência do trabalho da Escola VILA se dá, efetivamente, entre os eixos Atuação Social, Ecologia e Sustentabilidade e Convivência na Diversidade.
- 4- Os eixos Trabalho de Corpo e Arte e Criatividade formam blocos separados, exceto quando analisados em relação ao vínculo afetivo-emocional e à prática efetiva.
- 5- Os eixos Convivência na Diversidade e Atuação Social apresentam constantes associações e muitas vezes incluem o eixo Ecologia e Sustentabilidade.

HIPÓTESE CONCEITUAL

O software CHIC facilitou significativamente a análise dos dados ao possibilitar a geração de gráficos que tornam visíveis relações intrínsecas entre as categorias. A partir da análise desses gráficos, se fez possível a elaboração da seguinte Hipótese Conceitual:

O trabalho da Escola VILA contribui, significativamente na formação de seres humanos engajados politicamente, exercendo a argumentação e a cidadania, de forma atuante nas comunidades em que vivem (universidades, ONGs, família, associações).

Como elementos no exercício dessa cidadania estão a convivência na diversidade e questões ecológicas. O envolvimento nessas questões não se restringe somente ao aspecto conceitual, mas demonstra ser significativo, devido ao vínculo afetivo-emocional que foi produzido.

O Trabalho de Corpo desenvolvido na prática pedagógica da Escola VILA repercute em seus alunos de forma a ser mais vivencial que teórico, visto que seus egressos demonstraram aspectos mais vinculados ao caráter afetivo-emocional e à prática efetiva. O trabalho com Arte encontra-se algumas vezes com a atuação social e a convivência na diversidade.

Concluindo, o trabalho da Escola VILA contribui para um aprendizado significativo e, conseqüentemente, duradouro no percurso de vida de seus egressos. Os aprendizados relativos à sua Teia Curricular perduram nas ações dos ex-alunos estudados, mesmo afastados da Escola por anos. Essa característica pode ser decorrente de um vínculo afetivo-emocional produzido no processo de aprendizagem. A argumentação teórica coerente desenvolvida por esses ex-alunos é colocada de maneira a dar base às suas ações, tendo como elo entre teoria e prática, o vínculo afetivo-emocional.

Referências Bibliográficas

- AMEZCUA, Manuel & TORO, Alberto G. Los modos de análisis en investigación cualitativa en salud: perspectiva crítica y reflexiones en voz alta. In: *Revista Española de Salud Pública*. vol.76, no.5, Madrid, out. 2002
- ANGELO, Claudio. *Conferência do clima começa em impasse*. São Paulo: Folha de São Paulo, 01/12/2007)
- BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. Lisboa: Eduções70, 1996.
- BIANCHI, Eliane M.P.G. & IKEDA, Ana A. *Analisando a grounded theory em administração*. In: IX SEMEAD: Administração no contexto internacional, São Paulo, 10 e 11 ago. 2006. *Anais do IX SEMEAD*. São Paulo: FEA-USP, 2006. Disponível em <http://www.ead.fea.usp.br/semead/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/62.pdf>. Acesso em 15 de novembro de 2006
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 5ª ed. São Paulo: Centauro Editora, 1974.
- CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Editora UNESP, 1999
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- CASSIANI, Silvia Helena B., CALIRI, Maria Helena L. & PELÁ, Nilze T.R. A teoria fundamentada nos dados como abordagem da pesquisa interpretativa. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, vol.4, no.3, dez. 1996, p.75-88.
- CORREIO DO CEARÁ. *Primeira Galeria de Arte Infantil da Cidade*. Fortaleza: Jornal Correio do Ceará, 29/10/82
- CREMA, Roberto. *Um olhar para os nossos jovens*. [s/d] Disponível em <<http://www.cuidardoser.com.br/um-olhar-para-os-nossos-jovens.htm>>. Acesso em 17 de maio de 2006.
- CYRULNIK, Boris. [Entrevista com Hélène Trocmé-Fabre em DVD] *Nascemos para Aprender*. São Paulo: TRIOM, 2006.
- DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- _____. *O mistério da consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Palas Athena, 1997.
- FOUCAULT, Michel. A sociedade disciplinar em crise. *in* MOTTA, Manoel B. (Org.). *Michel Foucault: estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1993.
- GAUTHIER, Jacques Z. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. *Revista Brasileira de Educação*. no. 25 jan/fev/mar/abr/2004.
- GLASER, Barney & HOLTON, Judith. Remodeling Grounded Theory. In GLASER, Barney; McCALLING, Antoinette; NATHANIEL, Alvita *et al.* *The grounded theory review: an international journal*. v.4. n.1. Mill Valley: Sociology Press, novembro de 2004.
- GÓMEZ, A.I.Pérez & SACRISTÁN, José G. *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- HEISENBERG, Werner. *Física e filosofia*. 4.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- HUGO, Victor. Os trabalhadores do mar. [S.l.]: Virtualbooks, 2002. Disponível em: <http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/traduzidos/os_trabalhadores_do_mar.htm>. Acesso em 15 de julho de 2006.
- IPCC. Intergovernmental Panel on climate change. *The full working group II contribution*. Disponível em <<http://www.ipcc-wg2.org/>>. Acesso em 08 de novembro de 2007.
- _____. Intergovernmental Panel on climate change. *The full working group II contribution*. Disponível em <http://www.mnp.nl/ipcc/pages_media/AR4-chapters.html>. Acesso em 08 de novembro de 2007.

- JONES, Daniel; MANZELLI, Hernán & PECHENY, Mario. Grounded Theory: una aplicación de la teoría fundamentada a la salud. In: *Cinta de Moebio*. no.19 mar. 2004
- LIMA, Lauro de Oliveira. *Piaget para principiantes*. São Paulo: Summus, 1980.
- LIMAVERDE, Fátima. *Escola VILA construindo um mundo melhor: uma experiência em educação holística*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1999.
- MATURANA, Humberto & VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MONROE, Paul. *História da educação*. São Paulo: Editora Nacional, 1972
- MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. 12 ed. Campinas: Papyrus, 2006.
- _____. *Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *Perspectiva teórico-epistemológica da complexidade e suas implicações na pesquisa educacional*. Mimeo, 2007.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- _____. O conhecimento do desconhecimento. In RANDOM, Michel. *O pensamento transdisciplinar e o real*. São Paulo: TRIOM, 2000.
- _____. *O método III: o conhecimento do conhecimento/1*. Sintra: Publicações Europa-América, 1996.
- _____. *O método IV: as idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização*. Sintra: Publicações Europa-América, 2002.
- MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio & MOTTA, Raul. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003

- MOTTA, Manoel B. (Org.). *Michel Foucault: estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003
- NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da Transdisciplinaridade*. 2.ed. São Paulo: TRIOM, 2001.
- O POVO. *Em Fortaleza, uma creche-escola de apoio às mães que trabalham*. Fortaleza: Jornal O POVO, 24/11/1981
- _____. *O desafio da educação inclusiva*. Fortaleza: Jornal O POVO, 20/03/2007
- _____. *O homem sem preconceito*. Fortaleza: Jornal O POVO, 27/03/1983
- OSTROWER, Fayga. *A Sensibilidade do intelecto: visões paralelas de espaço e tempo na arte e na ciência*. Rio de Janeiro: Campus, 1998
- PERETTI, André de. [Entrevista com Hélène Trocmé-Fabre em DVD] *Nascemos para Aprender*. São Paulo: TRIOM, 2006.
- PINTO, Álvaro Vieira. *Ciência e existência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PRIGOGINE, Ilya & STENGERS, Isabelle. *A nova aliança*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984.
- RANDOM, Michel. *O pensamento transdisciplinar e o real*. São Paulo: TRIOM, 2000.
- SACRISTÁN, José G.; GÓMEZ, Pérez. *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- SEVERINO, Antônio J. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho D'água, 2001.
- SOMMERMAN, Américo. *Formação e transdisciplinaridade: uma pesquisa sobre as emergências formativas do CETRANS*. São Paulo: Universidade Nova de Lisboa e Université François Rabelais de Tours, 2003. 353 p. Dissertação – Programa de Ciências da Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e Département des Sciences de l'Éducation et de la Formation de Université François Rabelais de Tours, Lisboa, 2003.
- TORRE, Saturnino & MORAES, Maria Cândida. Proyecto escenarios y redes de aprendizaje integrado para una enseñanza de calidad (ERAIEC). *Investigar e inovar bajo la mirada transdisciplinar: cómo llevar a la práctica la mirada*

transdisciplinar para una enseñanza creativa y de calidad. Barcelona, São Paulo, 2007.

TROCMÉ-FABRE, Hélène. *Nascemos para Aprender*. São Paulo: TRIOM, 2006.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan & ROSCH, Eleanor. *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VARELA, Francisco. *Conhecer: as ciências cognitivas, tendências e perspectivas*. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.

_____. [Entrevista com Hélène Trocmé-Fabre em DVD] *Nascemos para Aprender*. São Paulo: TRIOM, 2006.

VINCENT, Jean-Didier. [Entrevista com Hélène Trocmé-Fabre em DVD] *Nascemos para Aprender*. São Paulo: TRIOM, 2006.

WIESER, Wolfgang. *Organismos, estruturas, máquinas: para uma teoria do organismo*. São Paulo: Cultrix, 1972.

ANEXO 1 – DADOS OBTIDOS

Questionários

Corpo dos questionários:

1. Crie um codinome
2. Você estudou quanto tempo na VILA?
3. Você tem que idade?
4. O que você faz hoje em dia: estuda ou trabalha, faz as duas coisas ou não estuda nem trabalha?
5. Sobre o corpo: Como você trabalha seu corpo? Dança, faz esporte, yoga, tai-chi, massagem?
6. Sobre diversidade humana: O que você aprendeu na VILA sobre diversidade humana e ainda conserva no seu dia-a-dia? Isso inclui: sua relação com pessoas portadoras de necessidades especiais e outras questões como diferenças de raça, religião e opção sexual. Cite como você lida hoje em dia com essas questões!
7. Sobre atuação social: O que você aprendeu na VILA sobre atuação social e ainda conserva no seu dia-a-dia? Isso inclui: passeatas, abaixo-assinados, militância estudantil, associações, e outras manifestações políticas sociais. (Só vale citar o que realmente ainda faz parte do seu cotidiano ou o que você fez depois que saiu na VILA)
8. Sobre arte: Como a arte está presente na seu dia-a-dia? Você conservou alguma atividade artística ou criativa no seu cotidiano? Mesmo que não seja algo "técnico" ou certificado? Como você lida com a criatividade e a necessidade de expressão de idéias e sentimentos?
9. Sobre ecologia: O que você aprendeu na VILA sobre ecologia e ainda conserva no seu dia-a-dia? Isso inclui: reciclagem de lixo, militância ambiental (como passeatas, manifestações), consumo de alimentos orgânicos, plantio, relação com animais, etc... (Só vale citar o que realmente ainda faz parte do seu cotidiano ou o que você fez depois que saiu da VILA)
10. Sobre sustentabilidade: Você economiza energia e água? Reaproveita sucata? Se preocupa em consumir produtos que tenham o mínimo de embalagens inorgânicas? Está por dentro do fenômeno do Aquecimento Global?
11. Para todos: Sentiu dificuldades em se adaptar em uma escola diferente da VILA? Por quê?
12. Para quem quer fazer, faz ou fez faculdade: Que área mais lhe agrada estudar e por quê? Optou (ou vai optar) por qual faculdade? A VILA influenciou sua opção?
13. Para quem tem ou planeja ter filhos: Que tipo de educação você quer dar ao seu filho?

Egresso 1

- 1.
2. Aproximadamente 8 anos.
3. 23 anos.
4. Estudo e Acabei de sair de um estágio.
5. Fiz capoeira durante muitos anos e ainda pretendo voltar. Vez em quando danço samba ou pratico algum esporte.
6. O VILA foi minha base das minhas atuais concepções éticas a respeito da diversidade humana. Sou admirador das diversidades, e incluso, defensor destas. Desacredito em qualquer tipo de discriminação racial, de gênero, religioso, etc.
7. Sempre digo pros meus amigos: o VILA foi o primeiro colégio que me levou às ruas. Fomos protestar no FORA COLLOR, acho que em meados de 1992. Desde o VILA a minha atuação social só tem ficado cada vez mais aguçada. Sempre participo

de abaixo-assinados, manifestações, etc. Fiz parte 2 anos do meu Centro Acadêmico da Psicologia, ajudei a fundar um Centro Acadêmico nas Artes Plásticas (Outro curso que faço). Sempre me engajei nas lutas do movimento estudantil e também de outros movimentos sociais (MST, MCP). Fui para dois Fóruns Sociais Mundiais. Atualmente sou voluntário do Centro de Mídia Independente de Fortaleza (midiaindependente.org), componho uma Frente de Luta contra o aumento de mensalidades da Minha Universidade.

8. AMO arte. Atualmente estou cursando Artes Plásticas no CEFET. E todas as manifestações artísticas pulsam nas minhas veias. Pinto, escrevo poesias, faço vídeos, desenho, escuto música...Crio, sem pedir licença um mundo de liberdade, como diz um poeta.

9. O VILA aguçou muito minha sensibilidade para a questão ambiental/ecológica. Por ser um dos tópicos destacado do VILA essa questão sensibiliza muito. Lembro que tentei levar pra meu outro colégio um projeto de reciclagem seletiva, junto a amigos, mas este não deu certo. Aqui em casa, somos um dos poucos apartamento sem que fazemos coleta seletiva. Participei de grupos ambientais/ecológicos como a Frente Popular Ecológica e o SOS Cocó. Participei dos protestos contra a Torre do Iguatemi. Faço parte de um laboratório de estudos (LERHA - laboratório de estudos das relações humano ambientais). Me considero uma pessoa consciente dessas causas: não reboło lixo nas ruas...me atento para o consumo e suas consequências. Pequenas coisas aprendidas no VILA.

10. Sim sim. AS coisas básicas em relação ao consumo de água e energia sempre procuro fazer. Fechar a torneira em alguns momentos, desligar as luzes de casa, não gastar muito. Em relação as embalagens já é algo deficitário meu por ser na maioria produtos comprados pela minha mãe.

11. Não. O Outro é único colégio que entrei depois do VILA não era Tão diferente dele. Mantinha algumas características chaves que possuía no vila. Tal como humanidade, respeito, etc.

12. A área que mais me agrada estudar é a Humanas. Por ser uma área que está sempre em contato com os seres humanos e suas vicissitudes. Optei Psicologia e Artes e creio que o VILA influenciou sim minha escolha porque o próprio VILA faz parte da formação de mim enquanto ser humano. Sempre afirmo: o VILA me injetou cultura. É uma dose que percorre todas minhas entranhas.

13. Objetivamente, colocaria meu filho em um modelo de educação igual ao do VILA. SE de lá pra cá, ainda existir o VILA, eu iria colocá-los lá.

Egresso 2

1. Nalu
2. durante 7 anos, da 2ª a 8ª série
3. 23
4. estudo, faço faculdade de arquitetura e urbanismo. Trabalho em um escritório de arquitetura, urbanismo e paisagismo.
5. No último ano, nada. Mas anteriormente pratiquei natação, capoeira, dança, alongamento e ginástica.
6. Me sinto livre de preconceitos, inclusive tenho uma ótima convivência com pessoas de raça, opção sexual e religião diferentes das minhas.
7. Não costume atuar.
8. Exatamente por causa da área profissional que escolhi, trabalho constantemente minha criatividade e meu lado artístico. Basicamente com arquitetura e design gráfico.
9. Basicamente numa preocupação maior com a reciclagem de lixo, até hoje na minha casa o lixo é separado em: lixo orgânico, papel e outros materiais. Minha relação com os animais e plantas é de bastante respeito. Minha ligação com plantio é somente restrita a área de projetos paisagísticos.
10. Me preocupo muito com a questão de economia de energia e de água e procuro mostrar essa preocupação nos meus projetos de arquitetura na faculdade. Em casa,

todos tem a mesma preocupação. Não reaproveito sucata e tenho pouca preocupação com o material das embalagens na hora de consumir. Tenho conhecimento sobre a questão do aquecimento global.

11. Um pouco, só em relação a quantidade de alunos. Mas me adaptei rapidamente. Não chegou a atrapalhar meu desempenho.

12. Arquitetura e design. Influenciou bastante por me fazer desenvolver minhas aptidões artísticas e a criatividade. Também em relação ao trabalho em diversas áreas, além das disciplinas obrigatórias.

13. A mesma que eu recebi na escola Vila

Egresso 3

1. Codinome: Radamés Gnattali (maestro que unia em suas músicas influências eruditas e populares)

2. Cinco anos (jardim 2, alfabetização, 2ª, 3ª e 4ª série)

3. Tenho 24 anos

4. Atualmente curso o mestrado em sociologia da UFC

5. No momento estou parado.

6. Foi onde criei a minha base para respeitar todos os tipos de diferenças, pois desde cedo, a VILA trazia temas sobre a diversidade humana.

7. Já participei de militância estudantil e campanhas para eleições de candidatos de esquerda. Atualmente não estou muito participativo da política institucional.

8. Na VILA aprendi a tocar flauta doce (mesmo que tenha esquecido hoje) e conheci 2 músicas que me marcaram: "asa branca" e "caderno". Atualmente toco em 2 bandas (de samba e de ska), faço parte de um bloco de pré-carnaval que toca músicas cearenses e sou formado em piano clássico pelo Conservatório Alberto Nepomuceno. Não vivo sem música e acho que ela pode ser um excelente instrumento de transformação social.

9. Ecologia foi algo que me marcou bastante enquanto estudava na VILA. Depois que saí de lá já fiz campanhas contra alimentos transgênicos e costume entregar em um local determinado pilhas e baterias antigas.

10. Estou por dentro do fenômeno do aquecimento global, mas em relação às embalagens e reciclagem do lixo estou um pouco relaxado.

11. Não diria dificuldades, mas senti um baque ao sair da VILA para estudar no Farias Brito, onde a gente era quase só um número na chamada. A relação entre estudante e professor era muito diferente. Todos me conheciam na VILA e no FB, quase ninguém me conhecia.

12. Estudo sociologia no mestrado, pesquisando a relação entre música e sociedade, e fiz faculdade de ciências sociais. Com certeza a VILA influenciou a minha escolha porque foi onde primeiro desenvolvi minhas preocupações sociais e interesses musicais.

13. Uma educação que se baseie no respeito às diferenças, na formação de uma consciência crítica, que possua uma pedagogia que respeite o estudante, vendo-o como algo extremamente valioso, que pense que é na formação da base que se pode mudar o mundo.

PS: Boa sorte na dissertação do mestrado, sei o quanto penoso pode ser realizá-la. Abraço.

Egresso 4

1. Momô

2. Uns 7 anos!

3. 21

4. Faço Engenharia de alimentos na UFC

5. Fazia Balé..atualmente apenas musculação.

6. Aprendi que todos os seres vivos (sejam homens, animais, árvores) merecem respeito, cuidados e amor!

7. Não se deve calar e muito menos fechar os olhos para o que está a nossa frente. Deve-se lutar sempre pelos nossos direitos!

8. A música sempre esteve presente em minha vida! Cantar me traz uma paz imensa! Aprendi a tocar flauta na Vila! Ainda lembro de todas as canções que aprendi a tocar! Ainda sei fazer crochê! Aprendi lá também...acho que com a tia Sueli!

9. Como já havia dito, aprendi que todos os seres vivos merecem respeito, cuidados e amor! Para o meio ambiente não é diferente, ele também necessita de tudo isso e mais um pouco, pois nós convivemos nele e sobrevivemos por causa dele!

10. Sem dúvidas!

11. Sim. Saí da Vila aos 11 anos. Quando entrei no outro colégio senti muita falta daquele "calor" que sempre recebia...das aulas de corpo, aulas de arte do Barrinha, dos chás da tia Conceição (rs). Fora da Vila, percebi que o estudo girava em torno, a priori, do vestibular! Ao contrário da Vila que estava preocupada, além do aprendizado "para o vestibular", com o "crescimento" de um cidadão!

Egresso 5

1. CONSTRUTOR

2. 17 ANOS, MATERNAL A OITAVA SÉRIE.

3. 18 ANOS.

4. ESTUDO E TRABALHO.

5. FAÇO YOGA E MEDITO, E AGORA TAMBÉM PEDALO.

6. POR TER ESTUDADO E CONVIVIDO NA VILA COM TODOS, SEM RESTRINÇÃO SOCIAL OU FÍSICA, APRENDI A RESPEITAR A DIFICULDADE E O LIMITE DE TODOS, COMO TAMBÉM O MEU. ESSAS DIFICULDADES NÃO ERAM MENCIONADAS ENTRE A GENTE, NA VERDADE ELAS PRA GENTE NÃO EXISTIAM, APROVEITÁVAMOS O QUE TINHA DE MELHOR EM CADA UM E ASSIM FORMÁVAMOS NOSSO GRUPO. LEMBRO QUE QUANDO CHEGAVA ALGUÉM DE OUTRA ESCOLA, ELES COMENTAVAM, VOCES SAO AMIGOS DESSA MENINA? E A GENTE RESPONDIA: POR QUE NAO? ELA É LEGAL, FAZ ISSO, AQUILO. NA ÉPOCA DAS OLIMPIADAS TINHAMOS DUAS GOLEIRAS UMA QUE TINHA UMA DEFICIENCIA NO BRAÇO, MAS JUSTO POR ISSO, ERA ELA A ÚNICA QUE CONSEGUIA JOGAR MAIS ALTO A BOLA E DEFENDER MELHOR, JÁ A OUTRA TINHA DEFICIENCIA DE AUDIÇÃO, ENTÃO NOS COMUNICÁVAMOS DURANTE O JOGO POR SINAIS AÍ NINGUÉM DO OUTRO TIME SABIA PRA ONDE IA A BOLA. QUANDO CHEGAVA ALGUÉM DE OUTRO ESTADO OU PAÍS ERA AQUELE "FUZUÊ", LEMBRO DE UM AMIGO FRANCÊS E UM MEXICANO E DAS FRASES QUE APRENDÍAMOS COM ELES. HOJE TER VIVIDO ESSA EXPERIENCIA ME FAZ TRATAR DE FORMA IGUAL TODOS, POIS TODOS APESAR DAS DIFICULDADE, SOMOS IGUAIS. NA RUA NÃO ME DISTANCIO DE UM PEDINTE NEM PASSO RETO QUANDO VEJO ALGUÉM PRECISANDO DE AJUDA PRA ATRAVESSAR A RUA.

7. FAÇO PARTE DE UM MOVIMENTO SOCIO-AMBIENTAL QUE ATUA PELAS ÁREAS VERDES DA CIDADE, ALÉM DE SER ATUANTE EM MANIFESTAÇÕES, AS QUAIS ESTEJAM DE ENCONTRO COM MEUS IDEIAS.

8. A ARTE SEM DÚVIDA É O QUE ME FAZ INTERPRETAR O MUNDO E QUERER TRANSFORMA-LO. NÃO DEIXO DE REPETIR EM CASA AS TÉCNICAS DE ARTES PLÁSTICAS E ARTESANATO QUE APRENDI NA VILA.

9. AINDA FAÇO A RECICLAGEM DO LIXO, E O MATERIAL INORGANICO (A SUCATA) CONTINUO DEIXANDO NA VILA, PARTICIPO ATIVAMENTE DAS QUESTOES AMBIENTAIS DA CIDADE, COMO FORUM, CICLO DE DEBATES.

10. SIM, ACHO IMPORTANTE O CONSUMO CONSCIENTE E RESPONSÁVEL, POIS DEVEMOS SABER QUE SOMOS RESPONSÁVEIS POR TODO O PRODUTO, NÃO SÓ O PRODUTO EM SI, INCLUINDO EMBALAGEM. O AQUECIMENTO GLOBAL É O FLEXO DOS NOSSOS ATOS, ACREDITO QUE TODO ESSE ALARDE

QUE POR ELE TEM SIDO FEITO, POSSA MUDAR OS ATOS DE MUITOS E QUEM SABE SER INICIADO UMA NOVA RELAÇÃO, HOMEM E NATUREZA.

11. NÃO, POIS QUANDO SAI DA VILA NA OITAVA SÉRIE A MAIOR PARTE DA TURMA FOI PRO MESMO COLÉGIO E FICAMOS NA MESMA SALA.

12. A ÁREA DE HUMANAS APESAR DE GOSTAR DE ECOLO. PROQUE ACREDITO QUE O HOMEM POSSA SE RELACIONAL SUSTENTAVELMENTE BEM COM A NATUREZA. CIENCIAS SOCIAIS. SEM DÚVIDA A VILA FOI A MAIOR INFLUENCIA, POIS ATRAVÉS DO QUE ELA ME PROPORCIONOU VI QUE É POSSÍVEL CONVIVER EM HARMONIA COM A NATUREZA.

13. ACREDITO QUE BOA PARTE DA MESMA QUE EU TIVE.

Egresso 6

1. LUNA

2. 05 ANOS

3. 27

4. Trabalho.

5. Não faço atividade física.

6. Bom, estudei na Vila até os 06 ou 07 anos de idade e tenho pouca memória da minha infância. Sou uma pessoa que defende a igualdade e a diversidade humana (pode parecer contraditório, mas não é!) e por isso defendo a harmonia entre todas as pessoas, independente de gênero, etnia/raça, orientação sexual, religião, geração e classe social. Acredito que uma parte - mas não tudo - do que compreendo com relação a essas questões tem uma contribuição da Vila.

7. Bom, eu participo desse tipo de movimento e, não é por acaso que fiz minha opção profissional e de vida ligada à defesa dos direitos humanos.

8. É uma frustração minha não saber tocar um instrumento, nem ter desenvolvido outro tipo de atividade ligada à arte como a dança, por exemplo. Tenho ainda esperança de que ainda me dedicarei à fotografia, quando sobrar um tempinho :)

9. Tenho cuidados para não desperdiçar nada, especialmente água, embora não seja uma ativista ambiental. Gosto muito de animais, sou contra a tortura em relação aos mesmos. Em casa, temos plantas e uma cadelinha.

10. Em relação às três primeiras perguntas, sim, é o que faço em relação ao meio ambiente. Sobre o aquecimento, li algumas reportagens e assisti à documentários, mas não sou uma estudiosa do assunto.

11. Lembro que fiquei bastante nervosa quando me deparei com as avaliações da outra escola. Mas sempre fui uma boa aluna e não tive dificuldades com as matérias.

12. Sou formada em Direito e não sei dizer se a Vila influenciou essa opção.

13. Se um dia vier a ter filhos, gostaria de dar-lhes uma educação que lhe permita ser uma pessoa crítica em relação as coisas que lhes cercam, mas principalmente solidária e humana. Acredito, então que deva ser uma educação libertadora e amorosa.

Egresso 7

1. amapola

2. do maternal 1 à a 6ª série

3. 23 anos

4. terminei o 8º semestre do curso de arquitetura e urbanismo na ufc. já tive a "bolsa arte" do museu de arte da ufc e desde o 5º sem estágio em escritórios de arquitetura daqui. de vez em quando tb faço trabalhos extras de desenho de perspectivas para projetos de arquitetura e paisagismo.

5. já tentei entrar em academias várias vezes mas não gosto! não tenho gosto pra fazer musculação ou aulas de aeróbica. as vezes q me dei melhor com atividades físicas foram qdo resolvi fazer yoga ou sapateado. só que acabei saindo por que nos períodos de fim de semestre da faculdade fica tudo muito puxado. gostaria de voltar a

dançar, mas não encontrei uma academia de dança adequada aos meus horários... penso também em voltar pra yoga, fazer natacao ou começar a correr na beira mar!

6. acho q não tenho problemas para me relacionar com pessoas diferentes do "padrao" da sociedade. no ciclo de pessoas q convivo mais não ha ninguem portador de necessidades especiais. mas ha sim pessoas de diferentes raças, religioes e principalmente de diferentes opçoes sexuais. tenho varios amigos gays e gosto muitissimo deles! sao as pessoas com quem mais convivo nos dias de hoje, apesar de ser "hetero". meu grupo de amigos mais proximo é bem diversificado no quesito de opçoes sexuais e todos convivem muito bem.

7. confesso quem minha atuação social é bem pequena.

admiro as pessoas que realmente fazem algo em prol do coletivo e apoio quando alguma causa chega ate mim, mas nunca tomei uma iniciativa de participar/organizar algum movimento.

8. resolvi estudar arquitetura porque queria trabalhar com criação. acho q posso afirmar com certeza que a educação que tive na vila influenciou bastante as minhas escolhas profissionais. adoro aquela faculdade. principalmente as cadeiras de projeto, as de representação e as de programação visual. adoro estudar historia da arte, principalmente os movimentos modernos e contemporaneos. fiz na faculdade uma cadeira de fotografia e descobri mais uma das minhas afinidades artisticas. não sou fotografa profissional, mas tenho a fotografia como um "hobby". algo que me faz bem tanto por ser uma atividade de lazer, como tambem por ser uma ferramenta de trabalho e um exercicio de percepção muito bom para mim.

9. ano passado eu morei na espanha e la eles estavam fazendo propagandas para q as pessoas separassem o seu lixo... nas ruas tinham lixeiras para o lixo separado e o lixo junto... la em casa a gente separava direitinho e colocava nas lixeiras corretas... mas de volta ao brasil deixei o habito de lado. ate pq mesmo q a gente separe o condominio vai juntar todo o lixo de novo... consumimos tb alguns alimentos organicos...

10. sim... mas poderia me preocupar um pouco mais com este assunto... acho q estou por dentro do aquecimento global sim...

11. um pouco... pela quantidade de alunos nas turmas e pela quantidade de turmas por serie... acho q isso foi o mais marcante da minha saida da vila...acho q tive um pouco de dificuldades tambem pq sou um pouco timida a primeira vista

12. estudo arquitetura. acho q a vila influenciou sim pelo contato que tive la com arte em geral.

13. gostaria que meus filhos estudassem em uma escola como a vila. porque acho que a experiencia que eu tive la foi muito importante na minha formação de carater e gostaria de passar isso na educação deles.

Egresso 8

1. Witty

2. 6 anos

3. 20 anos

4. Faço as 2 coisas estudo e trabalho

5. Danço, pedalo, malho

6. Aprendi que cada um é o que é, e devemos respeitar cada um... Nunca tive problemas com essa questão de raça, opção sexual ou portadores de necessidades especiais... com relação a religião... eu não tenho nenhuma, junto um pouco de cada e faço a minha...

7. Trabalho numa ONG, que capacita jovens oriundos das escolas publicas do município Aquiraz, dando à estes a oportunidade de participar de uma cooperativa de comunicação e tecnologia digital. A maioria dos jovens não tinha nenhuma perspectiva de trabalho antes do projeto, o trabalho deles era ser caseiro, capinar mato, servente na construção civil, babá, ou descascar castanha.

8. Escrevo muito... danço...

9. Vixe... Aprendi muito... Morei a minha vida inteira num sítio o que também me ajudou muito. Separo o lixo, não joga lixo na rua, uso materiais reciclados...

10. Cresci fazendo isso... Na minha casa nunca foi desperdiçada água ou energia, aquecimento global... É claro que to por dentro... Vc já Assistiu "Uma Verdade Inconveniente"?

11. Minha dificuldade foi tanta, que meus pais optaram por terminar de me educar em casa.

12. Vou fazer Psicologia. A vila me influenciou de uma forma diferente... Na vila aprendi que temos que entender cada um... Pois Ninguém é igual...

13. A mesma que tive... Só irei ter um filho quando tiver como colocado na vila

Egresso 9

1. SUSU

2. Estudei na Vila desde muito pequena, acho que em tempo, uns 12 anos ou mais.

3. 25

4. Hoje em dia só trabalho.

5. Ultimamente estou parada, mas sempre gostei de me exercitar e faço caminhadas.

6. Sou uma pessoa sem nenhum problema com o ser humano. Essas "diferenças" para mim não existem. Tenho vários amigos gays, lésbicas, negros...

7. Infelizmente não dei continuidade a esse trabalho, mas pretendo logo me engajar novamente.

8. Gosto de observar, ir a uma boa peça de teatro, mas fazer, não faço nada.

9. A Vila foi de grande valia em minha vida, hoje não sujo as ruas, uso descartável em ultimo caso, em minha casa fazemos coleta seletiva de lixo e doamos à uma associação. Procuo comer produtos naturais e sem conservantes.

10. Economizo sim, procuro me policiar, reciclar, procuramos produtos saudáveis, O tema do aquecimento global é de grande importância para mim, estive em um evento recente que abordava esse tema, é muito importante tomarmos iniciativas para evitar esse aquecimento global.

11. De jeito nenhum.

12. Gosto de areas que mexam com o ser humano. Optei pela faculdade de turismo, pois essa trata diretamente com o ser humano, suas vontades, desejos, satisfações, insatisfações. A Escola Vila influenciou sim, pois lá aprendemos a ser mais humanos.

13. Posso dizer sem medo nenhum que a mesma educação que recebi na Escola Vila.

Egresso 10

1. Slacker

2. 8 anos

3. 23 anos

4. Estudo e trabalho.

5. Sim, pratico capoeira, futsal e surf.

6. Não tenho preconceito com nenhum tipo de diferença, seja religiosa, seja necessidades especiais, seja raça, seja opção sexual. Sempre procuro ajudar ao máximo, dentro dos limites que posso fazer. No Vila tive colegas de classe com necessidades especiais, e sempre achei legal ajudá-los.

7. Ainda na faculdade participei dos movimentos estudantis. Sempre com a idéia dos direitos que temos e que devemos ter. Essa foi uma idéia que adquiri no Vila. Participo de caminhadas ecológicas, porque meu tio faz parte de uma ONG que preserva o meio ambiente.

8. Atualmente não faço mais as mesmas atividades artísticas que fiz quando estudante do Vila. Mas utilizo bastante da criatividade para resolver problemas dos projetos desenvolvidos no meu ambiente de trabalho.

9. Ainda faço boa parte das atividades que aprendi no Vila. Na minha casa reciclo o lixo, participo de caminhadas de preservação do meio ambiente, e consumo, preferencialmente, alimentos orgânicos. No quintal ainda há alguns vegetais plantados, algo menor que um pomar ou horta de verdade, mas que dá boas frutas e legumes.

10. Sempre tive em mente a economia da água e da energia. Pratico todos os dias esse aprendizado que adquiri ainda criança. E o lixo, sempre que é possível converter para alguma coisa útil em casa, eu o faço o reaproveitamento.

11. Sim, senti grandes dificuldades após a saída do Vila. Sempre tive o costume de ser um pouco mais relaxado com algumas tarefas e sempre tive mais liberdade do Vila. Ao mudar de colégio, tive que me comportar dentro de regras que não boas para o aprendizado, mas um colégio muito grande sempre tem desses problemas. A falta de atenção de alguns professores, porque as turmas são grandes, era o que mais me incomodava, mas me acostumei.

12. Terminei Engenharia Elétrica, e essa idéia de ser engenheiro foi da facilidade que tive quando pequeno em manusear com eletrônicos. Acho que o Vila me deu uma grande bagagem sentimental e ética para seguir meu caminho com prazer. Mas a opção da minha área veio por causa dos meus pais.

13. No dia que tiver filhos, vou procurar uma educação similar a que tive no Vila. Se ainda morar em Fortaleza, o primeiro colégio dos meus filhos será o Vila.

Egresso 11

1. ____ BARÃO ____
2. 8 ANOS
3. 20 ANOS DE IDADE
4. ESTUDO DIREITO NA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA E, ATUALMENTE, ESTOU ESTAGIANDO EM UM ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA
5. ____EU MALHO QUANDO TENHO TEMPO (QUANDO A FACULDADE OU O TRABALHO "DEIXAM"), DOU UMA "CORRIDINHA" EM UMA PRAÇA PERTO DE CASA, MAS, SEMPRE QUE POSSO, JOGO UM FUTEBOL COM OS AMIGOS!!!
6. ____DESDE QUE ENTREI NA ESCOLA VILA NO ANO DE 1993, SABIA, MESMO AINDA UMA CRIANÇA, QUE A ESCOLA ERA DIFERENTE DAS OUTRAS, NÃO SÓ POR SUA METODOLOGIA DE ENSINO, MAS PELA TOTAL DEDICAÇÃO A PESSOA DO ALUNO, SUA CONVIVÊNCIA, HARMONIA E IGUALDADE COM OS PAIS, PROFESSORES, COORDENADORES E DEMAIS FUNCIONÁRIOS. OBSERVEI QUE OS ANIMAIS, TAIS COMO JABUTIS, UMA JUMENTA (NO MEU TEMPO ERA FLOR-BELA, SALVO ESTOU ENGANADO), PATOS ETC., FAZIAM PARTE DESSA FILOSOFIA DE ENSINO QUE NÃO ENGLOBAVA SÓ O RESPEITO COM ESSES NOSSOS IRMÃOZINHOS, MAS, PRINCIPALMENTE, COM TODA CONSEQUENCIA PSICOLÓGICA QUE ISTO TRÁS, TAIS COMO, E A CIÊNCIA HOJE EXPLICA MUITO BEM ISSO, CONTROLE EMOCIONAL, RESPEITO (COMO JÁ FOI DITO ANTES), CONVIVÊNCIA, MÚTUA ASSISTÊNCIA ETC. OS PROFESSORES E, AINDA MAIS, OS DIRETORES DO VILA NOS TRATAVAM NÃO COMO NÚMEROS OU APENAS MAIS UM ALUNO, MAS NOS TRATAVAM COMO PARCEIROS, E ISSO, CLARAMENTE, LEVEI PRA TODA MINHA VIDA, COMO DESIDERATO DE VIDA E, POR FIM, COMO QUALIDADES QUE POSSUO HOJE, COMO HUMILDADE, RESPEITO COM OS MAIS VELHOS, COM OS ANIMAIS, COM PORTADORES DE DEFICIÊNCIA OU QUALQUER ENFERMIDADE PSÍQUICA-PATOLÓGICA. LEMBRO DAS FERAS DE CIÊNCIAS, DAS OLIMPIADAS, DAS OFICINAS, DO CLUBINHO E ISSO, SIM, ERA FELICIDADE...!!! POIS CONTRIBUI PARA MINHA FORMAÇÃO COMO HOMEM E COMO SER-HUMANO EM CONSTANTE EVOLUÇÃO.

7. ___PARTE DO QUE DESCREVI ESTÁ NA RESPODTA DE CIMA, MAS TODAS ESSAS MANIFESTAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS E EDUCACIONAIS ME ENSINARAM MUITO..! LEMBRO QUE DEPOIS QUE SAI DO VILA, PARTICIPEI DE ALGUMAS MANIFESTAÇÕES PACÍFICAS, PELO MENOS DA MINHA PARTE E DE MEUS AMIGOS, COMO O PASSE LIVRE EM 2004 E ALGUMAS OUTRAS....

8. ___LEMBRO DO PROF. BARRINHA E ELE DESPERTOU, SIM, A ARTE, COMO PINTURA ETC. ADORA DESENHAR, PINTAR E CONTEMPLAR GRANDE ARTISTAS. TOCO VIOLÃO E SOU MUIO BOM MESMO (MODÉSTIA PARTE, HEHEHE).

9. ___VOU CONFESSAR QUE SOU UM POUCO DESLIGADO NISSO, MAS O VILA NOS ENSINOU O TRABALHO DA RECICLAGEM, PLANTAÇÕES, QUE POUCO UTILIZO NO DIA-A DIA, SOMENTE O RESPEITO COM OS ANIMAIS E COM AS FLORESTAS QUE, HOJE, PRATICO COM AFINCO.

10. ___TODOS NÓS ESTAMOS ATENTO E PREOCUPADOS COM O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM O NOSSO PLANETA. PROCURA, SIM, ECONOMIZAR ÁGUA, ENERGIA, PORÉM NÃO REAPROVEITO SUCATA COM FREQUÊNCIA, MAS ACHO QUE FAÇO MINHA PARTE PARA UM MUNDO MELHOR..!!

11. ___NO COMEÇO, SIM, É CLARO, PASSEI GRANDE PARTE DA MINHA VIDA NA ESCOLA VILA, FIZ AMIZADES QUE ATÉ HOJE PERDURAM, O ENSINO E TRATAMENTO DOS PROFESSORES E DIRETORES ERA MARCA ÚNICA DA ESCOLA. MAS, COMO DISSE UM FILÓSOFO MODERNISTA, INTELIGENTE É AQUELE QUE SABE SE ADAPTAR, E ISSO O FIZ. FUI PARA UM COLÉGIO TOTALMENTE DIFERENTE QUE ERA O 7 DE SETEMBRO, NO COMEÇO (UNS 3 MESES) FOI TUDO ESTRANHO, PROVAS, METODOLOGIA DE ENSINO ETC., MAS ME ADAPTEI, POIS SOU MUITO COMUNICATIVO, GOSTO DE ESPORTES, JOGUEI NA SELEÇÃO DE FUTSAL DE LÁ, PARTICIPEI DE EVENTOS SÓCIO-CULTURAIS E CONSEGUI, TAMBÉM, FAZER AMIGOS (ALUNOS, PROFS. E COORDENADORES FAZEM PARTE DO MEU CICLO DE AMIZADES) E SER FELIZ..!!

12. FAÇO DIREITO NA UNIFOR, E FIZ 1 SEMESTRE DE HISTÓRIA NA UECE. O CURSO DE DIREITO É UM GRANDE CURSO, ESTOU E SOU APAIXONADO PELO QUE FAÇO E QUERO, INDEPENDENTE DO QUE ESCOLHER (ADVOCACIA OU CONCURSOS EM GERAL, PARA DELEGADO FEDERAL, POR EXEMPLO) SER FELIZ. ACHO QUE A VILA AJUDOU, POIS PARTE DE MINHA PERSONALIDADE FOI FEITA E TRANSFORMADA PELA ESCOLA, E DEVO MUITO A TIA FÁTIMA E CIA!!

13. QUERO QUE MEU FILHO SEJE FELIZ, TENHA RESPEITO POR TODOS, NUNCA DESRESPEITE OS PAIS E OS MAIS VELHOS, QUEE O ENSINAR-LHE A SER BOM, HONESTO, CARINHOSO, SÁBIO E FORTE PARA LUTAR POR SEUS OBJETIVOS E PARA SER FELIZ..!!!

Egresso 12

1. Lemongreen
2. 7 anos
3. 26
4. Apenas trabalho
5. Altamente sedentário
6. Vivo diariamente sem nenhum preconceito. Me emociono e ajudo (sempre que posso) algum portador de deficiência, assim como os menos favorecidos
7. Não participo. Apenas assisto
8. (não soube responder)
9. Tenho uma consciencia ecológica diária (preservação da natureza tanto no âmbito público como no privado)
10. Economizo água, energia, e evito ao máximo (rejeito quando possível) sacolas plasticas

11. É muito diferente a relação com a equipe e os colegas, a Vila é pequena, todos se conhecem e não há preconceitos. Lá fora sofri alguns preconceitos devido minha classe econômica baixa e a falta de um acompanhamento individualizado.

12. Pretendo fazer faculdade de administração, porque pretendo gerenciar um estrutura de informática de uma grande empresa e/ou abrir uma empresa de consultoria nesta área. Indiretamente sim, foi lá onde pela primeira vez vi, liguei e usei um computador.

13. Meu filho estudará na Vila do berçário ao 5º. Essa fase ao meu ver é onde acontece a formação social/intelectual do ser humano. e a Vila sabe bem fazer essa formação. No entanto a partir do 6º ano é onde começa a se formar o ritmo de estudo forçado para preparação para vestibulares (é a base do conhecimento) e nesse ponto acho que a Vila não rende, ou melhor não combina com o atual ritmo exigido pelo mercado.

Fóruns do orkut

Sobre atuação social

Início > Comunidades > Escola VILA pesquisa ex-alunos > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-4 de 4

primeira | < anterior | próxima > | última



Escola VILA

Sobre atuação social

03/12/07

O que você aprendeu na VILA sobre atuação social e ainda conserva no seu dia-a-dia?

Isso inclui: passeatas, abaixo-assinados, militância estudantil, associações, e outras manifestações políticas sociais.

(Só vale citar o que realmente ainda faz parte do seu cotidiano ou o que você fez depois que saiu na VILA)



[Redacted]

08/12/07

Acredito no poder dessas manifestações pacíficas e sou totalmente a favor delas. Já participei de manifestações e já recolhi assinaturas para o S.O.S. Cocó. Acho que é uma forma consciente, pacífica e eficaz de fazer valer seus direitos.



[Redacted]

13/12/07

Apreendi que devemos fazer nossa parte de forma independente. A partir do momento em que tomamos consciência dos nossos atos e de nossa existência é que podemos verbalizar nossas idéias para que o próximo compreenda nosso raciocínio e, juntos, comecemos a agir em torno do que defendemos. Das pequenas passeatas em torno da escola, do quarteirão ou da pracinha, saí da Escola Vila tentando com uma idéia muito bem feita na cabeça para tentar ocupar espaços na cidade e verbalizar para todos as causas que defendo. E faço isso não só em passeatas ou manifestações, mas nas conversas (des)compromissadas com meus amigos e familiares. Estou sempre engajado em alguma luta, seja em torno de uma melhoria social, ecológica ou animal. Na Vila aprendemos a cuidar do Planeta como um todo, sabendo cultivar e resguardar tudo que ele nos oferece, por isso tento abrir meus olhos para cada âmbito do globo que pede ajuda. Além das manifestações ecológicas (em nível municipal, nacional e mundial), luto pelo direito dos animais e pela emancipação humana. Sou integrante do Grupo Crítica Radical.



[Redacted]

14/12/07

Bom, entendo-me como um militante em construção ;P
Acho que passeatas e abaixo-assinados, por exemplo, são táticas que podem ser utilizadas em diversas lutas. O movimento estudantil (conteste) e extensionista (Caju, Reaju e Reanaju) que faço parte se utiliza dessas metodologias, quando compreende agregadora na correlação de forças. Apesar de não serem as únicas formas, haja vista que a luta é diária, e não se dá apenas frente ao Poder Público (engloba o próprio cotidiano - pois somente assim é possível se construir uma nova cultura, de forma a se pautar na Educação Popular). Mesmo quando se trata de exigir do Poder Público, acho legítimas pressões outras mais energéticas, dependendo do nível de diálogo e enfrentamento. Faço parte, de forma orgânica, do Movimento Estudantil, já que sou estudante, e acredito que tenho um papel e compromisso a desempenhar na defesa da educação pública. Contribuo de forma esporádica com outros movimentos - MST e MCP, principalmente (mas, enfim, sou só um e tenho tb uma vida pessoal #), os quais tenho pretensões de entrar, quando não mais for estudante da 1ª graduação. Atualmente sou estagiário do Cedeca-CE, também.

primeira | < anterior | próxima > | última

« voltar aos tópicos

responder

denunciar spam

Sobre arte

Início > Comunidades > Escola VILA pesquisa ex-alunos > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-6 de 6

primeira | < anterior | próxima > | última



Escola VILA
Sobre arte

03/12/07

Como a arte está presente na seu dia-a-dia?

Você conservou alguma atividade artística ou criativa no seu cotidiano? Mesmo que não seja algo "técnico" ou certificado?

Como você lida com a criatividade e a necessidade de expressão de idéias e sentimentos?



Infelizmente não pratico nenhuma atividade artística. Mas já pintava por mim mesma, já fiz parte de um grupo de teatro e já tive aulas de violão. Minha ligação com arte, sobretudo música e pintura, é muito forte. No Vila tínhamos aulas de artes, artesanato, teatro e música. Ainda penso em cursar artes plásticas. Gostode todo tipo de música que me toque e me comova de alguma forma, de clássica a popular, e gosto muito de pintores que mostram suas impressões em suas pinturas, como Van Gogh, do qual sou uma grande fã.

08/12/07



Sempre que dou um presente, seja de aniversário, dia das mães, dos pais, procuro sempre usar minha criatividade pra fazer algo feito por mim. Também levei muito, depois que sai da Vila, pedindo que minha mãe comprasse tinta, tela, pinceis.. sempre inventava algo novo pra fazer. Gosto muito de música ainda, aprendi a flauta e iniciei o violão na Vila, depois continuei a estudar violão. Sempre que estou angustiada, ou com algum sentimento ruim, procuro tocá-lo ou escutar música, que sempre é uma fonte de alívio pra mim.

09/12/07



Eu respiro arte e acredito no seu poder. A arte pra mim é a expressão humana em sua forma mais pura, feita para ser apreciada, para chocar, para dar beleza, para tirar a beleza, para criar e recriar, para inventar e reinventar o mundo e tudo o que nos rodeia. É a arte que forma e lapida os homens, e não importa que tipo de arte, cada uma atua de uma maneira diferente em cada um de nós, trazendo-nos sentimentos e sensações que nos dão vida e atingem a nossa imaginação, está que é uma das mais poderosas armas humanas, pois um individuo que consegue imaginar é um alguém capaz de ir a qualquer lugar e que possui um caminho de vida. Na vila eu tive várias experiencias artisticas, fiz teatro, toquei violão, pintei quadros e etc. Nunca entendi muito bem qual a importancia daquilo naquele momento, mas hj eu descobri que a arte é uma parte de mim que eu divido com o mundo; faço teatro, toco violão, leio, escrevo, pratico artes marciais e aprecio quadros, música e etc. A Vila foi um colégio que sempre deixou essas coisas fazerem parte do seu cotidiano, e conseguir fazer isso com crianças, é realmente admirável. Acho que ainda pode ser mais tabalhado esse aspecto, como uma forma de incentivo a deixar as crianças a escrever, e quem sabe produzir um livro com poesias só dos alunos da escola, não é uma idéia nova, mas acho que seria viável, assim como tantas outras propostas, que podem ser divertidas e interessantes.

11/12/07



A arte está presente intensamente no meu cotidiano. Até porque optei por dedicar-me à literatura, então é inevitável que isso aconteça. Conservo o hábito da leitura, principalmente de poesia e exercito minha criatividade e minha forma de expressão escrevendo também. Além disso, a literatura é uma arte que dialoga com diversas outras, então estou sempre em contato com a música, o teatro, o cinema, a pintura... Arte é algo que envolve muito sentimento. A arte necessita de um olhar observador. Diferente desse olhar retiniano que nos habitua a apenas ver as coisas sem enxergá-las. Quando você pára para ler uma poesia, ver um quadro seu estado de espirito se eleva; por isso a arte é revolucionária. Ela sabe por onde começa a mudança: é dentro da gente, no processo de catarse.

13/12/07



Considero-me com bem poucos "dotes artistico", talvez pela falta de prática. Costumava desenhar, quando ainda estudante do Vila, depois abandonei. Entretanto, pela minha atuação (extensionista, movimento e estágio) sempre tenho de ser criativo, haja vista que tento, junto com um coletivo, tratar o direito de forma acessível às pessoas, seja com movimento populares, como MST e MCP, seja com um grupo de adolescentes organizados, como a Rede OPA. Na minha vida pessoal, cotumo me expressar mais de forma oral ou escrita.

14/12/07

primeira | < anterior | próxima > | última

[« voltar aos tópicos](#) [responder](#)

[denunciar spam](#)

Sobre o corpo

Início > Comunidades > Escola VILA pesquisa ex-alunos > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-8 de 8

[primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)

- | | | |
|---|---|----------|
|  | <p>Escola VILA
Sobre o corpo
Como você trabalha seu corpo? Dança, faz esporte, yoga, tai-chi, massagem?</p> | 03/12/07 |
|  | <p>Resposta.
Uma das heranças que herdei da Vila foi a preocupação com o corpo. Eu tento me manter em forma malhando, faço dança de salão e jogo o velho "racha" toda terça feira.</p> | 04/12/07 |
|  | <p>Confesso que só tenho trabalhado a mente, mas está nos meus planos a yoga para o próximo ano, de forma a equilibrar a mente sã com o corpo são.</p> | 05/12/07 |
|  | <p>Comecei Capoeira na VILA e um tempo atras tentei voltar la mesmo, mas meu joelho nao me deixa mais. Atualmente faço musculação e volei!</p> | 06/12/07 |
|  | <p>Infelizmente, como o Thiago, só estou trabalhando a mente, mas gostaria de voltar a fazer yoga e a começar dança de salão.</p> | 08/12/07 |
|  | <p>Faço volei, fiz muito tempo natação e medito sempre que eu posso lembrando, ainda, das técnicas que a Tia Rosaline usava nas aulas de corpo.</p> | 09/12/07 |
|  | <p>Um corpo sem movimento é um corpo sem vida, e uma vida sem corpo é uma vida sem sentido. O corpo nos foi dado para que pudessémos trabalhá-lo, para que ele se mexa, que faça exercicios, que esteja constantemente em ação. Eu sempre trabalhei o meu corpo, por que smepre me senti bem assim, fazer um alongamento, muitos dos quais eu aprendi na vila nas aulas de yoga, praticar um esporte, eu faço karatê (ainda faço na vila), corro, jogo malabares, já fiz natação, capoeira, kung fu, sempre faço exercios, ando de skate, faço teatro (que pra quem não sabe, trabalha muito o corpo, e vale mais do que uma academia) entre outras coisas, bater um racha, enfim adoro deixar o meu corpo agir, porque dessa maneira eu me sinto vivo e com mais consciência de mim mesmo e de minhas ações, podendo levar a minha mente cada vez mais longe.</p> | 11/12/07 |
|  | <p>Tento voltar para a capoeira. Ando de bicicleta, e surfo de forma bem esporádica. Mas tento cuidar, eplo menos o mínimo do meu corpo/mente. Se me sentir muito aperriado tento medidatar (na posição de "Logos" aprndida na Vila). Mas confesso que não sou o mais rigoroso com meus esporte... :/</p> | 14/12/07 |

[primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)

Sobre diversidade humana

Início > Comunidades > Escola VILA pesquisa ex-alunos > Fórum: > Mensagens

mostrando **1-8** de **8**

[primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)



Escola VILA

Sobre diversidade humana

O que você aprendeu na VILA sobre diversidade humana e ainda conserva no seu dia-a-dia?

03/12/07

Isso inclui: sua relação com pessoas portadoras de necessidades especiais e outras questões como diferenças de raça, religião e opção sexual.

Cite como você lida hoje em dia com essas questões!



Sou totalmente a favor da tolerância e absolutamente contra preconceitos como o sexismo, racismo, xenofobia e homofobia, além da discriminação religiosa. São pensamentos absurdos e infundados. Sem eles o mundo seria bem melhor, mais pacífico e fácil de se viver. Quanto ao racismo e à homofobia, que são muito relevantes e presentes, somos todos miscigenados, não há fundamento para ter preconceito, e segundo muitas teorias somos todos bissexuais; sou veementemente contra doutrinas religiosas que pregam a proibição da prática homossexual.

08/12/07



Na Vila eu aprendi que cor, raça, religião não importa, somos todos seres humanos que nascemos e morreremos um dia. Se as pessoas conseguissem ver que essas diferenças não significam nada, o mundo seria mais tranquilo, as pessoas seriam mais pacíficas e conseguiríamos conviver melhor uns com os outros. Achei muito importante a integração com crianças portadoras de deficiências desde pequena. Lembro que eu aprendi a lidar bem com isso, ajudava-os no que necessitavam, tive vários amigos assim. Isso hoje em dia me faz olhar pra essas pessoas portadoras de deficiência e saber e sentir que elas têm sentimentos, têm algo a mais dentro delas e uma força de vontade maior que de muita gente.

09/12/07



Escola VILA

Que belos depoimentos!

Obrigada, pelos belos depoimentos!

10/12/07



Na Vila aprendi que devemos olhar os seres humanos em sua totalidade. E tomei isso pra mim como uma forma de desconstruir as divisões propostas e impostas pela sociedade. Geralmente as pessoas são qualificadas ou desqualificadas por ter determinada cor de pele, pertencer a determinada religião, possuir determinada quantidade de dinheiro, ter determinada orientação sexual ter o corpo de determinada maneira, falar com determinado sotaque... Enfim, buscam as diferenças para separar e classificar a humanidade ao invés de conhecê-las. Estaremos bem próximos da paz espiritual e mundial quando percebermos que o início dos conflitos não está nas diferenças, mas no desrespeito a elas. É muito lindo perceber essa diversidade humana aqui mesmo, no Brasil, um país tão extenso e de uma pluralidade cultural imensa que é desperdiçada e ocultada, suprimida por convenções que a discriminam porque não estão de acordo com determinado padrão dominante. Então procuro ver todos como seres humanos. Sou veementemente contra qualquer preconceito; seja ele racial, sexual, religioso... Sou contra o sexismo e procuro ler sobre todos os credos, mesmo sendo ateu. Não acho que para sustentar sua posição e seu discurso você tenha que necessariamente rebaixar quem é contrário ou pensa diferente.

13/12/07



Compreendo que a Vila foi o início de uma grande aprendizagem, pois, em um mundo preconceituoso, homofóbico, racista, machista, não inclusivo às pessoas com deficiência, e com intolerância religiosa, tal qual o que vivemos, é complicado se dizer que não somos machistas, homofóbicos preconceituosos... Entretanto, dentro de uma compreensão de direitos humanos (debatida, apesar de não sistematizada, ainda na Vila), tento em todos os âmbitos da minha vida buscar uma certa coerência, além de cultivar novos valores que vão de encontro ao hegemonicamente posto. Penso isso em todos os aspectos da minha vida, seja no lado profissional (fazendo uma opção pela defesa dos Direitos Humanos), afetivo (procurando estabelecer vínculos que não sejam de posse), militante (atuando com em movimentos que se proponham a construir uma nova cultura livres desses preconceitos contra pessoas com deficiências, homossexuais, negros, entre diversas outras "minorias" que sofrem nesta sociedade). Para ser ainda mais sincero, acho que agrego a todos esses valores plurais e multiculturais, não de tolerância, mas de inclusão, o valor vida. Muito decorrente da ideia de que o ser humano está em harmonia com o meio ambiente (nossa! acho que essa busca da harmonia do mundo é a cara da vila) - hoje agrego muitos valores da luta para essa utopia (entendida como um sonho passível de realização), porém ainda é muito nítida a importância desse equilíbrio, se podemos assim chamar. Enfim, procuro agir da forma mais libetária possível nas minhas relações inter-pessoais, independente de raça, cor, gênero, geração, orientação sexual, deficiência, religião, cultura e características pessoais.

14/12/07



O que eu aprendi e o que ainda continuo a aprender, e claro, tento colocar em prática, é que ninguém é igual ao outro. Por isso, discriminar alguém por ser diferente é negar a si mesmo, pois por mais que existam semelhanças entre você e algum outro, sempre haverá divergências e estas muito mais evidentes, pq o mundo e as pessoas são assim, cada um vê e pensa de forma diferente; imagine como seria se todos pensassem da mesma forma? Não seria possível conceber o mundo e muito menos definir o humano, pq é exatamente essa diversidade que nos define como seres humanos, é a capacidade de ser diferente frente ao seu igual.

27/12/07



Começando com as pessoas com necessidades especiais, fico em dúvida no seguinte aspecto, até que ponto devo tratá-las como trataria qualquer pessoa? Essa atitude pode ser interpretada como falta de consideração à essas necessidades, ou o oposto, onde uma atenção excessiva pode magoar a pessoa, ofendendo sua capacidade e/ou independência.

2 jan

Mas onde está o limite? Acredito que não exista fórmula para isso. Esse é um pensamento que se aplica à todas as pessoas, é necessário conhecer para saber seus limites, sejam as limitações que forem, "necessidades especiais" ou não. Alguns não gostam de serem tratados diferentemente por possuir um defeito físico, outros não gostam de discutir sua sexualidade, outros gostam de discutir suas crenças...

Mantenho a mente aberta para conhecer qualquer um, sem preconceito de qualquer fonte, para a partir daí tecer quaisquer "julgamentos", no sentido de querer ou não conviver com alguém.

[primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)

[« voltar aos tópicos](#) [responder](#)

[denunciar spam](#)

Sobre ecologia

Início > Comunidades > Escola VILA pesquisa ex-alunos > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-4 de 4

primeira | < anterior | próxima > | última



Escola VILA

Sobre ecologia

03/12/07

O que você aprendeu na VILA sobre ecologia e ainda conserva no seu dia-a-dia?

Isso inclui: reciclagem de lixo, militância ambiental (como passeatas, manifestações), consumo de alimentos orgânicos, plantio, relação com animais, etc...

(Só vale citar o que realmente ainda faz parte do seu cotidiano ou o que você fez depois que saiu da VILA)



[Redacted]

08/12/07

Acho que já respondi a essa pergunta indiretamente nos outros tópicos.

Faço coleta seletiva e minha mãe faz objetos reciclados, apoio o movimento S.O.S. Cocó e outras instituições a favor da preservação ambiental, sou vegetariana também pelo fato de os animais sofrerem e terem os seus direitos. Acho que tudo isso, além da mentalidade da minha mãe, que já era adepta dessa mentalidade e por isso me colocou na Vila, é uma herança da educação que tive lá.



[Redacted]

13/12/07

Acho que já falei um pouco sobre a herança ideológica que a Escola Vila me proporcionou, então, para ser mais direto, vou citar no que isso influenciou, de forma prática no meu cotidiano. O engajamento na militância ambiental é visível e vai desde a perplexidade de derrubada de árvores sem justa causa até a ameaça a áreas verdes importantíssimas para nossa cidade de Fortaleza como o mangue do Cocó.

Sobre a relação com animais, a Vila estreita bastante a relação do ser humano apresentando-nos como seres vivos que têm sentimentos e necessitam de carinho, atenção e cuidados como qualquer um de nós. Infelizmente os laços afetivos tendem a se perder nas relações interpessoais e também se perdem na relação com os animais. E também luto por isso fazendo manifestações contra o abuso de animais de qualquer forma e, sendo vegetariano, não os torno comida (desnecessária) para mim.

Luto pelos que estão em perigo de extinção, cuido dos que convivem comigo, não me alimento dos que estão fora de minha casa e procuro libertar os que são capturados.



[Redacted]

14/12/07

Ainda hoje reciclamos o lixo. Não jogamos lixo em nenhum outro local que não seja a lixeira. Particularmente, a labuta pela conscientização ambiental é uma constante, com todas as pessoas que tenho algum contato, hehe... Tornei-me vegetariano (não só por uma questão ecológica, mas também política - a alimentação destinadas a animais, criados como se fossem mercadorias, daria para acabar a fome do mundo, ou algo bem próximo disso - a "produção" de suínos é em torno de 9 vezes maior do que a população humana, por exemplo).

Quanto ao movimento em defesa do meio ambiente, não atuo diretamente, apenas em algumas lutas esporádicas, como a defesa pelo cocó, que organizamos um ato em frente ao Iguatemi, contra a construção do Iguatemi Empresarial dentro do mangue. No mais, apenas algumas contribuições para o MCP Pq. Água Fria que tem como pauta a defesa do Cocó.

primeira | < anterior | próxima > | última

[« voltar aos tópicos](#)

[responder](#)

[denunciar spam](#)

Para quem tem ou planeja ter filhos

Início > Comunidades > Escola VILA pesquisa ex-alunos > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-4 de 4

primeira | < anterior | próxima > | última

- 

Escola VILA
Para quem tem ou planeja ter filhos
Que tipo de educação você quer dar ao seu filho?
03/12/07
- 

Resposta.
Gostaria de dar uma educação que, ao mesmo tempo, foque no conteúdo programático necessário para o vestibular e que desperte a consciência social e ambiental.
Seria uma mistura do colégio tradicional, que foca mais no conteúdo, e um colégio alternativo, que valoriza a cultura e a formação pessoal do aluno.
04/12/07
- 

Resposta.
Planejo ofertar uma Educação (assim, com "e" maiúsculo) para o filho que tiver e para meus futuros alunos.
Uma educação que não se prenda ou se limite a mecanismos e rituais impostos de escola, aula, matéria, turma, professor, prova, currículos programáticos etc. Antes de termos um espaço físico ou abstrato determinado e antes de termos alguma denominação pelo papel social hierárquico que recebemos, somos seres humanos que devemos estar dispostos a compartilhar do nosso tempo para uma troca de saberes e informação de tal modo que o objetivo seja o exercício físico-mental e o crescimento interior. A formação do ser humano parte daí e a escola não deve ser tratada como o caminho, mas como um trecho do percurso.
Por isso, creio que não devemos nos amarrar a salas ou a currículos, a educação é progressiva e constante. Não deve existir um "tempo de aprender" que difere do "tempo de diversão". Tudo deve ocorrer sem distinção, sem que precisemos nos travestir para cada coisa. Em resumo, é isso.
05/12/07
- 

Resposta.
Não sei se terei um filho biológico; acho que vou adotar, já que existem muitas pessoas precisando de um lar.
Espero ensinar meu filho a se preocupar com o planeta: a ser vegetariano, a não consumir indiscriminadamente, a reaproveitar os sacos plásticos (uma vez que eles impermeabilizam o solo e demoram séculos para se degradar). Espero ser liberal com eles. A desconstruir conceitos como sexismo, racismo, tão presentes na nossa sociedade. Mostrar coisas realmente boas, ensinar que consumo não é tão importante.
Meio difícil nos tempos de hoje, não?
08/12/07

primeira | < anterior | próxima > | última

[« voltar aos tópicos](#)

[responder](#)

[denunciar spam](#)

Para todos

Início > Comunidades > Escola VILA pesquisa ex-alunos > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-5 de 5

primeira | < anterior | próxima > | última

- 

Escola VILA
Para todos
Senti dificuldades em se adaptar em uma escola diferente da VILA? Por quê?
03/12/07
- 

Resposta.
Na verdade não. Mesmo a Vila sendo uma escola alternativa, não-tradicional, eu sempre fui muito social e acho que isso ajudou na minha adaptação à nova escola. Também, quando saí da Vila não fui estudar em uma escola muito tradicional, estudei da 8ª ao meio do 3º ano no Espaço Aberto, uma escola bem receptiva e bem diferente das grandes escolas que ainda se mantém no mesmo velho e arcaico ensino tradicional. Parei no meio do 3º ano e morei um ano fora, concluindo meu ensino médio no exterior.
04/12/07
- 

Resposta.
Talvez a palavra não seja dificuldade, mas incômodo. Questionava cada pensamento, atitude, dever e direito, fazendo um paralelo com a metodologia que tinha recebido sempre, até então. Saí da Vila somente na 8ª série sabendo que a mudança para o ensino médio seria grande em todos os quesitos.
05/12/07
- 

Resposta.
Houve dificuldade porque a diferença de mentalidade era gritante, sobretudo por serem escolas católicas, existindo a existência de restrições conceituais e preconceitos não presentes na Vila: a mudança de atividades, de alimentação, o comportamento dos alunos, era tudo muito diferente.
O Vila foi a minha escola preferida. Até hoje quando vejo alguma criança com uma farda do Vila abro um sorriso.
08/12/07
- 

Resposta.
Bastante dificuldade de adaptação. Houve um certo choque no contato com muitos alunos.. Não sei bem explicar, mas fiquei um bocadinho acanhado e tive dificuldade de fazer amizade, coisa que aos poucos fui mudando. Além do regime militar e mercadológico que as escolas-empresas utilizam que não compreendia (e até hoje ainda não consigo), no mais foi tranquilo. Mesmo o período de greve que passei no Cefet, serviu-me de muito para o meu amadurecimento político.
14/12/07

primeira | < anterior | próxima > | última

[« voltar aos tópicos](#)

[responder](#)

[denunciar spam](#)

Para quem quer fazer, faz ou fez faculdade

Início > Comunidades > Escola VILA pesquisa ex-alunos > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-5 de 5

primeira | < anterior | próxima > | última

- 

Escola VILA
Para quem quer fazer, faz ou fez faculdade
Que área mais lhe agrada estudar e por quê?
03/12/07

Optou (ou vai optar) por qual faculdade?
A VILA influenciou sua opção?
- 

Resposta.
04/12/07

Eu faço faculdade, Direito na UNIFOR. Escolhi este curso pois sempre quis fazer direito. Além de ser relacionado com história e filosofia, duas disciplinas escolares que eu sempre gostei, Direito sempre foi a minha escolha. Optei pela UNIFOR pela estrutura que a universidade oferece para o aluno, tanto estrutura física com boas salas de aula, biblioteca, campus, como pela estrutura de extensão e pesquisa desenvolvida pela universidade. Optei também por não ter perigo de greve e por ser perto da minha casa. Não vejo como a Vila poderia ter me influenciado diretamente, talvez indiretamente, mas não consigo imaginar um elo entre minha escolha e a Vila.
- 

05/12/07

Minha área de atuação é o ensino e o estudo de Literatura, especificamente, por isso optei por fazer Letras, na Universidade Federal do Ceará. E posso dizer que a Vila influenciou, sim, minha opção. Até porque minha área de interesse abrange a educação, de forma geral. Saí da Vila já com um caminho a seguir, influenciado especificamente por um professor.
- 

08/12/07

Faço Letras Inglês na Universidade Federal do Ceará, e com certeza a Vila contribuiu. Lembro de como fazíamos pesquisa sobre grandes nomes da Literatura e de outras artes. Minha profissão me atrai muito por transpor as barreiras da comunicação entre as pessoas em vários sentidos, sejam educacionais, lingüísticos, culturais. Acho os cursos da área de humanidades como Filosofia, Sociologia, Letras e História fantásticos porque não são meras 'oficinas de de profissão'. Você não aprende a ser um administrador, um advogado, médico, mas tem acesso a várias ciências e à cultura mundial. Eu sou apaixonada por Literatura, por Inglês e pelo meu curso.
- 

14/12/07

Faço Direito na Faculdade de Direito da UFC. Mas pretendo iniciar outro curso (por entender que Direito é muito insuficiente), e tenho ainda alguns outros planos. Mas sim, a vivência na Vila influenciou de sobremaneira nesa escolha profissional (com certeza um profissional que defende esse sistema insustentável, e com ele a burguesia eu não serei! Pareceu panfletário mas a idéia central é essa), obviamente outras vivências também me influenciaram, inclusive na própria Universidade.

primeira | < anterior | próxima > | última

[« voltar aos tópicos](#) [responder](#)

[denunciar spam](#)

Sobre sustentabilidade

Início > Comunidades > Escola VILA pesquisa ex-alunos > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-4 de 4

primeira | < anterior | próxima > | última

- 

Escola VILA
Sobre sustentabilidade
03/12/07

Você economiza energia e água? Reaproveita sucata? Se preocupa em consumir produtos que tenham o mínimo de embalagens inorgânicas? Está por dentro do fenômeno do Aquecimento Global?
- 

08/12/07

Com certeza. Faço coleta seletiva, levo sacolas para fazer compras, evitando ou reaproveitando sacos plásticos, sou vegetariana, uma qvez que a atividade pecuária traz danos aos ecossistemas, apóio o movimento S.O.S. Cocó e acredito que essas são questões que não estão sendo levadas a sério. As pessoas não se dão conta de como temos pouco tempo. Minha mãe também faz objetos com material reciclado. Acredito que as pessoas tenham medo de tomar uma iniciativa e parecerem diferentes, e isso possa inibi-las. Mas sou veementemente a favor dessas medidas.
- 

13/12/07

Economizo, na medida do possível, água e energia tentando evitar o desperdício nas mínimas coisas. É com essa pequena vigilância que tento fazer minha parte e alertar os outros a fazerem o mesmo. Acho que a mudança começa em você, dentro de sua casa. Quanto aos consumo de produtos, tento evitar, sim, as embalagens inorgânicas. E isso entra até na questão das sacolas plásticas distribuídas avulsamento nos supermercados. Evito sempre "fazer coleção" delas. E finalmente resolveram abrir os olhos para fenômeno do aquecimento global. Sempre estivemos alertas quanto a isso na Vila e apesar do apoio que encontrávamos muitas vezes éramos vistos como lunáticos, ociosos ou futuristas demais por levantarem questões como essa. O ser humano, ao invés de utilizar de todo o conhecimento que possui para construir e reconstruir o planeta, apenas destrói indiscriminadamente, pensando no retorno abstrato imediato que é o dinheiro, mediador das relações sociais atualmente.
- 

14/12/07

Quanto a energia e a água, acredito que é obrigatório para quem passou pela Vila (mas a resposta é sim). Procuro consumir, no geral, o menos possível, mas quando há sustentabilidade condição econômica preocupo-me utilizar embalagens que possam ser reaproveitáveis (não só embalagens) ou facilmente degradáveis. Quanto ao aquecimento global e outros fenômenos climáticos, também, impossível não estar por dentro, além de sentir o calor e conversar sobre os desastres ambientais. Acho que se trata de preocupação com a própria sustentabilidade da espécie humana.

primeira | < anterior | próxima > | última

[« voltar aos tópicos](#) [responder](#)

[denunciar spam](#)

ANEXO 2 – TABELA DE ANÁLISE DOS DADOS

		Corpo- Arg. Teorica	Corpo- Sentir	Corpo – Ação Prática	Conviver na div. - Arg. Teorica	Conviver na div. - Sentir	Conviver na div. - Ação	Atuação social - Arg. Teorica	Atuação social - Sentir	Atuação social - Ação	Arte e criativ - Arg. Teorica	Arte e criativ. - Sentir	Arte e criativ. - Ação	Ecologia e suste - Arg. Teorica	Ecologia e sustent. - Sentir	Ecologia e sustent. - Ação	Influência da VILA na vida cotidiana	Adaptação em outros colégios - Boa	Adaptação em outros colégios - Ruim
1	Fiz capoeira durante muitos anos e ainda pretendo voltar. Vez em quando danço samba ou pratico algum esporte.	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	O VILA foi minha base das minhas atuais concepções éticas a respeito da diversidade humana. Sou admirador das diversidades, e incluso, defensor destas. Desacredito em qualquer tipo de discriminação racial, de gênero, religioso, etc.	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
3	Sempre digo pros meus amigos: o VILA foi o primeiro colégio que me levou às ruas. Fomos protestar no FORA COLLOR, acho que em meados de 1992. Desde o VILA a minha atuação social só tem ficado cada vez mais aguçada. Sempre participo de abaixo-assinados, manifestações, etc. Fiz parte 2 anos do meu Centro acadêmico da Psicologia, ajudei a fundar um Centro Acadêmico nas Artes Plásticas (Outro curso que faço). Sempre me engajei nas lutas do movimento estudantil e também de outros movimentos sociais (MST,MCP). Fui para dois Fóruns Sociais Mundiais. Atualmente sou voluntário do Centro de Mídia Independente de Fortaleza (midiaindependente.org), componho uma Frente de Luta contra o aumento de mensalidades da Minha Universidade.	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0

4	AMO arte. Atualmente estou cursando Artes Plásticas no CEFET. E todas as manifestações artísticas pulsam nas minhas veias. Pinto, escrevo poesias, faço videos, desenho, escuto música...Crio, sem pedir licença um mundo de liberdade, como diz um poeta.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	
5	O VILA aguçou muito minha sensibilidade para a questão ambiental/ecológica. Por ser um dos tópicos destacado do VILA essa questão sensibiliza muito. Lembro que tentei levar pra meu outro colégio um projeto de reciclagem seletiva, junto à amigos, mas este não deu certo. Aqui em casa , somos um dos poucos apartamentos em que fazemos coleta seletiva. Participei de grupos ambientais/ecológicos como a Frente Popular Ecológica e o SOS Cocó. Participei dos protestos contra a Torre do iguatemi. Faço parte de um laboratório de estudos (LERHA - laboratório de estudos das relações humano ambientais). Me considero uma pessoa consciente dessas causas: não reboło lixo nas ruas...me atento para o consumo e suas consequências. Pequenas coisas aprendidas no VILA. Sim sim. AS coisas básicas em relação ao consumo de água e energia sempre procuro fazer. Fechar a torneira em alguns momentos, desligar as luzes de casa, não gastar muito. Em relação as embalagens já é algo deficitário meu por ser na maioria produtos comprados pela minha mãe.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0
6	O Outro e único colégio que entrei depois do VILA não era tão diferente dele. Mantinha algumas características chaves que possuía no vila. Tal como humanidade, respeito, etc.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
7	A área que mais me agrada estudar é a Humanas. Por ser uma área que está sempre em contato com os seres humanos e suas vicissitudes. Optei Psicologia e Artes e creio que o VILA influenciou sim minha escolha porque o próprio VILA faz parte da formação de mim enquanto ser humano. Sempre afirmo: o VILA me injetou cultura. É uma dose que percorre todas minhas entranhas.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0
8	Objetivamente, colocaria meu filho em um modelo de educação igual ao do VILA. SE de lá pra cá, ainda existir o VILA, eu iria colocá-los lá.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

9	Corpo: No último ano, nada. Mas anteriormente pratiquei natação, capoeira, dança, alongamento e ginástica.	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10	Me sinto livre de preconceitos, inclusive tenho uma ótima convivência com pessoas de raça, opção sexual e religião diferentes das minhas.	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11	Atuação social: Não costumo atuar.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12	Exatamente por causa da área profissional que escolhi, trabalho constantemente minha criatividade e meu lado artístico. Basicamente com arquitetura e design gráfico.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0
13	Basicamente numa preocupação maior com a reciclagem de lixo, até hoje na minha casa o lixo é separado em: lixo orgânico, papel e outros materiais. Minha relação com os animais e plantas é de bastante respeito. Minha ligação com plantio é somente restrita a área de projetos paisagísticos.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0
14	Me preocupo muito com a questão de economia de energia e de água e procuro mostrar essa preocupação nos meus projetos de arquitetura na faculdade. Em casa, todos tem a mesma preocupação. Não reaproveito sucata e tenho pouca preocupação com o material das embalagens na hora de consumir. Tenho conhecimento sobre a questão do aquecimento global.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
15	Um pouco, só em relação a quantidade de alunos. Mas me adaptei rapidamente. Não chegou a atrapalhar meu desempenho.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
16	Arquitetura e design. Influenciou bastante por me fazer desenvolver minhas aptidões artísticas e a criatividade. Também em relação ao trabalho em diversas áreas, além das disciplinas obrigatórias.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
17	Educação para o filho:A mesma que eu recebi na escola Vila	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
18	Corpo: No momento estou parado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19	Foi onde criei a minha base para respeitar todos os tipos de Diferenças, pois desde cedo, a VILA trazia temas sobre a diversidade humana.	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

20	Já participei de militância estudantil e campanhas para eleições de Candidatos de esquerda. Atualmente não estou muito participativo da Política institucional.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	
21	Na VILA aprendi a tocar flauta doce (mesmo que tenha esquecido hoje) e conheci 2 músicas que me marcaram: "asa branca" e "caderno". Atualmente toco em 2 bandas (de samba e de ska), faço parte de um bloco de pré-carnaval que toca músicas cearenses e sou formado em piano clássico pelo Conservatório Alberto Nepomuceno. Não vivo sem música e acho que ela pode ser um excelente instrumento de transformação social.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	1	0	0	0	1	0	0
22	Ecologia foi algo que me marcou bastante enquanto estudava na VILA. Depois que saí de lá já fiz campanhas contra alimentos transgênicos e costumo entregar em um local determinado pilhas e baterias antigas. Estou por dentro do fenômeno do aquecimento global, mas em relação à embalagens e reciclagem do lixo estou um pouco relaxado.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	
23	Não diria dificuldades, mas senti um baque ao sair da VILA para Estudar no FB, onde a gente era quase só um número na chamada. A relação entre estudante e professor era muito diferente. Todos me Conheciam na VILA e no FB, quase ninguém me conhecia.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
24	Estudo sociologia no mestrado, pesquisando a relação entre música e sociedade, e fiz faculdade de ciências sociais. Com certeza a VILA influenciou a minha escolha porque foi onde primeiro desenvolvi minhas preocupações sociais e interesses musicais.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0
25	Uma educação que se baseie no respeito às diferenças, na formação de uma consciência crítica, que possua uma pedagogia que respeite o estudante, vendo-o como algo extremamente valioso, que pense que é na formação da base que se pode mudar o mundo.	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26	Fazia Balé atualmente apenas musculação.	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

27	Div: Aprendi que todos os seres vivos (sejam homens,animais,árvores)merecem respeito,cuidados e amor!	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28	At-soc: Não se deve calar e muito menos fechar os olhos para o que está a nossa frente. Deve-se lutar sempre pelos nossos direitos!	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29	A música sempre esteve presente em minha vida! Cantar me traz uma paz imensa! Aprendi a tocar flauta na Vila! Ainda lembro de todas as canções que aprendi a tocar! Ainda sei fazer crochê! Aprendi lá também...acho que com a tia Sueli!	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0
30	Como já havia dito,aprendi que todos os seres vivos merecem respeito, cuidados e amor! Para o meio ambiente não é diferente, ele também necessita de tudo isso e mais um pouco, pois nós convivemos nele e sobrevivemos por causa dele!	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
31	Sim. Saí da Vila aos 11 anos. Quando entrei no outro colégio senti muita falta daquele "calor" que sempre recebia...das aulas de corpo, aulas de arte do Barrinha, dos chás da tia Conceição (rs). Fora da Vila,percebi que o estudo girava em torno, a priore, do vestibular! Ao contrário da Vila que estava preocupada, além do aprendizado "para o vestibular", com o "crescimento" de um cidadão!	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
32	Faço yoga e medito, e agora também pedalo.	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

33	Por ter estudado e convivido na vila com todos, sem restrição social ou física, aprendi a respeitar a dificuldade e o limite de todos, como também o meu. Essas dificuldades não eram mencionadas entre a gente, na verdade elas pra gente não existiam, aproveitávamos o que tinha de melhor em cada um e assim formávamos nosso grupo. Lembro que quando chegava alguém de outra escola, eles comentavam, voces sao amigos dessa menina? E a gente respondia: por que não? Ela é legal, faz isso, aquilo. Na época das olimpíadas tínhamos duas goleiras uma que tinha uma deficiência no braço, mas justo por isso, era ela a única que conseguia jogar mais alto a bola e defender melhor, já a outra tinha deficiência de audição, então nos comunicávamos durante o jogo por sinais aí ninguém do outro time sabia pra onde ia a bola. Quando chegava alguém de outro estado ou país era aquele "fuzuê", lembro de um amigo francês e um mexicano e das frases que aprendíamos com eles. Hoje ter vivido essa experiência me faz tratar de forma igual todos, pois todos apesar das dificuldade, somos iguais. Na rua não me distancio de um pedinte nem passo reto quando vejo alguém precisando de ajuda pra atravessar a rua.	0	0	0	1	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0
34	Faço parte de um movimento socio-ambiental que atua pelas áreas verdes da cidade, além de ser atuante em manifestações, as quais estejam de encontro com meus ideias.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0
35	A arte sem dúvida é o que me faz interpretar o mundo e querer transforma-lo. Não deixo de repetir em casa as técnicas de artes plásticas e artesanato que aprendi na vila.	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0	1	0	0
36	Ainda faço a reciclagem do lixo, e o material inorganico (a sucata) continuo deixando na vila, participo ativamente das questões ambientais da cidade, como forum, ciclo de debates.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	1	1	0	0

37	Sim, acho importante o consumo consciente e responsável, pois devemos saber que somos responsáveis por todo o produto, não só o produto em si, incluindo embalagem. O aquecimento global é o reflexo dos nossos atos, acredito que todo esse alarde que por ele tem sido feito, possa mudar os atos de muitos e quem sabe ser iniciado uma nova relação, homem e natureza.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0
38	Não, pois quando sai da vila na oitava série a maior parte da turma foi pro mesmo colégio e ficamos na mesma sala.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
39	A área de humanas apesar de gostar de eco. Porque acredito que o homem possa se relacionar sustentavelmente bem com a natureza. Ciências sociais. Sem dúvida a vila foi a maior influência, pois através do que ela me proporcionou vi que é possível conviver em harmonia com a natureza.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	
40	Educação: acredito que boa parte da mesma que eu tive.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	
41	Não faço atividade física.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
42	Bom, estudei na Vila até os 06 ou 07 anos de idade e tenho pouca memória da minha infância. Sou uma pessoa que defende a igualdade e a diversidade humana (pode parecer contraditório, mas não é!) E por isso defendo a harmonia entre todas as pessoas, independente de gênero, etnia/raça, orientação sexual, religião, geração e classe social. Acredito que uma parte - mas não tudo - do que compreendo com relação a essas questões tem uma contribuição da Vila.	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	
43	Bom, eu participo desse tipo de movimento e, não é por acaso que fiz minha opção profissional e de vida ligada à defesa dos direitos humanos.	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	
44	É uma frustração minha não saber tocar um instrumento, nem ter desenvolvido outro tipo de atividade ligada à arte como a dança, por exemplo. Tenho ainda esperança de que ainda me dedicarei à fotografia, quando sobrar um tempinho :)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	
45	Tenho cuidados para não desperdiçar nada, especialmente água, embora não seja uma ativista ambiental. Gosto muito de animais, sou contra a tortura em relação aos mesmos. Em casa, temos plantas e uma cadelinha.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	

46	Em relação às três primeiras perguntas, sim, é o que faço em relação ao meio ambiente. Sobre o aquecimento, li algumas reportagens e assisti á documentários, mas não sou uma estudiosa do assunto.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
47	Lembro que fiquei bastante nervosa quando me deparei com as avaliações da outra escola. Mas sempre fui uma boa aluna e não tive dificuldades com as matérias.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
48	Sou formada em Direito e não sei dizer se a Vila influenciou essa opção.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
49	Danço, pedalo, malho	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
50	Aprendi que cada um é o que é, e devemos respeitar cada um... Nunca tive problemas com essa questão de raça, opção sexual ou portadores de necessidades especiais... Com relação a religião... Eu não tenho nenhuma, junto um pouco de cada e faço a minha...	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
51	Trabalho numa ONG, que capacita jovens oriundos das escolas publicas do município Aquiraz, dando à estes a oportunidade de participar de uma cooperativa de comunicação e tecnologia digital. A maioria dos jovens não tinha nenhuma perspectiva de trabalho antes do projeto, o trabalho deles era ser caseiro, capinar mato, servente na construção civil, babá, ou descascar castanha.	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
52	Escrevo muito... Danço...	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
53	Vixe... Aprendi muito... Morei a minha vida inteira num sítio o que também me ajudou muito. Separo o lixo, não jogo lixo na rua, uso materiais reciclados... Cresci fazendo isso... Na minha casa nunca foi desperdiçado água ou energia, aquecimento global... É claro que to por dentro... Vc já Assistiu "Uma Verdade Inconveniente"?	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0
54	Adaptação Minha dificuldade foi tanta, que meus pais optaram por terminar de me educar em casa.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
55	Vou fazer Psicologia. A vila me Influenciou de uma forma diferente... Na vila aprendi que temos que entender cada um... Pois Ninguém é igual...	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

56	A mesma que tive... Só irei ter um filho quando tiver como colocado na vila	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
57	Ultimamente estou parada, mas sempre gostei de me exercitar e faço caminhadas.	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
58	Sou uma pessoa sem nenhum problema com o ser humano. Essas "diferenças" para mim não existem. Tenho vários amigos gays, lésbicas, negros...	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
59	Infelizmente não dei continuidade a esse trabalho, mas pretendo logo me engajar novamente. (Atuação social)	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
60	Gosto de observar, ir a uma boa peça de teatro, mas fazer, não faço nada.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
61	A Vila foi de grande valia em minha vida, hoje não sujo as ruas, uso descartável em ultimo caso, em minha casa fazemos coleta seletiva de lixo e doamos à uma associação. Procuro comer produtos naturais e sem conservantes. Economizo sim, procuro me policiar, reciclar, procuramos produtos saudáveis, O tema do aquecimento global é de grande importância para mim, estive em um evento recente que abordava esse tema, é muito importante tomarmos iniciativas para evitar esse aquecimento global.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0
62	Problemas com adaptação: de jeito nenhum.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
63	Gosto de areas que mexam com o ser humano. Optei pela faculdade de turismo, pois essa trata diretamente com o ser humano, suas vontades, desejos, satisfações, insatisfações. A Escola Vila influenciou sim, pois lá aprendemos a ser mais humanos.	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
64	Posso dizer sem medo nenhum (que daria ao meu filho)a mesma educação que recebi na Escola Vila.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
65	Pratico capoeira, futsal e surf.	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
66	Não tenho preconceito com nenhum tipo de diferença, seja religiosa, seja necessidades especiais, seja raça, seja opção sexual. Sempre procuro ajudar ao máximo, dentro dos limites que posso fazer. No Vila tive colegas de classe com necessidades especiais, e sempre achei legal ajudá-los.	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

67	Ainda na faculdade participei dos movimentos estudantis. Sempre com a idéia dos direitos que temos e que devemos ter. Essa foi uma idéia que adquiri no Vila. Participo de caminhadas ecológicas, porque meu tio faz parte de uma ONG que preserva o meio ambiente.	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0
68	Atualmente não faço mais as mesmas atividades artísticas que fiz quando estudante do Vila. Mas utilizo bastante da criatividade para resolver problemas dos projetos desenvolvidos no meu ambiente de trabalho.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	0	0
69	Ainda faço boa parte das atividades que aprendi no Vila. Na minha casa reciclo o lixo, participo de caminhadas de preservação do meio ambiente, e consumo, preferencialmente, alimentos orgânicos. No quintal ainda há alguns vegetais plantados, algo menor que um pomar ou horta de verdade, mas que dá boas frutas e legumes. Sempre tive em mente a economia da água e da energia. Pratico todos os dias esse aprendizado que adquiri ainda criança. E o lixo, sempre que é possível converter para alguma coisa útil em casa, eu o faço o reaproveitamento.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0
70	Sim, senti grandes dificuldades após a saída do Vila. Sempre tive o costume de ser um pouco mais relaxado com algumas tarefas e sempre tive mais liberdade do Vila. Ao mudar de colegio, tive que me comportar dentro de regras que não boas para o aprendizado, mas um colegio muito grande sempre tem desses problemas. A falta de atenção de alguns professores, porque as turmas são grandes, era o que mais me incomodava, mas me acostumei.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
71	Terminei Engenharia Elétrica, e essa idéia de ser engenheiro foi da facilidade que tive quando pequeno em manusear com eletrônicos. Acho que o Vila me deu uma grande bagagem sentimental e ética para seguir meu caminho com prazer. Mas a opção da minha área veio por causa dos meus pais.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
72	No dia que tiver filhos, vou procurar uma educação similar a que tive no Vila. Se ainda morar em Fortaleza, o primeiro colegio dos meus filhos será o Vila.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

73	___Eu malho quando tenho tempo (quando a faculdade ou o trabalho "deixam"), dou uma "corridinha" em uma praça perto de casa, mas, sempre que posso, jogo um futebol com os amigos!!!	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
74	___Desde que entrei na escola vila no ano de 1993, sabia, mesmo ainda uma criança, que a escola era diferente das outras, não só por sua metodologia de ensino, mas pela total dedicação a pessoa do aluno, sua convivência, harmonia e igualdade com os pais, professores, coordenadores e demais funcionários. Observei que os animais, tais como jabutis, uma jumenta (no meu tempo era flor-bela, salvo estou enganado), patos etc., faziam parte dessa filosofia de ensino que não englobava só o respeito com esses nossos irmãozinhos, mas, principalmente, com toda consequência psicológica que isto trás, tais como, e a ciência hoje explica muito bem isso, controle emocional, respeito (como já foi dito antes), convivência, mútua assistência etc. Os professores e, ainda mais, os diretores do vila nos tratavam não como números ou apenas mais um aluno, mas nos tratavam como parceiros, e isso, claramente, levei pra toda minha vida, como desiderato de vida e, por fim, como qualidades que possuo hoje, como humildade, respeito com os mais velhos, com os animais, com portadores de deficiência ou qualquer enfermidade psíquica-patológica. Lembro das feiras de ciências, das olimpíadas, das oficinas, do clubinho e isso, sim, era felicidade...!!! Pois contribuiu para minha formação como homem e como ser-humano em constante evolução.	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	
75	___Parte do que descrevi está na resposta de cima, mas todas essas manifestações sócio-culturais e educacionais me ensinaram muito..! Lembro que depois que sai do vila, participei de algumas manifestações pacíficas, pelo menos da minha parte e de meus amigos, como o passe livre em 2004 e algumas outras....	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
76	___Lembro do prof. Barrinha e ele despertou, sim, a arte, como pintura etc. Adora desenhar, pintar e contemplar grande artistas. Toco violão e sou muito bom mesmo (modéstia parte, hehehe).	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0

77	__Vou confessar que sou um pouco desligado nisso, mas o vila nos ensinou o trabalho da reciclagem, plantações, que pouco utilizo no dia-a dia, somente o respeito com os animais e com as florestas que, hoje, pratico com afinco. __todos nós estamos atento e preocupados com o que está acontecendo com o nosso planeta. Procura, sim, economizar água,energia, porém não reaproveito sucata com freqüência, mas acho que faço minha parte para um mundo melhor..!!	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0
78	__No começo, sim, é claro, passei grande parte da minha vida na escola vila, fiz amizades que até hoje perduram, o ensino e tratamento dos professores e diretores era marca única da escola. Mas, como disse um filósofo modernista, inteligente é aquele que sabe se adaptar, e isso o fiz. Fui para um colégio totalmente diferente que era o 7 de setembro, no começo (uns 3 meses) foi tudo estranho, provas, metodologia de ensino etc., mas me adaptei, pois sou muito comunicativo, gosto de esportes, joguei na seleção de futsal de lá, participei de eventos sócio-culturais e consegui, também, fazer amigos (alunos, profs. E coordenadores fazem parte do meu ciclo de amizades) e ser feliz..!!	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
79	Faço direito na unifor, e fiz 1 semestre de história na uece. O curso de direito é um grande curso, estou e sou apaixonado pelo que faço e quero, independente do que escolher (advocacia ou concursos em geral, para delegado federal, por exemplo) ser feliz. Acho que a vila ajudou, pois parte de minha personalidade foi feita e transformada pela escola, e devo muito a tia fátima e cia!!	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
80	Quero que meu filho seja feliz, tenha respeito por todos, nunca desrespeite os pais e os mais velhos, quero ensinar-lhe a ser bom, honesto, carinhoso, sábio e forte para lutar por seus objetivos e para ser feliz..!!!	0	0	0	1	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
81	Altamente sedentário	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
82	Vivo diariamente sem nenhum preconceito. Me emociono e ajudo (sempre que posso) algum portador de deficiência, assim como os menos favorecidos	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
83	Atuação social: Não participo. Apenas assisto	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

84	Tenho uma consciencia ecológica diária (preservação da natureza tanto no âmbito público como no privado) Economizo água, energia, e evito ao máximo (rejeito quando possivel) sacolas plasticas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0
85	É muito diferente a relação com a equipe e os colegas, a Vila é pequena, todos se conhecem e não há preconceitos. Lá fora sofri alguns preconceitos devido minha classe economica baixa e a falta d um acompanhamento individualizado.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
86	Pretendo fazer faculdade de administração, porque pretendo gerenciar um estrutura de informática de uma grande empresa e/ou abrir uma empresa de consultoria nesta área. Indiretamente sim, foi lá onde pela primeira vez vi, liguei e usei um computador.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	
87	Meu filho estudará na Vila do berçario ao 5°. Essa fase ao meu ver é onde acontece a formação social/intelectual do ser humano. E a Vila sabe bem fazer essa formação. No entanto a partir do 6° ano é onde começa a se formar o ritmo de estudo forçado para preparação para vestibulares (é a base do conhecimento) e nesse ponto acho que a Vila não rende, ou melhor não combina com o atual ritmo exigido pelo mercado.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	
88	ja tentei entrar em academias varias vezes mas não gosto! não tenho gosto pra fazer musculação ou aulas de aeróbica. as vezes q me dei melhor com atividades fisicas foram qdo resolvi fazer yoga ou sapateado. so que acabei saindo por que nos periodos de fim de semestre da faculdade fica tudo muito puxado. gostaria de voltar a dançar, mas não encontrei uma academia de dança adequada aos meus horarios... penso tambem em voltar pra yoga, fazer natacao ou começar a correr na beira mar!	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	

89	acho q não tenho problemas para me relacionar com pessoas diferentes do "padrao" da sociedade. no ciclo de pessoas q convivo mais não ha ninguem portador de necessidades especiais. mas ha sim pessoas de diferentes raças, religioes e principalmente de diferentes opçoes sexuais. tenho varios amigos gays e gosto muitissimo deles! sao as pessoas com quem mais convivo nos dias de hoje, apesar de ser "hetero". meu grupo de amigos mais proximo é bem diversificado no quesito de opçoes sexuais e todos convivem muito bem	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
90	confesso quem minha atuação social é bem pequena. admiro as pessoas que realmente fazem algo em prol do coletivo e apoio quando alguma causa chega ate mim, mas nunca tomei uma iniciativa de participar/organizar algum movimento.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
91	resolvi estudar arquitetura porque queria trabalhar com criação. acho q posso afirmar com certeza que a educação que tive na vila influenciou bastante as minhas escolhas profissionais. adoro aquela faculdade. principalmente as cadeiras de projeto, as de representação e as de programação visual. adoro estudar historia da arte, principalmente os movimentos modernos e contemporaneos. fiz na faculdade uma cadeira de fotografia e descobri mais uma das minhas afinidades artisticas. não sou fotografa profissional, mas tenho a fotografia como um "hobby". algo que me faz bem tanto por ser uma atividade de lazer, como tambem por ser uma ferramenta de trabalho e um exercicio de percepção muito bom para mim.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	0	0
92	ano passado eu morei na espanha e la eles estavam fazendo propagandas para q as pessoas separassem o seu lixo... nas ruas tinham lixeiras para o lixo separado e o lixo junto... la em casa a gente separava direitinho e colocava nas lixeiras corretas... mas de volta ao brasil deixei o habito de lado. ate pq mesmo q a gente separe o condominio vai juntar todo o lixo de novo... consumimos tb alguns alimentos organicos... sim... mas poderia me preocupar um pouco mais com este assunto... acho q estou por dentro do aquecimento global sim...	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0

93	um pouco... pela quantidade de alunos nas turmas e pela quantidade de turmas por serie... acho q isso foi o mais marcante da minha saida da vila...acho q tive um pouco de dificuldades tambem pq sou um pouco timida a primeira vista	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
94	estudo arquitetura. acho q a vila influenciou sim pelo contato que tive la com arte em geral.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
95	gostaria que meus filhos estudassem em uma escola como a vila. porque acho que a experiencia que eu tive la foi muito importante na minha formação de carater e gostaria de passar isso na educação deles.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
96	Sou totalmente a favor da tolerância e absolutamente contra preconceitos como o sexismo, racismo, xenofobia e homofobia, além da discriminação religiosa. São pensamentos absurdos e infundados. Sem eles o mundo seria bem melhor, mais pacífico e fácil de se viver. Quanto ao racismo e à homofobia, que são muito relevantes e presentes, somos todos miscigenados, não há fundamento para ter preconceito, e segundo muitas teorias somos todos bissexuais; sou veementemente contra doutrinas religiosas que pregam a proibição da prática homossexual.	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
97	Na Vila eu aprendi que cor, raça, religião não importa, somos todos seres humanos que nascemos e morremos um dia. Se as pessoas conseguissem ver que essas diferenças não significam nada, o mundo seria mais tranquilo, as pessoas seriam mais pacíficas e conseguiríamos conviver melhor uns com os outros. Achei muito importante a integração com crianças portadoras de deficiencias desde pequena. Lembro que eu aprendi a lidar bem com isso, ajudava-los no que necessitavam, tive vários amigos assim. Isso hoje em dia me faz olhar pra essas pessoas portadoras de deficiencia e saber e sentir que elas têm sentimentos, têm algo a mais dentro delas e uma força de vontade maior que de muita gente.	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

98	<p>Na Vila aprendi que devemos olhar os seres humanos em sua totalidade. E tomei isso pra mim como uma forma de desconstruir as divisões propostas e impostas pela sociedade. Geralmente as pessoas são qualificadas ou desqualificadas por ter determinada cor de pele, pertencer a determinada religião, possuir determinada quantia de dinheiro, ter determinada orientação sexual ter o corpo de determinada maneira, falar com determinado sotaque... Enfim, buscam as diferenças para separar e classificar a humanidade ao invés de conhecê-las. Estaremos bem próximos da paz espiritual e mundial quando percebermos que o início dos conflitos não está nas diferenças, mas no desrespeito a elas. E é muito lindo perceber essa diversidade humana aqui mesmo, no Brasil, um país tão extenso e de uma pluralidade cultural imensa que é desperdiçada e ocultada, suprimida por convenções que a discriminam porque não estão de acordo com determinado padrão dominante. Então procuro ver todos como seres humanos. Sou veementemente contra qualquer preconceito; seja ele racial, sexual, religioso... Sou contra o sexismo e procuro ler sobre todos os credos, mesmo sendo ateu. Não acho que para sustentar sua posição e seu discurso você tenha que necessariamente rebaixar quem é contrário ou pensa diferente.</p>	0	0	0	1	1		1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
----	---	---	---	---	---	---	--	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

99	<p>Compreendo que a Vila foi o início de uma grande aprendizado, pois, em um mundo preconceituoso, homofóbico, racista, machista, não inclusivo às pessoas com deficiência, e com intolerância religiosa, tal qual o que vivemos, é complicado se dizer que não somos machistas, homofóbicos preconceituosos... Entretanto, dentro de uma compreensão de direitos humanos (debatida, apesar de não sistematizada, ainda na Vila), tento em todos os âmbitos da minha vida buscar uma certa coerência, além de cultivar novos valores que vão de encontro ao hegemonicamente posto. Penso isso em todos os aspectos da minha vida, seja no lado profissional (fazendo uma opção pela defesa dos Direitos Humanos), afetivo (procurando estabelecer vínculos que não sejam de posse), militante (atuando com em movimentos que se proponham a construir uma nova cultura livres desses preconceitos contra pessoas com deficiências, homossexuais, negros, entre diversas outras "minorias" que sofrem nesta sociedade). Para ser ainda mais sincero, acho que agrego a todos esses valores plurais e multiculturais, não de tolerância, mas de inclusão, o valor vida. Muito decorrente da idéia de que o ser humano está em harmonia com o meio ambiente (nossa! acho que essa busca da harmonia do mundo é a cara da vila) -hoje agrego muitos valores da luta para essa utopia (entendida como um sonho passível de realização), porém ainda é muito nítida a importância desse equilíbrio, se podemos assim chamar. Enfim, procuro agir da forma mais libetária possível nas minhas relações inter-pessoais, independente de raça, cor, gênero, geração, orientação sexual, deficiência, religião, cultura e características pessoais.</p>	0	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
----	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

100	<p>O que eu aprendi e o que ainda continuo a aprender, e claro, tento colocar em prática, é que ninguém é igual ao outro. Por isso, discriminar alguém por ser diferente é negar a si mesmo, pois por mais que existam semelhanças entre você e algum outro, sempre haverá divergências e estas muito mais evidentes, pq o mundo e as pessoas são assim, cada um vê e pensa de forma diferente; imagine como seria se todos pensassem da mesma forma? Não seria possível conceber o mundo e muito menos definir o humano, pq é exatamente essa diversidade que nos define como seres humanos, é a capacidade de ser diferente frente ao seu igual.</p>	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
101	<p>Começando com as pessoas com necessidades especiais, fico em dúvida no seguinte aspecto, até que ponto devo tratá-las como trataria qualquer pessoa? Essa atitude pode ser interpretada como falta de consideração à essas necessidades, ou o oposto, onde uma atenção excessiva pode magoar a pessoa, ofendendo sua capacidade e/ou independência. Mas onde está o limite? Acredito que não exista fórmula para isso. Esse é um pensamento que se aplica à todas as pessoas, é necessário conhecer para saber seus limites, sejam as limitações que forem, "necessidades especiais" ou não. Alguns não gostam de serem tratados diferentemente por possuir um defeito físico, outros não gostam de discutir sua sexualidade, outros gostam de discutir suas crenças...</p> <p>Mantenho a mente aberta para conhecer qualquer um, sem preconceito de qualquer fonte, para a partir daí tecer quaisquer "julgamentos", no sentido de querer ou não conviver com alguém.</p>	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

102	Mesmo a Vila sendo uma escola alternativa, não-tradicional, eu sempre fui muito social e acho que isso ajudou na minha adaptação à nova escola. Também, quando saí da Vila não fui estudar em uma escola muito tradicional, estudei da 8a ao meio do 3o ano no Espaço Aberto, uma escola bem receptiva e bem diferente das grandes escolas que ainda se mantêm no mesmo velho e arcaico ensino tradicional. Parei no meio do 3o ano e morei um ano fora, concluindo meu ensino médio no exterior.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
103	Talvez a palavra não seja dificuldade, mas incômodo. Questionava cada pensamento, atitude, dever e direito, fazendo um paralelo com a metodologia que tinha recebido sempre, até então. Saí da Vila somente na 8a série sabendo que a mudança para o ensino médio seria grande em todos os quesitos.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
104	Houve dificuldade porque a diferença de mentalidade era gritante, sobretudo por serem escolas católicas, existindo a existência de restrições conceituais e preconceitos não presentes na Vila: a mudança de atividades, de alimentação, o comportamento dos alunos, era tudo muito diferente. O Vila foi a minha escola preferida. Até hoje quando vejo alguma criança com uma farda do Vila abro um sorriso.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
105	Bastante dificuldade de adaptação. Houve um certo choque no contato com muitos alunos.. Não sei bem explicar, mas fiquei um bocado acanhado e tive dificuldade de fazer amizade, coisa que aos poucos fui mudando. Além do regime militar e mercadológico que as escolas-empresas utilizam que não compreendia (e até hoje ainda não consigo), no mais foi tranquilo. Mesmo o período de greve que passei no Cefet, serviu-me de muito para o meu amadurecimento político.	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1

106	Infelizmente não pratico nenhuma atividade artística. Mas já pintava por mim mesma , já fiz parte de um grupo de teatro e já tive aulas de violão. Minha ligação com arte, sobretudo música e pintura, é muito forte. No Vila tínhamos aulas de artes, artesanato, teatro e música. Ainda penso em cursar artes plásticas. Gosto de todo tipo de música que me toque e me comova de alguma forma, de clássica a popular, e gosto muito de pintores que mostram suas impressões em suas pinturas, como Van Gogh, do qual sou uma grande fã.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0
107	Sempre que dou um presente, seja de aniversário, dia das mães, dos pais, procuro sempre usar minha criatividade pra fazer algo feito por mim. Também levei muito, depois que sai da Vila, pedindo que minha mãe comprasse tinta, tela, pincéis.. sempre inventava algo novo pra fazer. Gosto muito de música ainda, aprendi a flauta e iniciei o violão na Vila, depois continuei a estudar violão. Sempre que estou angustiada, ou com algum sentimento ruim, procuro tocá-lo ou escutar música, que sempre é uma fonte de alívio pra mim.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	1	0	0
108	Eu respiro arte e acredito no seu poder. A arte pra mim é a expressão humana em sua forma mais pura, feita para ser apreciada, para chocar, para dar beleza, para tirar a beleza, para criar e recriar, para inventar e reinventar o mundo e tudo o que nos rodeia. É a arte que forma e lapida os homens, e não importa que tipo de arte, cada uma atua de uma maneira diferente em cada um de nós, trazendo-nos sentimentos e sensações que nos dão vida e atizam a nossa imaginação, está que é uma das mais poderosas armas humanas, pois um individuo que consegue imaginar é um alguém capaz de ir a qualquer lugar e que possui um caminho de vida. Na vila eu tive várias experiencias artisticas, fiz teatro, toquei violão, pintei quadros e etc. Nunca entendi muito bem qual a importancia daquilo naquele momento, mas hj eu descobri que a arte é uma parte de mim que eu divido com o mundo; faço teatro, toco violão, leio, escrevo, pratico artes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	1	0	0

	marciais e aprecio quadros, música e etc. A Vila foi um colégio que sempre deixou essas coisas fazerem parte do seu cotidiano, e conseguir fazer isso com crianças, é realmente admirável. Acho que ainda pode ser mais trabalhado esse aspecto, como uma forma de incentivo a deixar as crianças a escrever, e quem sabe produzir um livro com poesias só dos alunos da escola, não é uma idéia nova, mas acho que seria viável, assim como tantas outras propostas, que podem ser divertidas e interessantes.																	
109	A arte está presente intensamente no meu cotidiano. Até porque optei por dedicar-me à literatura, então é inevitável que isso aconteça. Conservo o hábito da leitura, principalmente de poesia e exercito minha criatividade e minha forma de expressão escrevendo também. Além disso, a literatura é uma arte que dialoga com diversas outras, então estou sempre em contato com a música, o teatro, o cinema, a pintura... Arte é algo que envolve muito sentimento. A arte necessita de um olhar observador. Diferente desse olhar retiniano que nos habitua a apenas ver as coisas sem enxergá-las. Quando você pára para ler uma poesia, ver um quadro seu estado de espírito se eleva; por isso a arte é revolucionária. Ela sabe por onde começa a mudança: é dentro da gente, no processo de catarse.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0
110	Considero-me com bem poucos "dotes artístico", talvez pela falta de prática. Costumava desenhar, quando ainda estudante do Vila, depois abandonei. Entretanto, pela minha atuação (extensionista, movimento e estágio) sempre tenho de ser criativo, haja vista que tento, junto com um coletivo, tratar o direito de forma acessível às pessoas, seja com movimento populares, como MST e MCP, seja com um grupo de adolescentes organizados, como a Rede OPA. Na minha vida pessoal, costumo me expressar mais de forma oral ou escrita.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
111	Acredito no poder dessas manifestações pacíficas e sou totalmente a favor delas. Já participei de manifestações e já recolhi assinaturas para o	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0

	S.O.S. Cocó. Acho que é uma forma consciente, pacífica e eficaz de fazer valer seus direitos.																		
112	<p>Apreendi que devemos fazer nossa parte de forma independente. A partir do momento em que tomamos consciência dos nossos atos e de nossa existência é que podemos verbalizar nossas idéias para que o próximo compreenda nosso raciocínio e, juntos, comecemos a agir em torno do que defendemos. Das pequenas passeatas em torno da escola, do quarteirão ou da pracinha, saí da Escola Vila tentando com uma idéia muito bem feita na cabeça para tentar ocupar espaços na cidade e verbalizar para todos as causas que defendo. E faço isso não só em passeatas ou manifestações, mas nas conversas (des)compromissadas com meus amigos e familiares. Estou sempre engajado em alguma luta, seja em torno de uma melhoria social, ecológica ou animal. Na Vila aprendemos a cuidar do Planeta como um todo, sabendo cultivar e resguardar tudo que ele nos oferece, por isso tento abrir meus olhos para cada âmbito do globo que pede ajuda. Além das manifestações ecológicas (em nível municipal, nacional e mundial), luto pelo direito dos animais e pela emancipação humana. Sou integrante do Grupo Crítica Radical.</p>	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0
113	<p>Bom, entendo-me como um militante em construção ;P Acho que passeatas e abaixo-assinados, por exemplo, são táticas que podem ser utilizadas em diversas lutas. O movimento estudantil (conteste) e extensionista (Caju, Reaju e Reanaju) que faço parte se utiliza dessas metodologias, quando compreende agregadora na correlação de forças. Apesar de não serem as únicas formas, haja vista que a luta é diária, e não se dá apenas frente ao Poder Público (engloba o próprio cotidiano - pois somente assim é possível se construir uma nova cultura, de forma a se pautar na Educação Popular). Mesmo quando se trata de exigir do Poder Público, acho legítimos pressões outras mais energéticas, dependendo do nível de diálogo e enfrentamento. Faço parte, de forma orgânica, do Movimento Estudantil, já que sou estudante, e acredito que tenho um papel e compromisso a desempenhar na</p>	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0

	defesa da educação pública. Contribuo de forma esporádica com outros movimentos - MST e MCP, principalmente (mas, enfim, sou só um e tenho tb uma vida pessoal #), os quais tenho pretensões de entrar, quando não mais for estudante da 1º graduação. Atualmente sou estagiário do Cedeca-CE, também.																	
114	Uma das heranças que herdei da Vila foi a preocupação com o corpo. Eu tento me manter em forma malhando, faço dança de salão e jogo o velho "racha" toda terça feira.	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
115	Confesso que só tenho trabalhado a mente, mas está nos meus planos a yoga para o próximo ano, de forma a equilibrar a mente sã com o corpo são.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
116	Comecei Capoeira na VILA e um tempo atrás tentei voltar la mesmo, mas meu joelho não me deixa mais. Atualmente faço musculação e volei!	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
117	Infelizmente, como o Thiago, só estou trabalhando a mente, mas gostaria de voltar a fazer yoga e a começar dança de salão.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
118	Faço volei, fiz muito tempo natação e medito sempre que eu posso lembrando, ainda, das técnicas que a Tia Rosaline usava nas aulas de corpo.	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
119	Um corpo sem movimento é um corpo sem vida, e uma vida sem corpo é uma vida sem sentido. O corpo nos foi dado para que pudéssemos trabalhá-lo, para que ele se mexa, que faça exercícios, que esteja constantemente em ação. Eu sempre trabalhei o meu corpo, por que sempre me senti bem assim, fazer um alongamento, muitos dos quais eu aprendi na vila nas aulas de yoga, praticar um esporte, eu faço karatê (ainda faço na vila), corro, jogo malabares, já fiz natação, capoeira, kung fu, sempre faço exercicios, ando de skate, faço teatro (que pra quem não sabe, trabalha muito o corpo, e vale mais do que uma academia) entre outras coisas, bater um racha, enfim adoro deixar o meu corpo agir, porque dessa maneira eu me sinto vivo	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

	e com mais consciência de mim mesmo e de minhas ações, podendo levar a minha mente cada vez mais longe																		
120	Tento voltar para a capoeira. Ando de bicicleta, e surfo de forma bem esporádica. Mas tento cuidar, pelo menos o mínimo do meu corpo/mente. Se me sentir muito aperreado tento meditar (na posição de "Logos" aprendida na Vila). Mas confesso que não sou o mais rigoroso com meus esporte... !/	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	
121	Faço coleta seletiva e minha mãe faz objetos reciclados, apóio o movimento S.O.S. Cocó e outras instituições a favor da preservação ambiental, sou vegetariana também pelo fato de os animais sofrerem e terem os seus direitos. Acho que tudo isso, além da mentalidade da minha mãe, que já era adepta dessa mentalidade e por isso me colocou na Vila, é uma herança da educação que tive lá.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	
122	Acho que já falei um pouco sobre a herança ideológica que a Escola Vila me proporcionou, e não, para ser mais direto, vou citar no que isso influenciou, de forma prática no meu cotidiano. O engajamento na militância ambiental é visível e vai desde a perplexidade de derrubada de árvores sem justa causa até a ameaça a áreas verdes importantíssimas para nossa cidade de Fortaleza como o mangue do Cocó. Sobre a relação com animais, a Vila estreita bastante a relação do ser humano apresentando-nos como seres vivos que têm sentimentos e necessitam de carinho, atenção e cuidados como qualquer um de nós. Infelizmente os laços afetivos tendem a se perder nas relações interpessoais e também se perdem na relação com os animais. E também luto por isso fazendo manifestações contra o abuso de animais de qualquer forma e, sendo vegetariano, não os torno comida (desnecessária) para mim. Luto pelos que estão em perigo de extinção, cuido dos que convivem comigo, não me alimento dos que estão fora de minha casa e procuro libertar os que são capturados.	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	1	1	1	0	0
123	Ainda hoje reciclamos o lixo. Não jogamos lixo em nenhum outro local que não seja	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	1	0	0	0	

	a lixeira. Particularmente, a labuta pela conscientização ambiental é uma constante, com todas as pessoas que tenho algum contato, hehe... Tornei-me vegetariano (não só por uma questão ecológica, mas também política - a alimentação destinadas a animais, criados como se fossem mercadorias, daria para acabar a fome do mundo, ou algo bem próximo disso - a "produção" de suínos é em torno de 9 vezes maior do que a população humana, por exemplo). Quanto ao movimento em defesa do meio ambiente, não atuo diretamente, apenas em algumas lutas esporádicas, como a defesa pelo cocó, que organizamos um ato em frente ao Iguatemi, contra a construção do Iguatemi Empresarial dentro do mangue. No mais, apenas algumas contribuições para o MCP Pq. Água Fria que tem como pauta a defesa do Cocó.																		
124	Gostaria de dar uma educação que, ao mesmo tempo, foque no conteúdo programático necessário para o vestibular e que desperte a consciência social e ambiental. Seria uma mistura do colégio tradicional, que foca mais no conteúdo, e um colégio alternativo, que valoriza a cultura e a formação pessoal do aluno.	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
125	Planejo ofertar uma Educação (assim, com "e" maiúsculo) para o filho que tiver e para meus futuros alunos. Uma educação que não se prenda ou se limite a mecanismos e rituais impostos de escola, aula, matéria, turma, professor, prova, currículos programáticos etc. Antes de termos um espaço físico ou abstrato determinado e antes de termos alguma denominação pelo papel social hierárquico que recebemos, somos seres humanos que devemos estar dispostos a compartilhar do nosso tempo para uma troca de saberes e informação de tal modo que o objetivo seja o exercício físico-mental e o crescimento interior. A formação do ser humano parte daí e a escola não deve ser tratada como o caminho, mas como um trecho do percurso. Por isso, creio que não devemos nos amarrar a salas ou a currículos, a educação é progressiva e constante. Não deve	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

	existir um "tempo de aprender" que difere do "tempo de diversão". Tudo deve ocorrer sem distinção, sem que precisemos nos travestir para cada coisa. Em resumo, é isso.																		
126	Não sei se terei um filho biológico; acho que vou adotar, já que existem muitas pessoas precisando de um lar. Espero ensinar meu filho a se preocupar com o planeta: a ser vegetariano, a não consumir indiscriminadamente, a reaproveitar os sacos plásticos (uma vez que eles impermeabilizam o solo e demoram séculos para se degradar). Espero ser liberal com eles. A desconstruir conceitos como sexismo, racismo, tão presentes na nossa sociedade. Mostrar coisas realmente boas, ensinar que consumo não é tão importante. Meio difícil nos tempos de hoje,não?	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0
127	Eu faço faculdade, Direito na UNIFOR. Escolhi este curso pois sempre quis fazer direito. Além de ser relacionado com história e filosofia, duas disciplinas escolares que eu sempre gostei, Direito sempre foi a minha escolha. Optei pela UNIFOR pela estrutura que a universidade oferece para o aluno, tanto estrutura física com boas salas de aula, biblioteca, campus, como pela estrutura de extensão e pesquisa desenvolvida pela universidade. Optei também por não ter perigo de greve e por ser perto da minha casa. Não vejo como a Vila poderia ter me influenciado diretamente, talvez indiretamente, mas não consigo imaginar um elo entre minha escolha e a Vila.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
128	Minha área de atuação é o ensino e o estudo de Literatura, especificamente, por isso optei por fazer Letras, na Universidade Federal do Ceará. E posso dizer que a Vila influenciou, sim, minha opção. Até porque minha área de interesse abrange a educação, de forma geral. Saí da Vila já com um caminho a seguir, influenciado especificamente por um professor.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
129	Faço Letras Inglês na Universidade Federal do Ceará, e com certeza a Vila contribuiu. Lembro de como fazíamos pesquisa sobre grandes nomes da Literatura e de outras artes. Minha profissão me atrai muito por transpor as barreiras da	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0

	comunicação entre as pessoas em vários sentidos, sejam educacionais, lingüísticos, culturais. Acho os cursos da área de humanidades como Filosofia, Sociologia, Letras e História fantásticos porque não são meras 'oficinas de profissão'. Você não aprende a ser um administrador, um advogado, médico, mas tem acesso a várias ciências e à cultura mundial. Eu sou apaixonada por Literatura, por Inglês e pelo meu curso.																		
130	Faço Direito na Faculdade de Direito da UFC. Mas pretendo iniciar outro curso (por entender que Direito é muito insuficiente), e tenho ainda alguns outros planos. Mas sim, a vivência na Vila influenciou de sobremaneira nessa escolha profissional (com certeza um profissional que defende esse sistema insustentável, e com ele a burguesia eu não serei! Pareceu panfletário mas a idéia central é essa), obviamente outras vivências também me influenciaram, inclusive na própria Universidade.	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
131	Faço coleta seletiva, levo sacolas para fazer compras, evitando ou reaproveitando sacos plásticos, sou vegetariana, uma vez que a atividade pecuária traz danos aos ecossistemas, apóio o movimento S.O.S. Cocó e acredito que essas são questões que não estão sendo levadas a sério. As pessoas não se dão conta de como temos pouco tempo. Minha mãe também faz objetos com material reciclado. Acredito que as pessoas tenham medo de tomar uma iniciativa e parecerem diferentes, e isso possa inibi-las. Mas sou veementemente a favor dessas medidas.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0
132	Economizo, na medida do possível, água e energia tentando evitar o desperdício nas mínimas coisas. É com essa pequena vigilância que tento fazer minha parte e alertar os outros a fazerem o mesmo. Acho que a mudança começa em você, dentro de sua casa. Quanto aos consumo de produtos, tento evitar, sim, as embalagens inorgânicas. E isso entra até na questão das sacolas plásticas distribuídas avulsamente nos supermercados. Evito sempre "fazer coleção" delas. E finalmente resolveram abrir os olhos para fenômeno do aquecimento global. Sempre estivemos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0

	<p>alertas quanto a isso na Vila e apesar do apoio que encontrávamos muitas vezes éramos vistos como lunáticos, ociosos ou futuristas demais por levantarem questões como essa. O ser humano, ao invés de utilizar de todo o conhecimento que possui para construir e reconstruir o planeta, apenas destrói indiscriminadamente, pensando no retorno abstrato imediato que é o dinheiro, mediador das relações sociais atualmente.</p>																	
133	<p>Quanto a energia e a água, acredito que é obrigatório para quem passou pela Vila (mas a resposta é sim). Procuo consumir, no geral, o menos possível, mas quando há sustentabilidade condição econômica preocupo-me utilizar embalagens que possam ser reaproveitáveis (não só embalagens) ou facilmente degradáveis. Quanto ao aquecimento global e outros fenômenos climáticos, também, impossível não estar por dentro, além de sentir o calor e conversar sobre os desastres ambientais. Acho que se trata de preocupação com a própria sustentabilidade da espécie humana.</p>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0

35;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;1;1;0;0;1;0;0
36;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0;0;1;1;1;0;0
37;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0
38;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0
39;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0;1;0;0
40;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
41;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
42;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
43;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0
44;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0;0;0;0;0;0
45;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;0;0;0
46;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0;0;0
47;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0
48;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
49;0;0;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
50;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
51;0;0;0;0;0;0;0;1;0;1;0;0;0;0;0;0;0;0
52;0;0;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0;0;0;0
53;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;0;0;0
54;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1
55;0;0;0;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
56;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
57;0;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
58;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
59;0;0;0;1;0;0;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
60;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;0;0;0;0;0
61;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0
62;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0
63;0;0;0;0;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
64;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
65;0;0;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
66;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
67;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;1;1;0;0
68;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0;0;1;0;0
69;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0
70;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1
71;0;0;0;0;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0

72;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
73;0;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
74;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;0;0;1;0;1;0;0
75;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;0;1;0;0
76;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;0
77;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;0;1;0;0
78;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0
79;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
80;0;0;0;1;1;0;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
81;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
82;0;0;0;0;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
83;0;0;0;0;0;0;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
84;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0;0
85;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1
86;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
87;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
88;1;0;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
89;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
90;0;0;0;0;0;0;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
91;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0;0;1;0;0
92;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0;0;0
93;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1
94;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
95;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
96;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
97;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
98;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
99;0;0;0;1;1;1;1;1;0;0;0;0;0;0;1;0;0
100;0;0;0;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
101;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
102;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0
103;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0
104;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1
105;0;0;0;0;0;0;1;0;1;0;0;0;0;0;0;0;0;1
106;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;0;0;0;0;1;0;0
107;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0;0;1;0;0
108;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0;0;1;0;0

109;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0
110;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;0;0;0;0;0;0
111;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;0;0
112;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;1;1;0;0
113;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;0;0
114;1;0;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
115;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
116;0;0;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
117;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
118;0;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
119;1;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
120;0;1;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
121;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0
122;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0;1;1;1;0;0
123;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0;1;1;1;0;0
124;0;0;0;0;0;0;1;0;0;1;0;0;1;0;0;0
125;1;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
126;0;0;0;1;1;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0
127;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0
128;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
129;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;0;0
130;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0;0;0;0;1;0;0
131;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0
132;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0
133;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;0;1;1;1;0;0

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)